



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A CIRCULAÇÃO E A RECEPÇÃO DA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO
NA ARGENTINA**

SIOMARA REGINA CAVALCANTI DE LUCENA

JOÃO PESSOA
FEVEREIRO DE 2022

SIOMARA REGINA CAVALCANTI DE LUCENA

**A CIRCULAÇÃO E A RECEPÇÃO DA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO
NA ARGENTINA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB como requisito necessário para a obtenção do grau de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Literatura, Teoria e Crítica

Linha de Pesquisa: Leituras Literárias

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Maria Segabinazi

JOÃO PESSOA
FEVEREIRO DE 2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L935c Lucena, Siomara Regina Cavalcanti de.
A circulação e a recepção da obra infantil de
Monteiro Lobato na Argentina / Siomara Regina
Cavalcanti de Lucena. - João Pessoa, 2022.
215 f. : il.

Orientação: Daniela Maria Segabinazi.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura infantil. 2. Monteiro Lobato. 3.
Crítica literária. 4. Argentina. 5. Brasil. I.
Segabinazi, Daniela Maria. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-93(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ATA DE DEFESA DE TESE DO(A) ALUNO(A)
SIOMARA REGINA CAVALCANTI DE LUCENA

Aos vinte e um dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e dois, catorze horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Tese intitulada: “**A CIRCULAÇÃO E A RECEPÇÃO DA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO NA ARGENTINA**”, apresentada pelo(a) aluno(a) Siomara Regina Cavalcanti de Lucena, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de DOUTORA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento da Prof.^a Dr.^a Daniela Maria Segabinazi, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Daniela Maria Segabinazi (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os Professores Doutores Luciane Alves Santos (PPGL/UFPB), Rosângela Neres Araújo da Silva (UEPB), Thaís de Mattos Albieri (Unicamp) e Gustavo Horácio Bombini (UBA). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente Convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua tese, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADA. Proclamados os resultados pela presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Daniela Maria Segabinazi (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 21 de fevereiro de 2022.

Parecer:

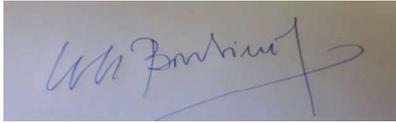
A banca entende que o trabalho traz relevantes contribuições para os estudos lobatianos e enfatiza os aportes teóricos de literatura comparada que ampliam a fortuna crítica do escritor e estreitam os laços entre Brasil e Argentina. Por fim, recomenda publicação da pesquisa.

Prof.^a. Dr.^a. Daniela Maria Segabinazi
(Presidente da Banca)

Prof.^a. Dr.^a. Rosângela Neres Araújo da Silva
(Examinadora)

Prof.^a. Dr.^a. Luciane Alves Santos
(Examinadora)

Prof.^a. Dr.^a. Thaís de Mattos Albieri
(Examinadora)

A rectangular box containing a handwritten signature in blue ink. The signature appears to be 'Gustavo Bambini' with a stylized flourish at the end.

Prof. Dr. Gustavo Horácio Bambini
(Examinador)

A handwritten signature in black ink, written in a cursive style. The signature is 'Siomara Regina Cavalcanti de Lucena'.

Siomara Regina Cavalcanti de Lucena
(Doutoranda)

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese aos de quem vim, aos que de mim vieram e ao que é protagonista desta tese, Monteiro Lobato.

Aos meus pais, Verotidio Barbosa de Lucena e Adjacir Cavalcante de Lucena. Na verdade, este trabalho começou através de suas mãos, pois por elas aprendi quase tudo que sei, por elas entendi o que é amor, carinho, conhecimento, esforço e leitura.

Aos meus filhos, Renan Lucena Gurgel e Tales Lucena Gurgel, com o carinho, o amor e o chamego de sempre.

A Monteiro Lobato, com a gratidão de quem recebe o presente de poder entrar na vida de um ser tão extraordinário, inspirador e contraditório.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por toda a força e a inspiração que foram responsáveis pela minha chegada até aqui.

À Universidade Federal da Paraíba, e, por consequência, ao Brasil, por serem os responsáveis por toda a minha formação acadêmica, desde a graduação até o doutorado, e ainda de forma gratuita, por me ter presenteado com todo o conhecimento que me foi possível durante esta longa caminhada, por ser uma parte importantíssima da minha história, da minha constituição e do meu desenvolvimento como ser humano.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ – PB) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiarem esta pesquisa durante 42 meses.

Ao meu querido pai Verotidio Barbosa de Lucena (*In memoriam*), por ter me enveredado no caminho das letras, mesmo sem ter sido essa sua intenção, quando contava pacientemente suas histórias e de outros, quando recitava emotivamente os poemas que lhe eram caros, e por ensinar-me o amor ao conhecimento, ao aprendizado constante, e por apresentar-me a leitura como diversão.

À minha mãe Adjacir Cavalcante de Lucena, por ensinar-me que a perseverança é um tipo raro de inteligência, por colocar a educação como uma prioridade, por dar-me amor e suporte em todo o possível para que meus projetos se realizem.

À minha irmã Danielle Cavalcanti de Lucena, por sempre estar presente em minha vida, por ser a expectadora e muitas vezes a protagonista das queridas cenas da minha infância, por reconhecer e valorizar minhas conquistas, ainda que pequenas, e por dar-me equilíbrio, apoio e amor fraternalmente verdadeiro.

Ao meu filho Renan Lucena Gurgel, por ajudar-me durante a coleta de dados na Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo, por auxiliar-me na revisão final, por sempre acreditar nas minhas ideias, embarcar nos meus projetos e, principalmente, por quase sempre ser a inspiração deles, por despertar-me para a importância dos círculos de leitura, por espantar-me com seu prazer na leitura sem compromisso e por ensinar-me a ser mãe.

Ao meu filho Tales Lucena Gurgel, por fazer de trivialidades a fonte de tanta inspiração e diversão, por mostrar-me que a vida pode ser leve e simples apesar de tudo, por comprovar que o humor é uma das chaves para a felicidade e por envolver-me com

seu magnetismo e sua positividade.

Ao meu companheiro de vida Felipe Gurgel de Araújo, por apoiar-me em simplesmente TUDO o que eu projete para a minha vida e para a nossa vida juntos, por acompanhar-me no nosso propósito de educação dos nossos filhos, por fazer-me crer que realmente tudo pode dar certo, independentemente do resultado.

À minha querida orientadora Daniela Maria Segabinazi, por desde o início ter-me inspirado com seu amor ao ensino, à literatura e à leitura, por ter acreditado neste projeto, por ter me acolhido e me aceitado desde o início, por ter paciência para entender meus momentos de dúvidas e tropeços, por ter me orientado na condução desta trabalhosa pesquisa.

À Solange Costa, por ser a pessoa com quem posso contar todos os dias, por apoiar-me em cada passo da minha vida, por ofertar amor aos meus filhos e dar-me o suporte necessário à realização dos meus projetos.

À professora Eliana Yunes, por dar-me o caminho e os contatos na Argentina, fazendo-me chegar à Biblioteca La Nube e ao senhor Pablo Medina.

À amiga e pesquisadora Irany André, pelas escutas sinceras e ativas, pelas opiniões e perguntas sempre certeiras, por ter me acompanhado à Argentina pacientemente e ter comigo adentrado no mundo imenso de Lobato naquele país, por ter trabalhado dias e dias em uma coleta de dados penosa em um trabalho que não era seu. Amiga, só um grande coração é capaz de tamanho desprendimento. Serei grata a você para sempre.

Ao pesquisador argentino Pablo Medina, por, antes de tudo, inspirar-me profundamente a pesquisar com amor e curiosidade, por ter dado os caminhos da minha pesquisa, por ter me recebido com afeto e com a curiosidade dos melhores investigadores, por ter separado materiais com tanto cuidado e olhar apurado, por sempre buscar tudo o que podia para a minha pesquisa e por facilitar-me os contatos com as pessoas certas em Buenos Aires.

À professora Lídia Blanco e à escritora Laura Devetach, por terem aceitado responder às minhas perguntas, por me receberem com tanta doçura em seu curso sobre literatura brasileira e em sua casa, respectivamente.

Às professoras Luciane Alves e Thaís Albieri, por me orientarem durante o meu processo de qualificação, por me mostrarem quais caminhos seria interessante percorrer, por serem tão doces, respeitosas e assertivas em seus comentários e apontamentos.

À amiga Jhennefer Macêdo, pela amizade e projetos em comum no amor à mediação de leitura, por acompanhar-me em momentos importantes do desenvolvimento deste trabalho.

À amiga Raphaele Malheiro, por, apesar da distância, sempre torcer por mim e inspirar-me a terminar meu trabalho, como ela também conseguiu, por ser alguém com quem posso contar sempre, por ser alguém que é capaz de entender tudo e por simplesmente ter cruzado o meu caminho.

À querida amiga Rosilda Moreira McGovern, por ser tão importante no processo que culminou na minha decisão de ingressar no Doutorado, pela escuta ativa e paciente, por ajudar-me a organizar os pensamentos nas escolhas da vida profissional e pessoal, por incentivar-me a ir até o fim neste trabalho e por ser companheira de eternas novas descobertas.

Ao meu amigo Valnikson Viana, por dar-me tanta força desde o início do Doutorado até o seu final, por ofertar-me carinho e compreensão, por ajudar-me a elaborar e reelaborar os caminhos da minha pesquisa, por compartilhar comigo tantos *hobbies*, gostos, risos, sonhos, realizações e conversas intermináveis sobre temas os mais variados, e por sempre ensinar-me algo novo.

A todos os pesquisadores, escritores, livreiros, bibliotecários, administradores de acervos, editores, colecionadores e todas as pessoas que fizeram parte direta ou indiretamente da construção da história que neste trabalho é contada. Sem as participações dessas pessoas, jamais teria sido possível resgatá-la, registrá-la ou trazê-la à tona. Muita gratidão aos que por alguma razão resolveram também contar uma parte da história de Lobato, dos livros, da indústria editorial e dos acervos. Esses registros possibilitam a memória, a formação do nosso imaginário cultural e o não esquecimento de épocas e nomes inspiradores como o de Monteiro Lobato.

*Este tesis está escrita día a día,
a ratos perdidos,
a amigos perdidos,
a hijos por la casa,
La tesis (¿Es una tesis?)
Ni siempre tiene el mejor orden o concierto,
- Sé que a veces desconcierto –
Pero está escrita con amor.
Esto puede ser una tesis, pero también es una mujer.*

(Adaptado da apresentação à antologia de Gloria Fuertes)

Los autores no escriben libros: escriben textos que se transforman en objetos escritos [...] manejados de diversa manera por unos lectores de carne y hueso cuyas maneras de leer varían con arreglo a los tiempos, los lugares y los ámbitos.

(Roger Chartier)

RESUMO

O presente trabalho de Doutorado tem por objetivo apresentar, discutir e analisar a circulação e a recepção da obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina a partir da crítica literária daquele país, de jornais e documentos da época e também de repercussões que tenham ocorrido em outros países, com intuito de defender a tese de que, resguardadas as peculiaridades de cada país, a obra infantil do referido autor, no que diz respeito à circulação e à recepção, foi tão importante na Argentina quanto no Brasil. Trata-se de uma investigação qualitativa, baseada em pesquisa documental e bibliográfica. O referencial teórico utilizado está ancorado em bases da História Cultural, concentradas nos estudos e nas abordagens teóricas de Roger Chartier (1990; 2007; 2009; 2011), cujos princípios tratam da historicidade das práticas de leitura, da circulação do livro, das comunidades de leitores e dos protocolos de leitura, entre outros conceitos pertinentes à nossa pesquisa. Fontes advindas da crítica literária brasileira também estão na base desta pesquisa, como Marisa Lajolo (2000; 2006; 2008; 2014), Regina Zilberman (1982), Laura Sandroni (1987) e Luciana Sandroni (1997), entre outros. Vozes da crítica de literatura infantil na Argentina recolhidas em entrevistas, como Pablo Medina, Laura Devetach e Lidia Blanco, também foram importantes para melhor entender o processo construído por Monteiro Lobato durante a sua trajetória, na costura das relações literárias entre Brasil e Argentina, com o intuito de participar daquele mercado editorial. Os dados coletados nos permitiram fazer um mapeamento das obras infantis do autor publicadas na Argentina, além de evidenciar que a imprensa, através, principalmente, dos jornais pesquisados, *La Prensa* e *La Nación*, mostram a presença do referido escritor dentro do contexto editorial da Buenos Aires da segunda metade dos anos 1940, figurando em meio a vários escritores locais e autores representativos do cânone europeu que, naquela época, ainda representavam boa parte das obras consumidas na capital da Argentina. Através deste estudo, acessamos o intenso trabalho realizado por Monteiro Lobato na busca de estreitar laços com o país vizinho, não apenas trazendo suas obras de literatura infantil traduzidas para o espanhol, mas também produzindo material inédito na Argentina, dando vida à obra *La nueva Argentina* (1947), pela *Editorial Acteón*, que conta uma história totalmente relacionada ao contexto argentino da época, e também a dez títulos da *Colección Figuritas – Monteiro Lobato*, pela *Editorial Códex*. Por meio da presente investigação, foi possível contemplar a atividade do autor brasileiro em um período efervescente da literatura infantil brasileira, do desenvolvimento da indústria livreira na Argentina durante a chamada “edad de oro del libro argentino” e também no período provavelmente mais importante no tocante à circulação de obras brasileiras de literatura infantil naquele país, o que nos permite construir um embasamento sólido para evidenciar a tese aqui defendida.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Literatura Infantil; Recepção; Argentina; Brasil.

RESUMEN

El presente trabajo de doctorado tiene como objetivo presentar, discutir y analizar la circulación y recepción de la obra infantil de Monteiro Lobato en Argentina a partir de la crítica literaria en ese país, periódicos y documentos de la época y también de las repercusiones que se han producido en otros países, con el objetivo de defender la tesis de que, salvaguardando las peculiaridades de cada país, la obra infantil del citado autor, en términos de circulación y recepción, fue tan importante en Argentina como en Brasil. Se trata de una investigación cualitativa, basada en bases documentales y bibliográficas. investigar. El marco teórico utilizado está anclado en las bases de la Historia Cultural, concentrado en los estudios y planteamientos teóricos de Roger Chartier (1990; 2007; 2009; 2011), cuyos principios abordan la historicidad de las prácticas lectoras, la circulación del libro, las comunidades lectoras y los protocolos de lectura, entre otros conceptos relevantes para nuestra investigación. Fuentes de la crítica literaria brasileña también están en la base de esta investigación, como Marisa Lajolo (2000; 2008; 2014), Regina Zilberman (1982) y Laura Sandroni (1987) e Luciana Sandroni (1997), entre otras. Las voces de críticos de la literatura infantil en Argentina recogidas en entrevistas, como Pablo Medina, Laura Devetach y Lidia Blanco, también fueron importantes para comprender mejor el proceso construido por Monteiro Lobato durante su trayectoria, en la costura de las relaciones literarias entre Brasil y Argentina, con la intención de participar en ese mercado editorial. Los datos recolectados permitieron mapear las obras infantiles del autor publicadas en Argentina, además de mostrar que la prensa, principalmente a través de los diarios encuestados La Prensa y La Nación, evidencia la presencia del citado escritor dentro del contexto editorial de Buenos Aires del segunda mitad de la década de 1940, apareciendo entre varios escritores y autores locales representativos del canon europeo que, en ese momento, aún representaban buena parte de las obras consumidas en la capital argentina. A través de este estudio, accedemos al intenso trabajo que realiza Monteiro Lobato en la búsqueda de estrechar lazos con el país vecino, no solo trayendo sus obras de literatura infantil traducidas al español, sino produciendo material nunca antes visto en Argentina. dando vida a la obra *La nueva Argentina* (1947), de la *Editorial Acteón*, que cuenta una historia totalmente relacionada con el contexto argentino de la época, y también diez títulos de la *Colección Figuritas - Monteiro Lobato*, de la *Editorial Codex*. A través de la presente investigación, fue posible contemplar la actividad del autor brasileño en un período efervescente de la literatura infantil brasileña, el desarrollo de la industria del libro en Argentina durante la llamada “edad de oro del libro argentino” y también en el período probablemente más importante en cuanto a la circulación de obras brasileñas de literatura infantil en ese país, lo que nos permite construir una base sólida para evidenciar la tesis aquí defendida.

Palabras Clave: Monteiro Lobato; Literatura infantil; Recepción; Circulación; Argentina; Brasil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro <i>Ferro</i>	399
Figura 2 - Capa do livro <i>A luta pelo petróleo</i>	444
Figura 3 - Denúncia de Lobato publicada no jornal <i>Correio de S. Paulo</i> em agosto de 1935.	477
Figura 4 - Capa do livro <i>O escândalo do petróleo</i> (1936).	488
Figura 5 - Capa do livro <i>O poço do Visconde</i> (1937).	499
Figura 6 - Símbolo da editora <i>Claridad</i> em 1938.	644
Figura 7 - Símbolo da editora <i>Losada</i> desde a década de 1940.	699
Figura 8 - Símbolo da Editora <i>Códex</i> na década de 1940.	711
Figura 9 - Timbre da editora <i>Acteón</i> impresso em carta da editora.	722
Figura 10 - Marca da <i>Producciones García Ferre S.A.</i> nos anos 1990.	755
Figura 11 - Detalhes da edição de 1938 de <i>Don Quijote de los niños</i> , da editora <i>Claridad</i>	788
Figura 12 - Detalhes do prefácio da edição de 1938 de <i>El Quijote de los niños</i> , da editora <i>Claridad</i>	799
Figura 13 - Folheto da <i>Colección infantil Monteiro Lobato: el genial poeta de la niñez</i>	822
Figura 14 - Detalhes da primeira edição em espanhol de <i>Reinações de Narizinho</i> na Argentina.	866
Figura 15 - Detalhes da primeira edição em espanhol de <i>Reinações de Narizinho</i> na Argentina.	866
Figura 16 - Índice da primeira edição em espanhol de <i>Reinações de Narizinho</i> na Argentina.	877
Figura 17 – Coleção Monteiro Lobato, da editora <i>Americalee</i> : <i>Las aventuras de Naricita</i> (1944), <i>Nuevas aventuras de Naricita</i> (1944), <i>Viaje al cielo</i> (1944).	888
Figura 18 – Coleção Monteiro Lobato, da editora <i>Americalee</i> : <i>El genio del bosque</i> (1944), <i>Cacerías de Perucho</i> (1944), <i>Aventuras de Hans Staden</i> (1944).	899
Figura 19 - Coleção Monteiro Lobato, da editora <i>Americalee</i> : <i>Historia del mundo para los niños 1</i> (1944), <i>Historia del mundo para los niños 2</i> (1944), <i>Peter Pan: el niño que no quiso crecer</i> (1944).	90
Figura 20 - Coleção Monteiro Lobato, da editora <i>Americalee</i> : <i>El Quijote de los niños 1</i> (1944).	911

Figura 21 - Capas dos livros <i>El Javali de Herimanto</i> (1945) e <i>La corza de los pies de bronce</i> (1945), de Monteiro Lobato, pela editora <i>Acteón</i> .	955
Figura 22 - Capas dos livros <i>El Leon de Nemea</i> (1945) e <i>La hidra de Lerna</i> (1945), de Monteiro Lobato, pela editora <i>Acteon</i> .	966
Figura 23 - Capas e folha de guarda de <i>Las doce hazañas de Hércules</i> (1946), de Monteiro Lobato, pela editora <i>Acteon</i> .	977
Figura 24 - Índice do livro <i>La nueva Argentina</i> (1947), pela editora <i>Acteón</i> .	1009
Figura 25 - Capa, lombada e contra-capa do livro <i>La nueva Argentina</i> (1947), pela editora <i>Acteon</i> .	100
Figura 26 - Folha de guarda e folha de rosto do livro <i>La nueva Argentina</i> (1947), pela editora <i>Acteon</i> .	1021
Figura 27 – Ilustrações com representação de Pancho, Pablo e Don Justo, personagens do livro <i>La nueva Argentina</i> (1946, p. 9; 11).	1032
Figura 28 - Notícias sobre o Plano Quinquenal no jornal <i>La Nación</i> publicadas em 3 de outubro e 10 de outubro de 1946.	1054
Figura 29 - Notícias sobre o Plano Quinquenal no jornal <i>La Nación</i> publicadas em 22 de outubro, 24 de outubro e 22 de dezembro de 1946.	1054
Figura 30 - Notícia sobre o Plano Quinquenal no jornal <i>La Nación</i> publicada em 11 de dezembro de 1946.	1065
Figura 31 - Cartazes de propaganda peronista do primeiro Plan Quinquenal (1947-1951).	1076
Figura 32 - Cartazes de propaganda peronista do primeiro Plan Quinquenal (1947-1951).	1076
Figura 33 - Localização e descrição de obra lobatiana do livro <i>La nueva Argentina</i> (1947), pela editora <i>Acteon</i> , na Biblioteca Nacional Mariano Moreno e na Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina, em Buenos Aires, na Argentina.	1109
Figura 34 - Carta do gerente da Ed. Códex a Lobato em 1947.	1165
Figura 35 - Contra-capa da <i>Colección Figuritas</i> (1948), pela Editorial Códex.	1198
Figura 36 - Capas de <i>El Nuevo Visconde</i> (1948) e <i>En el tiempo de Nerón</i> (1948).	1209
Figura 37 - Capas de <i>Una hada moderna</i> (1948) e <i>En centaurito</i> (1948).	121
Figura 38 - Capas de <i>La lamprea</i> (1948) e <i>El museo de Emilia</i> (1948).	1221
Figura 39 - Capas de <i>La violeta</i> (1948) e <i>Los duendes</i> (1948).	1232
Figura 40 - Capa de <i>El periscopio de lo invisible</i> (1948).	1243

Figura 41 - Antejito, tío Antifaz e Pichichus, Personagens de García Ferré.....	1365
Figura 42 - Biblioteca de oro del estudiante – coleção azul - 1994.	1365
Figura 43 – Capa e contra-capa de livro adaptado de Monteiro Lobato para a Biblioteca de Oro del Estudiante – Revista Antejito (1.545 - 18/10/1994 – Producciones García Ferré – Fábulas / Selección – Monteiro Lobato).....	1376
Figura 44 - Folheto publicitário de livro adaptado de Lobato para a Biblioteca de Oro del Estudiante – Revista Antejito (1.545 - 18/10/1994 – Producciones García Ferré – Fábulas / Selección – Monteiro Lobato).	1387
Figura 45 - Encarte de publicidade da revista Antejito anunciando a coleção “Biblioteca de oro del estudiante” em 1993.	1398
Figura 46 - Capa e contra-capa do livro <i>Cuentos para chicos de autores grandes</i>	14140
Figura 47 - Capa, paratexto e folha de guarda de <i>Monteiro Lobato: trayectoria de una fidelidad</i>	1465
Figura 48 – Folha de rosto de <i>Monteiro Lobato: trayectoria de una fidelidad</i>	1475
Figura 49 - Capa do livro <i>Monteiro Lobato: un escritor, un pais</i> , de Haydée M. Barroso.	1486
Figura 50 - Anúncio no <i>La Nación</i> (17/11/1946) de <i>Las doce hazañas de Hércules</i> (1946), em formato de luxo pela editora Acteon.....	1620
Figura 51 - Anúncios no jornal <i>La Nación</i> dos dias 30 de setembro e 7 de outubro de 1946 do teatro de bonecos de <i>Travesuras de Naricita</i>	1631
Figura 52 - Menções às obras de Monteiro Lobato no jornal <i>La Nación</i> em 1946 (16/06; 19/05;18/08; 29/09; 29/12;15/09; 03/03)	1653
Figura 53 - Matéria sobre visita de Lobato a uma escola de Buenos Aires.....	1719
Figura 54 - Matéria sobre visita de Lobato a uma escola de Buenos Aires.....	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mapa metodológico.....	24
Quadro 2 – Questionamentos.....	27
Quadro 3 – Fichas de Lobato na polícia de São Paulo.....	55
Quadro 4 – Editoras que publicaram a obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina.....	64
Quadro 5 – Livros infantis de Monteiro Lobato publicados na Argentina divididos por editora.....	125
Quadro 6 – Edições de livros infantis de Monteiro Lobato publicados na Argentina.....	129
Quadro 7 - Referências a Monteiro Lobato no jornal <i>La Nación</i>	164
Quadro 8 - Referências ao autor brasileiro no jornal <i>La Prensa</i>	165
Quadro 9 - Textos literários e não literários de e sobre Lobato circulando na Argentina.....	172

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Achado em impressos diversos (vários temas) – Pesquisa complementar.....	166
Tabela 2 – Lista de menções a Monteiro Lobato (literatura infantil) em impressos argentinos após 1948.....	167

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 MONTEIRO LOBATO, O BRASIL E A ARGENTINA	33
2.1 Cabia um Monteiro Lobato no Brasil da primeira metade do século XX?....	34
2.2 Um Brasil sonhado e não realizado: Monteiro Lobato luta pelo ferro e pelo petróleo	38
2.3 A Argentina de Monteiro Lobato	56
3 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO NA ARGENTINA: ENTRE TRADUÇÕES, A ADAPTAÇÃO E OBRAS INÉDITAS	63
3.1 Do Brasil para a Argentina: a tradução e a adaptação de obras lobatianas em língua espanhola	63
3.1.1 <i>Editorial Claridad</i> (1924-1980).....	64
3.1.2 <i>Editorial Americalee</i> (1940-?)	67
3.1.3 <i>Editorial Losada</i> (1938—dias atuais).....	69
3.1.4 <i>Editorial Códex</i> (1945-1978).....	71
3.1.5 <i>Editorial Acteón</i> (1945—1947)	72
3.1.6 <i>Producciones García Ferré / Editorial Lord Cochrane S.A.</i> (1964—2001)	75
3.2 <i>Don Quijote de los niños</i>: o primeiro passo infantil de Monteiro Lobato na Argentina	75
3.3 <i>Hércules</i> editado pela <i>Acteón</i>	93
3.4 <i>La nueva Argentina</i>: que livro é esse?	97
3.5 Os folhetos da <i>Colección Figuritas</i>	115
3.6 Coleção “Biblioteca de oro del estudiante” da revista <i>Antejito</i>: fábulas lobatianas voltam ao público na década de 1990	135
3.7 Conto no livro <i>Cuentos para chicos de autores grandes</i>	139
4 A CIRCULAÇÃO E A RECEPÇÃO DA PRODUÇÃO INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO EM TERRAS ARGENTINAS	142
4.1 Recepção pelo país: Monteiro Lobato pelo olhar argentino	143
4.1.1 Textos biográficos	144
4.1.2 Referência a Monteiro Lobato nas entrevistas: Pablo Medina	150

4.1.3 Referência a Monteiro Lobato nas entrevistas: Lidia Blanco.....	153
4.1.4 Referência a Monteiro Lobato nas entrevistas: Laura Devetach	154
4.1.5 Permanência da recepção de Lobato no país e seus traços de circulação....	157
4.1.6 <i>Los libros y la calle</i> – Edgardo Kozarinski	157
4.1.7 O prólogo de Cristina Fernandez Kirshner a <i>Las travesuras de Naricita</i> (2010)	159
4.2 Lobato nos principais veículos impressos de comunicação no país da prata	161
CONCLUSÃO	176
REFERÊNCIAS	185
APÊNDICES	195

1 INTRODUÇÃO

A vontade de desenvolver um trabalho a respeito de alguma parte ou perspectiva da obra de Monteiro Lobato (1882-1942), a princípio, representou para mim quase um desejo secreto, já que o autor de Taubaté - SP foi tema de inúmeras teses e dissertações, livros e revistas, documentários e filmes. Dessa forma, meu interesse e minha curiosidade pela figura um tanto enigmática, contraditória e polêmica de Lobato seguiu por alguns anos escondido pelo receio de levar a cabo uma tese de Doutorado sobre questões já há muito discutidas por vários pesquisadores. Até que um dia, lendo o artigo do professor João Luís Ceccantini, intitulado “Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil” (2004), percebi o mundo que ainda faltava ser descoberto sobre Monteiro Lobato e finalmente tomei a decisão de começar a dar forma ao projeto que se tornaria a minha pesquisa.

A primeira ideia foi abordar aspectos relacionados à obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina, entre outras razões, por minha área de atuação envolver o espanhol como língua estrangeira. Apesar de haver circulado fortemente na Argentina, a obra de Monteiro Lobato naquele país ainda merece ser explorada e compreendida, entre várias razões, notadamente porque o autor ali escreveu obras inéditas diretamente em espanhol e participou ativamente do contexto literário da época. Aspectos culturais da relação entre Lobato e Argentina, bem como a trajetória do autor naquele país, através de cartas, já foram abordados em outros trabalhos acadêmicos (ALBIERI, 2009; RIBEIRO, 2008). Assim sendo, esta tese busca compor mais uma faceta da presença lobatiana no país vizinho, desta vez falando sobre a recepção e a circulação da sua obra infantil no país do Prata.

Este trabalho busca contribuir para o descortinamento dos caminhos que fizeram com que o autor ocupasse o lugar de escritor lido e lembrado no país austral. Assim sendo, defendendo a tese de que, resguardadas as diferenças contextuais entre os países em questão, a obra infantil de Monteiro Lobato foi tão relevante na Argentina quanto no Brasil que tange à recepção, à circulação, de tal modo que se tornou uma referência de leitura para intelectuais, professores, pesquisadores, formando muitos leitores naquele país. Inclusive, participou com sua literatura da conjuntura política da época em que esteve na Argentina, publicando um livro singular (*La nueva Argentina*) no país, com propósito de colaboração e inserção no mercado editorial.

Dentro dessa intenção, é necessário não perder de vista o contexto da época no Brasil e na Argentina, as relações estabelecidas entre Lobato, escritores, editores argentinos e amigos, as ações voltadas para a divulgação e a circulação de sua obra naquele país, dentre outras questões conjunturais.

Essa viagem em busca da releitura das questões relacionadas ao percurso de Lobato no universo da literatura infantil argentina passa por acessar uma época pretérita, um tempo em que o mercado editorial tinha outra dinâmica de funcionamento em relação ao atual. De tal modo, só nos resta buscar a fala de mortos em cartas, os documentos antigos, as entrevistas com leitores e mediadores culturais ainda vivos e os impressos da época. Muitas vezes, as falas as quais damos voz aqui não participam mais do mundo atual, fazendo com que acessemos, assim, apenas o “material” cultural e as construções intelectuais possíveis em sua época presente, ou seja, primeira metade do século XX, só que com o distanciamento no tempo. Chartier (2017, p. 7) reflete sobre isso dizendo que:

Apenas historiadores de tempos muito recentes, graças às técnicas de inquirição oral, podem oferecer uma audição literal das palavras cuja história escrevem. Os outros – todos os outros – precisam escutar os mortos somente com os olhos e recobrar as velhas palavras em arquivos nos quais o vestígio escrito delas foi preservado. (CHARTIER, 2017, p. 7).

Assim sendo, busquei investigar sem perder de vista o lugar de pesquisadora afastada temporalmente do seu objeto. A primeira premissa que observei foi a de que a leitura e todas as ações que a abarcam são variantes históricas. Por conseguinte, a sua apropriação, ou seja, o entendimento e o uso do que está escrito também muda conforme os fatores existentes na prática da leitura. Entre esses fatores, somos capazes de mencionar o suporte material do impresso, a época em que é fabricado, produzido e também em que é lido, escrito ou editado, além da comunidade em que circula (CHARTIER, 1988, p. 197).

A partir desse olhar é que construímos a relação com as fontes, além do desenho do instrumento de pesquisa, e estabelecemos o objetivo principal da investigação, que é analisar a circulação e a recepção da obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina, partindo das vozes da crítica literária e dos arquivos da época relacionados ao tema. Para isso, trouxe para a discussão dos dados coletados as concepções de Roger Chartier (2001; 2014), nas quais a ideia de circulação é

entendida como a “constituição de um público sem que as pessoas estejam necessariamente no mesmo lugar, em mútua proximidade” (CHARTIER, 2001a, p. 64). A circulação das obras, dessa forma, também acaba sendo um espaço de recepção, pensado antes ou durante as etapas de produção do texto e do impresso, revelando um público, que se constitui em si mesmo em uma pista para a circulação de ideias. O olhar da história, através das concepções de Chartier, permitiu-nos ancorar as análises partindo do princípio de que:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. (CHARTIER, 2002, p. 24).

A concepção de que o leitor, os processos de produção e a conversão dos textos em livro, bem como o autor e outros agentes participantes da realização de toda essa construção são todos responsáveis pela circulação e pela recepção de determinado texto é que norteou as análises aqui sedimentadas. Nessa perspectiva, Garbosa (2009, p. 21) explica que, para Chartier:

Os objetos culturais, em sua dimensão material, são elaborados, transmitidos e apropriados pelos indivíduos mediante os processos de produção, circulação e recepção. Nessa perspectiva, o surgimento de tais produções culturais resulta, inicialmente, das circunstâncias do meio, objetivando atender as expectativas e necessidades de um determinado contexto. Livros impressos, enquanto objetos culturais, constituem-se em frutos do trabalho de indivíduos, compreendendo autores ou organizadores e editores, imersos numa determinada situação histórica e existencial, e sujeitos às influências do meio, as quais marcam tanto o processo de produção quanto os processos de circulação e recepção. Inscritos nessas dimensões, encontram-se ainda as figuras do livreiro, do leitor, além de mediadores que se interpõem entre os processos. (GARBOSA, 2009. p. 21).

Portanto, a discussão sobre circulação está presente, neste estudo, centrando o olhar nos traços possíveis desse trânsito de obras, como menções de empréstimo, compra, doação ou vestígios de posse, além da própria leitura dos livros.

Ao longo do meu processo de desenvolvimento acadêmico e profissional, tive a oportunidade de ter formação e trabalhar em duas áreas, o Jornalismo e as Letras, sendo estas com habilitação em língua espanhola, paixão semeada em âmbito doméstico através do meu pai. Os estudos do Mestrado em Psicologia Social também

tiveram como objeto de análise jornais em língua espanhola. Dessa forma, os trabalhos em e com jornais e também na língua de Cervantes, como professora e pesquisadora, foram as únicas constantes no cenário da minha atuação profissional e acadêmica, a qual sempre foi tão diversificada e inquieta. Sendo assim, minha formação e minhas áreas de atuação foram bastante plurais, porém complementares, com isso fazendo parte da construção da minha pesquisa e contribuindo para as escolhas que fiz no tocante à escrita e ao delineamento do estudo que aqui apresento.

O encontro com Monteiro Lobato veio antes, e também se deu por meio de meu pai, quando, desde muito pequena, ouvia histórias em que ele, em tom emocionado de quem resgata memórias queridas da infância, contava as aventuras de um tal Jeca Tatu. A alegria do meu pai em contá-las fez com que eu acreditasse que aquelas histórias eram muito importantes, muito “guardiãs” de sentido, emoção e memória. Esse foi o início da minha caminhada pessoal em direção ao trabalho que desenvolvo agora. Quando assumi o lugar de mãe e mediadora de leitura dos meus próprios filhos, trilhando o caminho que meu pai já havia percorrido, também apresentei Lobato aos meus pequenos leitores. Logo, o amor e a curiosidade pela obra do escritor de Taubaté foi ganhando corpo. O trabalho com turmas infantis no ensino de língua espanhola, em círculos de leitura em língua portuguesa, nos quais o público era de crianças e adolescentes, e o lançamento do meu primeiro livro infantil (*O menino que sabia voar*, de 2018) me aproximaram ainda mais da literatura para esta faixa etária, bem como da pesquisa nessa área.

Resolvi, então, estudar a obra de Monteiro Lobato no Doutorado, com a orientação da professora Daniela Segabinazi. Foi inevitável que meu interesse fosse explorar o trabalho do escritor em espanhol, dada a minha formação na área, e já que, inclusive, há textos lobatianos que foram escritos originalmente na língua de Cervantes e até hoje não foram traduzidos (*La nueva Argentina*). Para isso, pesquisar a respeito da recepção da obra de Monteiro Lobato na Argentina foi a melhor resolução, uma vez que foi naquele país que o escritor teve maior penetração fora do Brasil.

Em meio às discussões sobre o caminho a ser seguido para chegar aos objetivos que tínhamos, foi natural pensar nos jornais como forma de acessar a época, a recepção e a circulação de obras que Lobato teve em Buenos Aires. Para complementar o olhar sobre o objeto de estudo, acreditamos que entrevistas com algumas figuras importantes no cenário da literatura infantil em Buenos Aires e que

também foram leitores de Lobato seriam também uma forma de alargar o conhecimento sobre a presença dos escritos lobatianos no país do Prata. Assim sendo, a seguir, explico a organização metodológica da investigação, caminho que proporcionou a operacionalização científica de todas essas ideias há tanto germinadas.

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a circulação e a recepção da obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina, tendo como base teórica para abordagem do referido fenômeno a história cultural, história da leitura e a formação de comunidades de leitores propostas por Chartier (1988; 1992; 1994; 1997). De acordo com Gerhardt e Silveira (2009):

A metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa; portanto, não deve ser confundida com o conteúdo (teoria) nem com os procedimentos (métodos e técnicas). Dessa forma, a metodologia vai além da descrição dos procedimentos (métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa), indicando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 44).

Por se tratar de uma investigação que aborda um fenômeno social e literário, podemos afirmar que estamos diante de um trabalho multidisciplinar. Por essa razão, recorreremos à base teórica advinda do olhar histórico, o que nos remete a uma recolha de dados baseada em documentos históricos, além de entrevistas e visitas aos locais por onde transitou Monteiro Lobato em sua trajetória na Argentina. Sobre essa questão, Minayo e Minayo-Gómez (2003) trazem as seguintes reflexões:

1) Não há nenhum método melhor do que o outro, o método, “caminho do pensamento”, ou seja, o bom método será sempre aquele capaz de conduzir o investigador a alcançar as respostas para suas perguntas, ou dizendo de outra forma, a desenvolver seu objeto, explicá-lo ou compreendê-lo, dependendo de sua proposta (adequação do método ao problema de pesquisa); 2) Os números (uma das formas explicativas da realidade) são uma linguagem, assim como as categorias empíricas na abordagem qualitativa o são e cada abordagem pode ter seu espaço específico e adequado; 3) Entendendo que a questão central da cientificidade de cada uma delas é de outra ordem [...], a qualidade, tanto quantitativa quanto qualitativa depende da pertinência, relevância e uso adequado de todos os instrumentos. (MINAYO; MINAYO-GÓMEZ, 2003, p. 118).

A partir desse ponto de vista, podemos situar nossa pesquisa, classificando-a,

segundo Gerhardt e Silveira (2009), quanto à sua abordagem, à sua natureza, aos seus objetivos e aos seus procedimentos. No tocante à abordagem, trata-se de uma investigação qualitativa, pois, apesar de também usar números, não os vê como foco principal, mas sim os fenômenos estudados e as suas circunstâncias. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa movimenta-se a partir da dinâmica do universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que significa um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Quanto à sua natureza, esta investigação situa-se no campo das pesquisas básicas, uma vez que “aglutina estudos que tem como objetivo completar uma lacuna no conhecimento, enquanto a aplicada “abrange estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem” (GIL, 1994, p. 24). Já no que diz respeito aos seus objetivos, já que trabalhamos com a pesquisa em jornais, revistas, cartas e outros documentos da época, esta pesquisa inscreve-se como exploratória e descritiva. É exploratória porque:

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. (GIL, 1994, p. 32).

O trabalho também pode ser classificado como descritivo, já que, segundo Triviños (1987), este tipo de estudo pretende descrever os fatos e os fenômenos de determinada realidade.

Quanto aos procedimentos, nossa pesquisa é bibliográfica e documental, além de também trabalhar com o apoio do instrumento “entrevista semi-estruturada”. O estudo é bibliográfico, porque é feito a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web* (FONSECA, 2002, p. 32). Também se insere no âmbito da pesquisa documental, porque, além de trabalhar com material já elaborado, também recorre a fontes que ainda não possuem tratamento analítico, como cartas, jornais, fotografias etc. (FONSECA, 2002).

Durante o processo de construção deste estudo, algumas demandas foram aparecendo e, com isso, começaram a surgir necessidade de investigar em fontes

diversas. Em primeiro lugar, sobre as fontes de pesquisa, Bueno (2009) diz:

As fontes de informação são divididas em três categorias: fontes primárias, secundárias e terciárias. As fontes primárias são os documentos que geram análises para posterior criação de informações e servem para aprofundar o conhecimento de um tema. São aquelas que contêm informações originais. As fontes secundárias são as obras nas quais as informações já foram elaboradas, ou seja, representam a informação processada e organizada. São documentos estruturados segundo padrões rigorosos. As fontes terciárias têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias. São documentos que exercem a função indicativa, auxiliando o pesquisador a encontrar um dado. (BUENO, 2009, p. 35).

Esta investigação trabalha com fontes primárias, secundárias e terciárias, uma vez que utilizamos jornais, cartas, listas, tabelas, bilhetes, livros, artigos, teses, bibliografias, sites etc. No quadro a seguir, temos o mapa metodológico de estudo. Nele, observamos o tipo de pesquisa quanto à abordagem, à natureza, aos procedimentos e aos tipos de fontes utilizadas, conforme Bueno (2009).

Quadro 1 – Mapa metodológico

TIPO DE PESQUISA		TIPOS DE FONTES
QUANTO À ABORDAGEM	QUALITATIVA	PRIMÁRIAS (NOTAS DE JORNAIS, ANÚNCIOS, CARTAS, BILHETES, LISTAS, BALANÇOS, LIVROS ORIGINAIS ETC.); SECUNDÁRIAS (BIBLIOGRAFIAS, ARTIGOS, TESES, RESUMOS ETC.); TERCIÁRIAS (BIBLIOGRAFIAS, CATÁLOGOS DE BIBLIOTECAS ETC.).
QUANTO À NATUREZA	BÁSICA	
QUANTO AOS OBJETIVOS	EXPLORATÓRIA E DESCRITIVA	
QUANTO AOS PROCEDIMENTOS	BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL	

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Bueno (2009).

O planejamento da coleta de dados do presente estudo, como referido

anteriormente, vislumbrou a utilização da coleta de dados a partir de pesquisas na internet, em bibliotecas, centros de documentação, entrevistas e troca de informações com pesquisadores e professores envolvidos como tema. Essa organização da coleta de dados aconteceu no Centro de Documentação Alexandre Eulálio – CEDAE, na Unicamp – Campinas (SP), na Biblioteca Monteiro Lobato – cidade de São Paulo (SP), no Instituto de Estudos Brasileiros da USP – cidade de São Paulo (SP), na Chácara do Visconde e no acervo do professor Osni Lourenço – Taubaté (SP), na Biblioteca Nacional Mariano Moreno e no centro de documentação LA NUBE, estes últimos localizados em Buenos Aires (Argentina).

Com o objetivo de acessar informações a partir dos sujeitos implicados no processo de circulação e recepção da obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina, optamos por usar como instrumento de pesquisa a entrevista semi-estruturada. De acordo com Triviños (1987),

[p]odemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 47).

O planejamento das entrevistas previu o contato com figuras importantes¹ no cenário da literatura infantil de Buenos Aires, quais sejam: as escritoras de literatura

¹ A escolha por essas personalidades, consideradas importantes no cenário da literatura infantil da Argentina, deu-se de várias formas. Todos são profissionais ligados à infância e à literatura. No caso de Pablo Medina, aconteceu por indicação da professora Eliana Yunes, coordenadora da Cátedra da UNESCO na PUC-Rio. Ele é o fundador e presidente da Biblioteca e Centro de Documentação LA NUBE, em Buenos Aires. O referido centro é uma instituição que existe há 47 anos (desde 1975) e se dedica à produção cultural voltada para a infância. O espaço dispõe de aproximadamente 80.000 documentos, os quais podem ser acessados pelo público em geral. A professora Lidia Blanco foi indicada pelo próprio Pablo Medina para ser uma das vozes nesta tese. Ela é professora aposentada da Universidad Nacional de Buenos Aires, além de ser escritora de obras de literatura infantil (ex. *El puente sobre el río*, de 1980) e teóricas (ex. *Literatura infantil: ensayos críticos*, de 1992, também nesta área. Laura Devetach foi escolhida pela relevância de seu trabalho dentro da Argentina e fora dela, como sendo uma das escritoras para crianças com maior produção e atuação. Ela é escritora de vários livros de literatura infantil (*La torre de cubos*, de 1985, *Se me planta un lagrimón*, de 1994 etc.), além de ter sido professora, colaboradora de vários jornais em Buenos Aires, sempre tratando de literatura infantil. Também escreveu peças de teatro, recompilou contos populares argentinos, ganhou prêmios, dentre eles o prêmio estímulo à produção literária Fondo Nacional de las artes (1964), por *La torre de cubos*, o Casa de Las Américas de literatura infanto-juvenil (1975), por *Monigote en la arena*, prêmio Argentores 1972, por *Bichoscopio*, Trayectoria da Associação de Literatura Infantil e Juvenil Argentina

infantil, Laura Devetach e María Teresa Andruetto, as professoras e pesquisadoras da Universidad de Buenos Aires (UBA), Lidia Blanco e Silvia URISH, e o pesquisador e diretor do Centro de Documentação La Nube, Pablo Medina. Ter acesso às falas desses verdadeiros agentes multiplicadores de cultura vai ao encontro da proposta deste trabalho no sentido de observar o processo de circulação e recepção da obra de Lobato a partir da história cultural, chamando o olhar de Chartier para nos auxiliar na compreensão da presença literária do autor brasileiro na Argentina. A partir desta perspectiva, é importante saber como esses leitores se apropriaram, deram significado à obra de Lobato, pois seus olhares também contribuíram para a circulação dela naquele país. Chartier (2002, p. 68) explica que a apropriação se refere a “uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”.

A entrevista foi composta por 5 perguntas norteadoras, com os participantes ficando livres para falar sobre o que lhes parecesse mais importante, o que, naturalmente, gerou perguntas extras diferentes conforme o andamento da conversa com os intelectuais. Cada pergunta foi pensada com o intuito de colher informações relacionadas ao contexto histórico, de acordo com a própria experiência pessoal do entrevistado/ entrevistada, ao período em que a produção de Lobato começou a circular com regularidade na Argentina, à experiência de cada entrevistado como leitor de Monteiro Lobato, ao conhecimento ou desconhecimento deles sobre a obra *La nueva Argentina* (1947), livro publicado por Lobato com o pseudônimo Miguel P. García e que foi distribuído nas escolas da capital argentina. Essas perguntas tiveram o objetivo de pensar os meios de circulação da obra infantil de Lobato naquele país, além de fornecer dados sobre sua recepção. Os questionamentos foram os seguintes:

(ALIJA), Lista de Honra da ALIJA (1993), pelo texto de *Milongas tamaño alpiste*, Lista de Honra da ALIJA (1996), pelo *Libro Total: Pobre Mariposa e Se me pñanta un lagrimón*. Também escreveu livros teóricos, como *La construcción del camino lector*, que recebeu a distinção Destacado ALIJA (2008).

Quadro 2 – Questionamentos

1	En la época en que Monteiro Lobato llegó a Argentina y comenzó a publicar y editar libros - 1946 - cuál fue el contexto de literatura infantil / juvenil que él encontró?
2	¿Qué leía usted cuando era niño?
3	¿Cómo usted conoció la obra de Monteiro Lobato?
4	¿Cuáles las obras de Monteiro Lobato usted leyó y cuáles son tus impresiones y crítica como lector / lectora de esas obras?
5	¿Usted leyó el libro <i>La nueva Argentina</i> ? Si no lo leyó, ¿sabe de la existencia de esa obra?

Fonte: Elaborado pela autora.

A ideia era que as entrevistas fossem realizadas pessoalmente, gravadas mediante autorização e assinadas por escrito pelos entrevistados e, em seguida, transcritas para posterior análise e eventual diálogo entre elas e o texto da tese.

Apesar de durante o planejamento os nomes de várias personalidades da cena literária argentina terem sido cogitadas para serem entrevistadas, durante a execução da coleta de dados, alguns imprevistos aconteceram impossibilitando o contato com algumas das pessoas anteriormente previstas. Maria Teresa Andruetto mora no norte da Argentina e não pôde estar em Buenos Aires durante nossa estada na cidade. Assim sendo, entrevistamos o pesquisador argentino Pablo Medina, a professora e pesquisadora aposentada da Universidade de Buenos Aires Lidia Blanco, bem como a professora e escritora argentina Laura Devetach. Todos responderam às mesmas perguntas, entretanto, dada a natureza do instrumento escolhido, foi natural que cada entrevista tenha se desenvolvido de maneira diferente. Todas as entrevistas resultaram em 3 horas e 46 minutos de conversação, o que significaram 33 páginas transcritas de conteúdo (ver APÊNDICES A, B e C).

Nas décadas de 1930 e 1940, na Argentina, período investigado² por nossa pesquisa, veículos de comunicação como jornais e revistas funcionavam como mediadores de leituras para diversos públicos, inclusive o infantil. Os jornais tinham vastas seções dedicadas à publicidade de lançamento de livros, divulgação de resenhas, sugestão de livros para presentear etc. Darnton (1990, p. 109) explica que os objetos que comunicam o texto fazem parte de um “circuito de comunicação que

² Nem toda a imprensa das décadas de 30 e 40 foi investigada devido à impossibilidade de retorno à Argentina em virtude das restrições impostas pela pandemia do Corona Vírus no período em que esta tese foi construída.

vai do autor ao editor, passando pelo impressor, pelo distribuidor, pelo vendedor, até chegar ao leitor”, dentro do qual mediadores atuam como conectores, fazendo uma ponte entre o objeto impresso e o público.

Os jornais se inscreviam nesse lugar de mediadores, já que eram uma linha conectora entre o autor/editor e o público geral. Sob o ponto de vista de Chartier, como visto anteriormente, a circulação do artefato cultural compreende a “constituição de um público sem que as pessoas estejam necessariamente no mesmo lugar, em mútua proximidade” (CHARTIER, 2001a, p. 64). Depreende-se, então, que a circulação de obras também pode pressupor a intenção do autor ou do editor de atingir um público maior, como acontece com a divulgação de textos em jornais diários e revistas. Por isso também é que observamos a importância de buscar as aparições de Lobato nos referidos veículos de comunicação argentinos.

Neste sentido, a revista *Billiken*³ se tornou objeto de investigação por ser uma publicação periódica para o público infantil da época e por seu sucesso demonstrado em altas tiragens para o período, além de comprovar seu êxito através da sobrevivência no tempo, já que se publica até os dias atuais (SOARES, 2002). A intenção inicial da pesquisa documental foi investigar nos jornais de grande circulação e na referida revista o período de dez anos, de 1938 a 1948. O recorte temporal foi determinado pelo fato tanto de abarcar o período em que Monteiro Lobato viveu em Buenos Aires e montou ali uma editora, quanto de mostrar a presença ou não do escritor nos anos anteriores à sua chegada, período em que ele já publicava suas obras infantis no país (começou em 1938 com *Don Quijote de los niños*, na *Editorial Claridad*), além de abranger uma parte importante da chamada idade de ouro do livro argentino (1938-1955), período efervescente da produção editorial no país da prata. O recorte de tempo, então, cobriu os últimos dez anos da vida do autor, já que ele faleceu em 1948.

O fato de a década de 1930 (segunda metade), 1940 e 1950 (primeira metade) serem momentos de franca expansão do mercado editorial argentino também contribuiu para a escolha da referida década como foco de análise. Entretanto, só foi possível pesquisar os jornais dos anos de 1946 e as revistas *Billiken* de 1940, 1946 e

³ A revista *Billiken* é o periódico infantil com mais longa trajetória no mundo. Foi fundada em novembro de 1919 por Constância C. Vigil e publicada pela editora Atlântida. O interesse em buscar Lobato nas páginas desta revista existiu pelo fato da publicação já ser bastante conhecida do público na década de 40 na Argentina e ser uma referência na área infantil. Assim sendo, seria importante saber se o autor brasileiro teve penetração na revista.

1947. Em relação aos jornais, isso se deu porque a pesquisa documental seria realizada em duas etapas, já que o material a ser pesquisado era muito grande, afinal os jornais eram diários e, pela idade do material, o manuseio precisou ser lento e delicado, o que resultou na necessidade de uma estadia mais longa do que a prevista em Buenos Aires. Assim sendo, outra viagem aos locais de pesquisa seria necessária e foram programadas para o ano seguinte, porém, em virtude da pandemia da Covid-19, não foi possível realizar a finalização da coleta de dados.

Já no caso da revista *Billiken*, a hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno não dispunha de exemplares de todos os anos que faziam parte de nossa intenção pesquisar, sendo analisados exemplares dos anos de 1940 (janeiro a junho), 1946 (janeiro a junho) e 1947 (janeiro a setembro). No tocante à intenção inicial da pesquisa em termos de coleta de dados, a lacuna temporal que ficou foi suprida com uma compilação sobre o tema em outras investigações acadêmicas já realizadas, bem como a recolha de materiais a respeito de Lobato na imprensa da Argentina em outros impressos e períodos posteriores ao estudado nesta tese, pois, mesmo não estando dentro do nosso período e foco de análises, serviram para enriquecer nosso material de pesquisa, alargar nosso conhecimento sobre o tema e fortalecer a tese aqui defendida.

Os jornais mencionados foram escolhidos por figurarem entre os mais lidos e influentes diários da época (URE; SCHWARZ, 2014; SIDICARO, 1993). De acordo com Schwarz e Ure (2014):

A construcción del Estado Nacional supuso la creación de medios de prensa destinados a apoyar los proyectos políticos personales de las figuras del momento: el diario La Nación fue lanzado por Bartolomé Mitre y La Prensa, por José C. Paz. (URE; SCHWARZ, 2014, p. 47).

Tais periódicos estão inscritos no chamado “tercer periodismo”, categoria que abarca o período compreendido entre 1900 e 1960, na Argentina, em que as empresas jornalísticas do país assumem dimensões monopólicas. (URE; SCHWARZ, 2014, p. 45-46). O jornal argentino *La Prensa* teve sua primeira publicação em 18 de outubro de 1869 e foi um dos representantes da aristocracia oligárquica do gado pujante à época naquele país (FON, 2014). No ano de 1912, tinha uma tiragem de 520.000 jornais e, no período em que Monteiro Lobato publica na Argentina e chega para morar e trabalhar no país, continua sendo o diário mais combativo e importante em alcance.

(BORRINI, 2014). Assim como o diário *La Nación*, o *La Prensa* também se posicionou contra o peronismo vigente durante a estada de Lobato na capital Argentina, entretanto, a crítica feroz ao governo da época somada a problemas no pagamento de impostos na compra de papel jornal levaram o noticioso a ser expropriado pelo governo do General Perón. Por todo o protagonismo do diário é que ele foi também escolhido para fazer parte da nossa investigação.

O jornal *La Nación* foi fundado em 4 de janeiro de 1870 por Bartolomeu Mitre, militar, intelectual e presidente da Argentina entre os anos de 1862 e 1868. O periódico, que inicialmente tinha caráter panfletário e combativo na política partidária eleitoral, quando ainda se chamava “La Nación Argentina”, seguiu nesta inércia até por volta de 1912. Após esse período, o jornal começa de fato a ser um diário de “doctrina”, como dizia o seu lema, dando início a um processo de modernização e abertura de ideias em que abarcava temas que abrangiam diversos espectros políticos. (SIDICARO, 2014; SABATO, 2014; MOYANO, 2014).

No período em que Monteiro Lobato chega à Argentina e funda a editora *Acteón*, o jornal *La Nación* posicionava-se politicamente como antiperonista⁴, apesar de não apresentar um grau mais alto de violência contra o então governo em seus escritos (SIDICARO, 2014; HOROWICS, 2014). Era um jornal que tratava de diversos temas culturais e possuía um grupo de jornalistas e articulistas em que figuravam escritores famosos como RubenDarío, Jorge Luis Borges, José Ortega y Gasset, entre outros intelectuais, muitos exilados da Espanha em virtude da queda da república naquele país. Por todas essas características é que o jornal *La Nación* foi escolhido como um dos investigados na presente pesquisa.

Já a revista *Billiken* veio a público pela primeira vez em 17 de novembro de 1919 e conquistou o público argentino infantil. O periódico, editado pelo jornalista e escritor uruguaio, radicado na Argentina, Constancio C. Vigil, é fenômeno de vendas e de sobrevivência, já que até hoje é publicado na Argentina (SOARES, 2002). Poucas publicações infantis naquele país, durante a primeira metade do século XX, ultrapassaram as fronteiras escolares e alcançaram o público geral, uma vez que

⁴ A menção à orientação política do jornal se dá porque o livro *La nueva Argentina* (1947), publicado pela editora de Lobato sob o pseudônimo Miguel P. García, apresentava o plano do General Perón às crianças argentinas. O livro também se encontra na biblioteca peronista do Congresso Nacional Argentino. Então, o fato de o jornal ser antiperonista poderia talvez ter influenciado na presença ou não de conteúdos relacionados ao autor naquele jornal. Pode ser uma “pista” sobre o caminho de relações que Lobato costurou na Argentina.

havia empecilhos políticos e religiosos, entretanto, a revista *Billiken* conseguiu essa proeza, tornando-se parte da história de várias gerações de crianças argentinas (SOARES, 2002). Frente ao sucesso da publicação, inclusive durante o momento em que Monteiro Lobato esteve na Argentina, achamos importante incluí-la como objeto de investigação.

Dessa maneira, dividimos o nosso percurso de pesquisa em três momentos. Nesta introdução, entre outras questões de apresentação, detalhamos o caminho trilhado até Lobato à construção do objeto e a explicação da metodologia de pesquisa. Traçamos nossa organização do trabalho, descrevendo o caminho de coleta de dados, a classificação da investigação, incluindo entrevistas realizadas com figuras importantes no cenário da literatura infantil argentina, além de serem antigos leitores de Monteiro Lobato, e a consulta em fontes primárias, mais precisamente nos periódicos *La Prensa*, *La Nación* e *Billiken*.

O primeiro capítulo, MONTEIRO LOBATO, O BRASIL E A ARGENTINA, aborda as possíveis razões para a ida de Monteiro Lobato à Argentina. Através de uma pesquisa biográfica e bibliográfica, discutimos a trajetória de vida de Monteiro Lobato, apontando os fatos que contribuíram para que o escritor tomasse a decisão de ir viver e trabalhar em território argentino. Costurei acontecimentos anteriores à sua ida, tentando compreender todo o contexto que culminou com sua mudança para Buenos Aires e observando que nessa decisão estava em jogo muito mais que apenas “comer bifes”, como afirmou o autor quando de sua partida (CAVALHEIRO, 1962, p. 252).

Evidenciamos várias questões relacionadas com a partida dos escritor, as quais nem sempre estão vinculadas diretamente à produção literária dele. Aqui também nos propomos a mostrar a relação do escritor com a imprensa da Argentina, evidenciando a importância que os periódicos tiveram para a divulgação e a circulação de sua obra. Em seguida, detalhamos o momento histórico vivido pela Argentina de 1938, quando da primeira publicação de *Don Quijote de los niños*, primeira obra infantil de Lobato traduzida e posta em circulação no país do Prata, em 1947, ano em que o escritor retorna ao Brasil definitivamente.

No segundo capítulo, os focos em questão foram MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO EM TERRAS ARGENTINAS: ENTRE TRADUÇÕES, A ADAPTAÇÃO E OBRAS INÉDITAS, em que propomos mapear, apresentar e discutir a produção literária de Monteiro Lobato voltada às

crianças que foram traduzidas e adaptadas para a língua espanhola, abordando mais especificamente o livro de fábulas escolhidas e adaptadas da Coleção *Biblioteca de Oro del Estudiante*, da revista *Antejito*, os folhetos da Coleção *Figuritas - Monteiro Lobato*, coleção de folhetos ilustrados e coloridos, muitos dos quais vieram a público originalmente em língua espanhola, tendo sido traduzidos anos depois de sua publicação na Argentina, e o livro *La nueva Argentina*.

Por fim, em nosso terceiro capítulo, A CIRCULAÇÃO E A RECEPÇÃO DA PRODUÇÃO INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO EM TERRAS ARGENTINAS, evidenciamos os elementos que sinalizam e legitimam a circulação e a recepção das produções lobatianas naquele país.

É de se destacar que as transcrições das entrevistas realizadas encontram-se nos Apêndices do trabalho. Elas foram utilizadas ao longo do estudo para ensejar e dar suporte às discussões dos capítulos dois e três. Além disso, serviram de referência para análises a respeito da recepção, da produção e da circulação das obras de Lobato na Argentina.

2 MONTEIRO LOBATO, O BRASIL E A ARGENTINA

Acreditamos que o percurso de Monteiro Lobato, tanto biográfico como em relação à sua atuação como escritor, editor, tradutor, dentro do contexto brasileiro, já foi amplamente detalhado e publicado. Partindo deste princípio é que, neste trabalho, não vamos entrar pormenorizadamente nos referidos aspectos, mas sim focar no tema central de nosso estudo: circulação e recepção da obra de Monteiro Lobato na Argentina, que serão abordados no segundo capítulo. Para tanto, é necessário que tentemos entender as razões que fizeram o escritor sair do Brasil e adotar como sua casa, durante cerca de um ano, a cidade de Buenos Aires.

Como afirma Lajolo (2000, p. 59), o escrutínio da figura, da vida e da obra de Monteiro Lobato já rendeu muitas páginas pelo olhar de muitos pesquisadores, mas existem três componentes nesta busca que podem construir indagações interessantes a respeito do tão explorado autor. A autora diz:

São sempre as mesmas cartas, as mesmas obras e as mesmas informações, mas por milagre da paixão e da linguagem, quando cruzadas com seu contexto, as pesquisas sugerem e condimentam apaixonadas polêmicas: *Monteiro Lobato foi ou não foi comunista? E como é que ele se dava com Mário de Andrade? O dinheiro que em 1929 ele perdeu na Bolsa de Nova Iorque era dele ou não? Ele era racista?* (LAJOLO, 2000, p. 59, grifos da autora).

Sem a pretensão de querer elucidar tais perguntas sobre Lobato, mas com a ousadia de propor mais uma, é que vamos tentar iluminar mais um pouco os fatos que contribuíram para que o escritor, já se sentindo velho e cansado, além de ser um apaixonado pelo Brasil, empreendesse uma mudança de país. Afinal, por que razão Monteiro Lobato foi viver na Argentina e encarar novos projetos profissionais naquele país? Acreditamos que o caminho que pode levar às respostas a esta pergunta possibilita nos ajudar a entender, além da própria figura icônica do autor, sua atuação em terras Argentinas, suas escolhas editoriais naquele país, a admiração por Perón, e também a forma como se colocou no mercado livreiro argentino. Entretanto, recorreremos mais uma vez a Marisa Lajolo (2000, p. 67) para dizer que o encantamento por Lobato traz muitas perguntas e nem sempre muitas respostas. Segundo a autora:

Antes que as perguntas fiquem embaraçosas, é bom lembrar que uma das prerrogativas do encanto é que ele não dá ouvidos a métodos e muito menos se compromete com detalhes e minúcias. Ao

encanto, basta-lhe o redemoinho das muitas indagações e de algumas respostas, sempre provisórias, quando o que está em jogo é literatura, livros, escritores. Haja o que houver por detrás da cerca, importa mais o vento que canta nas árvores do que o gráfico minucioso das condições atmosféricas. (LAJOLO, 2000, p. 67).

É com esse espírito de curiosidade e encantamento que vamos pensar sobre as razões do (auto)exílio de Lobato, sabendo que falar desses motivos significa contar muitas histórias e conectar muitos contextos.

2.1 Cabia um Monteiro Lobato no Brasil da primeira metade do século XX?

O contexto político brasileiro há muito não parecia ser interessante para o desenvolvimento do trabalho de um escritor, editor e literato vanguardista como Monteiro Lobato. Apesar de que o autor teve grande expressão e vendas nas décadas de 1930 e 1940, de maneira muito sutil, o clima do país pareceu não ser mais tão atrativo a Lobato.

As primeiras décadas do século XX foram bastante conturbadas economicamente e a política oligárquica parecia agonizar diante da necessidade de modernização e industrialização do país. Em 1930, Getúlio Vargas assume o poder após a chamada “Revolução de 1930”, com a deposição de Washington Luís e o impedimento da posse de Júlio Prestes.

Nessa conjuntura que aos poucos foi se tornando cada vez mais centralizadora, o setor educacional sofre bastante influência da igreja católica, apesar do advento da “Escola Nova” já em 1933. A igreja vinha apoiando Getúlio Vargas desde 1930 em uma espécie de relação utilitária, como verificamos na fala de Fausto (1985, p. 333): “A igreja levou a massa da população católica a apoiar o novo governo. Este, em troca, tomou medidas favoráveis em seu favor, destacando-se um decreto de abril de 1931, que permitiu o ensino de religião nas escolas públicas”. O autor acrescenta ainda que [m]esmo no curso da ditadura do Estado Novo (1937-1945), a educação estava impregnada de uma mistura de valores hierárquicos, de conservadorismo nascido da influência católica, sem tomar a forma de uma doutrinação fascista. (FAUSTO, 1994, p. 337).

Naquele período, grandes mudanças foram implantadas na educação brasileira, entretanto, existiam duas correntes que exerciam influência sobre Vargas e que tentavam convencer o presidente de suas ideias. De um lado, a igreja católica; do

outro, os reformadores liberais da Escola Nova. A primeira defendia o ensino religioso nas escolas públicas e privadas, além de enfatizar que as escolas particulares tinham o seu papel. (FAUSTO, 1994, p. 339). Já os entusiastas da chamada “Escola Nova” tinham um olhar mais liberal e defendiam uma escola única para meninos e meninas, a independência da educação em relação à igreja, além de ter um novo olhar para os estudantes, como Silva explica a seguir:

A década de 1930 no Brasil foi um período de grandes reformas no setor educacional, as quais foram empreendidas por adeptos da Escola Nova, divulgadores de ideologias pedagógicas que rejeitavam o dogmatismo da educação até então vigente, na qual a criança era o receptáculo de um conhecimento pronto e inquestionável. Os escolanovistas propunham uma forma de ensinar que considerava as experiências da criança, suas necessidades e interesses, tornando-a “agente” de seu próprio aprendizado. (SILVA, 2011, p. 1).

Essa visão em direção à educação tinha todo um significado para os escritores, sobretudo para Lobato, uma vez que a retórica dogmática vigente vai de encontro às histórias imaginativas e em muitos aspectos inovadoras que ele produzia. O governo acabou não optando necessariamente por nenhuma das duas correntes, mas parecia inclinar-se mais às ideias da igreja católica. (FAUSTO, 1994, p. 340). Apesar desse contexto ideológico conservador, a estruturação de bibliotecas, o incentivo à leitura literária e silenciosa fez com que a obra de Monteiro Lobato circulasse bastante entre os anos 1930 e 1940 no país. (SILVA, 2011, p. 1). Além disso, aquele momento histórico era de esforços para tentar fundar uma literatura, sobretudo infantil, que realmente fosse brasileira e que simbolizasse de fato a identidade do Brasil. Assim sendo, o autor de Taubaté veio dar sua enorme contribuição nesse sentido, produzindo uma literatura inovadora e, por essa razão, muitas vezes incompreendida. Soares (2006) afirma:

O fortalecimento da instituição escolar no Brasil recém republicano e as campanhas em prol da modernização da imagem do país forneceram as condições para a formação do gênero literário infantil entre nós. Em contrapartida, de acordo com Zilberman e Lajolo “os mesmos fatores são responsáveis pelo lastro ideologicamente conservador que nele prevaleceu naqueles anos. (SOARES, 2006, p. 127).

Quando nos deparamos com a questão do conservadorismo durante o referido

período histórico, fica ainda mais clara a valentia de Lobato frente a tantas dificuldades e até verdadeiras perseguições a suas obras. O autor foi caso de polícia em virtude da publicação de suas histórias consideradas subversivas e comunistas. Segundo Carneiro (2002),

[a] polícia não estava sozinha nesta luta contra o comunismo. O literato Monteiro Lobato teve o privilégio, assim como Gilberto Freyre nos anos 30, de ouvir severas críticas da intelectualidade católica, que não ocultou seu olhar censor ao criador da pernóstica Emília, D. Benta, Tia Anastácia, Narizinho e Pedrinho, deliciosas personagens que encantaram o imaginário fantástico de crianças brasileiras do norte e do sul. (CARNEIRO, 2002, p. 155).

Em uma carta do período, mas sem data identificada, o militar João Cabanas⁵ escreve a Monteiro Lobato informando sobre o furor causado nas adolescentes, pelo seu livro, entretanto, comenta sobre a rejeição que a obra do autor causa às freiras onde estuda sua filha, leitora de Lobato:

Você precisava ver o contentamento da minha filha e de sua colega ao receberem a coleção. O telefone não parou, creio que metade de suas colegas colegiais receberam a notícia eufórica de minha filha. Compreende-se a razão da euforia que será a mesma razão das demais.

É que M. Lobato é tabu nos colégios religiosos. Por motivos óbvios. O principal naturalmente decorre da séria concorrência comercial e instrutiva que pode fazer aos editores das revistas infantis americanas, cujos agentes, Roberto Marinho e outros, escondendo este motivo, incutem, entretanto às freiras a ideia de que M. Lobato é leitura perigosa e... subversiva. A ignorância e o fetichismo recebem tudo tranquilamente com umas sobras de donativos para reforço. E sendo como é tabu, o natural é que todas crianças tenham anseios em quebrar a proibição.

Pena é que poucos pais não se dão conta desses anseios.

Cabe a você uma pergunta. Porque tenho a filha nesses colégios. Ela não tem mãe. Precisa estar interna. E internatos só existem em condições condignas de tratamento, os de regime religioso.

(Transcrição do documento CPJ-CP-CAB001 - Carta de João Cabanas a Monteiro Lobato).

Como é possível inferir, Monteiro Lobato chamou a atenção das autoridades governamentais da época, as quais acreditavam que o autor era comunista e temiam que seus livros influenciassem politicamente a população. O autor já apresentava

⁵ Militar Brasileiro atuante no Estado de São Paulo. João Cabanas (1895-1974) foi membro importante do levante tenentista de 1924.

certo desencanto com a realidade do seu país, apesar de suas vendas. Como era um homem atuante e tocado pelas causas sociais de sua época, além de nacionalista e entusiasta do desenvolvimento do Brasil, as dificuldades e instabilidades pelas quais o país navegava havia algum tempo fizeram com que o autor demonstrasse nas cartas ao seu melhor amigo, Godofredo Rangel, seu desconforto com a situação do país, bem como seu estado de espírito melancólico. A morte era um tema recorrente em suas cartas, ao lado dos assuntos sobre as questões políticas e sociais, a seu ver, sempre não resolvidas.

São Paulo, 1 de junho de 1938 [...]

Que aconteceu com nosso Ricardo? Passou do estado sólido para o gasoso, e simplesmente por isso se tornou invisível aos nossos olhos. Nada mais. Eu ando tão enjoado deste UFB e desta terra, cujos dirigentes tanto me atrapalham no ferro e no petróleo, que só aspiro uma coisa, passar para o estado gasoso e dar parabéns ao “gás Ricardo” pela sabedoria com que resolveu aos 20 e poucos anos o problema com que arcamos ainda. Rangel, que horror a vida dentro da atmosfera da incompreensão, da inveja e da malevolência nacional! O supremo gosto entre nós é ver alguém cair, fracassar, levar a breca. Começo a duvidar da viabilidade de nossa sub-raça. (LOBATO, 2010, p. 544).

O cansaço, o sentimento de impotência e de inutilidade apareceram durante muitos anos nas cartas de Lobato a vários amigos com quem se correspondeu até o dia de sua morte. Esses sentimentos, se não eram endógenos, ao examinar a história de vida e obra do autor, são bastante compreensíveis, dados os muitos projetos fracassados e barrados pela burocracia brasileira da época, que, apesar de passados os anos, ainda assombra muitos empreendedores no Brasil. Como pessoa de muitos sonhos e tendo aptidão para lutar por todos, o escritor lançou-se a muitos embates políticos e desgastantes discórdias com os governos que coexistiram à sua época. Muitas vezes sendo incompreendido, hoje talvez seja mais simples entender algumas das razões pelas quais Lobato parecia fora de lugar, a começar pela originalidade que imprimiu em muitas de suas histórias, como afirma Becker (2011, p. 3):

Sua personagem Emília, por seu caráter transgressor, não condiz com a imagem que se espera de uma frágil boneca de pano. O olhar visionário de Monteiro Lobato não se contenta em surpreender seus leitores pela singularidade de suas criações literárias, mas faz questão de lhes conferir atributos que não se coadunam com seu tempo. (BECKER, 2011, p. 3).

Além de suas fortes posições políticas expostas sem rodeios, o autor parecia ter em sua obra seu maior ponto de inovação, cujas provas estão em seus escritos e mais ainda no impacto gerado por eles à época, como o fato de ter livros proibidos e até queimados. Lobato antecipou a linguagem coloquial modernista, deu um salto de qualidade na literatura infantil, pois inseriu um aspecto de reflexão e de debates sobre assuntos de seu tempo ou históricos às suas histórias, e fez tudo isso em uma linguagem inteligível às crianças. (SANDRONI, 1987, p. 47; 1997, p. 32). Assim sendo, o escritor precisou conviver com as consequências de ser um desbravador, um indivíduo que em muitos aspectos pensava além do que seu contexto abarcava.

2.2 Um Brasil sonhado e não realizado: Monteiro Lobato luta pelo ferro e pelo petróleo

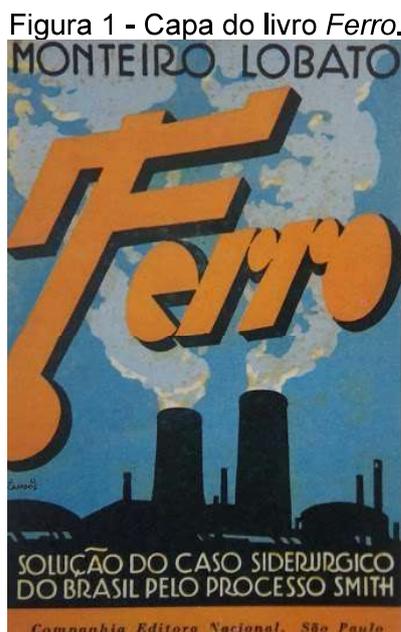
É surpreendente que um escritor que tenha produzido tanto quanto Monteiro Lobato também tenha participado tão ativamente das lutas pela construção de um Brasil que, à época, era rural e tinha pouco mais de 30.000 habitantes - lutas estas sociais e políticas.

O sonhador Lobato era incansável e usava as armas que tinha, o cérebro e a escrita, para chamar a atenção de autoridades para questões que, a seu ver, eram fundamentais para o desenvolvimento do país. Analisando a atuação do autor de Taubaté como cidadão, escritor e empreendedor a partir dos olhos atuais, momento em que é tão fácil se pronunciar contra ou a favor de qualquer coisa através das redes sociais, mas, mesmo assim, nem sempre se encontra ações, além das críticas que muitos fazem, entendemos como Lobato foi um homem que viveu ardentemente sua vida, suas crenças e que de fato batalhou pelos seus ideais. Para quem o conhece pelo viés da sua produção de obras infantis, é curioso entender que essa foi apenas uma parte de sua vida, pois ele atuou de maneira marcante em muitas outras áreas, além da literatura infantil e adulta, sendo apreendedor do ferro, do petróleo, alavancando projetos que envolviam campanhas de saúde pública, trabalhando como adido comercial nos Estados Unidos e em uma variedade de áreas que esta tese não comporta. (LAJOLO; SCHWARCS, 2019, p. 44-45).

Desde o final dos anos 1920, Lobato envolveu-se de maneira contundente em campanhas por soluções dos problemas brasileiros, notadamente a questão do ferro e do petróleo foram os pontos fundamentais da sua luta pelo desenvolvimento

do país a partir de então. As batalhas travadas pelo autor nesse sentido renderam para ele grandes dissabores e desgastes profundos com o governo de Getúlio Vargas.

Durante 1928 e 1935, o tema da siderurgia no Brasil foi muito presente na vida de Monteiro Lobato. (LANDGRAF; LAJOLO, 2014, p. 235). Também era assunto recorrente aos preocupados com os problemas e o futuro do Brasil. Em 1927, o escritor, após a falência de sua editora em São Paulo, em virtude da seca do período, foi indicado para trabalhar no Estados Unidos como adido comercial. Influenciado pelo que viu naquele país, ficou encantado pela possibilidade de trazer para o Brasil a tecnologia Smith como solução para o caso siderúrgico do país. Apaixonado como sempre, Lobato publica, em 1931, o livro *Ferro – Solução do caso siderúrgico do Brasil pelo processo Smith*.



Fonte: Arquivos da autora.

Na obra, ele defende a abertura de muitas pequenas siderúrgicas a carvão vegetal, dadas as poucas reservas de carvão mineral existentes no Brasil. A empolgação foi tanta que ele chegou a fundar, junto com os empresários Fortunato Bulcão e Edmund Raeffrey, o Sindicato Nacional de Comercio e Indústria S/A. Em 1933, ele, em sociedade com Afrânio do Amaral, abre a Companhia Nacional do Ferro Puro, em mais uma tentativa de colocar seus ideais em prática (LANDGRAF; LAJOLO, 2014). Infelizmente, seus planos não resultaram conforme o planejado, como explicam Landgraf e Lajolo (2014, p 243):

A proposta da produção de ferro pelo método do Dr. Smith não evolui como ele imaginara. Neste caso, o moinho de vento de Lobato de la Mancha foi o alto-forno. Lobato declarou que o alto-forno estava “ferido de morte” no título do capítulo 6, em 1931, na caudinha da edição de 1946, que o retumbante alto-forno a carvão mineral defendido por Edmundo de Macedo Soares (1901-1939) e inaugurado pelo presidente Dutra em 1946, na CSN, seria “o elefante branco de Volta Redonda, cujo fracasso já é admitido por todos”. (LANDGRAF; LAJOLO, 2014, p. 243).

Na realidade, o que aconteceu foi o contrário. O forno no qual Lobato não acreditava como solução para o país foi exatamente o que obteve investimento do governo e que progrediu para o sucesso. Independentemente da validade da sua proposta, Lobato não convenceu as autoridades a direcionarem investimentos necessários à sua empreitada, somando, assim, ao seu *hall* de não realizações e desilusões com o governo do país os esforços para a implantação do método Smith na produção siderúrgica brasileira.

Segundo Landgraf e Lajolo (2014), o objetivo do Sindicato Nacional montado por Lobato e outros empresários era, conforme ata publicada no *Diário Oficial*, promover a companhia siderúrgica que iria montar a primeira fábrica de ferro esponja no Brasil. Seu sócio, Fortunado Bulcão, tinha a responsabilidade de atuar junto às autoridades governamentais para conseguir apoio federal para a empreitada. Entretanto,

[a] dificuldade em obter isso leva Lobato a acreditar inicialmente que era uma inabilidade de Bulcão. Lobato vai ao Rio para dar melhor encaminhamento. Seu insucesso finalmente o leva a desistir do governo e a pretender buscar recursos privados, mas o assunto do petróleo iria ocupar sua mente dali em diante. Pode-se dizer que foi sua experiência com o ferro que o levou à postura privatista. (LANDGRAF; LAJOLO, 2014, p. 244).

É necessário falar sobre a variedade de projetos empreendidos por Monteiro Lobato, para que tentemos entender o que o levou a sair do Brasil e ir para a Argentina, pois muito de sua desilusão com seu país Natal se deu pelas tentativas frustradas de alavancá-lo rumo ao desenvolvimento e ter esbarrado em problemas de ordem política e burocrática.

Após as tentativas frustradas de investir no ramo da siderurgia, Lobato encontra no petróleo uma razão pela qual lutar mais uma vez. Pioneiro da causa do petróleo brasileiro, o escritor apostava alto que o ouro negro seria parte da solução de todos

os problemas do país, pois com ele haveria dinheiro para que o país pudesse investir em tudo quanto fosse necessário.

Já em 1932, Lobato funda a Companhia Petróleos do Brasil, a CPB, e dá o pontapé inicial à busca pelo tão sonhado sangue negro da terra (CHIARADIA; LAJOLO, 2014, p. 287). Em anúncio publicado no diário *Correio de São Paulo*, no dia 17 de abril de 1932, e no jornal *Estado de São Paulo*, em 23 de setembro de 1933, a Companhia Petróleos do Brasil e a, em organização, Companhia Petróleo Nacional S/A, das quais Lobato era presidente e incorporador, respectivamente, publicaram chamados aos interessados em serem acionistas das duas empresas para angariar recursos suficientes para a realização da retirada de petróleo do solo brasileiro. Nas publicações, as empresas falam das grandes cifras envolvidas no negócio do petróleo e dão notícias da situação em que se encontravam as perfurações e quais eram as expectativas de lucros para quem arriscasse o investimento.

Não se trata, portanto, de vestígios, mas de petróleo real, e talvez já explorável nesse veio, e igualmente indicativo de que a localização da sonda é das mais felizes, devendo, em maior profundidade, surgir em grande abundância o precioso ouro negro, tão necessário ao reerguimento econômico da nossa terra. (CORREIO DE SÃO PAULO, 23 DE SETEMBRO DE 1933, p. 2).

Observamos a grande energia envolvida no empreendimento petrolífero de então. O chamamento ao povo para que investisse na promessa do petróleo trouxe uma grande responsabilidade às empresas das quais Lobato fazia parte, pois firmou-se um compromisso com terceiros, somando-se uma razão a mais para sua revolta perante a, em sua opinião, sabotagem do governo.

As notícias sobre a descoberta de petróleo começaram a “pipocar” nos jornais, e vieram à localidade Riacho Doce, em Alagoas, trazendo muitas esperanças aos brasileiros e a Lobato, como é possível ver em publicação veiculada no jornal *Correio de São Paulo*, no dia 31 de dezembro de 1935.

MACEIÓ, 30, (A. B.) (Pelo correio Aéreo) – A questão do petróleo neste Estado atingiu o seu ponto culminante. Sabemos de fonte autorizada que, na corrente semana, se encerra a fase inicial de simples pesquisas para iniciar-se período das realizações. Com efeito, aqui se acha, desde há dias, o sr. Monteiro Lobato, que é a personalidade central de todas as iniciativas em andamento para a solução do problema. Antes de sua chegada, a Assembléa Legislativa e o Executivo sancionou uma lei autorizando o governo a mandar

proceder aos trabalhos e pesquisas geophysicas de caracter definitivo no sub-solo alagoano, principalmente nos poços abertos no Riacho Doce pela Companhia Nacional de Petróleo S. S., que é conhecida como líder do petróleo no Brasil, fio recebido pelo governo e pela Assembléa Legislativa, em sessão especial, sendo repetidas as suas conferencias com o governador dr. Osman Loureiro.

Anuncia-se a próxima chegada de um geólogo representante de uma firma especializada, conceituada nos maiores centros petrolíferos mundiais, que vem firmar contracto para os trabalhos finaes de pesquisas e consequentemente financiamento para a exploração industrial e commercial. O contracto de pesquisas é feito com o governo do Estado que, em consecuencia dele, irá aperceber-se de todos o aparelhamento e serviços indispensáveis à instalação e funcionamento do Departamento de Petróleo. O de financiamento será a Companhia nacional, a quem serão abertos créditos largos para a exploração de seus poços, com refinarias, depósitos, navios tanques, transportes e depósitos em geral. Todos esses contractos são realizados sem nenhuma interferência da firma contratante na vida interna das empresas nacionais.

A expectativa da prioridade na exploração do petróleo em Alagoas desperta um enorme interesse em todo o nordeste, onde corre a notícias de que se estão resolvendo as bases de uma acção conjugada entre os governos dos Estados vizinhos, cujas formações geológicas muito se assemelham ou se equipam, quanto às possibilidades de jazidas petrolíferas. As regiões do nordeste que em períodos anteriores já tiveram um papel de relevo o de predomínio no paíz, parecem predestinadas a retomar o grande surto do passado. Causou aqui sensação a reportagem pelo "ZURISH Zeitung", publicação de grande autoridade e circulação na Suíssa, dando como oficialmente descoberto o petróleo em Alagoas, e divulgando analyses, com um luxo de minucias, que evidenciam estarem os homens do estrangeiro mais bem informados do que nós sobre tudo que se relaciona com o problema combustível. Todas as atenções encontram-se, por isso, voltadas para o Riacho Doce, de onde se esperam nestes dias, acontecimentos de alta repercussão sobre a vida econômica do paíz, e de que mandaremos seguras informações. (CORREIO DE SÃO PAULO, 31 DE DEZEMBRO DE 1935, p. 1).

A notícia fala sobre a veiculação de informações detalhadas sobre o petróleo no Brasil em um jornal suíço, o que talvez não tenha sido por acaso, já que Lobato trabalhava em conjunto com um geólogo suíço que emigrou para o Brasil nos anos 1920, Charles Frankie. Talvez, como estratégia para chamar a atenção das autoridades brasileiras para a causa do petróleo, Lobato, em conjunto com Frankie, tenha feito chegar as informações pormenorizadas ao jornal suíço.

As primeiras provas da existência de petróleo no Brasil se deram na cidade de Riacho Doce, em Alagoas, e foram determinantes para a proposição de outra companhia, a Companhia de Petróleo Nacional, CPN, segunda sociedade petrolífera da qual Lobato participa e que passaria a atuar localmente nas prospecções em Alagoas. Charles

Frankie* foi o responsável pelos trabalhos de campo dessas perfurações. (CHIARADIA, 2009, p. 69, *apud*, LAJOLO; CECCANTINI, 2009).

Com a aprovação, em 1934, da lei de minas, novamente os planos de Lobato e de seus associados nas empresas petrolíferas são frustrados.

. Com o novocódigo de minas, Getúlio Vargas instituiu a separação entre a propriedade do solo e subsolo no Brasil, regramento que afetou diretamente a exploração de petróleo. Na prática, o subsolo brasileiro, a partir de então, pertenceria unicamente ao Estado. Com intuito de preservar as riquezas minerais do país e evitar que elas fossem exploradas por estrangeiros, o presidente também prejudicou as empresas brasileiras que tinham essa intenção, das quais Monteiro Lobato também fazia parte. Em relação a isso, o escritor afirmava que, na verdade, havia “interesses ocultos” nesta lei de minas, já que acaba beneficiando o *trust* estadunidense Standard Oil, empresa que, segundo ele, tinha pessoas de sua confiança, Fleury da Rocha, trabalhando junto com o governo de Vargas, com o intuito de embaraçar e sabotar qualquer tentativa de que a produção de petróleo no Brasil decolasse (CHIARADIA; LAJOLO, 2014).

Na tentativa de lutar contra todos os reveses no processo de prospecção do petróleo no Brasil, Lobato lança mão de suas armas, escrevendo livros, artigos e dando entrevistas sobre a situação que vem observando e as dificuldades de todas as ordens que vem enfrentando nesse sentido. Em 1935, ele traduz o livro de Essad Bey, *A luta pelo petróleo*, para o qual escreve um prefácio denunciando o “escandalosíssimo” caso da sabotagem do petróleo em Alagoas. Prefaciando a obra, Lobato faz como um chamamento à população pela independência econômica do Brasil, além de acusar contundentemente órgãos do governo envolvidos com a geologia e extração de petróleo do subsolo brasileiro (CHIARADIA, 2014, p. 296, *apud* LAJOLO, 2014 *apud* BEY, 1935).

Figura 2 - Capa do livro *A luta pelo petróleo*.



Fonte: Arquivos da autora.

Como parte de seus esforços para divulgar as sabotagens ao empreendimento do petróleo, Lobato segue escrevendo e denunciando a realidade de quem trabalhava para que seus ideais frutificassem.

Lobato falava e escrevia a governadores, interventores, secretários, ministros e até mesmo ao presidente da República. Dava sugestões sobre métodos e estratégias a serem adotados pelos Estados nas prospecções; Acusava abertamente Fleury da Rocha e todo o corpo de técnicos do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), ao qual denominava “Camorra”, expressão pejorativa ligada à Máfia italiana. Não os poupava nem em cartas, nem em seu livro *O escândalo do petróleo*. (CHIARADIA; LAJOLO, 2014, p. 289).

Em 13 de janeiro 1935, o notável escritor envia carta ao então presidente da República Getúlio Vargas, pormenorizando os problemas que o têm afligido no empreendimento pela extração de petróleo e dando sugestões para a resolução de tais questões. Lobato chega a pedir “pelo amor de Deus” para que o presidente leia sua carta.

Sr. Getúlio Vargas, esta vai acompanhando uma exposição confidencial sobre o caso do petróleo no Brasil e um plano prático para a solução do problema. Nada tiramos ainda do nosso sub-solo, cujas riquezas ocultas devem ser, tem de ser imensas. O meu plano corresponde ao primeiro passo para a mobilização dessas riquezas. Há na exposição uma estatística que impressiona. Os Estados Unidos tiram anualmente do seu sub-solo quase 6 bilhões de dólares. Nós, praticamente nada. Vivemos apenas arranhando a superfície do solo.

Não se espante com o volume da minha exposição, nem com a filosofia inicial, o assunto era vasto demais; o mínimo que podia ser dito foi o que disse. Pelo amor de Deus, leia-a. Tenho certeza de que se a ler, algo de bom resultará para o nosso país. (CARTA A GETÚLIO VARGAS, 13 DE JANEIRO DE 1935).

Demonstrando todo o interesse, tal a energia que despendia com o tema, dias depois, Lobato escreve novamente ao presidente em busca da confirmação do recebimento e da leitura de sua carta, que era quase um dossiê do problema petrolífero brasileiro.

São Paulo, 20 de janeiro de 1935

Dr. Getúlio Vargas

Por intermédio do meu amigo Rôndal de Carvalho, procurei no dia 15 do corrente, fazer chegar ao seu conhecimento uma exposição confidencial sobre o caso do petróleo, estou na incerteza se esse escrito chegou a destino. Talvez se perdesse no desastre do dia 20. E como se trata de documento de muita importância pelas revelações que faz, seria de toda conveniência que eu fosse informado a respeito. Nele denuncio as manobras da Standard Oil para senhorear-se das nossas melhores terras potencialmente petrolíferas, confissão feita em carta pelo próprio diretor dos serviços geológicos da Standard Oil of Argentina, que é o tentáculo do polvo que manipula o Brasil. E isso com a cooperação efetiva do sr. Victor Oppenheim e Mark Malamphy, elementos seus que essa companhia insinuou ou no Serviço Geológico e agora dirigem tudo lá, sob o olho palerma e inocentíssimo do dr. Fleuri da Rocha. É de tal valor a confissão, que se eu der a público com os respectivos comentários o público ficará seriamente abalado.

Acabo agora de obter mais uma prova da duplicidade desse Oppenheim, cornaca do Fleuri. Em comunicação reservada que ele enviou para a Argentina ele diz justamente o contrário, quanto às possibilidades petrolíferas do Sul do Brasil, do que faz aqui o Fleuri pelos jornais, com o objetivo de embaraçar a marcha dos trabalhos da Companhia Petróleos.

O assunto é extremamente sério e faz jus ao exame sereno do Presidente da República, pois que as nossas melhores jazidas de minérios já caíram em mãos estrangeiras e no passo em que as coisas vão o mesmo se dará com as terras potencialmente petrolíferas. E já hoje ninguém poderá negar isso visto que tenho uma carta em que o chefe dos serviços geológicos da Standard ingenuamente confessa tudo, e declara que a intenção dessa companhia é manter o Brasil em estado de "escravização petrolífera".

Aproveito o ensejo para lembrar que ainda não recebi os papéis, ou estudos preliminares do serviço que V. Excia. Tinha em vista organizar, por ocasião do encontro que tivemos em fins do ano passado, no Palácio Guanabara.

Respeitosamente,

J. B. Monteiro Lobato
(CARTA DE LOBATO A GETÚLIO VARGAS EM 20 DE JANEIRO DE 1935).

Em agosto de 1935, o escritor e entusiasta do petróleo parece estar saturado de tanto lutar amigavelmente e de tanto repetir o mesmo discurso em pedidos às autoridades. Em tom já diferente das cartas anteriores, Lobato parece decretar guerra ao *modus operandi* do governo para com a problemática do petróleo. Em nova carta ao presidente da república, o autor pede “remédio urgente” para as burocracias estabelecidas para desgraça da empresa de que é presidente, a Petróleos do Brasil, e fala de “crime imperdoável” o que o governo tem feito para embaraçar todo o processo instalado com o intuito de extrair petróleo.

São Paulo, 19 de agosto de 1935

Dr. Getúlio Vargas
Rio de Janeiro
Excelentíssimo Senhor:

Conforme previ na última audiência que me foi concedida a 15 do corrente, há alguém interessado em embaraçar a ação da Cia Petróleos do Brasil, dificultando a obtenção da autorização para que ela siga seu curso natural, fora das restrições do Decreto nº 20.799, que, em requerimento ao Ministério da Agricultura, foi pedida. E como V. Excia. me autorizou, neste caso, a recorrer diretamente a V. Excia., como guardião que é dos verdadeiros interesses nacionais, sou forçado a lançar mão desse recurso.

Negam-nos a autorização pedida, dificultando, retardando, protelando o necessário decreto. Isso vem impossibilitar a atividade da Cia Petróleos do Brasil. Os homens contratados à custa de tanto sacrifício monetário para procederem em nosso território quatro meses de provas, nada poderão fazer já que a companhia que os contratou não pode fazer contratos de opção nos terrenos a serem examinados. E desse modo terão de regressar para a América do Norte sem que o Brasil se beneficie das vantagens incomensuráveis da série de provas previstas e para as quais a nossa empresa se formou.

Isso constitui um crime imperdoável, além de denunciar de modo esmagador que há gente paga por estrangeiros para que o Brasil não tenha nunca o seu petróleo. Em vez de, pelas funções de seus cargos, esses homens tudo fazerem para que tenhamos petróleo, quanto antes, tudo fazem para que não o tenhamos nunca. O caso é, pois, desses que pede a imediata intervenção de homens que, como V. Excia., só têm em vista os altos interesses do País.

Assim, de acordo com a promessa que V. Excia. me fez, venho denunciar a manobra da sabotagem burocrática e pedir o remédio

urgente.

Respeitosamente subscrevo-me de V. Excia. Atento servidor Monteiro Lobato.

(CARTA DE LOBATO A GETÚLIO VARGAS EM 20 DE JANEIRO DE 1935).

No mesmo mês de 1935, Lobato, em entrevista divulgada no *Correio de S. Paulo* e intitulada “Camorra contra o Petróleo: denunciada ao paiz a criminosa atividade de technicos federaes em Alagôas.”, denuncia a sabotagem do governo quando da detecção de petróleo em Riacho Doce, Alagoas.

Figura 3 - Denúncia de Lobato publicada no jornal *Correio de S. Paulo* em agosto de 1935.

RUA LIBERIO BADARY, 73
TELEPHONE: 2-2992

Propriedade da Empresa Paulista Jornalística Ltd.

END. TELEGE: "CORSPAU"
CAIXA POSTAL: - 2749

ANNO IV PEDRO FERRAZ DO AMARAL S. PAULO — 26 de Agosto de 1935 Gerente: PAULO GOULART PRANTEADO NUM. 986

A camorra contra o petroleo

Denunciada ao paiz a criminosa actividade de technicos federaes em Alagôas — O sincero interesse do governo paulista por que jorre petroleo em nosso Estado

Monteiro Lobato fala ao "Correio de S. Paulo"

A propósito das ultimas noticias de Alagoas, relativas ao apuramento de petroleo nas terras do Estado, procuramos ouvir Monteiro Lobato, o grande escritor, que, ha longos annos, se fez o almejo da cultura do oco no Brasil.

Observamos que a noticia ueve a viracidade de espirito, que delle faz uma das mais interessantes personalidades.

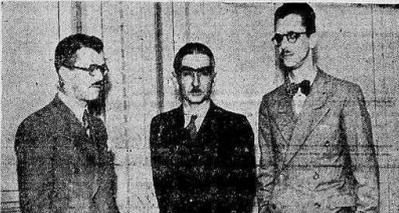
Imaginamos, vivo, aqui, terivel na analise, caustico na critica, tem sempre a imagem nitida e justa, a observacao, acurada e o juto hieldo de um investigador que, face de conjecturas de pura intuição.

O admiravel critica, "Camorra contra o petroleo" é um livro batalhador pela grandeza de seu puno, proccandibor a nossa qualidade e não nos enganados. Sua tematica é cada vez mais jita. A's portas da victoria, é do vicio espirito com elegancia, é acutillar a fundo.

Dito no mais, acceno da referenda.

Infelizmente, do muito que nos revolta, pouco podemos publicar. Uma coisa, porém, aduzidamente: — o problema do petroleo em São Paulo, graças a bravura e ao civismo de Lobato, que o acaba de criticar, o governo do Estado, está resolvido.

São que não astriccio, não liberará forças que o impoçam. Abordando o honno illustre entrevistado, perguntamos-lhe: — Como são? Ha quatro annos que camorra desastrosa...



Cambucy á
e hoje

Fonte: Acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Trechos da entrevista também podem ser visualizados a seguir.

A realidade é tão absurda, tão monstruosa, é tão inacreditável, enfim que somos levados fatalmente à conclusão de que estamos sendo vítimas dum terrível golpe desferido na sombra pelo imperialismo insinuante de certo *trust* em pânico, etc., por intermédio do Tortulho Geológico, como diz Monteiro Lobato...

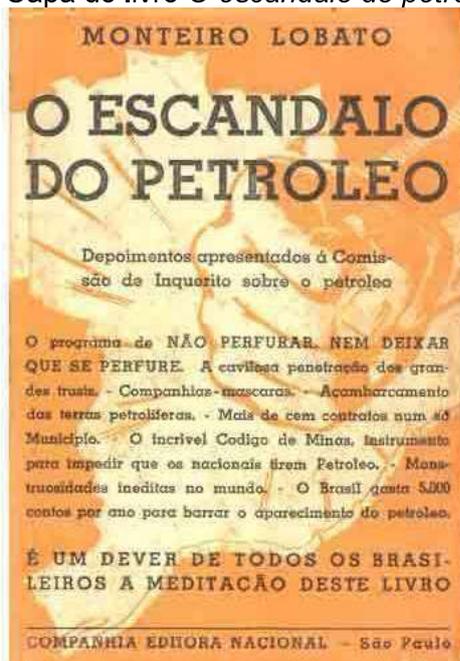
Há quatro anos que me venho dedicando exclusivamente ao problema do petróleo e nada do que ocorre me escapa. Que deu o primeiro golpe na terrível camorra geológica que acaba de ser desmascarada pelo dr. Osmar Loureiro, Governador de Alagoas, fui eu na contra-ofensiva que abriu contra o famoso Eusebio de Oliveira, o chefe da Máfia naquele tempo. Mas tive de bater-me sozinho, absolutamente sozinho. Aos jornaes e a gente de responsabilidade soavam como absurdo as acusações que eu fazia, hoje tudo está confirmado.

(CORREIO DE SÃO PAULO, AGOSTO DE 1935).

Em 1936, lança seu livro descrevendo a sua luta pelo petróleo no Brasil, O

escândalo do petróleo (1936). A obra resulta da “epopeia” que durou dezanos, na qual o escritor muito se esforçou pela modernização do Brasil. Lobato, além de contextualizar o petróleo brasileiro no contexto global, denuncia a inoperância do governo brasileiro em descobrir e encorajar a exploração do ouro negro (CHIARADIA; LAJOLO, 2014, p. 283).

Figura 4 - Capa do livro *O escândalo do petróleo* (1936).



Fonte: Arquivos da autora.

Em 1937, Lobato, não esquecendo do seu grande público infantil, lança *O poço do Visconde* (1937), falando de um tema tão sério e atual para a época para as crianças brasileiras.

Figura 5 - Capa do livro *O poço do Visconde* (1937).



Fonte: Arquivos da autora.

O petróleo realmente dominou a vida do autor neste período, o que o fez levá-lo também para o Sítio do Pica-Pau amarelo e mais uma vez “chamar” Dona Benta para mostrar como é que se age quando o assunto é da maior importância. Em dezoito capítulos, Monteiro Lobato explica às crianças desde a parte geológica, passando pela descoberta do maravilhoso sangue da terra, até a prosperidade trazida pelo dinheiro que o petróleo trouxe. Durante o processo de descoberta do petróleo no sítio, sucedem acontecimentos não muito diferentes do que Lobato relatava na realidade:

— Que tal o nosso perfurador, Quindim?

O rinoceronte torceu o focinho. — Inda não sei — disse ele. — Conversamos longamente sobre perfurações e vários assuntos de petróleo, mas não sei...

— Que é que não sabe? — Não sei se este homem merece confiança. Pode ser um agente dos tais trustes que não querem que o Brasil tenha petróleo; pode ser um perfurador subornado, que venha sabotar o nosso poço... Os meninos ficaram apreensivos. Muito sério o perigo, na realidade. No negócio do petróleo dão-se traições tremendas, sabotagens, incêndios, mortes trágicas...

— Mas acha-o com cara de sabotador de poço? — insistiu Pedrinho.

— Os sabotadores não trazem nenhum S na testa — respondeu Quindim. — Apenas estou avisando. Sinto um cheiro de sabotagem no ar... — Como fazer, então? Nosso contrato com esse homem já está assinado... (LOBATO, 1965, p. 81).

O último capítulo fala do triunfo de Dona Benta, numa aparente forma de catarse da sua experiência real com o petróleo brasileiro. No livro, Dona Benta tem sucesso na empreitada e consegue desenvolver a região onde o sítio está inserido

(LOBATO, 1965, p. 169), diferentemente do que aconteceu na vida real de Lobato. No ano de 1938, mesmo ano de publicação de *O poço do Visconde*, o escritor edita sua primeira obra infantil traduzida para o espanhol na Argentina: *Don Quijote de los niños*, com tradução de Benjamin de Garay, editado pela editora Claridad.

Em maio de 1940, o autor do Sítio do Pica-Pau amarelo recorre uma vez mais as suas inflamadas cartas para reivindicar atenção aos seus argumentos sobre a causa do petróleo no Brasil. Lobato envia duas missivas semelhantes de sete páginas, uma para o general Góes Monteiro em 3 de maio, então presidente do Conselho Nacional do Petróleo e Chefe do Estado-Maior do Exército e outra, no dia 5 de maio, para o próprio presidente da República, o sr. Getúlio Vargas. Na carta, o autor mostra-se decepcionado e enraivecido com a atuação do conselho que decidia sobre a extração do petróleo e também a respeito da inércia do presidente que, em sua visão, nada fazia para barrar as impropriedades do conselho. Na carta, Lobato chega a escrever como se estivesse expressando-se oralmente, dadas as expressões impulsivas que se encontram no documento.

Que diabos, sr. Getúlio! Será que nosso destino é o que Hitler deixou entrever em seu livro? “Não se pode admitir que, enquanto os países mais capazes do mundo sofrem de congestão demográfica, enormes territórios permaneçam desertos e sem desenvolvimentos, ocupados por povos incapazes”, disse ele. (CARTA DE LOBATO A GETÚLIO VARGAS, 08 de maio de 1940).

A carta era pedagogicamente dividida em dez partes bem organizadas, a saber: (1) Um parágrafo introdutório breve; (2) Histórico; (3) *Qui prodest?*; (4) Destruição das companhias nacionais; (5) Os pretextos; (6) A ineficiência oficial; (7) Que cumpre fazer?; (8) O tiro de misericórdia; (9) Sofisma; (10) Resumo.

Lobato parece querer que não haja dúvidas sobre o que ele sabe e a respeito do que ele espera que se faça sobre os problemas relatados. Na missiva há críticas abertas, dignas da coragem do autor em expor os acontecimentos. O escritor acusa a *Standart Oil* de ser a culpada pela sabotagem das tentativas das empresas brasileiras em retirar petróleo do solo brasileiro, pois argumenta que a empresa estadunidense é a única beneficiada pela burocracia e pela ineficiência do estado brasileiro em embaraçar o trabalho das empresas do ramo no Brasil. E explica:

Na investigação dum crime o primeiro passo dos criminologistas é

estudar quem o crime aproveita. QUI PRODEST? – A QUEM APROVEITA? Pois bem, não há um só ato do CONSELHO que, próxima ou remotamente, não aproveite ao polvo Standard Oil, e só a ele... (CARTA DE LOBATO A GETÚLIO VARGAS, 08 DE MAIO DE 1940).

Um ponto que irritava Lobato profundamente era o fato de que o governo não permitia que as empresas brasileiras extraíssem petróleo com o argumento de que o solo era propriedade de Estado e as reservas do ouro negro seriam nacionalizadas, mas isso também não foi feito. Para Lobato, se o governo pretendia estatizar o petróleo, que o fizesse e indenizasse os acionistas das empresas privadas que acreditaram no projeto, mas isso não foi feito.

Se há intenção de monopólio, o honesto, o decente, seria oficializar o petróleo e encampar as empresas, indenizando os acionistas. Esses acionistas, aos milhares, são gente do povo que, por um mero idealismo, empatou suas magras economias em ações e empresas que os capitalistas grandes refugavam. [...] Para não restituir o dinheiro dessa pobre gente o Conselho foge de adotar a encampação: prefere ir matando as empresas no garrote, uma por uma. É ou não é uma perfeita infâmia, General? (CARTA DE LOBATO A GETÚLIO VARGAS, 08 DE MAIO DE 1940).

Sobre o funcionamento da empresa de Lobato, sua atuação na extração do petróleo e os prejuízos causados pelo seu insucesso, o escritor Paulo Dantas afirma em um especial de 100 anos de Lobato na Rede Globo que:

[...] Chegou a funcionar e foi um fracasso maravilhoso. Deu prejuízo a muita gente, e o Lobato, coitado, ficou preocupado com aquele dinheiro perdido do povo. Mas ele ficou comovido porque tocou no coração do povo. E o povo queria apoiar Lobato na sua luta pelo petróleo. [...] Sobretudo o povo colocou dinheiro nessa empresa, trabalhadores, operários. E o que mais comoveu Lobato foi justamente a presença do nordestino nesta campanha.⁶

A filha de Lobato, Marta Lobato Campos, também afirmou, em entrevista à Rede Globo, em 1982, que o pai investiu todo o dinheiro que tinha no negócio do petróleo, além do dinheiro de todas as pessoas que também perderam seus investimentos nesta causa. Marta confirma que Lobato foi muito combatido, porque havia um grupo que achava que não podia ter petróleo no Brasil.

⁶ Transcrição da fala do entrevistado no especial de 100 anos de Lobato na Rede Globo. Disponível em: <https://youtu.be/ozrWJz-btI0>. Acesso em: 1 ago. 2018.

Fica claro que toda a situação vivida nos dez anos em que Lobato trabalhou pela extração de petróleo no Brasil, notadamente as perdas geradas a terceiros, foi responsável por grande desgosto do autor para com o Brasil. Ao fim da missiva enviada ao presidente da República, Lobato demonstra sua desilusão sobre a inércia do governo, sua burocracia e mostra as consequências de tudo isso fazendo o seguinte resumo:

O decreto 2.179 arruína a indústria nacional das refinarias; Aniquila no berço as companhias nacionais de pesquisa e produção de petróleo; paraliza todas as iniciativas privadas neste setor; inviabiliza a formação de empresas novas e PERPETUA a nossa situação de colônia econômica dos *trusts* internacionais.

QUI PRODEST? A quem aproveita esta política? Ao Brasil? Não. Ao Grande Polvo Standard Oil Company... E será possível, Sr. Getúlio, que o senhor permita tal monstruosidade em seu Governo?

Dr. Getúlio, o senhor tem uma responsabilidade tremenda nos destinos do Brasil, maior que a de qualquer outro presidente. [...] O povo sorri e pergunta QUI PRODEST? E como tal política só aproveita aos trusts internacionais, lamenta que o homem que pode libertá-lo, que tem nas mãos as armas para conferirmos o 13 de maio econômico deixe de fazer – iludido pela voz de sereia dos interesses encapotados, e surdo à voz do Brasil, que só se manifesta através de criaturas sem forças e sem manhas, como por exemplo esse triste e desapontadíssimo

MONTEIRO LOBATO

(CARTA DE LOBATO A GETÚLIO VARGAS, 08 DE MAIO DE 1940).

De acordo com uma das cartas enviadas novamente ao seu amigo Rangel, ele desabafa seu sentimento de impotência sobre esta questão e fala novamente sobre a morte:

São Paulo, 4 de abril de 1940 [...]

Mas tudo depende de mil coisas, neste encrocadíssimo país. Estamos agora em uma luta tremenda contra o maior obstáculo que ainda defrontou o nosso petróleo, obstáculo oficial mais duro que a diabase do Araquá. Imagine que a Cia. Petróleos foi impedida de continuar a perfuração do seu poço lindo, que já estava com 1.530 metros, e a Cia Mato-grossense, coitada, com duas sondas erguidas em Porto Esperança, com oficinas lá e o diabo, os engenheiros e o pessoal a postos, até agora não teve licença para perfurar! Já um ano e seis meses de espera. Espera de licença para tirar petróleo e salvar esse país da miséria que o rói. Inda hoje escrevi uma grande carta ao chefe do governo, denunciando a patifaria. Dará resultado?

Olha, essas coisas me têm aborrecido tanto que passei a estudar o problema da morte como uma aspirina que cura tudo numa vez. Morrer e ir para o inferno, que delícia! Porque se formos para o céu, encontraremos lá toda a turma de sabotadores – tão influente e

poderosa ela é. (LOBATO, 2010, p. 545).

Provavelmente, a carta ao chefe de governo referida na missiva ao amigo Rangel é a que deu causa à sua prisão por volta de um ano depois. Lobato mal imaginaria que consequências chegaria a sua capacidade de pleitear algo em que ele acreditava. Engajado com as causas sociais e com os problemas do seu tempo, o autor de Taubaté enviou uma carta, possivelmente a que foi referida na carta a Rangel alguns dias antes, a Getúlio Vargas, em 3 de maio 1940, quando este já se configurava ditador, na qual alertava o mandatário de que:

[...] o Conselho perseguia sistematicamente as empresas nacionais, dificultando com “embaraços legais” a exploração do subsolo, disparando verdadeiro tiro de misericórdia nas companhias nacionais com as exigências estabelecidas no Decreto nº 2.179, de 8 de maio de 1940. (CARTA DE LOBATO A GETÚLIO VARGAS, 03 DE MAIO DE 1940).

Segundo a página da Organização dos Advogados do Brasil em São Paulo, no dia 22 de agosto de 1940, o então presidente do famigerado Conselho Nacional de Petróleo (CNP), General Julio C. Horta Barbosa, defendia-se das acusações proferidas nas cartas de Lobato. Em dezembro do mesmo ano, ele enviou ofício ao Tribunal de Segurança Nacional, concluindo da seguinte forma o documento:

Por várias vezes se serve o autor da carta (Monteiro Lobato) do seu argumento ‘Qui Prodest?’ (A quem aproveita?), para sustentar que a política do Conselho é conduzida segundo os interesses dos trustes internacionais, pois que só a estes aproveita.

As expressões citadas, além de outras que se encontram no referido documento, são evidentemente injuriosas aos poderes públicos e aos agentes que o exercem no setor petróleo. Mas o propósito injurioso melhor se caracteriza levando-se em conta que o autor do documento, conforme ele mesmo se intitula, sabe demais o assunto versado. As inverdades com que formou sua acusação foram conscientemente proferidas. Nessas condições, parece ocorrer o crime previsto no Decreto-Lei nº 431, de 18 de maio de 1938, artigo 3º, nº 25. Se assim entender V. Excia., solicitará as providências legais para apuração da responsabilidade do autor da carta em apreço⁷.

No ponto alto de todos os esforços, após muitas cartas, artigos, livros e um processo, já irritado com a postura do governo, é aberto um inquérito contra o escritor

⁷ Disponível em: <https://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/grandes-causas/a-prisao-de-monteiro-lobato>. Acesso em: 9 nov. 2020.

em 6 de janeiro de 1941. Ao ser ouvido no processo, Lobato diz que confirma tudo que escreveu nas cartas, até que, finalmente, ele vai preso no dia 20 de março de 1941, contando 57 anos de idade. Foram três longos meses na prisão, o que não acalmou os ânimos do autor:

As cartas redigidas por Monteiro Lobato são escritas num estilo impiedoso, atacando a censura imposta pelo governo e ridicularizando as autoridades responsáveis por sua prisão com extremo sarcasmo. Além do som cáustico e virulento, as cartas têm como marca principal uma profunda ironia. (POLI JÚNIOR, 2009, p. 126).

Após três meses no presídio Tiradentes, Lobato sai do cárcere. Apesar de ter sido liberado da privação de liberdade, o escritor continua sendo perseguido pelas forças políticas do poder na época, como é possível confirmar através do arquivo da polícia daquele período (1941-1948). As menções do serviço secreto da ditadura ao autor são dignas de criminosos procurados, o que nos mostra a dureza do regime ditatorial de Getúlio Vargas. Lobato passou a ser *persona non grata* para os governantes da época, como é possível inferir a partir das inúmeras perseguições que envolveram interceptações da sua correspondência pessoal, apreensão e queima de livros, até investigações secretas de muitas das atividades e passos do emblemático escritor. Essa perseguição não cessou nem com a morte dele em 1948. No quadro a seguir, é possível observar algumas das fichas relacionadas a Lobato presentes nos arquivos da Polícia de São Paulo, as quais pormenorizam a falta de liberdade e a invasão de privacidade impostas pelo poder público ao escritor.

Quadro 3 - Fichas de Lobato na polícia de São Paulo

FICHAS DE LOBATO NA POLÍCIA DE SÃO PAULO (1941 – 1943)		
DATA	NATUREZA DO DOCUMENTO	RECLAMAÇÃO
04/11/1941	INVESTIGAÇÃO DE CARTA DE FLÁVIO A LOBATO	CENSURA POSTAL
11/02/1941	INVESTIGAÇÃO DE CARTA DE FLÁVIO A LOBATO	CENSURA POSTAL
13/05/1941	INVESTIGAÇÃO DE CARTA DE E. JACOBINA A LOBATO	CENSURA POSTAL
25/09/1943	PEDIDO DE INVESTIGAÇÃO	INVESTIGAR AUTORIA DE BOLETINS
08/11/1941	INFORMAÇÕES SOBRE OS PASSOS DE LOBATO EM IDA À SEDE DA GUARDA	-----
23/11/1942	CÓDIGOS E ABREVIACÕES NÃO CLARA	-----

03/09/1943	CARTA DE LOBATO A PAULA PERUCHE E ENDEREÇADA A PAULO PINTO DE CARVALHO	CENSURA POSTAL
25/09/1943	CÓDIGOS E ABREVIÇÕES NÃO CLARA	-----
29/10/1943	CÓDIGOS E ABREVIÇÕES NÃO CLARAS	-----
11/02/1944	INVESTIGAÇÃO DE CARTA INTERCEPTADA	ALUSÃO A TEMAS POLÍTICOS
27/04/1944	INVESTIGAÇÃO DE CARTA DE LOBATO PARA PAULO DE CARVALHO	COMENTÁRIOS CONTRA O PODER PÚBLICO
06/02/1948	RECORTE DE JORNAL ANEXO À INVESTIGAÇÃO DA SS.	APREENSÃO DE 1.180 EXEMPLARES DE “ZÉ BRASIL” E INTERDIÇÃO DE LIVRARIA

Fonte: Elaborado pela autora.

Os anos se passaram, mas parece que todo o processo que culminou nesses três meses de prisão afetou profundamente a fé do escritor no país e na liberdade de pensamento. Fato comentado por ele há poucos dias antes de morrer, já depois de sua estada na Argentina, conforme sua última entrevista à rádio Record em 1948.

Eu tenho medo de me comprometer, já fui pra cadeia uma vez e depois disso eu fiquei cauteloso. E antes de emitir uma opinião eu penso nas consequências. [...] Esse negócio de não acreditar no futuro aqui da terra (Brasil) é consequência da nossa história. Tudo tem fracassado. Todas as nossas experiências tem fracassado. Não há razão para acreditar. Eu pessoalmente acredito ainda em alguma coisa, mas é proforma. Pra não desagradar totalmente os patriotas, coitados. Eles têm tão boa vontade... De maneira que por causa deles eu finjo acreditar em alguma coisa, mas cá entre nós que ninguém nos ouve: eu também não acredito em mais nada...[...] não, este é um assunto proibido. Eu tenho instruções muito severas para não tocar nestes assuntos proibidos. [...] Sobre o petróleo... bom... é um assunto em que eu era muito versado antigamente. Eu levei dez anos entendendo de petróleo e tirando petróleo, furando a terra etc. Hoje eu noto que o petróleo fez um grande progresso. Em vez de estar furando a terra, de estar abrindo poços, está pedindo esmolas, virou mais um pobre. O Brasil agora tem entre os seus pobres habituais, os pobres da lepra, etc., tem o pobrezinho do petróleo. Eu já vi aí em algum lugar um caldeirão, um caldeirãozinho desses do exército da salvação e um letreiro, pró-petróleo. Eram os estudantes tirando dinheiro para fazer discurso sobre o petróleo. De maneira que o que eu sei do petróleo é isso. Que ele evoluiu muito. Em vez de furar a terra como no meu tempo, uma coisa muito perigosa, eu já fui perseguido, estive na cadeia por causa de andar furando a terra, e de agarrar o leão pela calda, e agora eu estou contemplando esta evolução. [...] os brasileiros devem contribuir com seus níqueis no caldeirãozinho do petróleo. Já

que o petróleo não sabe dar dinheiro de outra maneira, que dê sob forma de esmola. Ficaremos com mais um pobrezinho aqui, ao lado de tantos que já temos. (ENTREVISTA À RADIO RECORD, 02 de julho de 1948).

Apesar de ter terminado seus dias em um estado de aparente desesperança, alguns anos antes, o espírito criativo e pulsante de Lobato tentou talvez a última de suas grandes empreitadas. Em meio a toda a perseguição que foi construída durante anos de desentendimentos entre Monteiro Lobato e o governo da época, o autor empreende um novo desafio, apesar do cansaço relatado em várias cartas enviadas à família e aos amigos: ir morar na Argentina e trabalhar na divulgação de sua obra já estabelecida ali, além de publicar novos títulos. Foi esse homem, estafado pelas lutas que travara com tantos, que chega ao país vizinho em busca de novas incitações à sua inteligência. Na próxima seção, vamos mergulhar nessa produção e discutir sobre a recepção e circulação da obra do autor na Argentina. De acordo com Lajolo:

Suas esperanças, nesse momento, são todas postas na Argentina, onde suas obras são traduzidas e onde ele funda com amigos a editora Acteón. Lá, escreve mais um livro, com o pseudônimo de Miguel García: *La nueva Argentina*, obra que defende o plano quinquenal, texto corrido e didático, em que um pai – fazendo de Dona Benta – explica aos filhos a plataforma (peronista) que transformará a Argentina num país forte e feliz. Mas o exílio voluntário lhe pesa. Sente falta dos amigos, e acaba por regressar ao Brasil. (LAJOLO, 2000, p. 79).

O homem que jogou todas as expectativas na ida para a Argentina, chegou lá e encontrou um país dividido e tomado por tensões políticas.

2.3 A Argentina de Monteiro Lobato

A presença de Lobato enquanto escritor de literatura infantil na Argentina não se deu por acaso. Múltiplas variáveis, que vão das comerciais e literárias às pessoais, concorreram para que ele começasse a publicar de maneira importante ali, chegando ao ponto de ir morar em Buenos Aires e montar uma editora naquela cidade. O volume de sua produção literária na Argentina acabou por converter o escritor em um brasileiro que participava da cena cultural e literária do país, aparecendo em jornais importantes da época e sendo citado como figura conhecida no meio, tanto quanto

outros argentinos e estrangeiros que também apareciam nesse cenário.

Desde a primeira publicação de *Don Quijote de los niños*, em 1938, Monteiro Lobato abre caminho para outras publicações e ao longo dos anos vai participando da chamada era de ouro editorial na Argentina. Estamos falando também de um país que tinha políticas claras de incentivo à leitura por várias frentes desde a segunda metade do século XIX, dentre elas a abertura de muitas bibliotecas populares e ações dentro das escolas (SOARES, 2002). A Argentina parecia estar em maior sintonia com o que acontecia na Europa também no século XIX. No velho continente, as crianças também passaram a ser público leitor e gradativamente foram participando da sociedade como leitoras nesse período. Era o retrato de um país que, mesmo estando do outro lado do oceano, estando em um lugar de ex-colônia, naquele momento histórico, desde meados do século XIX, priorizava realmente a construção de um público leitor desde a infância. Então, essa construção política e cultural, que veio sendo formulada desde os anos 1850, foi favorável para o desenvolvimento da carreira literária de Lobato na Argentina em 1937, através da venda, edição, publicação e circulação de seus textos para crianças.

Assim sendo, enquanto no Brasil as ações que visavam à formação de cidadãos, incluindo a leitura como uma ferramenta para alcançar esse objetivo, aconteceram, nos anos 1930, na Argentina, políticas públicas nesse sentido foram implementadas ainda na segunda metade do século XIX. Soares (2002) chama a atenção para este fato:

Associada à formação das crianças, mesmo quando essencialmente criativa e recreativa, a literatura infantil, que em princípios do século XX começava a se introduzir na Argentina e no Brasil como um campo específico da produção e do comércio de livro, cativou a atenção de determinados agentes culturais, ligados ao mundo das letras ou da educação. Tornou-se, paralelamente, objetivo de políticas públicas, uma vez que os organismos estatais argentino e, sobretudo a partir dos anos 1930, brasileiro, ampliaram as ações voltadas à formação de futuros cidadãos. Articulados a movimentos do mercado e a políticas públicas, esses agentes culturais colocaram-se de variadas formas, como produtores ou mediadores das leituras infantis extra-escolares, que se queriam estimular, renovar ou controlar. [...] Na Argentina, essas perspectivas remontam em particular à segunda metade do século XIX, quando o país foi governado por presidentes liberais empenhados em promover a modernização nacional: No Brasil, ganharam alento com advento da República e diante da persistência das altas taxas de analfabetismo continuaram alimentando pautas de reivindicações e projetos políticos. (SOARES, 2002, p. 11).

Observando esse contexto e também baseada na historiografia é que esta tese procura mapear a obra infantil de Lobato na Argentina, além de trazer luz a elementos que possam ter contribuído para o estabelecimento de sua literatura no país do Prata com o objetivo de evidenciar sua circulação e recepção naquele lugar. Nos meios de comunicação, sobretudo os jornais da época, a forma como o autor costurou a divulgação de sua obra, a maneira como os leitores tinham acesso a esses livros, são algumas das instâncias que contribuem para a abordagem do tema da recepção e circulação da referida obra em solo argentino.

A criação das bibliotecas populares na Argentina, na segunda metade do século XIX, através da lei sancionada em setembro de 1870, de fomento e proteção a estes espaços de leitura, foi um dos fatores que deram início ao ciclo dourado que Lobato conseguiu acompanhar no século XX do Brasil e também pessoalmente naquele país. Ele não apenas observou, mas foi participante ativo como escritor e editor. Segundo Planas (2017):

La biblioteca popular es, en este sentido, una invención que se asienta sobre la creencia sociocultural el valor de la lectura, y lo reproduce. Su creación genuina, su resultado más evidente, son los lectores. Pensadas desde una política orientada a expandir, sostener, multiplicar y recrear el encuentro entre los libros y los lectores, la bibliotecas conectaron una serie de discursos y prácticas de efectividad variable : construcciones pedagógicas, sugerencias estéticas, proyectos políticos, leyes y reglamentos, agencias estatales, labores editoriales, actividades sociales, reuniones y encuentros, charlas y discusiones, diseños presupuestarios, formación de lugares, elección de obras, organización del material, circulación de lecturas. (PLANAS, 2017, p. 29-30).

O referido processo iniciado de maneira oficial com o sancionamento da lei das bibliotecas populares envolveu, como podemos ver, uma série de agentes e instâncias relacionadas à literatura. Monteiro Lobato acabou sendo um dos escritores brasileiros mais presentes na Argentina nesse período, dada a ampla edição de seus livros, inicialmente traduzidos e, posteriormente, obras originais em espanhol.

Para Medina, em entrevista concedida a esta pesquisa em 2019 (ver APÊNDICE C), quando Lobato chega a Argentina, encontra um país que vinha se modificando pela forte imigração; o pesquisador explica como isso mexeu com o mercado de livros, sobretudo da literatura infantil:

Primer término, nosotros tendríamos que remontar un poco al proceso de la cadena de la república española que es lo que sucede ahí una gran migración que se va a polarizar en dos países México y Argentina, sí... escritores, ilustradores, directores de colecciones, autores, y especialmente va a venir mucho más gente vinculada al mundo del libro, especialmente al mundo editorial a la Argentina, en tanto en México se dio por profesores, cineastas, el caso de... , el caso de M. Concha Mendes y otros grandes autores también.. Bartoluce.. a México, pero acá llegó una grande afluencia entre el 37 y el 39 hasta la caída de la república definitiva en España, ¿no?. Entonces... estamos hablando del año 40. Si no trabajamos el año 46 cuando llega acá MonteiroLobato todo ese proceso del mundo editorial en Argentina era muy importante... [...] eso es muy importante, la editorial MC, la editorial Sudamericana, la editorial Estrada, son editoriales muy punjantes, que entonces, que van a tener una gran, este... acercamiento a la producción de libros infantiles, y especialmente la editorial Atlántida que fue creada en el año aproximadamente el año 17, mil nueve 17, estoy hablando del 17, 18, ¿no?. (Entrevista de Pablo Medina concedida em 2019).

Durante seu processo de modernização, entre 1880 e 1930, a Argentina começou a sair da realidade de uma país rural para ir se industrializando e urbanizando. Como um dos motores deste processo está a imigração massiva de espanhóis e italianos e a administração de governos liberais que em teoria priorizavam a família, a educação e os valores cristãos, sendo então conservadores nos costumes, mas liberais na economia (GIRBAL-BLACHA, 1998). A autora explica ainda que durante esse movimento:

Quedaba atrás la Argentina Criolla, pecuaria, con rasgos propios de una "gran aldea". La inversión de capitales extranjeros, la reactivación del comercio exterior cada vez más estrechamente unido a Europa (Inglaterra), las aspiraciones argentinas de ejercer el liderazgo en América Latina, como los Estados Unidos lo hacía para América del Norte y Central, a partir de su particular concepción del panamericanismo, dieron sustento al "progreso" positivista considerado, por entonces, indefinido. (GIRBAL-BLACHA, 1998, p. 12).

Quando Lobato começou a publicar sua obra infantil na Argentina em 1938 o país passava por transformações germinadas anos antes.

Crisis de identidad, de dependencia, de legitimidad, de participación y de distribución (Almond y Pye),¹⁵ que generan respuestas cada vez más adaptativas al nuevo contexto ideológico estructural, son sus rasgos sobresalientes, que incluye apreciables alteraciones en la escala de valores vigente (orden, propiedad, ahorro) y en las mentalidades colectivas, que avanzan desconcertadas entre

lavanguardia y la tradición.¹⁶ Ante los desajustes del modelo, la clase dirigente se preocupa "más por su equilibrio que por su transformación", afirma Alain Touraine. De ahí que el golpe de estado del 6 de setiembre de 1930 resulte una respuesta a la frustración de expectativas, más que a una situación de "miseria profunda" o de mantenimiento del "statu quo" (Allub)¹⁷ El Estado liberal entra en crisis, se activa la polarización social y se produce el derrumbe del mercado internacional de capitales. El Estado árbitro de la etapa anterior, adquiere rasgos marcadamente intervencionistas que se manifiestan a través de la economía, de las finanzas y en su relación con el cuerpo social. (GIRBAL-BLACHA, 1998, p. 13).

Em meio a tantas mudanças conjunturais no país, no ambiente relacionado ao mercado do livro está prestes a acontecer uma verdadeira revolução. Entre 1938 e 1955, a Argentina atravessa a chamada "Edad de oro" em termos de produção, exportação, consumo interno e toda a sorte de circulação e circunstâncias ligadas ao mundo do livro. São anos de intensa vivacidade do mercado livreiro, a qual foi construída por diversos fatores que culminaram numa "tempestade perfeita" para fazer o mercado editorial argentino ferver. Giuliani (2018, p. 37) explica que "[e]l sentido dominante de la 'edad de oro del libro argentino' en la historiografía refiere al auge de la producción interna de libros y a su exportación, que redundó en um nuevo entrelazamiento de redes comerciales y editoriales em Hispanoamérica." (GIULIANI, 2018, p. 37).

Assim sendo, é importante ressaltar que além de entrar no mercado argentino, publicar ali naquele período significava provavelmente ter sua obra exportada para vários outros países de língua espanhola da América, já que a Argentina preencheu a lacuna de produtor e exportador de livros que a Espanha deixou em aberto quando se ausentou da cena dos editores de livros por razão da sua situação interna gerada pela guerra civil. Sendo ela a grande propulsora inicial desse tempo áureo, a guerra civil espanhola (1936-1939), terminou com a queda da república na península e o início de 40 anos da ditadura franquista. O cenário livreiro da Argentina e da América Hispânica como um todo era pautado por obras importadas da Espanha, país que abastecia predominantemente os países daquela região com seus livros. Com a chegada da guerra e o estabelecimento da ditadura, a Espanha não pôde mais suprir tal mercado, o que deixou o terreno livre para que se desenvolvesse na Argentina um verdadeiro centro regional de edição e distribuição de livros.

A união dessa conjuntura internacional favorável (para a Argentina) com a inventividade de dezenas de editores argentinos e emigrados da própria Espanha e

outras partes da Europa devido à Segunda Guerra Mundial, com a criação e o fortalecimento das entidades patronais ligadas à indústria do livro e com as políticas públicas de incentivo ao livro e às bibliotecas populares, fez com que o cenário perfeito acontecesse para um homem como Lobato. Mais especificamente sobre seu terreno de atuação mais forte e de maior interesse desta tese, a literatura infantil também foi foco de desenvolvimento durante o período em que o autor começa a publicar seu trabalho infantil na Argentina e se estende durante anos. A literatura para crianças também foi vista pelos astutos editores atuantes na Argentina naquele momento como um nicho de mercado interessante e importante. Como é possível comprovar quando Giuliani (2018) afirma que:

Sí que se abocaron a la difusión del libro infantil, un género editorial relativamente nuevo en la época, que se estaba consolidando. En las publicidades de *Biblos* crecía la participación de casas tradicionales, especializadas en el libro infantil. También la diferenciación de este sector en el espacio editorial fue acompañada y potenciada en el interior de la Cámara Argentina del Libro con la formación de nuevas comisiones internas del Consejo Directivo y el aval de Losada⁸ y otros dirigentes para su acionar. (GIULIANI, 2018, p. 142).

Lobato viria a participar de todo esse momento histórico dourado da produção livreira e incentivo à leitura no país do Prata, como veremos nos próximos capítulos deste trabalho. Decerto que ele foi um dos agentes que foram testemunhas e atuantes na escrita dessa história. Apesar de já cansado e desiludido com seu país natal, conforme relato em várias cartas a parentes e amigos e como referido neste trabalho, pôde voltar a sonhar e aproveitar um momento histórico tão rico e único que foi a idade de ouro do livro na Argentina.

E foi em meio a essa mistura de efervescência política, social e cultural que Lobato chega à Argentina para se lançar a novos projetos e desafios que lhe empolgassem a vida muito mais que “comer bifés”, como disse na época em que partira para a cidade portenha. Uma reunião de fatores o fizera optar por partir, apesar da saúde um pouco debilitada. Não sabia ele que firmaria ainda mais seu nome

⁸ Gonzalo Losada (1894-1981) foi um imigrante espanhol que desde que chegou à Argentina como empregado da editora espanhola Espasa Calpe, trabalhou no mundo dos livros. Posteriormente fundou a próspera Editora Losada, que existe até hoje. Foi durante muitos anos presidente da Câmara Argentina do Livro e participou ativamente do desenvolvimento do mercado livreiro naquele país. Foi uma figura de grande envergadura na área, destacando-se por sua capacidade de conciliar interesses e negociar bons acordos para os participantes do mercado do livro. Lobato lançou grande parte de seus livros editados na Argentina pela editora Losada (GIULIANI, 2008).

naquele mercado já conhecido e aberto para suas histórias. Escreveria novos livros, republicaria outros, enfim se movimentaria nesse universo livreiro e de criação que lhe era tão caro e tão natural.

3 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO NA ARGENTINA: ENTRE TRADUÇÕES, A ADAPTAÇÃO E OBRAS INÉDITAS

3.1 Do Brasil para a Argentina: a tradução e a adaptação de obras lobatianas em língua espanhola

Desde 1921 que Monteiro Lobato esteve presente, enquanto autor de obras adultas, na cena literária argentina, conforme registra Franca (2009, p. 42-43):

Em 1921, Lobato escreve a Rangel informando o lançamento do seu livro *Urupês* na Argentina, em tradução de Benjamin de Garay e lançado pela editora Pátria. Além disso, ele fala sobre o interesse de tradutores de outros países em traduzir sua obra: “[...] Recebi o *Urupês* em espanhol lançado na Argentina. Bela edição. Garay. Nos Estados Unidos quer traduzi-lo Isaac Goldberg. E em França, um Julien Fauvel. Livro de sorte” (LOBATO, 1969, t. 2, p. 232).

Segundo Franca (2009, p. 44), em 1924, Lobato publica na Argentina uma coletânea de contos intitulada *Los ojos que sangran*, desta vez traduzida por B. Sanchez-Saez. O conto “Barba Azul”, do livro *Negrinha* (1920), também é traduzido e publicado no mesmo ano por Sanchez-Saez na revista *Lecturas*, de Buenos Aires. Lobato publicou artigos e também foi traduzido para o espanhol, divulgando seu trabalho literário para o público adulto⁹ naquele país. Assim sendo, observa-se que, quando o autor brasileiro publicou sua primeira obra infantil em território argentino, uma longa estrada já havia sido trilhada até então, o que provavelmente abriu espaço para a recepção e circulação do restante de sua arte, desta vez, voltada às crianças.

Como é possível observar no quadro 4, muitas editoras fizeram parte dessa história, tanto na literatura adulta quanto na infantil. Como este estudo está centrado na parte infantil do trabalho de Lobato na Argentina, vamos dar foco às editoras que publicaram ali esta literatura. No quadro a seguir, podemos visualizar a lista de editoras que publicaram a obra infantil de Lobato na Argentina.

⁹ Para mais informações sobre a publicação de obras adultas de Monteiro Lobato na Argentina, ler Albieri (2009) e Franca (2009).

Quadro 4 – Editoras que publicaram a obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina

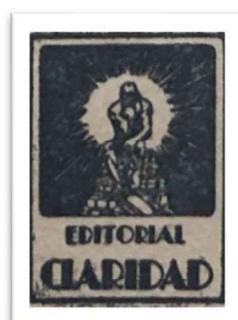
EDITORAS QUE PUBLICARAM A OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO NA ARGENTINA		
NOME	FUNDADOR	ANO DE FUNDAÇÃO
Editorial Claridad	Antonio Zamora	1922
Editorial Americalee	Domingo Landolfi e América Scarfó	1940
Editorial Losada	Gonzalo Losada	1938
Editorial Códex	Mauricio Gueventter e Nicolás Juan Gibell	1945
Editorial Acteón	Monteiro Lobato, Miguel Pilato e Ramón Prieto	1946
Producciones García Ferré / Editorial Lord Cochrane S.A.*10	Manuel García Ferré	1994

Fonte: Elaborado pela autora.

Iremos a partir de agora discorrer um pouco sobre cada uma dessas editoras, pois faz-se necessário entender as conexões e os contextos que favoreceram não só a efetivação das publicações da obra infantil de Lobato na Argentina, mas também a sua circulação. É notável a quantidade de edições tanto da editora *Americalee* como da *Losada*. A *Acteón*, editora de Lobato, Miguel Pilato e Ramón Prieto, não publicou tanto como elas, assim como outras editoras, como Peuser, *Editorial Lord Cochrane S.A.* com *producciones Garcí Ferré*, que publicou apenas uma obra apenas nos anos 1990, não participando do ciclo de apogeu da indústria do livro na Argentina.

3.1.1 Editorial Claridad (1924-1980)

Figura 6 - Símbolo da editora *Claridad* em 1938.



Fonte: *Don Quijote de los niños* (LOBATO, 1938).

¹⁰ Essa editora é, na verdade, chilena e publicou dentro da série “Anteojito”, na coleção “Biblioteca de oro del estudiante”, uma seleção de fábulas de Lobato em 1994. Mesmo sendo impresso no Chile, o livro parece ter circulado na Argentina, uma vez que foi encontrado no centro de documentação LA NUBE em Buenos Aires.

Com uma política editorial bem estabelecida no sentido de popularizar obras consideradas importantes para o público das classes mais baixas, como esclarecem Ferreira de Cassone (1998), Romero e Gutiérrez, 1995; APÊNDICE ÁVILA, 2019, p. 4):

La editorial Claridad, fundada por el socialista Antonio Zamora, fue una APÊNDICEpopulares libros a bajo costo mediante la venta en kioscos de diarios y revistas. (FERREIRA DE CASSONE, 1998; ROMERO; GUTIÉRREZ, 1995 *apud* ÁVILA, 2019, p. 4).

A *Claridad* foi uma casa editorial, a *Cooperativa Editorial Claridad*, que funcionou entre 1924 e 1980 e obteve enorme reconhecimento no meio editorial Argentino. Seu fundador foi Antonio Zamora, um imigrante espanhol que participou desde o início pela organização do mercado livreiro argentino. A política de preços baixos da empresa de Zamora sinaliza uma distribuição em escala maior, uma vez que queria abarcar o grande público popular argentino. Conforme Rois (2012, p. 83),

Antonio Zamora era, por su parte, un inmigrante español que había sido corrector del diario *Crítica*. Creó en 1922 la *Cooperativa Editorial Claridad* (CEC). Siendo Zamora un socialista comprometido, intentó aplicar en su empresa cierta coherencia con su ideario: el precio de sus libros era económico, se apoyaba en las grandes tiradas y, como novedad en su época, utilizó los quioscos de diarios y revistas como distribuidores para sus libros. (ROIS, 2012, p. 83).

Segundo Giuliani (2018), já na década de 1930, Zamora já havia consolidado uma verdadeira rede de compradores de seus livros em boa parte da América Latina. O referido editor fez parte da arquitetura do rico mercado editorial do país do Prata, tendo participado da fundação da Câmara Argentina do Livro em 1937 e da organização de eventos importantes, como o primeiro congresso de editores argentinos, que aconteceu no mesmo ano, e da 1ª feira do livro argentino em 1943, embora não tenha comparecido efetivamente ao evento (GIULIANI, 2018, p. 93-118). Até a década de 1940, a *Editorial Claridad* exerceu domínio no mercado de livros baratos na Argentina, até que chegaram as grandes editoras para entrar em concorrência com ela (ROIS, 2012, p. 81).

Após a grande vinda de imigrantes espanhóis em virtude da queda da república espanhola, grandes editoras começaram a se estabelecer no mercado, o que, por sua

vez, foi o início do declive da editora (ROIS, 2012, p. 83). O caráter popular da editora fazia com que houvesse um esforço maior em alcançar um grande mercado, tanto na Argentina quanto em outros países da América Latina. De acordo com Lago e Gómez (2006):

El primer gran profesional de la industria del libro en la Argentina, por lo que me cuentan y por lo que yo sé, es justamente un español, Antonio Zamora que, a lo que hacía la Biblioteca de La Nación y lo que hacía José Ingenieros, le agregó un profesionalismo extraordinario, más allá, puesto al servicio de una ideología, que era la ideología socialista. Es decir, hace mejores libros, mejor editados, mejor traducidos, los hace de una manera absolutamente apetecible para el público, que en esa época era la clase media y clase media obrera que surgía en la Argentina. Pero además lo hace con un criterio absolutamente comercial, saca tiradas haciendo pre-ventas en el exterior y crea un red de librerías hasta donde le llegan los libros, automáticamente a todos los rincones de América Latina. (LEVIN, ANO *apud* LAGO; GÓMEZ, 2006, p. 116).

A constatação de que a *Editorial Claridad* fazia parte do mercado para exportação e que era atuante no sistema literário latino-americano de forma mais sistêmica, nos dá a dimensão de que esta editora, a primeira a publicar uma obra infantil de Lobato, provavelmente fez a publicação do autor circular não só no país do Prata, mas em vários outros países latino-americanos, sobretudo os de língua espanhola. Também é interessante observar que esta editora tinha uma penetração tanto na elite letrada, por suas publicações da alta literatura e filosofia, quanto nas massas, já que produzia livros e revistas a baixo preço por ter nessa ação o propósito de popularizar o conhecimento. O próprio Antonio Zamora dizia que em sua opinião uma editora não deveria ser uma empresa comercial, mas sim uma espécie de “universidade popular”¹¹. A editora *Claridad* foi uma das primeiras que viu germinar todo o processo de ascensão do mercado editorial argentino e o desenvolvimento da chamada era de ouro do livro (1938 -1955¹²) naquele país. Bianchi, Cytryn e Ubertalli (2013) explicam que:

¹¹ A citação está presente na revista *Todo es Historia* Nº 172, Año XV, setembro de 1981. Reportagem sobre A. Zamora realizada por Emilio J. Coribière, p. 38. Citado em De Sagastizábal (1995: 72) *apud* ROIS, 2012, p 83.

¹² De acordo com Botarro (1964, p. 58) e García (1965, p. 117-125) *apud* Giuliani (2018, p. 24), “Las cifras generadas por ambos autores indican que fue enorme el crecimiento de la producción a partir del año 1938 y creció mucho más y de manera continua hasta el año de 1944, cuando llegó a un máximo de 5.323 obras registradas. Se matuvo hasta 1947, cuando descendió levemente, para de nuevo mantenerse, con algunas fluctuaciones hasta el año de 1955, em que bajó para mantenerse hasta el año 1958”. Assim se configura uma linha de tempo que vai de 1938 a 1955 como sendo o período de ouro do mercado editorial argentino.

Si tomamos en cuenta el contexto editorial en el que se inserta, es manifiesto que tanto el uso de estos circuitos de distribución como la naturaleza del soporte, respondieron a la necesidad de acceder a un público masivo. Con esa misma búsqueda se relaciona el mantenimiento de los bajos precios tanto de la colección Los Pensadores (\$0,20) como de los libros de la editorial Claridad en general. (BIANCHI; CYTRYN; UBERTALLI, 2013, p. 1).

Assim sendo, deduzimos que a publicação da obra *Don Quijote de los niños*, em 1938, pela editora *Claridad*, também seguia o mesmo padrão e objetivo das obras então publicadas pela referida casa editorial. Ou seja, seria vendido a preços baixos e atingiria um grande público de leitores, tanto na Argentina quanto em outros países da América Latina. A empresa tinha uma verdadeira vocação “educadora” e talvez por isso é que *Claridad* tenha sido uma das editoras de maior circulação entre os setores populares da primeira metade do século XX na Argentina (BIANCHI; CYTRYN; UBERTALLI, 2013, p. 2).

3.1.2 Editorial Americalee (1940-?)

Fundada em 1940 por Domingo Landolfi e América Scarfó¹³, figuras atuantes na cena literária argentina no período de expansão do mercado editorial, essa casa editorial foi uma das que mais publicou a obra infantil de Lobato na Argentina. Não só editou e publicou toda a obra infantil dele, como deu continuidade a muitas reedições de seus livros. De acordo com Dominguez (2017):

Hasta fines de la década del treinta, la producción local se había disputado el mercado interno con los libros de origen español. De ahora en más, año tras año, la industria nacional del libro aumentará exponencialmente su producción, y, sin duda, Imán, Reconstruir, Tupac y Americalee formaron parte de la llamada “época de oro” del mundo editorial argentino, cuando —desaparecida la industria libresca española debido a la guerra civil— muchas casas editoriales locales ampliaron su alcance a España y otros países de la región. Entre estas editoriales, especialmente Americalee se consolidó con cuantiosas tiradas en gran formato de tapa dura. (DOMINGUEZ, 2017, p. 37).

Seguramente, a coleção infantil de Monteiro Lobato estava entre essas grandes

¹³ O nome da editora foi dado em homenagem à sua fundadora e esposa de Domingo Landolfi, América Scarfó, que foi anarquista atuante em sua juventude, tendo perdido seu irmão e o namorado em 1931, quando foram fuzilados pela ditadura do General Valles. (FERRER, 2017, p. 17).

tiragens em capa dura, pois é exatamente o formato que encontramos nas edições que circularam na Argentina com o selo *Americalee* durante as décadas de 1940 e 1950. Algumas das várias edições com o nome da *Americalee* na folha de rosto, tinham na capa, curiosamente, a marca da editora *Losada*, causando confusão ao leitor sobre quem realmente havia editado a obra. Isso acontece com várias edições dos livros de Lobato. Por isso, no quadro em que mapeamos a produção da obra infantil do autor na Argentina, as duas editoras, *Americalee* e *Losada*, estão na mesma coluna. Dominguez (2017, p. 36) traz luz sobre essa questão explicando que, para unificar os gastos de impressão, as editoras recorriam ao expediente de imprimir seus livros em outras oficinas gráficas e exibiam selos editoriais cruzados:

En esos mismos años, recién fundadas, Américalee y Tupac trazaron enlaces prácticos con el fin de sortear censuras y unificar algunos gastos materiales. Además de las series conjuntas, aparecen libros editados con sellos cruzados como Ediciones La Obra, Tupac y Américalee; y en menor medida algún título como Ediciones Acracia o Losada. Muchas veces estos emprendimientos imprimían el mismo libro desde el taller de Américalee y cada uno le ponía su propio nombre editorial para mantener su sello y llevar a cabo su propia distribución. Como novedad, producto de la ley 11723 de 1938, estas tres editoriales, así como las otras empresas del momento, comenzarán a reservarse los derechos de copyright de las obras que publican.

A *Editorial Americalee* tinha tradição de publicar livros de autores socialistas e anarquistas, mas tinha uma variedade de títulos que não versavam necessariamente sobre temas políticos. Dessa forma, a empresa se caracterizava por um catálogo também eclético e foi nesse lugar onde entrou a obra infantil de Lobato (ÁVILA, 2019, p. 5). Para Graciano (2012, p. 98), a *Editorial Americalee* apesar de sua história de politização, soube adaptar-se ao mercado na época da expansão do mundo livreiro na Argentina, publicando uma diversidade de autores:

Américalee y Tupac contribuyeron en la expansión del libro argentino con nuevos autores. Ellas integraron así en la década del '40, un segmento de la edición del libro nacional, proveyendo a ese mercado todo un segmento de arte, literatura, ciencia, psicología, filosofía y estudios políticos y jurídicos. Debieron adaptarse en parte a las condiciones de funcionamiento de las grandes casas editoras permeadas por las lógicas comerciales de publicación. (GRACIANO, 2012, p. 98).

Entre os acordos com a *Editorial Losada* e as inúmeras edições da obra de Lobato que a *Americalee* publicou, ela foi sem dúvida uma das que contribuiu enormemente para a circulação do conjunto da obra do autor brasileiro na Argentina, não só pela quantidade e pelo período em que a publicou, mas também pela qualidade dos livros que colocava no mercado.

3.1.3 *Editorial Losada* (1938—dias atuais)

Figura 7 - Símbolo da editora *Losada* desde a década de 1940.



Fonte: Site da editora. Disponível em: <http://www.editoriallosada.com>. Acesso em 8 ago. 2020.

Gigante da indústria editorial na Argentina, a editora *Losada* foi fundada pelo imigrante espanhol Gozalo Losada (1894-1981), que chegou ao país em 1928 como empregado da editora espanhola Espasa Calpe. Em 1938, acabou fundando sua própria editora, a *Editorial Losada*, que rapidamente se converteria em uma empresa sólida e importante dentro do mercado e da história da produção de livros na Argentina. Durante a “Era de oro del libro” (1938-1955), a editoria *Losada*, na pessoa de Gozalo Losada, esteve presente na fundação da Câmara Argentina do Livro e esteve à frente das decisões mais importantes a respeito dos caminhos tomados pela indústria do livro. A orientação para as exportações da produção de livros naquele período foi uma das questões com as quais Gozalo Losada se envolveu, além de ter participado ativamente da organização da Feira do Livro de 1943, tendo estado presente nesta primeira e emblemática edição do evento. Giuliani (2017, p. 70) opina que

Gozalo Losada es quien se revela en las fuentes como protagonista del diseño y despigue de estrategias colectivas empresariales complementarias con aquellas orientaciones de su empresa. Es decir, a fines de los años treinta e inicio de los cuarente, Losada se consolidó rápidamente como el dirigente más dinámico del empresariado editorial de Buenos Aires. (GIULIANI, 2017, p. 70).

O referido empresário apostou em redes de contatos entre editores argentinos e

de outros países da América Latina Hispanoparlante para promover a circulação da produção livreira, naquele momento em ascensão. Suas iniciativas estavam pautadas no interesse em consolidar as instituições ligadas ao livro, em estreitar laços entre entidades culturais e empresariais. Promoveu a convocatória para o primeiro congresso de editores latino-americanos e espanhóis, pleiteando igualdade de condições de circulação de livros no mercado hispano-americano. Todas essas estratégias para o fomento e a melhoria do mercado livreiro argentino, fazendo com que a difusão dos livros produzidos pudesse ter fluidez de circulação, fatalmente foi favorável para os livros de Lobato também, já que publicou enormemente pela editora *Losada*. Inclusive, em 2010, a editora relançou alguns livros do autor, a saber: *Travesuras de Naricita*, *Nuevas Travesuras* e *Viaje al cielo*.

Em determinado período, a produção de livros foi tão grande na Argentina que os sistemas de correios e telégrafos do país já não comportava tamanha demanda. Giuliani (2017, p. 71) explica que para aplacar os problemas gerados por essa quantidade enorme de livros a serem despachados diariamente, o próprio governo convocou a Sociedad de Editores Argentinos para contribuir com estratégias para a solução desta questão. Colocando, assim, o setor editorial como uma classe privilegiada de empresários que tinha acesso direto às políticas públicas para o setor. À frente dessas negociações, como secretário da Câmara Argentina do Livro, estava Gonzalo Losada, sempre em busca da melhor fluidez para a circulação dos livros, como reitera Giuliani (2017):

Así, el liderazgo gremial de Gonzalo Losada se sustentaba en un despliegue enorme de trabajo eficiente y en su capacidad para formular y lograr consensuar propuestas estratégicas basadas en el estudio y el conocimiento del espacio empresarial en sus vínculos con los organismos estatales. (GIULIANI, 2017, p. 73).

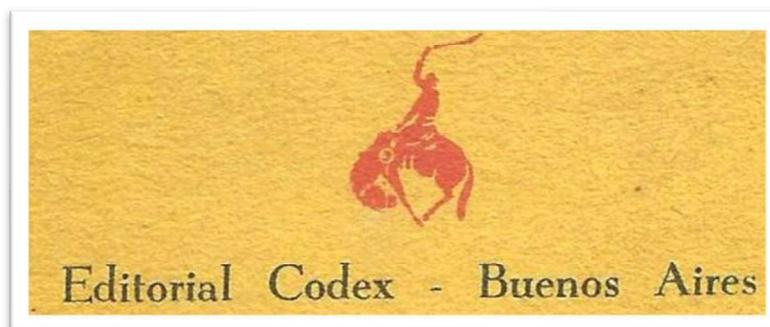
A associação que o proprietário da editora Losada fazia, tanto com seus pares quanto com o Estado, sinaliza a otimização de uma engrenagem em que havia vários atores importantes. No fim, o objetivo era a maior circulação e alcance possível naquele período. O que realmente aconteceu. Segundo a própria editora, “Los libros con su sello llegaban a todos los rincones del mundo hispanoparlante, los autores que con dicho sello se publicaban eran reconocidos en su país de origen y en países distantes”¹⁴.

¹⁴ Disponível em: <http://www.editoriallosada.com/quienes-somos>. Acesso em: 28 out. 2021.

No histórico da editora, conta-se que, com o crescimento dela, foram abertas filiais no Chile, no Uruguai, no Peru e na Colômbia. Depreende-se, a partir dessa constatação, que Monteiro Lobato estava sob a égide de uma grande empresa editorial, que garantiu, junto com as outras editoras que o publicaram, uma grande circulação dos 23 livros da obra infantil dele, em território argentino, bem como em outros países da América Latina.

3.1.4 Editorial Códex (1945-1978)

Figura 8 - Símbolo da Editora Códex na década de 1940.



Fonte: García Fuentes (2018).

A editora Códex foi fundada em 1945 pelo dentista Mauricio Gueventter e pelo comerciante e vendedor de revistas Nicolás Juan Gibelli. Aos poucos, Gibelli teve interesse em entrar profissionalmente no mercado editorial. A editora fez bastante sucesso no mercado editorial argentino e internacional. Publicou obras em mais de 30 países ocidentais e estabeleceu associações com empresas latino-americanas e espanholas, tendo colaboradores nos cinco continentes.

A Códex esteve presente, na pessoa de Nicolás Gibelli, desde 1947, no conselho diretivo da Câmara Argentina do Livro, o que demonstra que a editora participava ativamente das decisões e orientações dos destinos da indústria editorial argentina no período áureo da edição livreira naquele país (GIULIANI, 2018, p. 179). A editora se consagrou com a edição de obras infantis que circularam em toda a área idiomática do espanhol, bem como em português. A edição de histórias em quadrinhos e revistas infantis também foi marca registrada da Códex, como *Pimpinela* (1951) e *Pancho López* (1957). Em seus primeiros anos, um dos projetos mais conhecidos foi a *Colección Figuritas*, na qual, de acordo com García Fuentes (2018, p. 2) estavam incluídas:

[...] adaptaciones de novelas y poesías clásicas de la literatura argentina, especialmente del género gauchesco, tales como Juan Moreira (1948), de Eduardo Gutiérrez; El gaucho Martín Fierro (1949), de José Hernández; o Fausto (1949), de Estanislao del Campo. (GARCÍA FUENTES, 2018, p. 4).

Foi exatamente nesta coleção que Monteiro Lobato publicou dez obras, como veremos de forma mais detalhada posteriormente. A casa editorial tinha como marcas registradas de suas publicações o colorido e as ilustrações, sendo esse o perfil das obras de Lobato pela editora.

3.1.5 Editorial Acteón (1945-1947)

Figura 9 - Timbre da editora *Acteón* impresso em carta da editora.



Fonte: Biblioteca Monteiro Lobato.

A editora *Acteón* foi fruto dos novos planos de vida de Monteiro Lobato. Planos esses que vieram tanto para impulsionar ainda mais a venda de seus livros na Argentina como, e principalmente, para fazer com que ele renovasse o brilho no olhar, pois isso, para o sonhador Lobato, só novos desafios podiam trazer. Até porque, sobre a edição de seus livros infantis na Argentina, desde 1938, esse sonho ele já realizara, pois, quando chegou ao país do Prata, toda a sua obra infantil já estava publicada. Com a *Acteón*, Lobato parecia querer seguir sonhando e trabalhando. Em carta sem data especificada, Lobato escreve ao amigo Caio Prado Júnior e comenta sobre os planos para uma editora na Argentina:

¹⁵ A data exata do nascimento da editora não é consenso. Apesar das cartas e trabalhos científicos (GURGEL, 2008; ALBIERI, 2009) relacionadas a este assunto, fica a dúvida, pois nas publicações das Doce Hazañas de Hércules que foram feitas pela editora *Acteón* em separado, “hazaña por hazaña”, o ano de copyright é 1945 e a distribuição é exclusividade da Casa Peuser.

Caio,

Olhe o jogo de coincidências. Na parte marcante da carta junto, o leia-me me lembra a ideia da editorial na Argentina. Estávamos os dois na detenção. E você e o Astum, no paraíso, planejavam a *Brasiliense*. Pois bem: os 4 ex-presos estão já pensando em editora na Argentina! Tido a ideia concebida por 4, todos na ideia...

Lobato
(CARTA S.D. DOC CPJ-CP-LOB002 Instituto de Estudos Brasileiros – USP).

Apesar de não ser identificada a data, é possível aferir o provável período em que a carta foi escrita, já que Lobato comenta sobre a sua prisão (1941) e a de Caio Prado do Júnior, que apesar de terem acontecido em vários momentos, deduz-se que se tratava do cárcere a que ele foi submetido entre 1935-1937. Em seguida, Lobato se refere à editora *Brasiliense*, que foi fundada em 1943. Pelo tom da escrita da carta, tanto as prisões como a fundação da editora já tinham acontecido, o que situa a epístola em algum espaço-temporal provável entre 1944 e 1945, já que *Acteón* é fundada entre 1945¹⁶ e 1946¹⁷. Isso mostra o desejo do escritor em montar a editora, além de evidenciar a gênese do projeto como sendo dos quatro amigos¹⁸ ex-detentos. Vemos essa ligação entre a ideia de dar início a *Acteón* na Argentina e o fato de ela ter nascido entre os intelectuais perseguidos por Vargas.

A editora teve sua fundação em 3 de outubro de 1946 e finalizou suas atividades ainda em 1947. Monteiro Lobato teve como sócios o imigrante espanhol Ramón Prieto, também tradutor de muitos de seus livros, e Manuel Barreiro. A abertura da editora também é um chamamento do interessante mercado livreiro argentino da época, que vivia então o que depois se chamaria de “*Edad de oro del libro argentino*”, que aconteceu entre os anos 1936-1955.

Lobato, como empresário do mercado do livro e grande visionário de oportunidades, certamente previu os lucros que teria ao aproveitar da melhor forma o contexto favorável da época para quem participava do mundo da edição de livros na Argentina. Por outro lado, serviu para ocupar o tempo de Lobato enquanto esteve no

¹⁶ Primeiro ano que aparece a editora como detentora de *copyright* nos livros das “*Doce Hazañas de Hércules*” publicadas separadamente: *Las aves del lago Estinfale*, *La corsa de los pies de bronce*, *El león de Nemea*,

¹⁷ De acordo com Albieri (2009, p. 152).

¹⁸ Pela carta, manuscrita, não é possível identificar os nomes dos outros colegas citados por Lobato.

país, pois durante os dois primeiros meses de descanso em Buenos Aires, o incansável escritor já não suportava o tédio, como vemos em suas próprias palavras em carta¹⁹ endereçada ao amigo Godofredo Rangel:

“Vadiar é uma delícia, mas cansa muito. Estou quase me convencendo de que fora do trabalho não há salvação – veja que estopada, amigo Rangel” (CAVALHEIRO, 1962, p. 230). Em outras cartas a amigos como Paulo Dantas e Arhur Neves continua reclamando, dizendo que “a vida sem trabalho é um bocejo insuportável”, “os dois meses de vadiação estão me pondo doente”, “[v]ou procurar uma sarna qualquer”, “[m]inha situação pessoal é a de um sujeito que sempre trabalhou e que agora está *out of job*. Sinto-me na rua, desempregado, sem ter o que fazer e com grandes saudades do trabalho; nele me absorvia e esquecia os males da vida, como acontece com os bêbados”. E então vem a editora Acteón para alegrar e movimentar a vida de Lobato outra vez. Sobre o empreendimento, ele diz em carta a Arthur Neves: “A Acteón sou eu e mais os meus livros e experiência.”. (CAVALHEIRO, 1962, p. 231).

Seguindo esse pensamento é que a engrenagem da editora é alimentada pelas produções do próprio Lobato, a começar pelas “Doce Hazañas de Hércules” e desaguando no inédito *La nueva Argentina*, como veremos posteriormente neste trabalho. Provavelmente o maior trabalho da editora foi o livro “Las doce hazañas de Hércules”, que saiu pela editora em formato de luxo e com grande divulgação, como veremos mais à frente neste estudo.

O sonho durou pouco mais de um ano, pois em carta datada de 03 de novembro de 1947, Ramón Prieto escreve a Lobato, já associando a editora a um “problema”:

Recebí su carta Del 29. Efectivamente, hace un mes estoy de un día para el otro para escribirle sobre todo este problema “Acteon”. [...] Los tres estamos de acuerdo en considerar que Acteón está prácticamente liquidada. Su liquidación física la vamos a realizar reintegrando el capital y las ganancias que hubiere, apenas se realice alguno de los negocios engatillados. [...] Y DESPUES? Apenas se realice cualquiera de esos dos negocios, Acteón será liquidada.”. (CARTA RAMÓN PRIETO A LOBATO 03/11/1947, Pasta 20 2533 *apud* ALBIERI, 2009, p. 173).

Já em dezembro do mesmo ano, o pintor Bernaldo Quirós, amigo de Lobato, envia carta ao escritor dizendo: “Lamento que se disuelva “Acteon” que podia haber

¹⁹ Infelizmente não há data nem localização exata na maioria das cartas citadas na biografia de Monteiro Lobato feita por Edgard Cavalheiro (1962).

realizado tantas cosas bellas” (CARTA DE B. DE QUIRÓS A LOBATO em 10/12/1947 *apud* ALBIERI, 2009, p. 176).

3.1.6 *Producciones García Ferré / Editorial Lord Cochrane S.A. (1964–2001)*

Figura 10 - Marca da *Producciones García Ferre S.A.* nos anos 1990.



Fonte: Disponível em: <http://marianogabrielperez.blogspot.com/2011/05/producciones-garcia-ferre.html?m=0> . Acesso em: 1 ago. 2020.

A *Editorial Lord Cochrane S.A.*, sediada no Chile, apenas imprimiu o livro “Fábulas”, com a adaptação das fábulas de Lobato para a revista *Anteojito*, como parte integrante da Colección Biblioteca de Oro del Estudiante, uma coleção que era um suplemento da revista infantil. Na realidade, o *copyright* pertencia à proprietária da revista, a *Producciones García Ferré S.A.* Sobre a *Editorial Lord Cochrane S.A.* não se tem muitas informações. Sabe-se que desde 1974 publica e distribui revistas, catálogos comerciais, livros telefônicos e livros escolares. A Companhia opera fábricas em Chile, Argentina e Brasil, e distribui as publicações na América do Sul e nos Estados Unidos. Tem como marca registrada projetos editoriais com grande qualidade visual.

A *Producciones García Ferré*, como veremos mais à frente neste trabalho, era uma empresa que editava a famosa revista infantil argentina *Anteojito*, além de ter outros produtos voltados ao público infantil, como animações para a televisão.

3.2 *Don Quijote de los niños*: o primeiro passo infantil de Monteiro Lobato na Argentina

O primeiro livro infantil de Monteiro Lobato traduzido para o espanhol na Argentina foi publicado oito anos antes de sua chegada ao país, desta vez para montar uma editora e morar na cidade. O título escolhido para ser a primeira obra infantil lobatiana presente no país foi *Don Quijote de los niños*. É interessante a escolha do autor em publicar esta obra antes de “Reinações de Narizinho”, por exemplo, ou de

qualquer outro título mais antigo. Monteiro Lobato, como escritor e comerciante habilidoso, provavelmente, junto com seus editores, optou pelo título por se tratar de uma história que dialoga com o clássico da literatura mundial, já bastante conhecido nos países de língua espanhola, principalmente, que é o clássico *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes.

Preferiu começar por um terreno conhecido e que naturalmente já tinha uma ligação com o leitor argentino. O livro lobatiano, que foi publicado pela primeira vez no Brasil em 1936, na Argentina, foi traduzido por Benjamim de Garay e editado em 1938 pela editora *Claridad*. Lobato, provavelmente através de Garay, seu colega e tradutor, fez contatos para a publicação do livro por meio da referida editora, que foi uma das casas editoriais mais importantes na história livreira argentina²⁰. A figura de Garay foi importantíssima para a circulação de Lobato no meio intelectual argentino. A amizade entre os dois iniciou-se muitos anos antes, ainda na década de 1920, quando participavam de uma espécie de Tertulia batizada de “A Colmeia”, que reunia nomes como Monteiro Lobato, Menotti del Picchia, Paulo Gonçalves, Léo Vaz, Affonso Schmidt (LIMA, 1985, p. 33). Croce (2017, p. 250) explica que Garay foi um importante vetor de difusão da literatura brasileira na Argentina, pois fez uma interface entre os dois países nesse sentido:

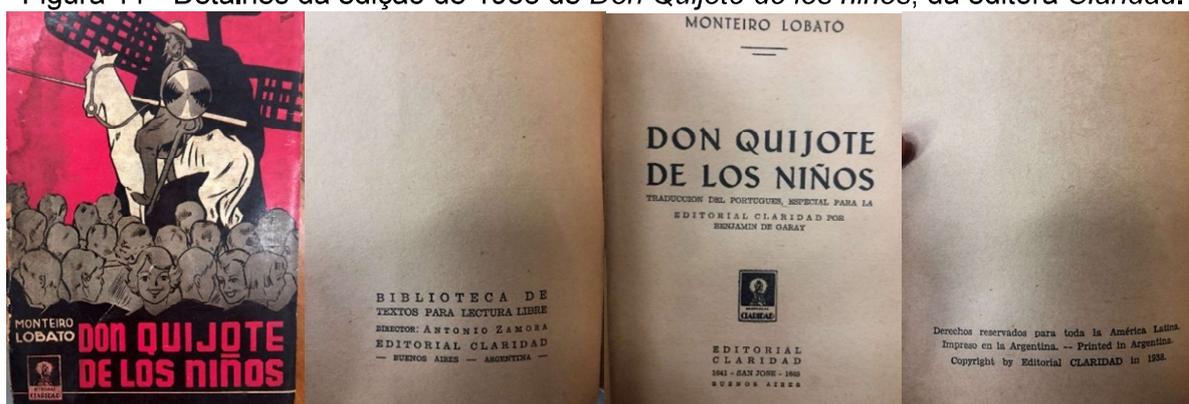
Nacido en 1875, hacia 1915 comienza a relacionarse con actividades vinculadas a la presentación, difusión y traducción de la literatura brasileña en diarios, revistas y editoriales argentinas. Acciones de esa índole se intensificaron en la década de 1920, acrecentándose hasta su muerte en 1943. Vivió algunos períodos entre San Pablo y Rio de Janeiro, entablando amistad con Monteiro Lobato, Coelho Neto, Ronald de Carvalho y Graciliano Ramos, entre otros. Rápidamente fue incorporado al campo literario brasileño desde el inicio de su producción, especialmente en función de los vínculos editoriales innovadores establecidos entre Gálvez y Lobato, de los cuales Garay fue un actor entre bastidores. (CROCE, 2017, p. 251).

²⁰ A editora *Claridad* foi fundada em 1922 como “Cooperativa Editorial Claridad” pelo imigrante espanhol Antonio Zamora. A organização era guiada pela intenção de popularizar vários títulos considerados importantes para o conhecimento, a formação, a educação e o desenvolvimento do olhar social das classes mais pobres. O idealizador era socialista e acreditava que a informação e a educação eram fundamentais para que a população menos favorecida mudasse sua realidade. Dentro desta premissa, publicou muitas coleções nas áreas de sociologia, direito e conhecimentos gerais, com destaque para a coleção “Pensadores”, que divulgava as ideias dos principais filósofos e pensadores europeus. As publicações da editora se caracterizavam por serem, inicialmente, folhetos de pelo menos 32 páginas e também livros, sendo que toda a produção era vendida a baixo custo. Antonio Zamora ficou à frente da editora até sua morte em 1977, tendo ela seguido existindo e sendo administrada por familiares de Zamora até 1980, entretanto, no mesmo ano, a empresa foi adquirida pela Editora Heliasta. (BIANCHI; CYTRYN; UBERTALLI, 2013).

Houve uma fase de circulação de livros entre os países vizinhos, que diz respeito às ações editoriais firmadas entre Galvez e Lobato nas década de 1920, intitulada de “Emancipação da bibliocircularidade”, a qual antecede o período em que houve esse intercâmbio entre Lobato e Garay. Dentro da literatura científica sobre o tema da circulação livreira Brasil-Argentina na década de 1930, o período posterior à fase inicial de emancipação amadurece para o de “institucionalização da bibliocircularidade” (DINIZ, 2017 *apud* CROCE, 2017, p. 241). Desse momento histórico, Benjamin de Garay foi um ativo participante, além de continuar atuando por, ao todo, três décadas, com suas traduções e com o estabelecimento de contatos com os literatos brasileiros. A institucionalização da bibliocircularidade se deu, além dos contatos culturais e comerciais, como o de Garay e Lobato, por exemplo, também por firmamentos de acordos entre os governos brasileiro e argentino para que se publicasse reciprocamente obras brasileiras e argentinas.

O então presidente da Argentina Agustín P. Justo e Getúlio Vargas estabeleceram convênio para a publicação bilateral, como o que resultou na publicação da coleção “Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano” conduzida por Ricardo Levene e subsidiada pelo Ministério da Justiça e Instrução Pública. Em contrapartida, publicou-se a Coleção Brasileira de Autores Argentinos, sob responsabilidade de Pedro Calmon e financiada pelo Itamaraty (FRAGA, 2000; PAZ DOS SANTOS, 2009). Foi nesse contexto, em que a união de relações comerciais e governamentais impulsionavam o aumento da presença da literatura brasileira na Argentina e vice-versa, que chegou ao mercado argentino a primeira obra infantil de Lobato traduzida para o espanhol. *Don Quijote de los niños* estava inserido na coleção “Biblioteca de Textos para Lectura Libre”. A seguir podemos ver a capa e as páginas iniciais do livro.

Figura 11 - Detalhes da edição de 1938 de *Don Quijote de los niños*, da editora Claridad.

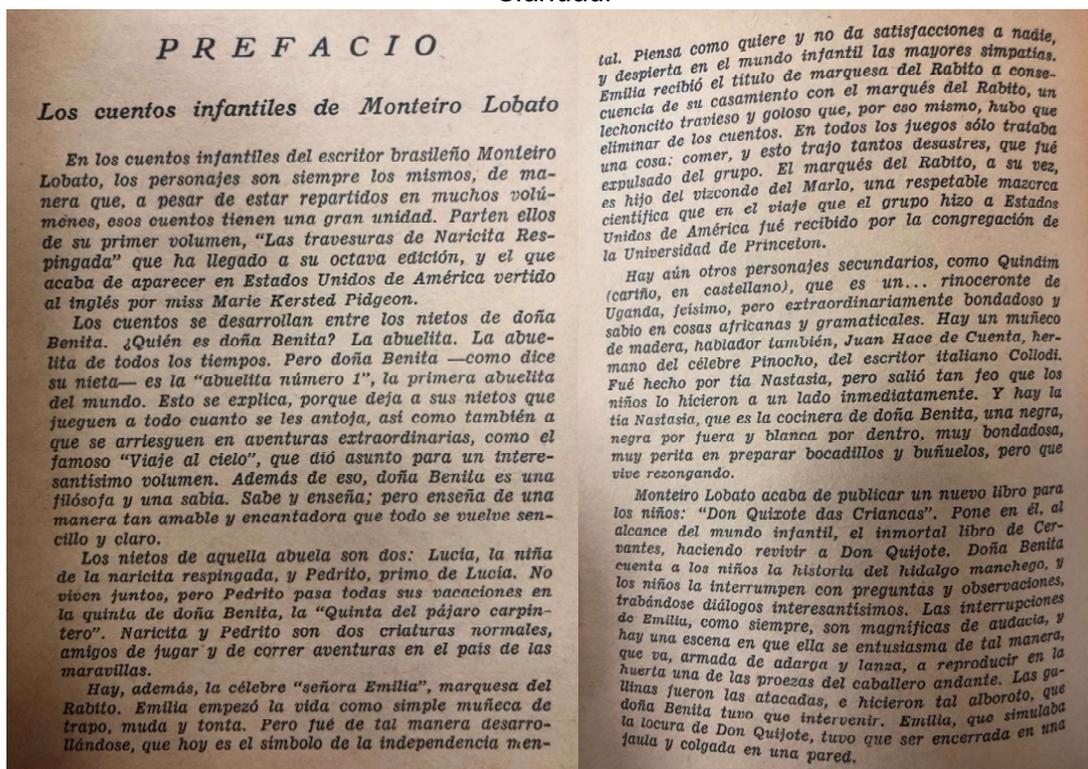


Fonte: Biblioteca e Centro de Documentação LA NUBE

A capa do livro mostra, usando predominantemente as cores rosa, cinza e preto, a imagem de “El Quijote” em uma de suas aventuras mais emblemáticas, a dos moinhos de vento. Ele está montado em seu magro cavalo Rocinante e, a seguir, aparecem vários rostos do que parecem crianças ou adolescentes, mostrando assim o público alvo da obra. Em seguida, na falsa folha de rosto, observamos a indicação de que o livro faz parte de uma das coleções produzidas pela editora, no caso, a Biblioteca de Textos para Lectura Libre, como já dito anteriormente. Na folha de rosto, visualizamos o nome do autor, o título da obra, uma referência sobre a tradução especial para a Editora Claridad, o nome do tradutor, Benjamin de Garay, o símbolo, o nome e o endereço da editora. Finalmente, vemos o *copyright* e a data da impressão da obra.

Como *Don Quijote de los Niños* fazia parte das aventuras da turma do Sítio do Pica-pau Amarelo, o livro trouxe um prefácio de duas páginas explicando quem eram os personagens e contextualizando a obra publicada, como podemos ver a seguir.

Figura 12 - Detalhes do prefácio da edição de 1938 de *El Quijote de los niños*, da editora Claridad.



Fonte: Biblioteca e Centro de Documentação LA NUBE

No primeiro parágrafo do prefácio, os editores, ou quem sabe até o próprio Lobato, apresentam a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo e salientam que o grupo já apareceu em diversos outros títulos, além de acabar de "aparecer nos Estados Unidos", após ter sido vertido para o Inglês por "Miss Marie Kerted Pidgeon". A citada tradutora se tratava da bibliotecária da escola Benjamim Franklin, de Nova York, que em 1940 já elogiava²¹ o trabalho literário de Lobato. O fato é que a tradução realmente pode ter acontecido, mas não se tem notícia de obras infantis de Monteiro Lobato tendo circulado no mercado estadunidense. Em carta com data de 12 de agosto de 1948, ou seja, após a recente morte de Lobato e dez anos depois da primeira publicação de *Don Quijote de los niños*, em cujo prefácio aparece a menção à senhora Marie K. Pidgeon, a referida tradutora parece ainda "lutar" para que "O saci" e "As caçadas" sejam publicadas nos Estados Unidos. Ela cita ainda que lamenta o fato de nenhuma obra do escritor ter sido publicada nos EUA.

²¹ Mary Kiersted Pidgeon disse à edição de 23/11/1940: "Entre os volumes que recebemos por intermédio da União Pan-Americana, só há um grupo que reúne todas as qualidades necessárias: os devidos à pena do escritor Monteiro Lobato. Se fossem escritos em espanhol e não em português, já de há muito os educadores teriam percebido a extensão do serviço prestado às crianças americanas em geral, pelo que o Sr. Monteiro Lobato produziu" (CAVALHEIRO, 1962, p. 183)

Caro Doutor Lobato:

Hoje tenho um replay do Sr. Alfred. A. Knopf dizendo que tinha telegrafado para saber sobre as traduções em inglês de *O Sacy e As Caçadas*, como sugeri que fizesse. Já faz alguns anos que os enviei, então espero que os dois manuscritos tenham sobrevivido aos confiscos brasileiros e cafezinhos argentinos: Tenho cópias grosseiras aqui, mas precisariam de muitas correções. Se você não providenciou sua publicação, já que eu o desejo, via Raias, e eles ainda estão disponíveis, espero que a firma Knopf possa publicá-los. É um excelente editor infantil, mas escrevi diretamente ao Sr. Knopf mencionando o Saml. Coloquei no livro e disse que achei lamentável que não tivéssemos publicado nenhum de seus belos trabalhos neste país. Copiei a carta do Sr. Knopf no verso deste (Vira). Se decidir ficar com *O sacy e As Caçadas*, faça-o negociar numa escala móvel de royalties (5.000 exemplares, 10 por cento, 10.000 por cento etc. até 20 por cento ou vinte e cinco por cento). Você sabe mais sobre isso do que eu, imagino. Falamos originalmente de um acordo meio a meio sobre os rendimentos e eu ainda assim, se tivermos sorte e isso for bom para você, como qualquer coisa que vier a mim eu darei a tom y alma mater, Vassar College, por uma bolsa (The Lobato Scholarship?) e para providenciar uma linda Sala de Leitura brasileira, mobiliada para brasileiros e sobre o Brasil. Aqui está a esperança.

Você vai me enviar seu endereço permanente (casa)? Este é o novo endereço de publicação, mas isso, há anos.

Espero que você e sua família estejam bem. Você e a Sra. Lobato nunca vêm a Nova York? Temos cafés aqui também. Suba e beba comigo no telhado de Vassar.

Cordialmente, sua.

Marie K. Pidgeon.
(CARTA A MONTEIRO LOBATO, CEDAE).

De acordo com o conteúdo da carta, parece que o prefácio da primeira edição de *Don Quijote de los niños* quis valorizar a obra, evidenciando o interesse de editores estadunidenses em publicá-la ou traduzi-la, ainda que a concretização da circulação de obras naquele país ainda não estivesse garantida.

No segundo parágrafo, Dona “Benita” é apresentada como sendo uma sábia e filósofa, além de avó querida, a avó número 1. Em seguida, no terceiro parágrafo são apresentados seus netos, “Naricita” e “Pedrito”, como pessoas normais. No quarto parágrafo, Emília finalmente vem à baila e é descrita como “Marquesa del Rabito” e como um símbolo de independência, apesar de ter começado a vida “tonta y muda”.

Logo após, fala-se do Marquês de Rabicó, seu desaparecimento das histórias por ser um tipo de personagem não muito significativo.

O Visconde de Sabugosa também é mencionado como uma espécie de cientista, de ser da ciência e chama-se “Visconde de Marlo”. No quinto parágrafo é citado o boneco de madeira feito por tia Nastácia, o “Juan Hace de Cuenta”. Também se fala sobre a própria “Tia Nastasia” descrevendo-a como “Negra por fora e branca por dentro”, citando sua bondade e dotes culinários. A menção ao fato de Nastácia ser branca por dentro traz reflexões sobre o contexto e os costumes do início do século XX no Brasil e na Argentina. A naturalização da bondade do branco e a suposta maldade do negro é um dos pontos passíveis de questionamentos. Nastácia foi descrita no penúltimo parágrafo, após os animais e um boneco de madeira, o que contrasta bastante com seu real papel dentro da família que se reunia no Sítio do Pica-Pau Amarelo, já que ela tinha um lugar importante na educação das crianças e era a segunda pessoa com voz de autoridade dentro da casa.

No último parágrafo, o livro *Don Quijote de los niños* é apresentado como mais uma das aventuras da turma do Sítio e algumas passagens da obra são contadas superficialmente como forma de animar os leitores a investirem na leitura daquele volume. A introdução que contextualiza o livro publicado dentro de uma história já iniciada, com personagens que vivem aventuras diferentes em muitas oportunidades, talvez já fizesse parte dos planos de divulgação de futuras edições naquele país. O que de fato aconteceria durante anos, inclusive após a morte de Lobato. Cavalleiro (1962, p. 142) já afirma que após a finalização da escrita de “Os doze trabalhos de Hércules”, Lobato estava bem estabelecido financeiramente, pois tinha 39 histórias, sendo 32 originais e sete adaptações, quase um milhão de exemplares em circulação no Brasil e tinha aspirações na Argentina:

E os planos dos editores são grandiosos: dentro em pouco aparecerão no mercado de língua espanhola trinta e sete livros. Juntando-se-lhes os trinta volumes das “Obras completas” em preparo e mais as obras comuns das séries infantis; vendidas fora da coleção, terá dentro de pouco tempo, nada mesmo do que cento e dois títulos em circulação só no Brasil e na América do Sul. [...] Agora é diferente: na Argentina preparam uma edição completa, em grande estilo, de todo o ciclo do Narinha; Da Itália chegam excelentes notícias; Editores norteamericanos mostram-se interessados. É a glória. (CAVALHEIRO, 1962, p. 142).

Não consta que Lobato tenha publicado mais algum livro infantil pela editora Claridad, mas sim adulto, “El presidente Negro” (1935). Alguns anos depois, em carta datada do dia 02 de março de 1943, é que o autor relata à sua esposa, Purezinha, que fechou contrato para a publicação de todos os seus livros infantis na Argentina:

Recebi o contrato da edição de todos os meus livros infantis em espanhol na Argentina. Todos. E para começar, vão sair de um bloco cinco. O negócio me parece ainda maior que aqui, e desse modo poderei por de lado uma dessas rendas para ir acumulando uma fofurninha para você e a Ruth. A minha preocupação agora é só você e Ruth. Hei de deixá-las bem. Sosseguem. (CARTA DE LOBATO A PUREZINHA, CEDAE, 2 DE MARÇO DE 1943).

Em 1940, a editora Americalee deu início à publicação da “Colección infantil Monteiro Lobato: el genial poeta de la niñez”. A referida coleção foi editada entre 1940-1944 (Museu da Biblioteca Monteiro Lobato). O folheto de apresentação, como podemos ver a seguir, incentiva a aquisição da série de livros como presente de Natal, a julgar pelas figuras da árvore natalina e do papai noel.

Figura 13 - Folheto da *Colección infantil Monteiro Lobato: el genial poeta de la niñez*.



Fonte: Museu da Biblioteca Monteiro Lobato.

O impresso de divulgação apresenta a coleção de livros como sendo de cunho educativo e a recomenda para a faixa etária de 5 a 12 anos. É interessante observar o tom de valorização dado pelo folheto ao fato de as histórias de Lobato serem ambientadas em um contexto americano e próprio ao leitor da terra. Também valoriza a “nova vida” dada aos contos populares americanos que, contados por Lobato, tornam-se leves e interessantes ao leitor do ambiente americano. A coleção completa teve inicialmente dez livros: *Travesuras de Naricita*, *Nuevas travesuras de Naricita*, *Viaje al cielo*, *El Genio del Bosque*, *Cacerías de Perucho*, *Aventuras de Hans Staden*, *Historia del mundo (Tomo I)*, *Historia del Mundo (Tomo II)*, *Peter Pan*, *el niño que no quiso crecer* e *El Quijote de los niños*.

Além de divulgar as obras já em circulação nas livrarias e à venda na própria editora Americalee, o folheto ainda apresenta 5 obras que serão publicadas em breve: *El País de la Gramática*, *La Aritmética de Emilia*, *Geografía para los Niños*, *Memorias de Emilia* e *Fábulas*. Na publicação é bastante valorizado número de páginas por volume da coleção, além da “profusão de ilustrações” em técnica de citocromia²². O grande sucesso no Brasil, “Reinações de Narizinho”, faz parte deste primeiro grupo de dez livros publicados pela editora Americalee. De acordo com Bertolucci (2009 *apud* LAJOLO; CECCANTINI, 2009, p. 190-191), o sucesso de Reinações de Narizinho cruza as fronteiras do Brasil e passa a encantar o público de outros países, citando a Argentina:

[...] Mas o sucesso não acontece apenas em terras brasileiras, a partir de 1944, quando são lançadas *Las travesuras de Naricita* e *Las nuevas travesuras*, leitores e editores argentinos e de toda a América espanhola ampliam as fileiras de admiradores da obra. A seguir, podemos ver a primeira edição do livro na Argentina. (BERTOLUCCI, 2009 *apud* LAJOLO; CECCANTINI, 2009, p. 190-191).

Em 1943, em carta a Godofredo Rangel, seu grande amigo, Lobato relata que está debruçando-se à revisão de obras que serão editadas no país da prata: “Ando parado com traduções. Meu tempo se escoou na revisão e alguma adaptação dos livros a saírem em espanhol na Argentina. Imagine a Emilia a dizer ‘Caramba!’, ‘Qué va!’’, ‘Caracoles!’” (LOBATO, 1969, t. 2, p. 344). Ele também escreveu a seu editor argentino dizendo que “Aquí en Brasil suspendí todas mis otras actividades para dedicarme

²² Procedimento com o qual, por meio de placas de zinco, são obtidas impressões com quatro cores: vermelho, amarelo, azul e preto.

exclusivamente a la preparación de mis libros para la edición en español” (CARTA A DOMINGO LANDOLFI, 22/02/1943). Provavelmente, o autor se referia à coleção que seria então publicada pela editora *Americalee* e que, segundo informações da exposição sobre Monteiro Lobato, na Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo, foi organizada e publicada entre 1940-1945.

Conforme Gooelner, Saavedra e Menares (2021), a década de 1940 foi importantíssima para o estabelecimento de Lobato como autor literário na Argentina, pois seria esse o período apoteótico da obra do autor naquele país: “El gran apogeo de la literatura infantil de Lobato en Argentina ocurrió en las décadas de los 30 y, principalmente, de los 40, al firmar un contrato con la Editorial Americalee, la cual publicó su obra infantil completa en 23 volúmenes.”. A editora *Americalee* foi a responsável por publicar, pela primeira vez em grande tiragem e em coleção completa a obra infantil de Lobato na Argentina. Apesar de *Don Quijote de los niños* ter sido publicada no país seis anos antes, em 1938, e de já no prefácio anunciar que a história fazia parte de um verdadeiro mundo ainda a ser desbravado pelos leitores argentinos, a publicação infantil na editora *Claridad* se restringiu apenas a esse título.

A guinada veio mesmo com a *Americalee* em 1944. Finalmente o seu livro emblemático, que veio à luz no Brasil em 1931²³, *Las travessuras de Naricita*, para público infantil, é publicado no país da prata, dentro da coleção “Monteiro Lobato: O genial poeta de la niñez”, dando início ao longo caminho de várias edições que se desenvolveriam ao longo de anos e anos, chegando até a ser republicada em 2010, como veremos mais adiante nesta tese. Segundo Albieri (2009), o tradutor Ramón Prieto faz parte da rede de contatos que proporcionou a Lobato essa penetração intensa do autor na Argentina, e sua consagração como autor presente no cenário literário daquele país.

Se Lobato já era conhecido na Argentina desde a década de 1920, por seus contos publicados na imprensa *Sítio* e por seu livro *Urupês*, na década de 1930 e 1940, o escritor será reconhecido, também, por suas obras infantis. Em 1938, Garay abriu as portas para que esse reconhecimento acontecesse na Argentina; porém, quem continuou

²³ O livro *As reinações de Narizinho* foi publicado no Brasil em 1931 pela Companhia Editora Nacional como primeiro volume da coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira – Série I – Literatura Infantil. A obra é composta por 11 capítulos, distribuídos em 306 páginas, com ilustrações de João G. Villin (BERTOLUCCI, 2014 *apud* LAJOLO; CECCANTINI, 2009). É importante lembrar que o livro deriva do *A menina do narizinho arrebitado*, de 1921, que com algumas modificações, tornou-se o livro que conhecemos hoje.

com a trajetória de publicações lobatianas, a partir de 1942, foi Juan Ramón Prieto²⁴. As “portas literárias” de Monteiro Lobato estavam abertas na Argentina; no Brasil”. (ALBIERI, 2009, p. 220).

O início dessas publicações na Argentina também marcou o começo da distribuição das obras do autor dentro de outros países da América Latina, pois as traduções para o espanhol proporcionavam diversas oportunidades de ganho de outros mercados que compartilhava esta língua. A editora *Losada*, por exemplo, uma das casas editoriais que mais publicaram a obra de Lobato, na década de 1940, já tinha sucursais em várias capitais latino-americanas, como podemos verificar no relato histórico oficial da editora:

Las sucesivas crisis económicas no lograron abatir a la Editorial Losada, que crecía poco a poco. Se crearon sucursales em Uruguay, Colombia, Perú y Chile. Los libros cons su sello llegaba a todos los rincones del mundo hispanoparlante, los autores que com dicho sello publicaban eran reconocidos em su país de origen y em países distantes. El período comprendido entre 1936 y 1947 – dentro del cual se funda la editorial – fue brillante porque la crisis política española culminó com la guerra civil, lo que permitió nuestra expansión a los mercados lationamericanos²⁵.

Esta constatação nos faz ter a possível dimensão do alcance da obra de Lobato, que, tudo indica, viajou muito mais além do que o Rio da Prata – embora não haja relatos de fenômeno de grandiosidade semelhante à Argentina, no que toca à recepção e à circulação do conjunto da obra infantil do autor em outros países da América Latina. Como afirmam Goellner, Saavedra e Menaras (2021),

[d]estacamos que la explicación²⁶ sobre Lobato en Argentina es más extensa que las demás debido a su largo historial de publicaciones en el país, algo que no ocurrió en los demás países aquí mencionados.

²⁴ Prieto (1902, Espanha-1985, Buenos Aires) foi um imigrante espanhol que teve uma vida de muitas mudanças e aventuras. Após viver no Paraguai, Brasil, lutar na guerra civil espanhol, ser capturado e enviado para um campo de concentração na França e ser resgatado por Pablo Neruda, fugiu para a Argentina, onde fez a vida como jornalista, escritor e tradutor. Conhecido por lutar pelos direitos democráticos e republicanos, ser um militante de muita atuação nestas causas onde quer que morasse, apoiou o peronismo e teve uma longa trajetória de amizade e negócios com Monteiro Lobato, sendo o tradutor da maioria das obras lobatianas para o espanhol. (Disponível em: <https://www.visiondesarrollista.org/ramon-prieto-bernier-una-vida-legendaria-consciente-y-militante/>. Acesso em: 27 mar. 2020).

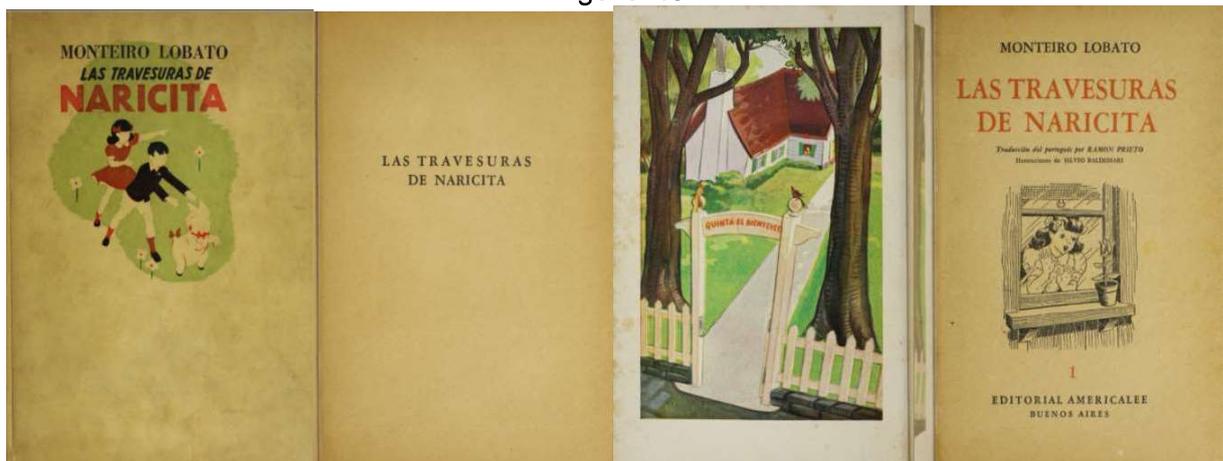
²⁵ Disponível em: <http://www.editoriallosada.com/quienes-somos>. Acesso em: 28 out. 2021.

²⁶ Esta citação está presente no artigo “reinações de narizinho em espanhol, una propuesta: proyecto chileno de traducción y análisis comparativo de traducción latino-americanas”, em que os autores trazem a contextualização das obras analisadas que circulam na Argentina, na Colômbia e no Chile. Por isto a explicação por deter-se mais à parte em que fala da Argentina.

Además, Argentina fue el único país a publicar su obra infantil completa traducida al español (GOELLNER; SAAVEDRA; MENARES, 2021, p. 223).

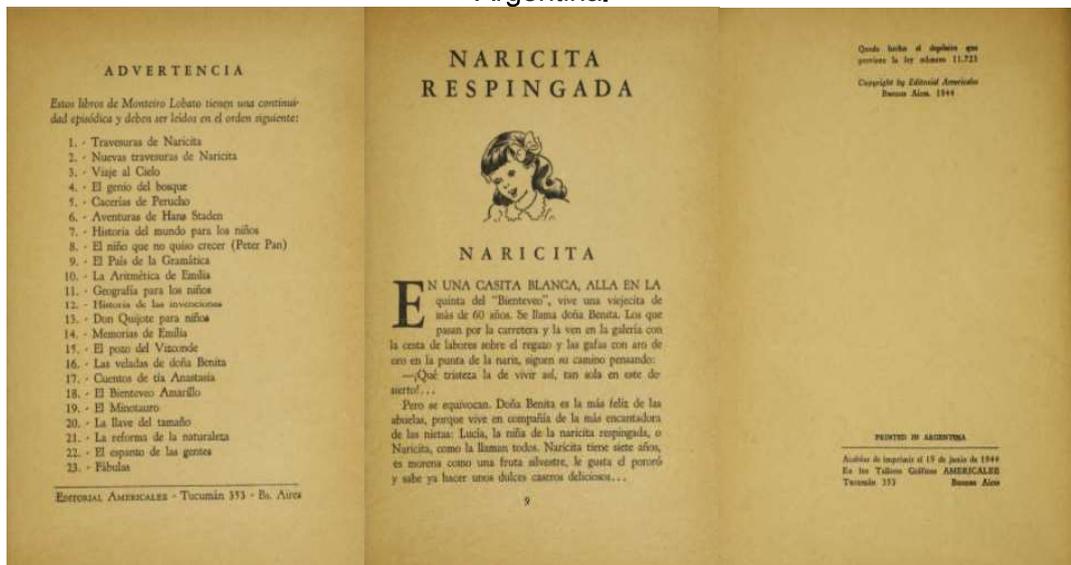
A seguir, podemos ver a primeira edição da obra na Argentina finalmente publicada em 1944.

Figura 14 - Detalhes da primeira edição em espanhol de *Reinações de Narizinho* na Argentina.



Fonte: Acervo da biblioteca LA NUBE (Argentina).

Figura 15 - Detalhes da primeira edição em espanhol de *Reinações de Narizinho* na Argentina.



Fonte: Acervo da biblioteca LA NUBE (Argentina).

Figura 16 - Índice da primeira edição em espanhol de *Reinações de Narzinho* na Argentina.

INDICE		EL MARQUÉS DE RABICÓ	
NARICITA RESPINGADA		EL MATRIMONIO DE NARICITA	
Naricita	8	La enfermedad del príncipe	133
En el palacio	16	El príncipe	136
El beduino	22	Los granjeros del marqués	141
La madre de las hadas	28	La ligada	148
La fiesta y el mayar	33	Los apuros del marqués	151
La pillona gualete	38	El venado maravilloso	154
		Ve dejando al secreto	158
LA QUINTA DEL BIENESTAR		LAS AVENTURAS DEL PRÍNCIPE	
Las gaitas	47	El gato Filiz	167
El sereno de la noche	54	Entran todos	174
La pena	57	Tío Anastasio y la sardina	178
Los horrores raros	61	Los sucesos de la noche	183
Pirucha	70	Harabos	187
El viaje	78	Los esposos del príncipe	191
El salto	84	El secreto	196
Tuan Mir	87	Naricita despierta	199
Las volutas del escarabajo	91		
Adoración	96		
La reina	101		
El ogro			

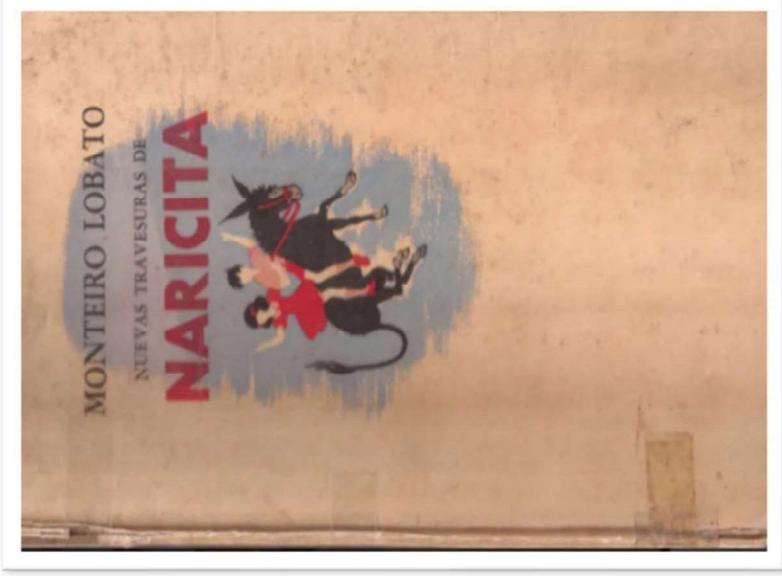
Fonte: Acervo da biblioteca e centro de documentação LA NUBE (Argentina).

Observa-se que a materialidade do livro é composta por ilustrações e cores vivas, conforme o prometido no folheto de divulgação da Americalee. É interessante observar a qualidade da publicação, a julgar pela perfeição em que ainda se encontram a vivacidade das cores e contornos de suas ilustrações. A maturidade de Lobato como escritor e editor também transpareceu na qualidade de suas obras publicadas na Argentina. Todo o conhecimento e toda a experiência na escrita, edição e distribuição de livros, construído e lapidado por Lobato através de anos, completava-se com o lançamento de sua coleção infantil na Argentina.

Ele aproveitara o seu ímpeto de um verdadeiro fechamento de ciclo, pois no mesmo ano de 1944 ele terminara de escrever a última aventura dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, *Os doze trabalhos de Hércules*. No mesmo período em que terminava a odisséia da turma comandada por Dona Benta, publica seus livros infantis na Argentina. Alguns anos depois, em 1947, também traz à tona as suas “Obras completas” voltadas ao público infantil brasileiro. Lobato não esperou para entrar com força total no mercado argentino do livro infantil. Quando ele emigrou para viver em Buenos Aires, em 1946, muitos de seus livros já faziam sucesso no país.

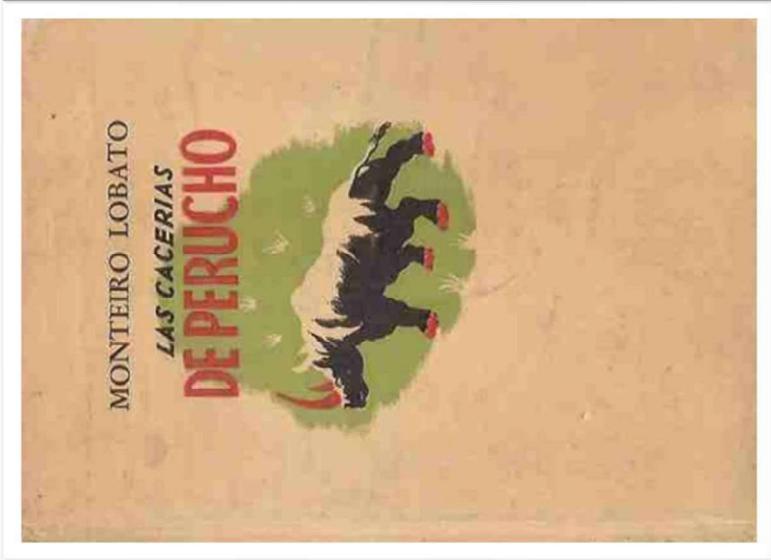
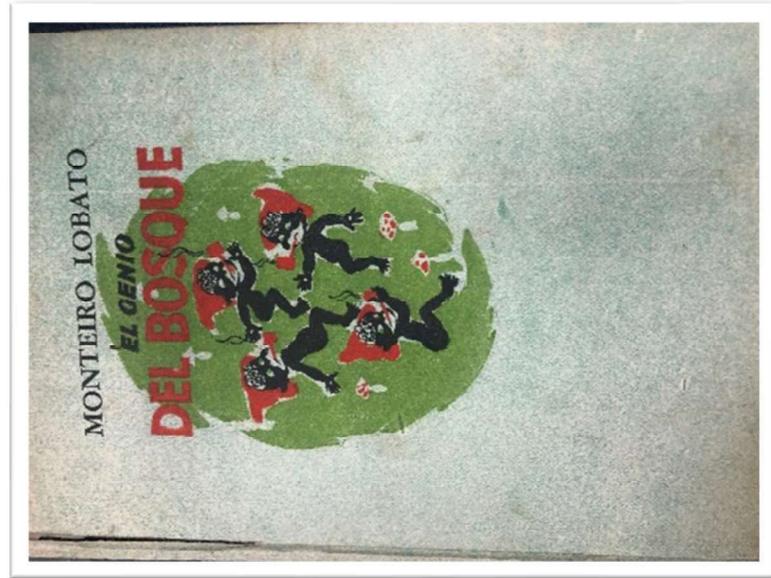
A seguir, vemos a primeira coleção de livros infantis de Monteiro Lobato lançada na Argentina.

Figura 17 – Coleção Monteiro Lobato, da editora Americalee: *Las aventuras de Naricita* (1944), *Nuevas aventuras de Naricita* (1944), *Viaje al cielo* (1944).



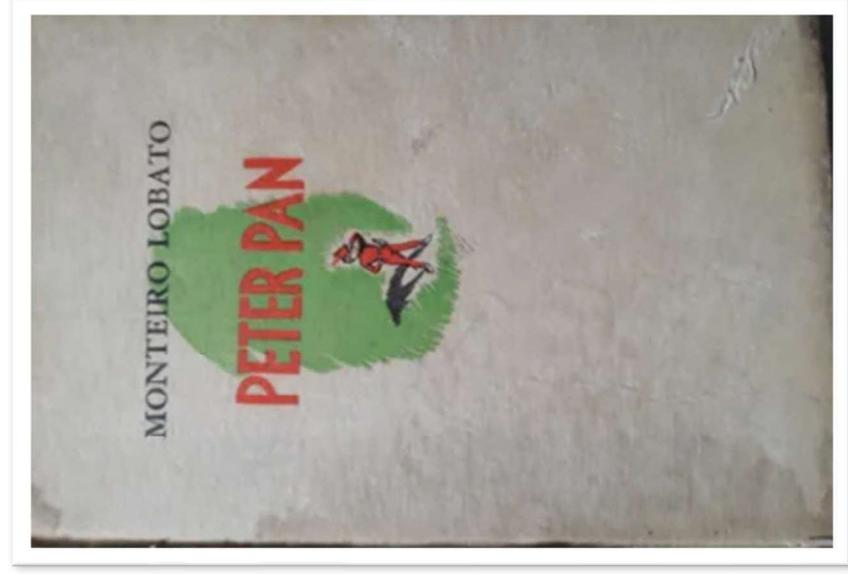
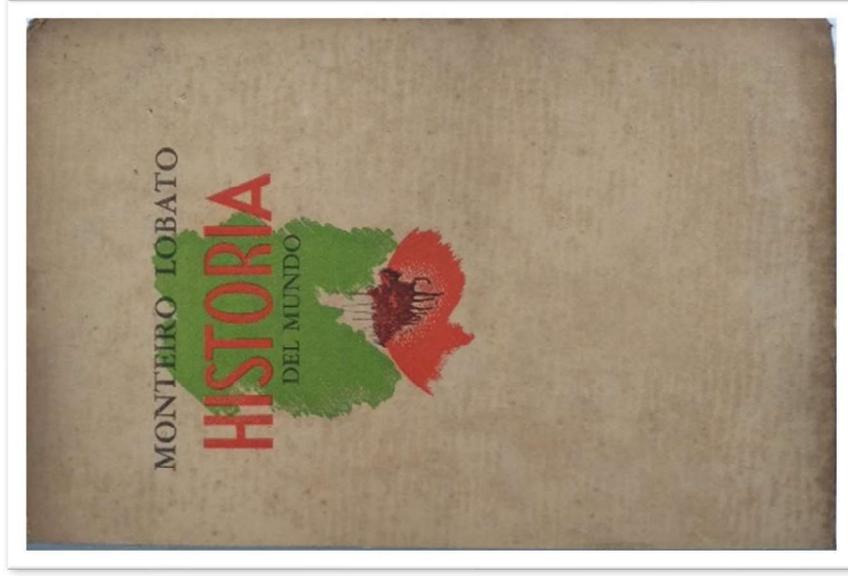
Fonte: Biblioteca e Centro de Documentação "La Nube" (Argentina).

Figura 18 – Coleção Monteiro Lobato, da editora Americalee: *El genio del bosque* (1944), *Cacerías de Perucho* (1944), *Cacerías de Perucho y Staden* (1944), *Aventuras de Hans Staden* (1944).



Fonte: Biblioteca e Centro de Documentação "La Nube" (Argentina).

Figura 19 - Coleção Monteiro Lobato, da editora Americalee: *Historia del mundo para los niños 1* (1944), *Historia del mundo para los niños 2* (1944), *Peter Pan: el niño que no quiso crecer* (1944).



Fonte: Biblioteca e Centro de Documentação "La Nube" (Argentina).

Figura 20 - Coleção Monteiro Lobato, da editora *Americalee*: *El Quijote los niños 1* (1944).



Fonte: Biblioteca e Centro de Documentação "La Nube" (Argentina).

O que se seguiu após o lançamento desse primeiro grupo de dez obras foi uma constante de sucessivas publicações. O restante dos livros da turma do Sítio do Pica-pau Amarelo que ainda não tinha sido lançado foi vindo a público ano a ano até que começaram as reimpressões. A precisão de números no período de ouro da produção de livros na Argentina é algo que nem sempre encontramos, segundo Giuliani (2018), dado o enorme tamanho dessa indústria e também por conta da falta de dados disponíveis, não só a respeito da obra de Lobato, mas do levantamento da demanda geral de livros nesse período. Assim sendo, não há dados exatos de quantas edições foram colocadas no mercado de fato. A literatura científica sobre o tema geralmente aponta que várias edições dos livros de Lobato se esgotaram, mas não com mais especificidade. Na reedição de *Travesuras de Naricita*, pela editora *Losada*, em 2010, há paratextos falando da “Vieja Edición”, dando conta de que “En la década de 60, la editorial Losada publicó la Colección Infantil de Monteiro Lobato. Se publicaron 24 títulos, algunos de ellos agotaron hasta diez ediciones” (LOBATO, 2010, p. 130). De toda forma não sabemos as tiragens exatas para fazer essa precisão, até porque os livros não eram distribuídos apenas na Argentina, mas provavelmente por todos os países cobertos pela editora *Americalee / Losada*. Giuliani (2018) esclarece que a editora *Losada*, uma das mais prósperas da Argentina no período,

Junto a la reconstrucción de su valioso catálogo, la historiografía fue paulatinamente interpretando las políticas editoriales y algunas de las estrategias empresariales que lo sustentaron. Así, desde sus conjuntos iniciales, tales como la Biblioteca Contemporánea y La Parajrita de Papel, sabemos que la selección de títulos de Losada estuvo claramente orientada hacia los mercados de exportación. Y que sus estrategias de captación de autores fueron también coherentes con esa orientación, hacia el gusto de los lectores hispanoamericanos. (GIULIANI, 2018, p. 69).

Apesar dos indícios de uma possível distribuição da obra de Lobato ter circulado em outros países e de constatações através de trabalhos acadêmicos (GOELLNER; SAAVEDRA; MENARES, 2021, p. 223; LAJOLO, 2006, p. 102), não há números exatos que comprovem que toda a literatura infantil de Lobato circulou por todos os países latino-americanos, como aconteceu na Argentina. De toda forma, a produção de muitas edições no país da prata pode ser constatada conforme o quadro a seguir, em que é mostrado um apanhado de todas as edições dos livros da coleção infantil de Monteiro Lobato encontradas nesta pesquisa, como forma de mapear a

produção e o volume de sua obra naquele país. As edições foram catalogadas por ano de publicação na Argentina, mostrando de qual edição se tratava e identificando os tradutores e ilustradores da obra do autor.

3.3 *Hércules* editado pela *Acteón*

Apesar de editar praticamente toda a obra infantil de Lobato, a editora Americalee não detinha os direitos sobre a publicação da última grande obra infantil escrita pelo autor: *Os doze trabalhos de Hércules*. A editora *Tridente* demonstrou bastante interesse em publicar a obra, mas a negociação acabou não se efetivando. Conforme o contato entre a referida editora e Lobato,

Pasta 20 2521

Buenos Aires,

17 de setiembre de 1944.

Presado Amigo Monteiro Lobato [...]

O Tridente gostaria imensamente de poder editar, a caixa batida, os 12 trabalhos de Hércules. O problema de fazer uma coleção infantil está latente, desde o dia que se fundou a editorial, mais faltava o fundamental, os livros. Tenho recebido uma oferta de Montevideo, de Montiel de Balesteros, mais os livros d'elle são desse tipo de literatura infantil que devia ser prohibida. E o diabo como essa gente subestima a mentalidade das creanças! Porém, se pudermos dispor dos 12 trabalhos (penso que o seu compromisso com Americalee não os atinge) então a coisa poderia marchar de inmediato. Para que julgue das possibilidades, vão alguns dados. Tridente realizou um capital de 250.000 m/arg. É sociedade anônima. A direção técnica-literária me foi encomendada, mediante uma remuneração e os 15% do capital. Há um director administrativo, o Dr. Pelayo, espanhol, refugiado e ex-ministro. Aqui, sim, poderíamos preparar um plano de propaganda para toda América, pois se dispõem dos meios econômicos para fazê-lo além de representação ágil e boa em todos os países do continente. A oferta é normal; 10% sobre valor tapa (preço ao público) e adiantamento sobre a primeira edição, se o amigo assim quizer. Diz na sua que vão aparecer muito bem ilustrados. Poderíamos entrar em acordo para o aproveitamento das ilustrações na edição espanhola. Quando escrever peço-lhe para estabelecer as bases sobre as que poderíamos chegar, o mais rapidamente possível, a um acordo. E se estiver disposto a aceitar, em princípio, despachar os originais a brevidade. Representante: Penso que quem poderia atender seus negócios, com maiores vantajens para o amigo, e o Dr. José F. Maañon Lopez, sócio do Tridente em representação dos capitalistas do mesmo [...]. – Até breve e aceite um abraço.

R. Prieto (CARTA - BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO, pasta 20 – 252 - L 17/09/1944).

A intenção de Ramón Prieto, amigo e tradutor de várias obras de Lobato na Argentina, que à época trabalhava na *Editorial Tridente*, parecia ser das melhores, pois planejava não só publicar o livro pela editora, mas também fazer uma excelente propaganda e difusão por outros países da América Latina.

Buenos Aires, 10 de Octubre de 1944.

Caro Amigo Monteiro Lobato, Acuso recebimento das suas de 26/9 e 2/10. Fique tranqüilo com o negócio da Geografia. É o diabo esse pessoal da Americalee. Tem a tradução feita por mim e sabiam que o original, corrigido pelo amigo, estava em meu poder. Já o fiz chegar aos interessados. Estamos esperando a remessa dos originais e os desenhos dos Trabalhos de Hércules. Com esa coleção fica preenchido o nosso plano editorial. Vamos fazer tudo quanto for necessário e aconselhável para que a coleção dos garotos seja conhecida em toda América. Apenas cheguem os primeiros originais prepararei o plano de propaganda, consultando-o sobre esse aspecto da questão. Publicações em revistas infantis, propaganda direta sobre todas as livrarias do continente (temos uns 4 mil endereços selecionados) e a fita de desenhos animados que tinha planejado para Americalee. Além disso vamos preparar com os nossos distribuidores outro plano comum de propaganda, financiando metade e metade mediante uns descontos especiais no primeiro anno. Fique tranqüilo nesse aspecto da questão. Os trabalhos vão ser uns dos fundamentos do Tridente e os amigos que formam parte da sociedade tem espírito de empresa para compreenderem que é preciso plantar para colher. Quando escrever faça o favor de anunciar, com possível aproximação, a época da chegada de originais e desenhos. É possível que eu possa fazê-los retirar, aí, em São Paulo, por um amigo que viaja com frequência e dessa maneira chegariam antes e com mais segurança. Espero suas notícias a respeito. Outrosim: Informe sobre o tamanho que resolverem fazer aí. É importante fugir ao tipo de livro comum para adultos, procurando um formato maior, ainda que isso faça menor número de páginas. Até breve e disponha sempre Prieto. (BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO – CARTA - Pasta 20 2522 – 10/10/1944).

Apesar da negociação animada entre Lobato e a editora Tridente, tendo como intermediário o velho amigo e tradutor, ao que parece, a ideia não foi à frente. Prieto acabou se associando a Lobato no empreendimento da Acteón, por onde, no ano seguinte, começava a ser publicada a tradução de *Las doce hazañas de Hércules*. Para a publicação deste livro, Lobato, como quase sempre inteligentíssimo em suas decisões editoriais, resolveu desmembrar os doze trabalhos e publicar cada um deles separadamente. Durante esse estudo, localizamos quatro dessas obras publicadas.

Esses foram os primeiros trabalhos da editora *Acteón* ainda em 1945. O primor da edição chama a atenção, pois as ilustrações são belíssimas e o vivo das cores até hoje guardam o frescor de um livro publicado há não tanto tempo, tamanha a qualidade da produção. A seguir, podemos ver algumas capas das doze *Hazañas de Hércules* pela editora *Acteón* e distribuído pela casa Peuser em 1945.

Figura 21 - Capas dos livros *El Javali de Herimanto* (1945) e *La corza de los pies de bronce* (1945), de Monteiro Lobato, pela editora *Acteón*.



Fonte: Biblioteca e Centro de Documentação La Nube (Argentina).

Figura 22 - Capas dos livros *El Leon de Nemea* (1945) e *La hidra de Lerna* (1945), de Monteiro Lobato, pela editora Acteón.



Fonte: Biblioteca e centro de documentação “La Nube” (Argentina).

Após a organização, edição e distribuição dos “Doze Trabalhos” em volumes separados, Lobato busca uma “coisa louca”, como ele mesmo se refere ao projeto de editar e publicar um “Hércules de Luxo”. Não satisfeito com o que já tinha feito anteriormente sobre esse livro, o autor encara mais um desafio e retoma a dedicação e o prazer dos seus áureos tempos de editor. Ele cuida dos detalhes da obra bem de perto e faz questão de que esse livro seja bastante diferenciado no tocante à qualidade do objeto, além do seu conteúdo.

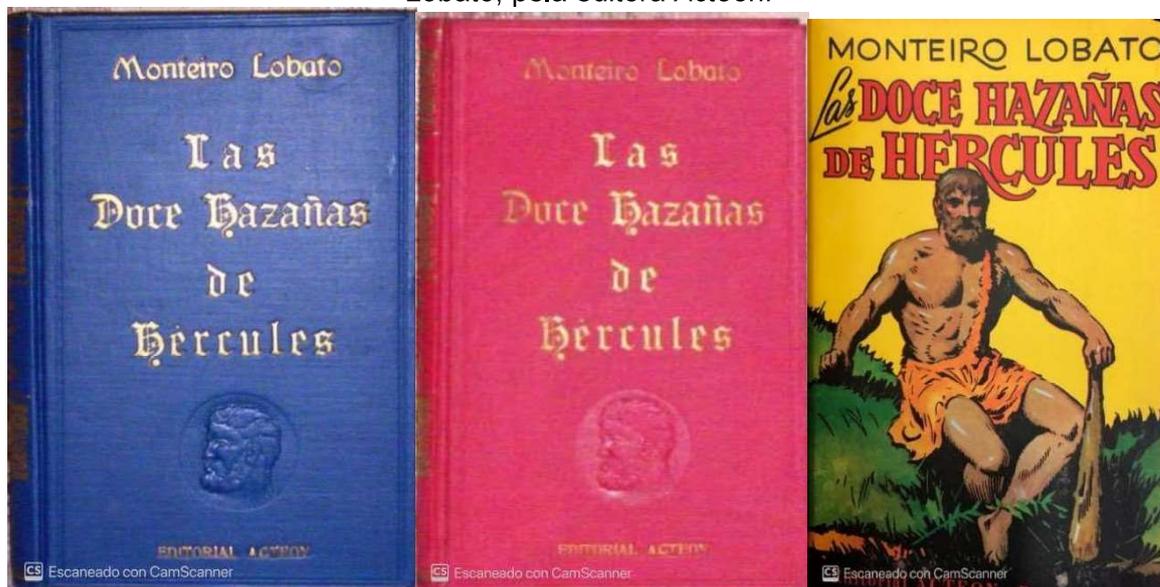
Jurandir:

Estamos na ACTEÓN fazendo uma coisa louca: um HÉRCULES de luxo, para ser “o” livro de presentes deste ano, a 30 pesos, em formato grande, luxo de verdade. A editora pôs no orçamento 10 mil pesos para a propaganda, ou avisos nos jornais. A coisa está organizada para a saída, este Natal, de 5 mil exemplares. Uma das melhores agências de publicidade daqui está associada no negócio e interessadíssima. A Meca. O livro foi remodelado por mim para ter a unidade necessária a uma obra em um volume. Está muitíssimo melhor e mais interessante que a edição dada aí. Saem seus desenhos e doze em tricromia. Os originais estão já na tipografia. Tudo vai a galope. Mas a coisa encencou hoje aqui no escritório por causa da sobrecapa (a edição é encadernada) que será em tricromia, linda. O diabo do desenhista (é riograndense) fez um desenho que não me

agradou. Discussão vai, discussão vem, manda fazer outra por este e aquele, de repente me veio uma idéia: pedir a v. que fizesse a tal sobrecapa. Desse modo fica o livro inteiro desenhado por você, sem nada nele que te envergonhe. E aí vai o projeto, ou layout que eu imaginei e me parece muito bom. Com base nesse layout o tal desenhista daqui fez uma c... Faça e mande por via aérea o quanto antes. Pode fazer coisa fina, com quanto tom fino quiser porque o clichê vai ser feito na melhor oficina de tricromias daqui” . (CEDAE – UNICAMP - MLb 3.1.00190 cx4, 09/09/1946).

Os livros ficaram realmente bonitos, com um excelente acabamento, e saíram em capa dura azul ou vermelha:

Figura 23 - Capas e folha de guarda de *Las doce hazañas de Hércules* (1946), de Monteiro Lobato, pela editora Acteón.



Fonte: Biblioteca e centro de documentação “La Nube” (Argentina).

No tópico 4,2, intitulado “Lobato nos principais veículos impressos de comunicação no país da prata”, quando a circulação e recepção serão o tema, a publicidade que foi feita sobre esta obra e seus desmembramentos será abordada, bem como sua repercussão em periódicos.

3.4 *La nueva Argentina*: que livro é esse?

Único livro infantil escrito por Monteiro Lobato em língua espanhola fora da série de histórias envolvendo o Sítio do Pica-pau Amarelo, *La nueva Argentina* é um livro de 152 páginas, com acabamento impecável, como o escritor gostava de fazer. Saiu em capa dura, pela editora Acteón, com ilustração bastante colorida na capa,

entretanto, no interior, há 36 ilustrações em preto e branco. Não há no livro menção a quem o ilustrou. A capa mostra uma família²⁷ (mãe, pai, filho e um cachorro) em uma área rural, observando a paisagem verde de uma grande extensão de terra em que há agricultura organizada, rodovias com trevos modernos, uma hidrelétrica a todo vapor e, ao fundo, a imagem de indústrias em produção.

A ilustração vai ao encontro do foco traçado por Perón para o seu “*Plan Quinquenal*”: a família. De acordo com Gené (2005, p.13-23) *apud* García (2015, p. 177), a instituição familiar era uma espécie de representação visual peronista, pois ela conseguiria expressar em sua máxima potência o progresso material que o acesso ao consumo e o conseqüente aumento da qualidade de vida representariam no cotidiano das famílias. Sendo assim, consequência direta do plano peronista abordado no livro de Lobato. García (2015, p. 177) reitera ainda que

[l]a ilustración de la tapa interpretaba exactamente la atmósfera que planteaba el libro. La representación de una familia de espaldas, con su perro, que contemplaba la nueva Argentina: tanto en el campo — con grandes plantaciones- como en la ciudad – con industrias, aviones y autopistas el país crecía gracias al Plan. (GARCÍA, 2015, p. 177).

Para desenvolver a história, Lobato escreveu 13 capítulos, a saber: 1 – *Pancho, Pablo y Don Justo*, 2 – *No más montaña rusa*, 3 – *Peces para nuestros nietos*, 4 – *Los árboles*, 5 – *La casa “nuestra” ciencia*, 6 – *La mayor riqueza*, 7 – *Actitudes*, 8 – *En el “Ciudad de Asunción”*, 9 – *El Superministerio*, 10 – *El árbol, bondad y utilidad*, 11- *Transporte:sacar de aquí para poner allá*, 12 – *Últimos debates*, 13 – *Y al final?*. A leitura do livro mostra que Lobato estudou profundamente o Plano de Perón e colocou em prática seu talento de escritor para explicá-lo, no melhor estilo Dona Benta, ao público argentino de maneira leve, engraçada e bastante inteligível. Entretanto, a linguagem da obra também serviria para aproximar o público adulto²⁸ do longo plano do General. Nas imagens a seguir, iremos verificar o índice, a capa, a lombada e a contra-capas, a folha de guarda e a folha de rosto do livro.

²⁷ Curiosamente, de forma aparente, essa não é a família que participa do livro, pois na ilustração de capa aparece apenas uma criança. Na história, a mãe dos meninos não é uma personagem de destaque, mas sim o pai, bem como os dois filhos.

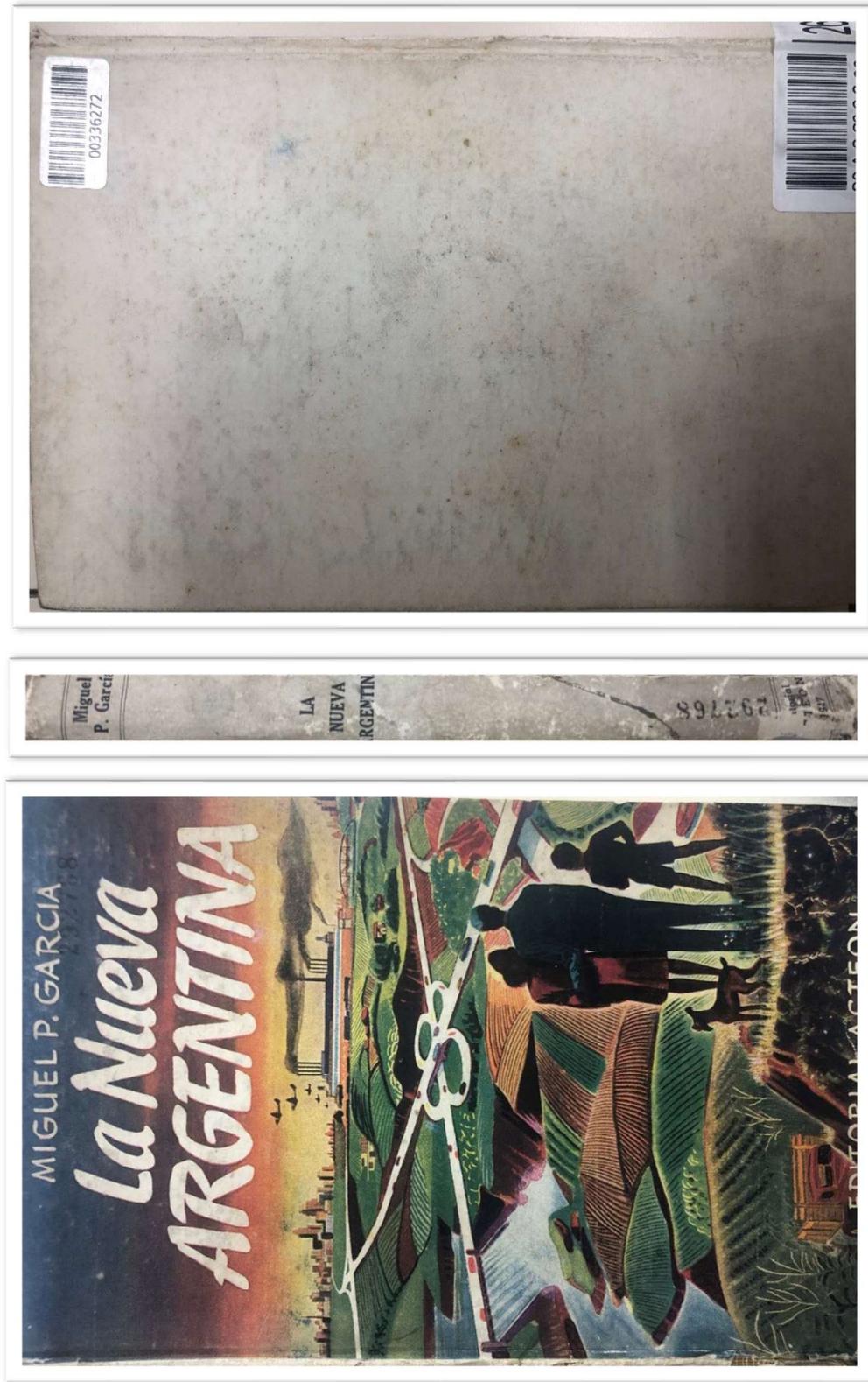
²⁸ Jobim *apud* Lajolo (2014, p. 384) afirma que “podemos claro dizer que *La nueva Argentina* está dirigido a um público jovem, com objetivo de explicar em que consistia aquele Plano, mas talvez seja mais adequado considerar o livro como um texto que, sendo aparentemente dirigido a um público juvenil, de fato articula de forma acessível para um leitor adulto um sentido positivo para aquela iniciativa de Perón.

Figura 24 - Índice do livro *La nueva Argentina* (1947), pela editora Acteón.

Capít. 1	— Pancho, Pablo y Don Justo	7
2	— No más montaña rusa	19
3	— Peces para nuestros nietos	33
4	— Los árboles	43
5	— La casa de "nuestra" ciencia	55
6	— La mayor riqueza	67
7	— Actitudes	79
8	— En el "Ciudad de Asunción"	89
9	— El Superministerio	105
10	— El árbol, bondad y utilidad	119
11	— Transporte: sacar de aquí para poner allá	129
12	— Ultimos debates	137
13	— Y al final?	147

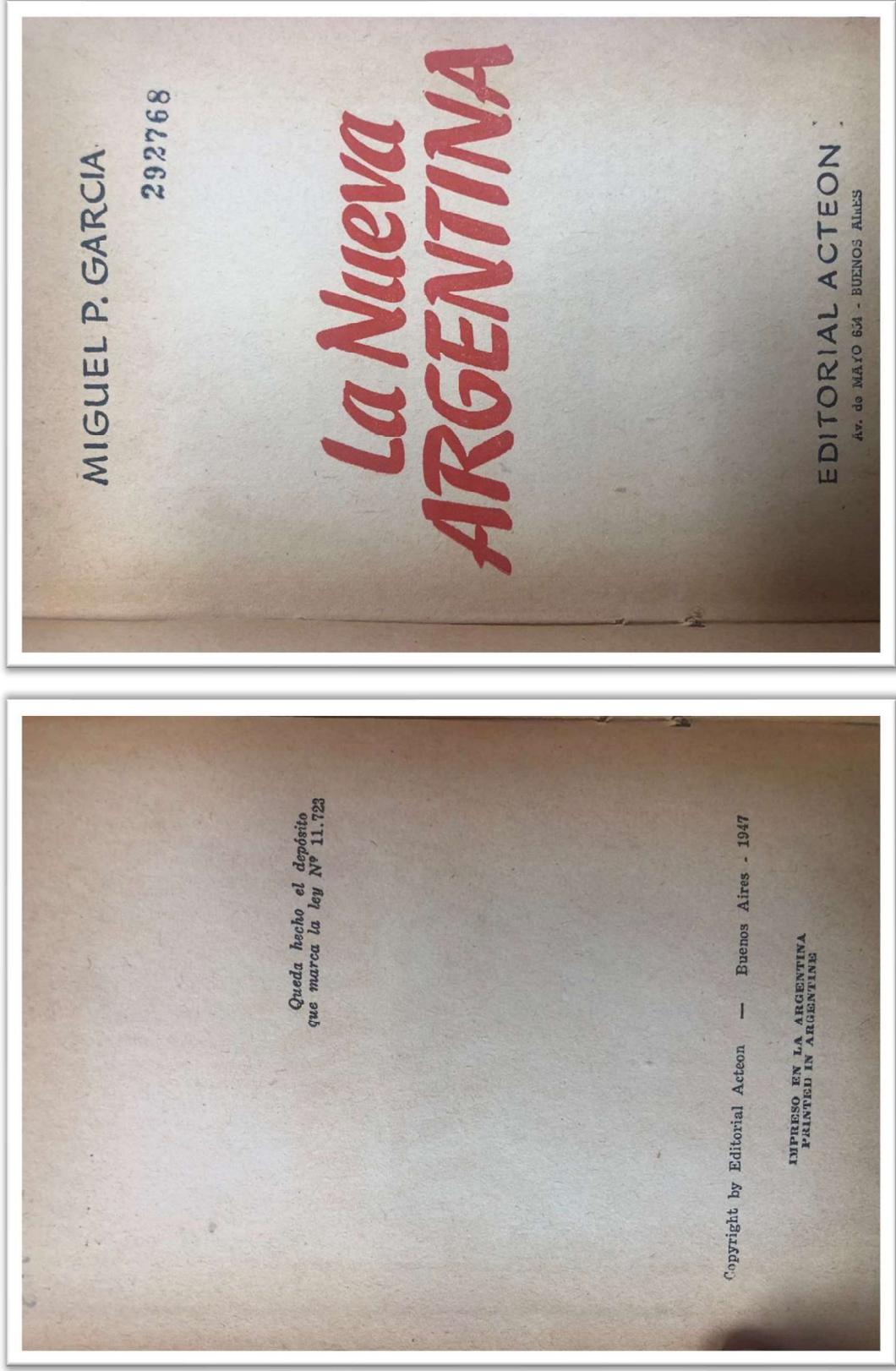
Fonte: Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina).

Figura 25 - Capa, lombada e contra-capa do livro *La nueva Argentina* (1947), pela editora Acteón.



Fonte: Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina).

Figura 26 - Folha de guarda e folha de rosto do livro *La nueva Argentina* (1947), pela editora Acteon.



Fonte: Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina).

A tiragem inicial da edição, que foi de 3.000 livros²⁹, terminou de ser impressa em 12 de abril de 1947³⁰. A obra conta a história de Pancho, Pablo e Don Justo de Saavedra, os quais são respectivamente o filho mais velho, de 13 anos, o filho mais novo, de 12 anos, e o pai das crianças, um homem que aparenta ser idoso, como vemos a seguir.

Figura 27 – Ilustrações com representação de Pancho, Pablo e Don Justo, personagens do livro *La nueva Argentina* (1946, p. 9; 11).



Fonte: Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina).

O enredo traz uma conversa entre os filhos e o pai a respeito do “Plano Quinquenal”³¹, que naquele momento na Argentina era o tema que circulava bastante nos jornais e nas ruas dos país. Para entender tanto a história contada por Lobato quanto tentar compreender a razão pela qual o autor talvez tenha resolvido escrever essa obra, é necessário compreender o contexto político da época na Argentina, assim como o “Plano Quinquenal” tão comentado no referido livro.

Tal plano fazia parte dos objetivos de Juan Domingo Perón para o desenvolvimento do país, que, para ele, deveriam estar embasados em um plano que teria uma meta de cinco anos para ser levada a cabo. As ideias que orientavam o plano de Perón estavam ancoradas na “soberanía política, independencia económica y justicia social”. A esta programação deu-se o nome de “Plan Quinquenal”, que foi

²⁹ Em sua tese de Doutorado, a pesquisadora Thaís de Matos Albieri (2009) apresenta uma carta, pertencente ao acervo da Biblioteca Monteiro Lobato, em que há a referência à quantidade de livros da edição e sua negociação com o governo argentino.

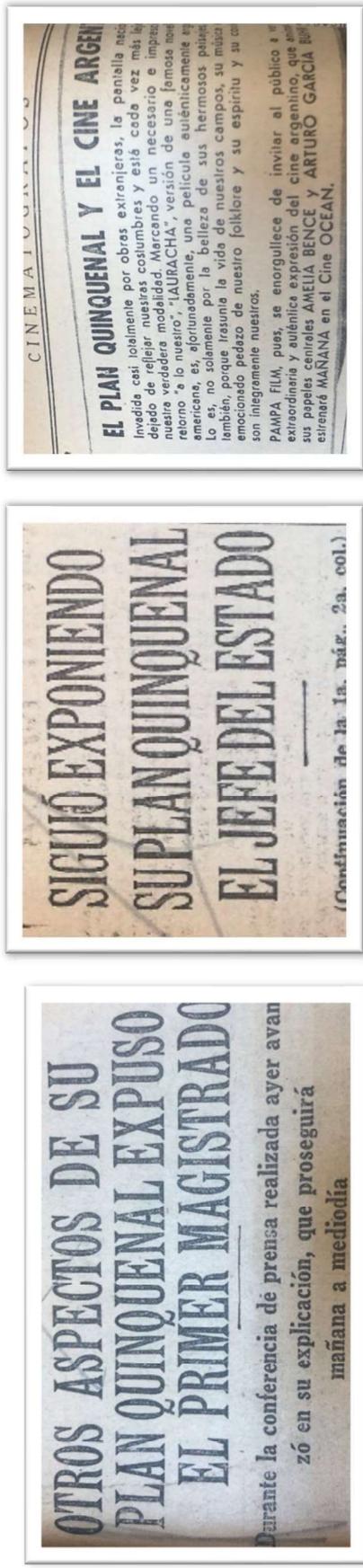
³⁰ A data consta na última página do livro, nos dizeres: “Este libro se terminó de imprimir el 12 de Abril de 1947, en los Talleres Gráficos Anglo-Argentino. Rivadavia 763, Buenos Aires.

³¹ Texto completo do Plano disponível em: <https://digitales.bcn.gob.ar/files/textos/04-Plan-Quinquenal-Gobierno-del-Presidente-Peron-1947-1951.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.

exposto por Perón no dia 26 de outubro de 1946 durante uma reunião conjunta com os legisladores no congresso nacional. Neste dia, Perón explicou todo planejamento que tinha para o país entre 1947 e 1951 e entregou à nação argentina as 107 páginas em que pormenorizava que caminhos percorreria para alcançar seus objetivos. Tais metas estavam divididas entre “Gobernación del Estado”, “Defensa Nacional” e “Economía”. Para que obtivesse grande adesão da população ao seu Plano, Perón deu início a uma agressiva campanha propagandística em várias esferas.

Os jornais da época traziam explicações sobre o tal planejamento, eram marcadas reuniões com diversos setores da sociedade para a exposição dele e até uma coleção de livros infantis foi elaborada com o objetivo de popularizar entre pequenos leitores o famoso “Plan Quinquenal”, como abordaremos mais à frente neste estudo. Assim sendo, o tema do momento no tocante à política naquele período histórico certamente era o plano peronista que previa mudar o país a partir de então para tornar-se uma potência latino-americana. O plano previa, entre diversas outras metas, estatizar todos os serviços públicos e impulsionar a exportação de grãos. Para tudo isso, Perón buscava apoio popular através da publicidade do seu plano, como é possível ver nas notícias a seguir:

Figura 28 - Noticias sobre o Plano Quinquenal no jornal *La Nación* publicadas em 3 de outubro e 10 de outubro de 1946.



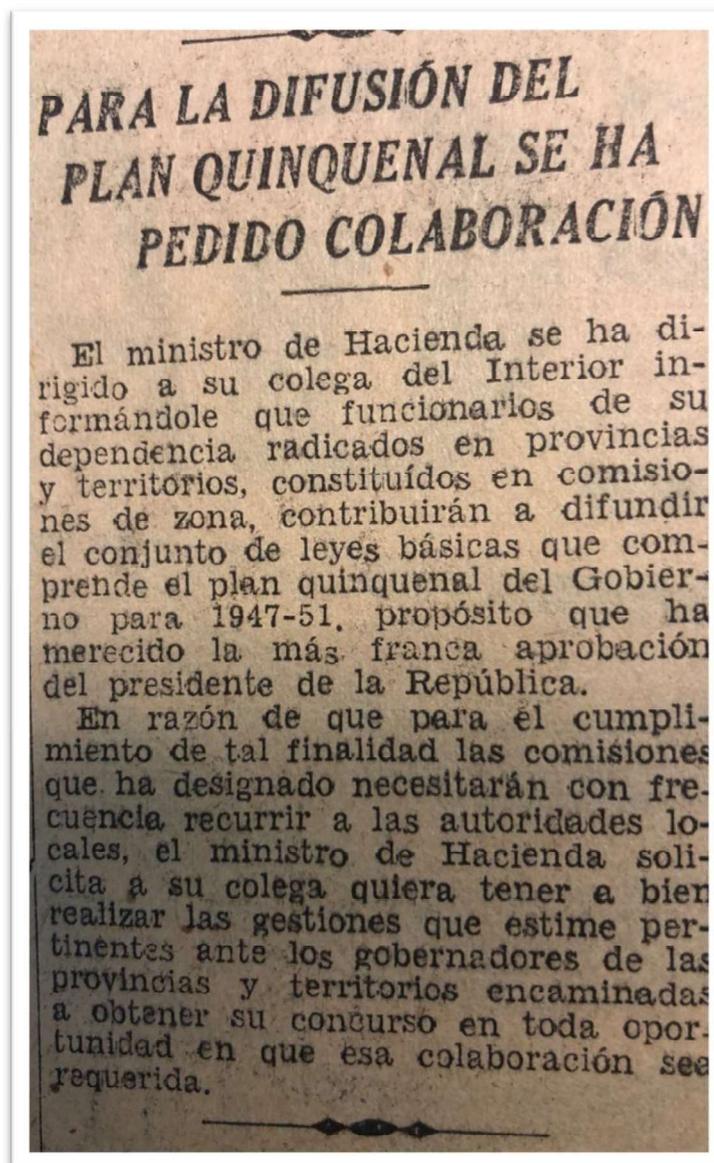
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina).

Figura 29 - Noticias sobre o Plano Quinquenal no jornal *La Nación* publicadas em 22 de outubro, 24 de outubro e 22 de dezembro de 1946.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina).

Figura 30 - Notícia sobre o Plano Quinquenal no jornal La Nación publicada em 11 de dezembro de 1946.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina).

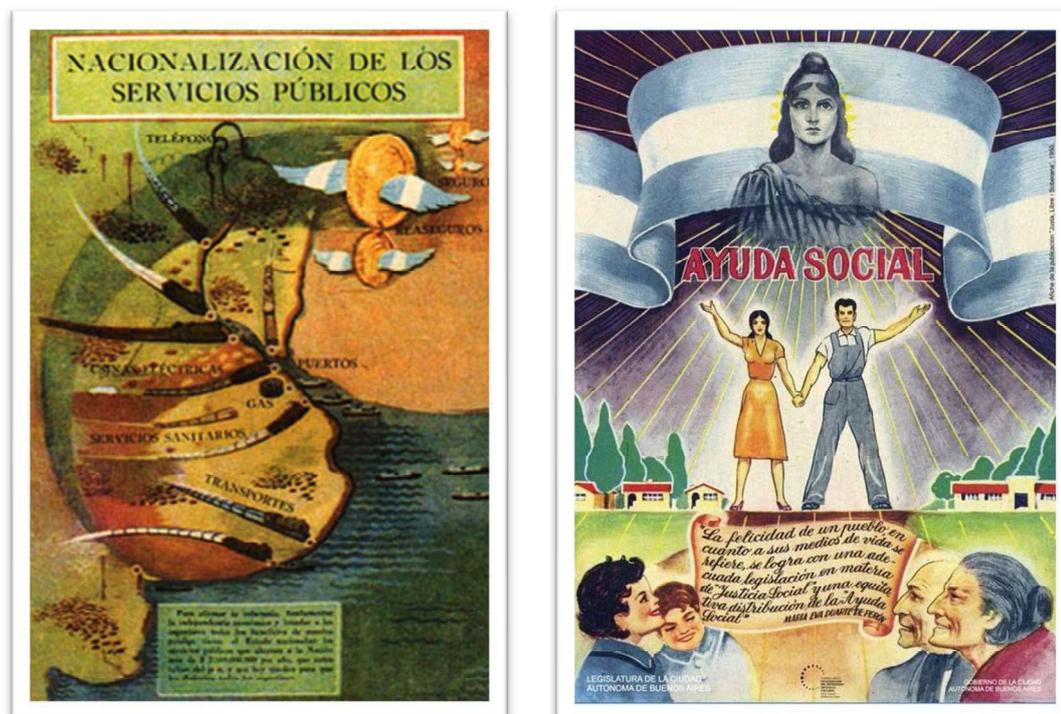
A nota informa o empenho de ministros do governo Perón para arregimentar funcionários dos ministérios com o intuito de divulgar o Plano Quinquenal. As frequentes aparições nos jornais de notícias, solicitações etc. a respeito da necessidade de explicar e propagar o plano peronista mostra também a costura de contatos e estratégias que o governo utilizava a todo custo para que suas ideias fossem apoiadas pela população. Como afirmou em uma de suas cartas a Caio Prado Jr., transcrita nas próximas páginas, Perón tinha um verdadeiro “namoro” com as massas e com ela comunicava-se muito bem. Além da divulgação em jornais, Perón também produziu cartazes para publicizar seu plano:

Figura 31 - Cartazes de propaganda peronista do primeiro Plan Quinquenal (1947-1951).



Fonte: Disponível no site do Instituto Nacional Juan Domingo Perón: <http://www.jdperon.gov.ar/2020/10/anuncio-del-primer-plan-quinquenal/> . Acesso em: 15 out. 2021.

Figura 32 - Cartazes de propaganda peronista do primeiro Plan Quinquenal (1947-1951).



Fonte: Disponível em: <https://www.laizquierdadiario.com/El-Primer-Plan-Quinquenal-de-Peron>. Acesso em 15 out. 2021.

Além dos jornais e cartazes de propaganda, o governo Perón viu a literatura infantil como forma de também alcançar o convencimento da população a respeito de seu Plano. Pensando niss é que foi elaborada a “Biblioteca infantil General Perón”. Durante o governo de Perón, segundo Urish (2019, p. 11), houve uma ressignificação do conceito de infância:

En el primer peronismo junto a una política de Estado orientada a distribuir el ingreso nacional para beneficiar a los sectores más desprotegidos hubo una transformación de la concepción de la infancia y el lugar social de la niñez que se simbolizó en la consigna “los únicos privilegiados son los niños”. Paralelamente, la actividad desarrollada por la Fundación Eva Perón fortaleció la acción Eva Perón fortaleció la acción estatal en las áreas de salud, vivienda, atención médico-social, recreación, poniendo en cuestión las políticas infantiles que anteriormente ejecutaba el estado liberal a través de actores institucionales como la Sociedad de Beneficencia y el Patronato de la Infancia. (URISH, 2019, p. 11).

Nesse sentido, também explica Carli (2005 *apud* URISH, 2019, p. 12), que os anos de primeiro peronismo (final da década de 1940 e começo de década de 1950) foi um período que guarda uma memória afetiva e mitificada sobre a infância, pois foi um momento em que havia muitas políticas públicas direcionadas a essa fase de desenvolvimento humano. Ela reitera que:

[...] lo que permite por un lado dimensionar el cambio producido entonces en las condiciones de vida de los niños, y por otro señalar que el peronismo construyó una verdadera puesta en escena para la niñez, que se recuerda por experiencia directa, o se reconoce a partir de su transmisión a otras generaciones, o por su notoria ausencia o destrucción. (CARLI, 2005 *apud* URISH, 2019, p. 12).

Assim parece natural que o público infantil também fosse alvo da propaganda peronista, que era uma das estratégias para conseguir apoio para sua gestão. De acordo com Gené (2004 *apud* URISH, 2019, p. 12), durante o governo de Perón, o delineamento das técnicas propagandísticas alcançaram tanta importância na agenda política quanto qualquer outra política governamental, pois difundir os ganhos e as vantagens ofertados pelo plano peronista figurava como uma prioridade para o general Perón.

Frente a essa realidade é que se depreende que não só a criança com o seu núcleo em uma família operária se tornou parte do escopo de ação da propaganda

peronista quando teve para si editada a Biblioteca Infantil General Perón³² (BIGP), pela editora Códex em 1948. Segundo a pesquisadora Silvia Urish (2019, p. 7), existem elementos que levam a crer que a coleção tenha sido editada pela Subsecretaría de Informaciones y Prensa, para la Fundación Eva Perón. E onde as circunstâncias deste projeto editorial chega a Lobato? A referida pesquisadora coloca o livro de Lobato como uma possível referência para a criação da BIGP, como verificamos a seguir:

¿Existió algún antecedente que pudiera servir de ejemplo o impulso para crear la BIGP? Sí, *La nueva Argentina*. *La nueva Argentina*, era la historia de Don Justo, un estanciero sabiondo y bonachón que, a lo largo de 158 páginas, le explicaba a sus hijos Pancho y Pablo de qué se trataba el pan quiquenal de Perón además del significado de las palabras y el funcionamiento de las cosas. El autor era un tal Miguel P. García y el libro, de idéntico formato a los de la colección Robin Hood, había sido publicado por la Editorial Acteón en 1947. Lo notable de *La nueva Argentina* no fue que adoptara como título una expresión instalada por el gobierno sino que García era el seudónimo del célebre escritor brasileño Monteiro Lobato. (URISH, 2019, p. 21).

A pesquisadora levanta a possibilidade de o livro de Lobato ter sido a inspiração para a coleção infantil de Perón. Desde sua publicação, o livro *La nueva Argentina* causa polêmicas e traz uma certa atmosfera de mistério sobre as razões de sua publicação, seu autor e até sobre o destino real dos exemplares impressos. A obra é bastante difícil de ser encontrada em circulação, seja em sebos ou sites de colecionadores, fato que não ocorre com quase a completude das obras de Monteiro Lobato na Argentina, pois a maioria delas são facilmente acessíveis a quem quiser comprá-las em sites de colecionadores, vendas *on-line* ou sebos de Buenos Aires.

Durante a coleta de dados deste estudo, o livro foi buscado em dezenas de sebos na cidade de Buenos Aires, bem como em sites de colecionadores³³ e venda *on-line* de livros³⁴, entretanto não foi encontrado, a não ser na Biblioteca Nacional

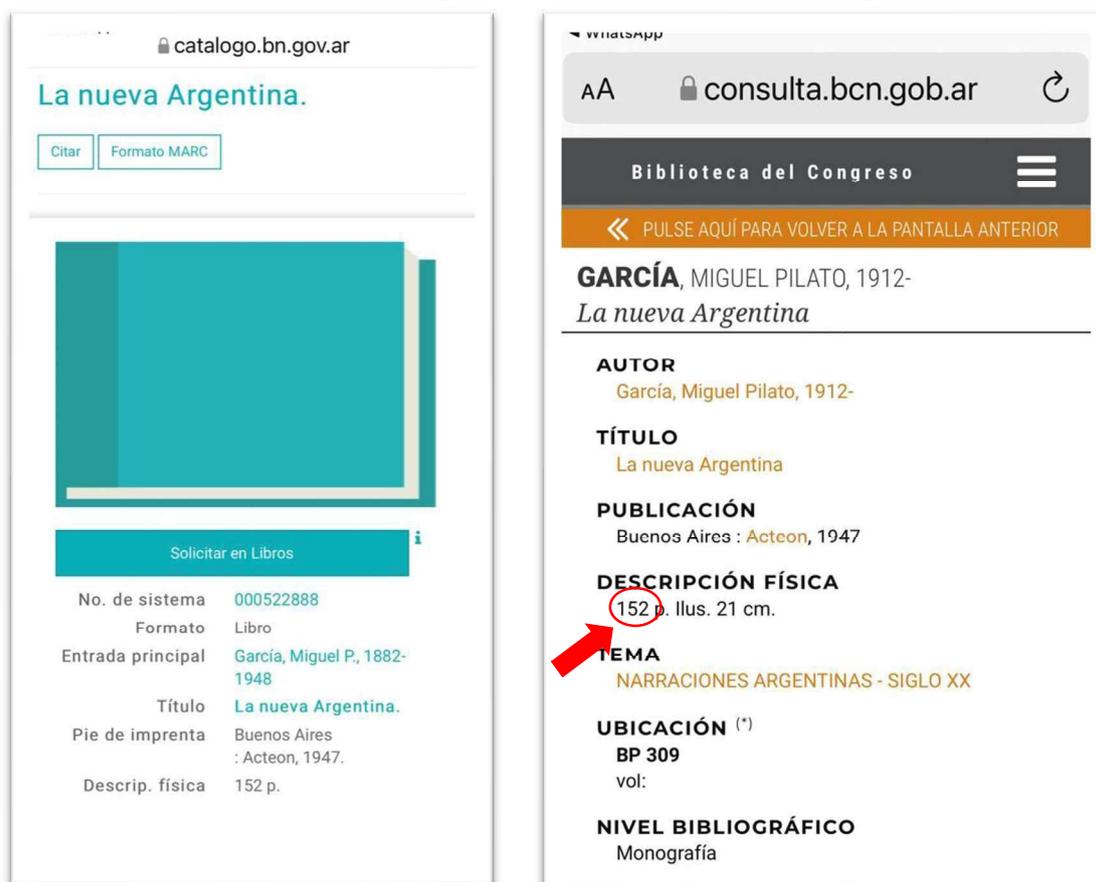
³² A BIGP é composta por 12 livros escritos por Adolfo Díez Gómez e ilustrado por diversos desenhistas, a saber *Cuentos de hadas de la República Argentina*, *Cuentos criollos*, *Cuentos heroicos argentinos*, *El niño en la historia argentina*, *Aventura de dos niños peronistas*, *La segunda independencia*, *Cuentos del 17 de Octubre*, *Historia de los gobiernos argentinos*, *El ejército del Pueblo*, *Uma mujer argentina: "Doña María Eva Duarte de Perón*, *Historia de las elecciones argentinas*, *La Argentina milagrosa* (URICH, 2019, p. 7).

³³ Disponível em: <https://www.todocoleccion.net/>; <https://www.librosateatral.com.ar/teatral/inicio2.html>; <http://www.todolibroantiguo.es/librerias-de-viejo-sudamerica/libreria-argentina.html>. Acesso em: 20 jan. 2022.

³⁴ Disponível em: <https://listado.mercadolibre.com.ar>. Acesso em: 20 jan. 2022.

Mariano Moreno e na Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina, na ala da Biblioteca Peronista (BP), como está circulado e sinalizado em vermelho, conforme a localização a seguir:

Figura 33 - Localização e descrição de obra lobatiana do livro *La nueva Argentina* (1947), pela editora Acteón, na Biblioteca Nacional Mariano Moreno e na Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina, em Buenos Aires, na Argentina.



Fonte: Elaborado pela autora.

A dificuldade de acesso à obra fora das bibliotecas oficiais gerou a dúvida sobre o paradeiro dos livros que foram comprovadamente impressos, de acordo com a correspondência de Lobato e até trabalhos científicos originados na Argentina³⁵. De início, a incompreensão sobre a razão pela qual Lobato escreveu o livro (Miguel Pilato García), já causou, segundo Cavalheiro³⁶ (1962, p. 231-232) uma confusão entre alguns jornalistas brasileiros:

³⁵ URISH, Silvia. Escuchen Lectorcitos: La biblioteca Infantil General Perón. 1ª Ed. Temperley: Tren em movimiento: 2010 / GARCÍA, Maria Amalia. Vanguardia en doble página. Intervenciones del invencionismo argentino en la revista Joaquim. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 61, p. 159-182, ago. 2015.

³⁶ Em sua biografia de Monteiro Lobato, nesta passagem a que nos referimos, Cavalheiro (1962, p. 231-

Alguns jornais brasileiros glosam em manchetes o caso, sendo que um deles encima as notícias com o título “Prêmio Peron 1947”, acrescentando que a “magnífica obra” fora “evidentemente” encomendada pelo Governo do General Peron. “Ao que parece – conclui o articulista – o Sr. Monteiro Lobato andou comendo pratos condimentados pelo impetuoso espôso da Sra. Evita”. Ainda segundo o biógrafo, Lobato escreveu ao jornal para esclarecer a questão, quando disse: “Não se trata – diz êle – de nenhum negócio escuso ou inconfessável. Trata-se de um escritor livre, libérrimo mesmo, que só diz o que pensa e escreve o que quer, onde quer que esteja, no Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos”. (CAVALHEIRO, 1962, p. 232).

Sobre isso, não há consenso, o que é comum quando se trata de Lobato. A tese de que ele escreveu a obra sem haver uma encomenda expressa do governo argentino não convenceu a todos. De fato, o governo do general Juan Domingo Perón tinha a intenção de divulgar ao máximo seu “Plano Quinquenal”, que tinha o objetivo de dar nova cara à Argentina. De toda forma, é interessante observar que, por mais contraditório que seja, ao que parece, de acordo com carta escrita ao amigo e sócio na Editora Brasiliense, Caio Prado Júnior, Lobato parecia apreciar Perón e seu ímpeto em renovar a Argentina, conforme as palavras a seguir.

BUENOS AIRES, 24.02.1947

Caio amigo:

Sua carta me sossegou, e uma longa do Artur veio botar tudo nos eixos. A tal profecia do Otales não existe; Foi invenção minha para mexer com o amor próprio do Artur e fazê-lo me escrever.

O caso Pero é muito simples. Ele é dos tais “homens do destino”, sabe disso e quer realizar-se. Concebeu um “Plan de Gobierno” que depois do 1º Plano Quinquenal russo é o mais importante ainda concebido – e quer executá-lo, precisa executá-lo (para realizar-se a si próprio e demonstrar que é mesmo homem do destino) – vai executá-lo. Ninguém já duvida disso. Vou te mandar uma publicação interessante: o plano reduzido a gráficos. Basta examinar com atenção esses gráficos para que v. fique com tudo na cabeça.

O plano está bem concebido e bem articulado, e vai fazer a Argentina emendar pé com cabeça – dobrar, triplicar de eficiência e produção. No capítulo demográfico, estabelece a introdução de 4 milhões de imigrantes escolhidos. Ora, o progresso econômico das Américas está condicionado à entrada de europeus emigrados. Estados Unidos recebeu 36 milhões – e ficou o que é. A Argentina recebeu 7 milhões

232) não cita de qual jornal se trata, tampouco o nome do jornalista que escreveu a matéria.

e ficou o segundo país do continente. O Brasil ficou o 3º. Porque introduziu uns três milhões. Você que é sociólogo, veja os números e ponha em equação a entrada de emigrantes e a economia dos vários países. Dará algo impressionante. O que menos imigrante recebeu (20 mil) foi o Paraguai – e ocupa o último lugar na lista.

Ora, sendo assim, com os 4 milhões de europeus escolhidos que Perón vai fazer entrar, elevará a população da Argentina a 18 milhões de habitantes, ou 11 milhões de trabalhadores (porque aqui, como aí e em toda a América Latina, o crioulo é um elemento negativo da produção). E com 11 milhões de unidades positivas, num território destes, a Argentina emenda pé com cabeça; e passará a exceder o Brasil em (seguramente) 7 milhões de unidades econômicas positivas. E vamos ter a reprodução neste hemisfério do que ocorre no do norte: a existência dum país de economia tão desenvolvida que bota toda a América em sua órbita: os E. Unidos. O mesmo desequilíbrio entre os EUA e o resto das Américas se repetirá aqui entre a Argentina e as repúblicas da América do Sul – a teremos o imperialismo argentino. O Chile, com o grande empréstimo que a Argentina lhe fez, saiu do sistema planetário norte-americano e entrou para o sistema planetário argentino. Projetam-se outros financiamentos que prosperidade argentina permita. Você é moço, deve viver ainda muito – e verá o Brasil levantando empréstimos aqui.

O plano quinquenal é tão sedutor, que Perón não vacila diante de nada para realizá-lo. Ele tem contra si as elites, e a favor a massa inteira - e nesta se firma. Incrível o namoro recíproco Perón-Massa. Pelo Natal ele distribuiu 16 milhões de pesos, aqui na capital, de panetones e brinquedos para os *pibes* de sua namorada Massa. Está, pois, solidíssimo. Já começou a execução do Plano e não atrasados, tudo fazendo crer que até 1951 terá realizado tudo quanto projetou. Se não sobrevierem imprevistos atrapalhadores, Perón concluirá a seu termo em paz e sairá da casa rosada como um “homem de destino” que se realizou.

O exército é mantido em alto grau de eficiência a fim de acompanhar o armamentismo do Brasil, embora o Brasil não seja inimigo, nem possa ser inimigo em tempo algum. A causa das guerras está nos desequilíbrios do espaço vital – e dois países de imensos territórios desertos, como Brasil e Argentina, não podem pensar em espaço vital. O inimigo da Argentina é um só: a langosta; como o inimigo do Brasil é só: Goes Monteiro. No dia em que os dois países compreenderem isto, e a Argentina puser o exército a matar gafanhotos e o Brasil afogar o Goes num tonel de Whiskey, a nossa felicidade será completa.

Venha passar uns dias aqui. Abril é um tempo ótimo. Até lá o P.C. estará dissolvido e você com folga para saídas.

Adeus, caro Caio, e obrigado pela resposta que me sossegou.

Do Amigo

Lobato

(CARTA A CAIO PRADO JR., 24/02/1947, CPJ-CP-LOB001, Fundo

Caio Prado – Instituto de Estudos Brasileiros - USP).

Lobato expõe ao amigo Caio Prado a admiração que tem pelo General Perón e, como de costume, encanta-se pelos novos rumos que a Argentina provavelmente tomaria após a execução do *Plan Quinquenal*. Aqui aparece novamente aquele Lobato, homem sonhador e apegado ao otimismo quando vê pela frente um grande projeto. O escritor que saiu do Brasil desiludido com a política local e com o futuro do país parece ver esperança no discurso peronista para o país vizinho. Ele, enquanto, à época, morador de Buenos Aires, provavelmente sentia também a atmosfera de otimismo que levava as massas, como ele mesmo explica na carta, a admirar Perón e acreditar em suas políticas públicas. Observando pela ótica lobatiana, quase quixotesca, presente na referida epístola, é possível ver sentido em uma eventual intenção do autor em aproveitar a “onda peronista” para vender livros, e era o que ele sabia fazer. Houve negociações com o “Consejo Nacional de Educación de la provincia de Buenos Aires”. Albieri (2009, p. 167, 279, 280), cita vários momentos dessa tentativa de transação para efetivação da compra de até 150.000 exemplares para distribuição em escolas.

Contudo, apesar das especulações³⁷ sobre o livro ter sido encomendado pelo governo peronista, o que as cartas entre Lobato e seus sócios na Acteón demonstram é uma negociação com as autoridades arrastada e infrutífera. O fato é que se pode conjecturar ainda a respeito de algum suposto plano interno de Lobato e seus sócios para integrar o livro *La nueva Argentina* à coleção BIGP, entretanto a pesquisadora Silvia Urish (2010, p. 34-35) afirma que:

Pero, si analizamos las características de la Biblioteca Infantil General Perón comprobamos que tal pretensión era imposible, además de obedecer a precisos criterios de edición, la BIGP no reeditó textos – ni clásicos ni nuevos – sino que fue una creación original. (URISH, 2010, p. 34-35).

³⁷ García (2015, p. 177-178) diz: “Efectivamente, el libro de Lobato participaba de la construcción de este “mundo feliz” de la primera etapa del gobierno peronista en el cual la bonanza del comercio exterior había permitido el desarrollo del pleno empleo, el aumento de los salarios y un profundo cambio distributivo. [...] Al escribir *La nueva Argentina*, Monteiro Lobato se encontraba entregado a la construcción política peronista pero, al margen de sus simpatías con este gobierno, llama la atención el enfoque sesgado de sus afirmaciones en el contexto de posguerra. Objetivamente parecía ser Brasil y no la Argentina el que se perfilaba como el nuevo detentor de la hegemonía regional. Buenos Aires, en tanto poseedora de la cultura ilustrada en la región no tuvo competencia hasta la Segunda Guerra Mundial cuando la situación fue considerablemente revertida.

A estudiosa reitera que a BIGP não poderia incorporar títulos de outros autores, pois esse não era o espírito do projeto, mas sim ser uma coleção original cuja autoria foi de apenas um escritor: Adolfo Díez Gómez. Portanto, não se tratava de uma coleção de livros escritos por vários autores com seu próprio estilo literário, mas sim de um projeto coeso que obedecia a rigorosos padrões pré-estabelecidos de edição e linguagem. O que pode ter acontecido, segundo ela, foi exatamente o contrário, conforme podemos depreender a partir de outra afirmação da pesquisadora:

Podemos conjeturar, en cambio, que los hechos ocurrieron al revés y que fue *La nueva Argentina* el disparador para que la Subsecretaria de Informaciones y Prensa y más presamente Raúl Apold, entonces a cargo de la Dirección de Difusión, pergeñara una colección, una guía de lectura para niños que , al igual que el libro de Monteiro Lobato también le gustara al presidente pero, especialmente, a Evita cuyas actividades asistenciales estaban en vías de formalizarse a través de una fundación. Deberían ser textos más breves que el de Monteiro Lobato, destinados a un público poco habituado a la lectura. Y también una literatura en la que los chicos pudieran conocer y reconocerse, porque, a diferencia de Pancho y Pablo, no eran hijos de estaceros, sino de trabajadores. (URISH, 2010, p. 34-35).

Então, a pesquisadora mostra uma questão interessante. De acordo com ela, a obra de Lobato pode ter sido fonte de inspiração para a coleção infantil peronista, com suas adaptações, já que, de acordo com a estudiosa, o tamanho do texto na obra de Lobato e o contexto dos personagens talvez não fossem ideais para o público-alvo do governo, já que a família operária era seu foco, diferente da família que aparece em *La nueva Argentina*. Também é citado que o leitor-foco de perón deveria ser pessoas pouco habituadas à leitura, por isso os textos deveriam ser mais curtos. Se essa hipótese realmente tiver acontecido, tudo isso explicaria o fato de o livro de Lobato sobre o *Plan Quinquenal* não ter decolado nas negociações com o governo e não tenha sido exatamente o projeto de levar a cabo uma coleção infantil adaptada realmente ao que Perón queria. Daí o declínio da aquisição do livro lobatiano para distribuição em massa, apesar de o General ter gostado bastante da ideia. Já a coleção BIGP foi editada, publicada pela editorial Códex com sucesso³⁸ e adquirida pela Fundação Eva Perón para distribuição gratuita.

³⁸ A BIGP era distribuída, desde 1948, pela Fundação Eva Perón e se tem notícias de que até 1950 ainda eram distribuídas edições originais. A instituição doava os livros a bibliotecas públicas, bibliotecas populares, escolas (URICH, 2010, p. 29).

No próximo tópico, vamos abordar as publicações de Lobato pela Editora Códex na *Colección Figuritas*. Essas foram as últimas publicações de literatura infantil inéditas³⁹ do autor naquele país.

3.5 Os folhetos da *Colección Figuritas*

Em várias passagens escritas na correspondência de Lobato, em trabalhos acadêmicos (ALBIERI, 2009; RIBEIRO, 2008; FRANCA, 2009) e em registros de seus biógrafos (CAVALHEIRO, 1962; LAJOLO, 2006) há referências a respeito da existência de uma coleção de textos curtos, ricamente ilustrados e inéditos de Lobato publicados na Argentina. Em carta de 30 de julho de 1947 ao seu grande amigo Godofredo Rangel, Lobato conta que

Este mes escribí 20 libritos nuevos para la editorial Codex de Buenos Aires, libritos juguetes, de poco texto y muchas ilustraciones coloridas. Saldrán en dos lenguas. Y ahora voy a escribir unos seis para un editor de México – que más tarde también podrán salir aquí. (LAJOLO, 2006, p. 104).

Através de seus contatos epistolares, é possível entender as negociações relacionadas a esta coleção que acabou sendo ofuscada em meio a tantas edições e enxurradas de livros traduzidos de Lobato. A empolgação de Lobato em publicar as 20 histórias pela editora *Códex* e também seu desejo de trazê-los ao público brasileiro posteriormente acabaram por não se concretizar exatamente como ele queria. No caso de algumas das obras, esse “mais tarde” foi realmente muito tardio, pois demoraram mais de 60 anos para finalmente chegarem em português aos leitores brasileiros. Como é possível observar a seguir, o sócio gerente da *Editorial Códex*, da Argentina, entra em contato com Lobato, dando conta das negociações e pagamento de direitos da futura publicação de dez livrinhos do autor:

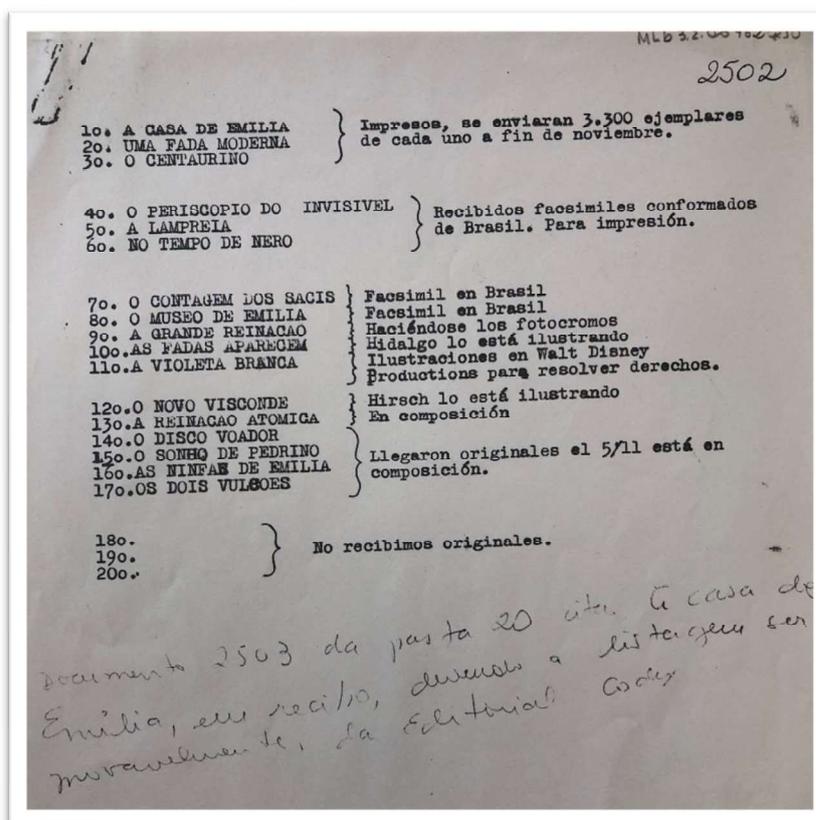
Estoy seguro que los libros saldrán cada vez mejores y que, cuando llegemos al último, los primeros nos parecerán feos.

³⁹ Dentre as dez obras escritas por Monteiro Lobato pela Editora Códex em 1948, duas delas, A contagem dos Sacis (*Los duendes*) e No tempo de Nero (*En el tiempo de Nerón*) foram publicadas pela primeira vez no Brasil em 2013, entretanto as demais obras são adaptações de histórias presentes no livro “Histórias Diversas”. Não são histórias traduzidas, pois não há menção a isso nos folhetos publicados na Argentina, tampouco são histórias completamente novas, uma vez que os enredos podem ser encontrados na referida obra já publicada no Brasil. De toda forma, Lobato fez adaptações inclusive a pedido dos próprios ilustradores que trabalharam no projeto da *Colección Figuritas*, conforme é detalhado no tópico 3.5 desta tese.

Por separado le envío a Brasilense los facsimilies de “A contagem dos Sacis” y “Periscópio do invisível” con las guardas definitivas y exclusivas para su colección, pues están en ellas todos sus personajes.[...] Lo cierto es que habíamos convenido con nuestros distribuidores en editar diez títulos de Monteiro Lobato en ediciones juguete, tal como hablamos aquí y como habíamos convenidos con Neves hasta casi el último día de mi estadía en ésa. Por lo tanto, momentaneamente, sólo puedo hacer 10 de sus títulos en castellano, en la seguridad de que al fin del año plantearé el asunto a nuestros representantes para hacer también los otros diez títulos. Y creo que no se negarán. (CARTA CEDAE -MLB3200462- CX10 - 10/09/1947).

Na carta, o gerente explica que só será possível publicar dez livrinhos de Lobato, entretanto parece que o autor desejava expandir esse número a 20 títulos, o que é corroborado pelo documento a seguir:

Figura 34 - Carta do gerente da Ed. Códex a Lobato em 1947.



Fonte: CEDAE - MLB3200460-CX10 – carta 24/06/1947 – Buenos Aires.

Na listagem, é possível ver os títulos dos livros propostos por Lobato para publicação da editorial Códex. O projeto editorial para esta coleção tinha o objetivo de trazer à luz livros em formato pequeno, que conhecemos como formato de bolso, mas com poucas páginas e muitas ilustrações. No contato da editorial Códex com Lobato,

é evidenciado esse interesse em produzir imagens com movimentos, sendo esse um foco importante da referida publicação:

[...] “Falande de otra coisa”, debo decirle que tanto Hirsh como Hidalgo me recomendaron le pida a Ud. Que trate en lo posible de adornar las escenas con detalles que puedan ser plásticos y decorativos pues facilitaría mucho la labora de ellos. Hidalgo especialmente me recomendó la inclusión de escenas con vigor y movimiento pues en los dos originales que ella tiene para hacer ya, no sobran motivos para crear movimientos ingeniosos, como es nuestro deseo.” (CARTA CEDAE, MLB3200460-CX10 - 24/06/1947).

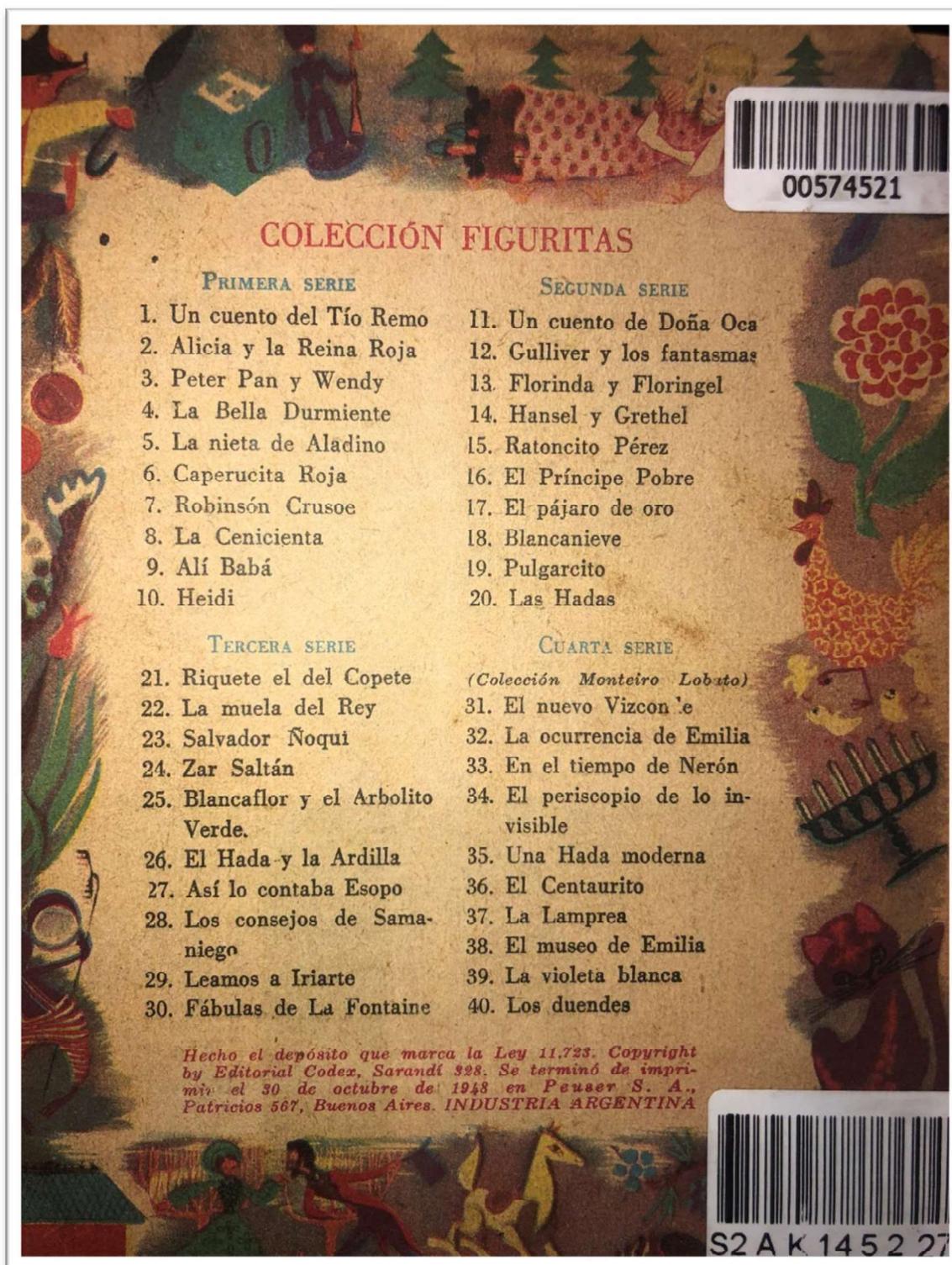
O tema tratado na carta reforça que o projeto editorial pensado para essas pequenas histórias de Lobato estava centrado na ilustração e nas cores. Na verdade, os livrinhos que são chamados de “*juguete*”, que significa “brinquedo” em espanhol, e talvez por isso não se tenha dado tanta importância a eles, eram na verdade folhetos, semelhantes, no tocante à materialidade, aos nossos conhecidos cordéis, com a diferença de que eram bastante ilustrados e coloridos. Desde a primeira biografia de Lobato que essas produções são citadas, geralmente como publicações de fim de carreira, já sem tanta inovação, como na passagem em que Cavalheiro (1962, p. 170) os descreve assim:

Acabara de sair da cadeia, o filho agonizava, a situação do Brasil e do mundo democrático ia de mal a pior, O livrinho (A chave do tamanho), embora sendo todo um compêndio de úteis ensinamentos, não oculta, porém amargo pessimismo com relação ao futuro. Mas é nele que se refugia numa grande e divertida aventura, que julga a última. Enganava-se. Ainda escreve, além de meia dúvida de pequenas historietas (“O Centaurinho”, “A casa de Emília”, “A contagem dos Sacis”, “Uma fada moderna”, “A Lampréia”, “No tempo de Nero”) sem muita importância, “Os doze trabalho de Hércules”. (CAVALHEIRO, 1962, p. 170).

De acordo com a coleta de dados e materiais levada a cabo nesta pesquisa, apesar do desejo de Lobato em publicar 20 livros no formato *Juguete*, não meia dúzia, mas apenas os dez que foram combinados inicialmente com a editora chegaram de fato ao público. Esses livrinhos faziam parte de uma coleção maior chamada de *Colección Figuritas*, que englobava títulos de vários autores e textos clássicos divididos em quatro séries de dez histórias, sendo que uma dessas séries, a que ia do livrinho 31 até o 40, era a *Colección Monteiro Lobato*.

Tal coleção era composta pelos títulos: *El nuevo Visconde*, *La ocorrência de*

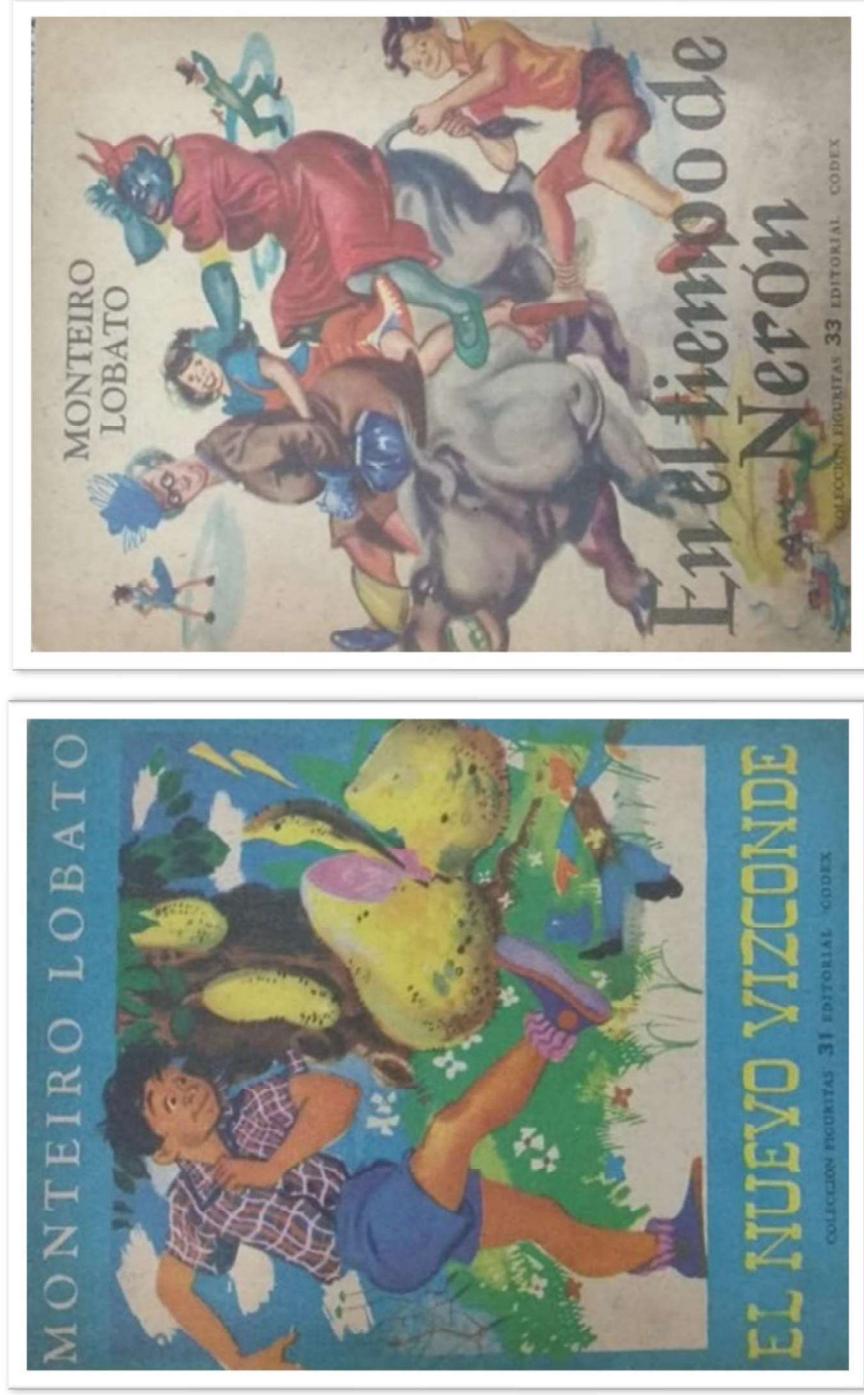
Emília, En el tiempo de Nerón, El periscopio de lo invisible, Una hada moderna, El centaurito, La lamprea, El museo de Emilia, La Violeta Blanca e Los Duendes. Dois desses títulos foram editados no Brasil apenas em 2013, pela editora Globinho, como é o caso de “No tempo de Nero” (*En el tiempo de Nerón* na Argentina) , ilustrado por Simone Matias, e “A contagem dos Sacis” (*Los Duendes* na Argentina), ilustrado por Gonzalo Cárcamo. A seguir, é possível visualizar a contracapa onde são listados todos os títulos da “*Colección Figuritas*”, incluindo os de Lobato. As obras da *Colección Monteiro Lobato* da *Colección Figuritas* foram ilustradas por Eugênio Hirsch e Maria del Carmen Hidalgo. Abaixo, é possível contemplar as capas dessas pequenas obras.

Figura 35 - Contracapa da *Colección Figuritas* (1948), pela Editorial Códex.

Fonte: Biblioteca e centro de documentação "La Nube" (Argentina).

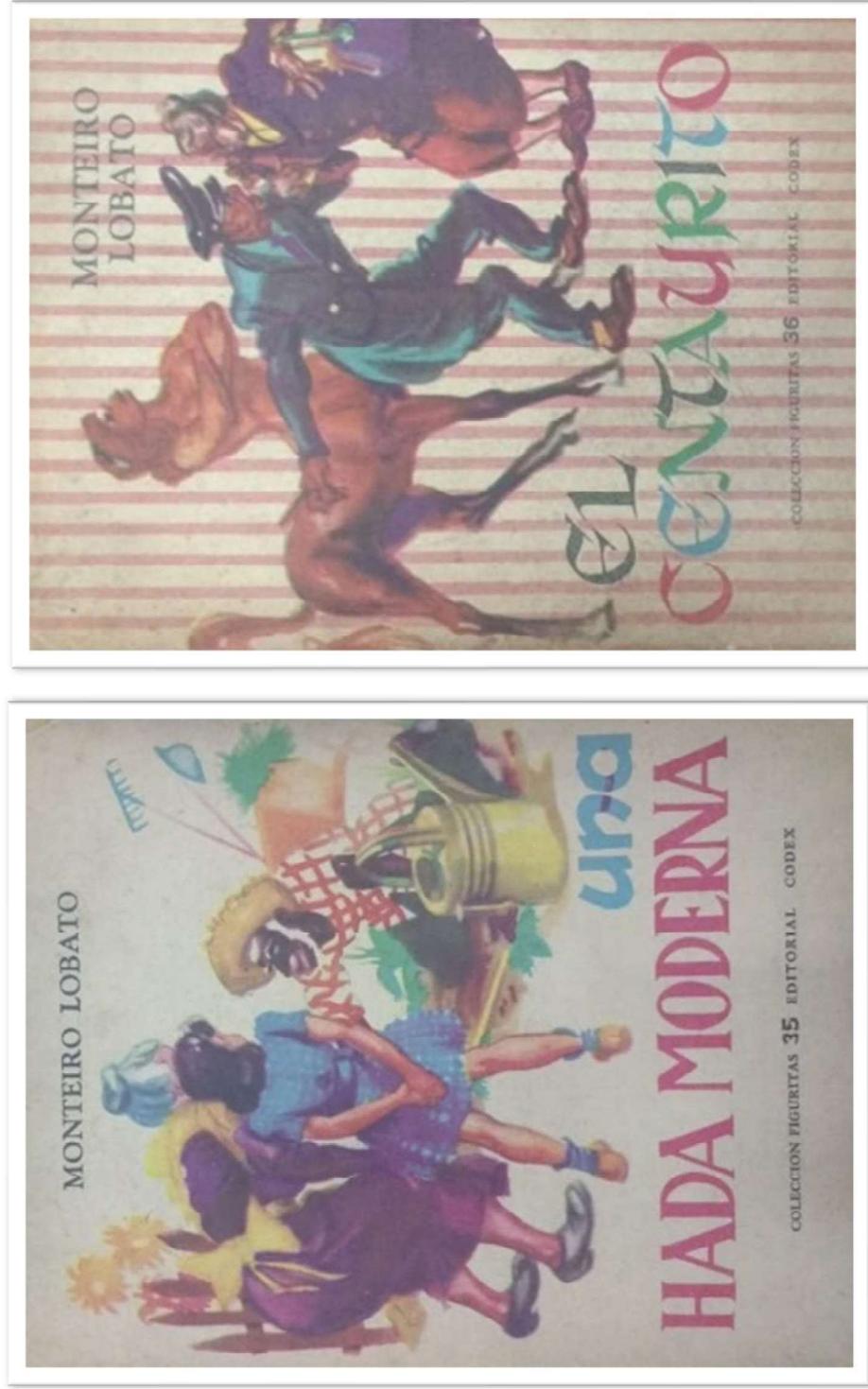
Nas imagens a seguir, veremos as capas de nove dos livrinhos de Lobato pela Colección Figuritas.

Figura 36 - Capas de *El Nuevo Visconde* (1948) e *En el tiempo de Nerón* (1948).



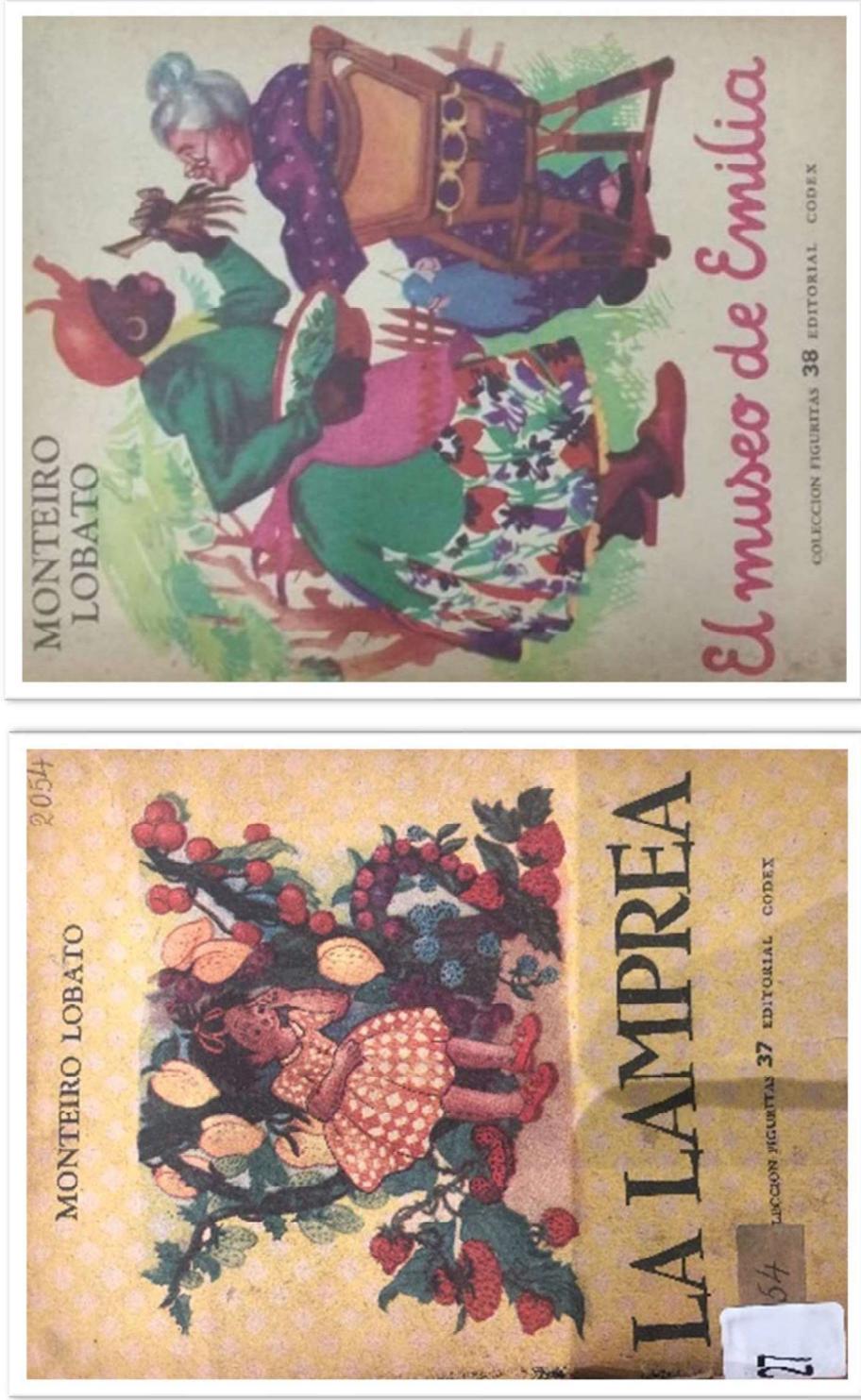
Fonte: Biblioteca e centro de documentação "La Nube" (Argentina).

Figura 37 - Capas de *Una hada moderna* (1948) e *En centaurito* (1948).



Fonte: Biblioteca e centro de documentação "La Nube" (Argentina).

Figura 38 - Capas de *La lamprea* (1948) e *El museo de Emilia* (1948).



Fonte: Biblioteca e centro de documentação "La Nube" (Argentina)

Figura 39 - Capas de *La violeta* (1948) e *Los duendes* (1948).



Fonte: Biblioteca e centro de documentação "La Nube" (Argentina).

Figura 40 - Capa de *El periscopio de lo invisible* (1948).



Fonte: Biblioteca e centro de documentação "La Nube" (Argentina).

Com a visualização das capas de nove dos dez livros publicados por Lobato pela editora Códex, conseguimos sentir o propósito dele em fazer livros coloridos, com desenhos em movimento e que fossem atrativos para as crianças, usando, assim, sua experiência já acumulada nesse sentido em suas publicações brasileiras.

Finda a apresentação da obra infantil lobatiana publicada na Argentina, a seguir mostramos dois quadros (5 e 6) para apresentar o mapeamento da obra infantil do autor brasileiro na Argentina. O primeiro traz os livros de Lobato publicados divididos por editora e identificados os respectivos anos de publicação no Brasil e na Argentina, seus ilustradores e tradutores. No segundo quadro, há uma listagem de todas as edições de livros catalogadas durante a coleta de dados desta pesquisa. Mapear a obra infantil de Lobato na Argentina é uma tarefa árdua, pois a vastidão de informações genéricas a respeito e o sem número de reedições de seus livros fazem com que seja quase impossível saber de fato quantas edições de seus livros circularam naquele país. No quadro a seguir, está a obra encontrada e que teve todos os seus dados checados e o quadro que segue o próximo traz as obras por edição encontrada.

Quadro 5 - Livros infantis de Monteiro Lobato publicados na Argentina divididos por editora.

LIVROS INFANTIS DE MONTEIRO LOBATO PUBLICADOS NA ARGENTINA DIVIDIDOS POR EDITORA⁴⁰

EDITORIAL CLARIDAD – COLECCIÓN DE TEXTOS PARA LECTURA LIBRE		EDITORIAL AMERICALEE – LOSADA – COLECCIÓN MONTEIRO LOBATO	
TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO	ILUSTRADOR (A)
		ARG BRA	
1	Don Quijote de los niños	1 ^a 1938 1936	Benjamin de Garay Não consta
1	Las travesuras de Naricita	1 ^a 1944 1921	Ramón Prieto Silvio Baldessari
2	Nuevas travesuras de Naricita	1 ^a 1944 1932	Ramón Prieto Silvio Baldessari
3	Viaje al cielo	1 ^a 1944 1932	Ramón Prieto Silvio Baldessari
4	El genio del bosque	1 ^a 1944 1921	Ramón Prieto Arturo Travi
5	Cacerías de Perucho	1 ^a 1944 1933	M.J de Sosa Arturo Travi
6	Aventuras de Hans Staden	1 ^a 1944 1932	M. J. de Sosa Arturo Travi
7	Historia del mundo (tomo II)	1 ^a 1944 1933	M.J de Sosa Arturo Travi
8	Historia del mundo (tomo II)	1 ^a 1944 1933	M. J de Sosa Arturo Travi
9	Peter Pan: el niño que no quiso crecer	1 ^a 1944 1930	M. J de Sosa Arturo Travi
10	El41 Quijote de los niños	1 ^a 1944 1936	M. J. de Sosa Gustavo Dore
11	Historia del Mundo I	1 ^a 1944 1933	M. J de Sosa Arturo Travi
12	Historia del Mundo II	1 ^a 1944 1933	M. J de Sosa Arturo Travi
13	El país de la gramática	5 ^a 1956 1934	María B. De Petriz Arturo Travi
14	La aritmética de Emilia	5 ^a 1958 1935	M. J. de Sosa Arturo Travi
15	Geografía para niños - I	4 ^a 1953 1935	M. J. de Sosa Arturo Travi
16	Geografía para niños - II	5 ^a 1966 1935	M. J. de Sosa Arturo Travi
17	Memorias de Emilia	1 ^a 1946 1936	M. J. de Sosa Arturo Travi
18	Las viejas fábulas	2 ^a 1948 1922	M. J. de Sosa Gustavo Dore
19	La llave del tamaño	1 ^a 1946 1942	Ramon Prieto Arturo travi

⁴⁰ Esta lista foi construída com o cruzamento de dados coletados tanto *in loco*, na Biblioteca e centro de documentação LA NUBE, na Biblioteca Nacional Mariano Moreno em Buenos Aires e em pesquisa nos catálogos da mesma instituição, além do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

⁴¹ Na edição da Editorial Americalee, o título do livro muda em relação à edição da Editorial Claridad, que saiu como “Don Quijote de los niños”. Na da Americalee o “Don” foi trocado por “El”.

20	Las invenciones	-	1946	1935	M. J. de Sosa	Arturo Travi
21	Cuentos de tía Anastasia	1 ^a	1946	1937	M. J. de Sosa	Arturo Travi
22	Cuentos de tía Anastasia	2 ^a	1948	1937	M. J. de Sosa	Arturo Travi
23	La reforma de la naturaleza	5 ^a	1956	1941	M. J. de Sosa	Arturo Travi
24	Las lecciones de Doña Benita	5 ^a	1955	1944	Ramon Prieto	Arturo Travi
25	El pozo del Visconde	5 ^a	1956	1937	M. J. de Sosa	Arturo Travi
26	El benteveo amarillo	4 ^a	1957	1939	M. J. de Sosa	Arturo Travi
27	El minotauro	4 ^a	1955	1939	Ramon Prieto	Arturo Travi
28	Las travesuras de Naricita	1 ^a	2010	1921	Ramon Prieto	Paulo Borges
29	Las nuevas travesuras de Naricita	1 ^a	2010	1932	Ramon Prieto	Paulo Borges
30	Viaje al cielo	1 ^a	2010	1932	Ramon Prieto	Paulo Borges
EDITORIAL ACTEÓN						
1	Las doce hazañas de Hércules	1 ^a	1946	1944	Ramón Prieto	J. U. Campos
2	Las caballerizas de Áugias	1 ^a	1945	1944	Ramón Prieto	J. U. Campos
3	Las aves del lago Estínfalo	1 ^a	1945	1944	Ramón Prieto	J. U. Campos
4	La corza de los pies de bronce	1 ^a	1945	1944	Ramón Prieto	J. U. Campos
5	El león de Nemea	1 ^a	1945	1944	Ramón Prieto	J. U. Campos
6	La nueva Argentina	Única	1947	-	Original em espanhol	-
EDITORIAL CÓDEX – COLECCIÓN FIGURITAS						
1	El nuevo Visconde	Única	1948	-	Original em espanhol	Eugenio Hirsch ⁴²
2	La ocurrencia de Emilia	Única	1948	-	Original em espanhol	-
3	El el tempo de Nerón	Única	1948	2013	Original em espanhol	Eugenio Hirsch
4	El periscopio de lo invisible	Única	1948	-	Original em espanhol	-
5	Una hada moderna	Única	1948	-	Original em espanhol	Eugenio Hirsch
6	El centauro	Única	1948	-	Original em espanhol	Eugenio Hirsch
7	La lamprea	Única	1948	-	Original em espanhol	Maria del Carmen Hidalgo ⁴³

⁴² Eugen Aloisius Hirsch (Viena, 1923 - Rio de Janeiro, 2001)  Designer gráfico, ilustrador e pintor. Em 1938, com a proximidade da Segunda Guerra Mundial, sua família emigra para a Argentina. Em 1945, conhece Monteiro Lobato em Buenos Aires. O escritor tenta trazê-lo ao Brasil para ilustrar o livro Sítio do Pica-Pau Amarelo, mas morre antes de concretizar a contratação. (EUGENIO Hirsch. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2573330/eugenio-hirsch>. Acesso em: 6 out. 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7).

⁴³ Maria del Carmen Hidalgo nasceu em 2 de novembro de 1921 em Buenos Aires. Aos 15 anos começou a estudar na Academia de Ilustradores del Instituto Grafotécnico Argentino. Única ilustradora da obra de Monteiro Lobato de que se tem notícia. Nossos dados sobre a atuação de Maria del Carmen Hidalgo na

8	El museo de Emilia	Única	1948	-	Original em espanhol	Eugenio Hirsch
9	La violeta blanca	Única	1948	-	Original em espanhol	Maria del Carmen Hidalgo
10	Los duendes	Única	1948	2013	Original em espanhol	Maria del Carmen Hidalgo
TOTAL DE 47 OBRAS INFANTIS PUBLICADAS						

Fonte: Elaborado pela autora.

ilustração da Coleção “Figuritas”, mais conhecida na literatura científica sobre o tema como “Libros Juguete”, vêm complementar as informações trazidas por outros trabalhos acadêmicos e biográficos (Albieri, 2009; Gurgel, 2008; Cavalheiro, 1962) sobre a obra do autor e sobre seus ilustradores. (Disponível em: <https://ilustracion.fadu.uba.ar/2016/05/30/carmen-hidago-sobres-de-semillas/>. Acesso em: 12 de set. de 2020).

No quadro da página anterior, temos uma dimensão panorâmica de tudo que foi publicado da literatura infantil de Monteiro Lobato na Argentina. É notável que, como ele mesmo já havia anunciado em cartas aqui referendadas, toda a produção que já existia no Brasil foi traduzida e publicada naquele país. O que chama a atenção é que, além de conseguir tal feito, que já seria algo grandioso, dado o tamanho da própria obra do autor, ele ainda foi além, uma vez que publicou 11 livros inéditos, o que nos sugere um mercado aberto para as obras do autor, talvez ainda maior que o brasileiro, que naquele momento passava por uma crise relacionada à aquisição de papel para impressão de livros⁴⁴. Foram 47 obras publicadas que tiveram sete ilustradores, três tradutores e cinco editores envolvidos nestes projetos, o que demonstra a ampla extensão da obra lobatiana em terras argentinas.

No próximo quadro, será possível vislumbrar algumas edições das referidas obras que puderam ser catalogadas durante esta investigação.

⁴⁴ Koshiyama (2000, p.1 40).

Quadro 6 - Edições de livros infantis de Monteiro Lobato publicados na Argentina.

EDIÇÕES E REEDIÇÕES DE LIVROS INFANTIS DE MONTEIRO LOBATO NA ARGENTINA⁴⁵

	Título	Editora	Edição	Ano
1	Don Quijote de los niños	Claridad	Única	1938
2	El Quijote de los niños	Americalee	1 ^a	1944
3	El Quijote de los niños	Losada	6 ^a	1956
4	El Quijote de los niños	Losada	7 ^a	1958
5	El Quijote de los niños	Losada	8 ^a	1959
6	El Quijote de los niños	Losada	10 ^a	1966
7	Las travesuras de Naricita	Americalee	1 ^a	1944
8	Las travesuras de Naricita	Americalee	2 ^a	1947
9	Las travesuras de Naricita	Losada	5 ^a	1956
10	Las travesuras de Naricita	Americalee	6 ^a	1958
11	Las travesuras de Naricita	Americalee	9 ^a	1958
12	Las travesuras de Naricita	Americalee	-	1961
13	Las travesuras de Naricita	Losada	-	2010
14	Las Nuevas travesuras de Naricita	Americalee	1 ^a	1944
15	Las Nuevas travesuras de Naricita	Losada	-	2010
16	Viaje al Cielo	Americalee	1 ^a	1944
17	Viaje al Cielo	Losada	5 ^a	1953
18	Viaje al Cielo	Losada	8 ^a	1959
19	Viaje al Cielo	Losada	10 ^a	1963
20	Viaje al Cielo	Americalee	10 ^a	1963
21	Viaje al Cielo	Losada	-	2011
22	El gênio del bosque	Americalee	1 ^a	1944
23	El gênio del bosque	Americalee	2 ^a	1963
24	Cacerías de Perucho	Americalee	1 ^a	1944
25	Cacerías de Perucho	Losada	5 ^a	1957
26	Cacerías de Perucho	Losada	8 ^a	1966

⁴⁵ Esta lista foi construída com o cruzamento de dados coletados tanto *in loco*, na Biblioteca e centro de documentação LA NUBE, na Biblioteca Nacional Mariano Moreno em Buenos Aires e em pesquisa nos catálogos da mesma instituição, além do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

27	Historia del Mundo I	Americalee	1ª	1944
28	Historia del Mundo I	Americalee	5ª	1957
29	Historia del Mundo I	Losada	5ª	1957
30	Historia del Mundo II	Americalee	7ª	1963
31	Peter Pan: el niño que no quiso crecer	Americalee	1ª	1944
32	Peter Pan: el niño que no quiso crecer	Losada	6ª	1958
33	Peter Pan: el niño que no quiso crecer	Americalee	8ª	1963
34	El país de la gramática	Americalee	5ª	1956
35	El país de la gramática	Americalee	9ª	1957
36	El país de la gramática	Losada	9ª	1957
37	La aritmética de Emilia	Losada	5ª	1958
38	La aritmética de Emilia	Americalee	8ª	1963
39	La aritmética de Emilia	Losada	8ª	1963
40	Geografía para niños - II	Americalee	-	1946
41	Geografía para niños	Losada	4ª	1953
42	Geografía para niños	Losada	6ª	1956
43	Geografía para niños	Losada	6ª	1958
44	Geografía para niños	Losada	9ª	1966
45	Memorias de Emilia	Americalee	1ª	1946
46	Memorias de Emilia	Losada	4ª	-
47	Memorias de Emilia	Americalee	4ª	1953
48	Memorias de Emilia	Americalee	5ª	1956
49	Memorias de Emilia	Americalee	9ª	1964
50	Las viejas fábulas	Americalee	2ª	1948
51	Las viejas fábulas	Americalee	7ª	1959
52	Las viejas fábulas	Americalee	8ª	1962
53	Fábulas (Anteojito)	Producciones García Ferré / Editorial Lord Cochrane S.A.	-	1994
54	Aventuras de Hans Staden	Americalee	1ª	1944
55	Aventuras de Hans Staden	Losada	4ª	-
56	Aventuras de Hans Staden	Losada	5ª	1957
57	Aventuras de Hans Staden	Americalee	8ª	1962
58	Las invenciones	Americalee	-	1946

59	Las invenciones	Americalee	7 ^a	1960
60	Las invenciones	Americalee	8 ^a	1963
61	La llave del tamaño	Americalee	1 ^a	1946
62	La llave del tamaño	Americalee	5 ^a	1956
63	La llave del tamaño	Americalee	7 ^a	1962
64	La llave del tamaño	Losada	8 ^a	1967
65	Cuentos de tía Anastasia	Amaricalee	1 ^a	1946
66	Cuentos de tía Anastasia	Losada	6 ^a	1958
67	Cuentos de tía Anastasia	Americalee	7 ^a	1960
68	Cuentos de tía Anastasia	Americalee	8 ^a	1962
69	La reforma de la naturaleza	Losada	5 ^a	1956
70	La reforma de la naturaleza	Americalee	9 ^a	1956
71	La reforma de la naturaleza	Losada	6 ^a	1957
72	La reforma de la naturaleza	Losada	7 ^a	1959
73	La reforma de la naturaleza	Losada	9 ^a	-
74	Las lecciones de Doña Benita	Losada	5 ^a	1955
75	Las lecciones de Doña Benita	Losada	9 ^a	1963
76	El pozo del Visconde	Americalee	5 ^a	1956
77	El pozo del Visconde	Losada	6 ^a	1958
78	El pozo del Visconde	Americalee	-	1959
79	El pozo del Visconde	Losada	9 ^a	1966
80	El benteveo amarillo	Losada	4 ^a	1957
81	El benteveo amarillo	Americalee	7 ^a	1963
82	El minotauro	Americalee	4 ^a	1955
83	El minotauro	Losada	5 ^a	-
84	El minotauro	Losada	6 ^a	1957
85	El minotauro	Americalee	-	1959
86	El minotauro	Americalee	8 ^a	1965
87	Las doce hazañas de Hércules	Acteón	1 ^a	1946
88	Las caballerizas de Áugias	Peurse	1 ^a	1946
89	Las aves del lago Estínfalo	Acteón	1 ^a	1946
90	La corza de los pies de bronce	Acteón	1 ^a	1945

91	El león de Nemea	Acteón	1 ^a	1948
92	El nuevo Visconde	Códex	1 ^a	1948
93	La ocurrencia de Emilia	Códex	1 ^a	1948
94	El el tempo de Nerón	Códex	1 ^a	1948
95	El periscópio de lo invisible	Códex	1 ^a	1948
96	Una hada moderna	Códex	1 ^a	1948
97	El centaurito	Códex	1 ^a	1948
98	La lamprea	Códex	1 ^a	1948
99	El museo de Emilia	Códex	1 ^a	1948
100	La violeta blanca	Códex	1 ^a	1948
101	Los duendes	Códex	1 ^a	1948
102	La nueva Argentina	Acteón	1 ^a	1947

Fonte: Elaborado pela autora.

As inúmeras edições das obras infantis de Lobato publicadas na Argentina e expostas no quadro acima são importantes para que seja possível dimensionar a permanência do trabalho do autor no país. Para um autor que deu início à sua entrada no mercado argentino ainda em 1938, ter obras reeditadas nos anos 2000 transparecem um grande feito. O interesse das editoras em seguir publicando as obras durante tanto tempo atesta a recepção do público ao autor e sua obra, ao passo que também acena para uma circulação considerável, dadas as sucessivas reedições, não só na Argentina, mas provavelmente em outros países latino-americanos.

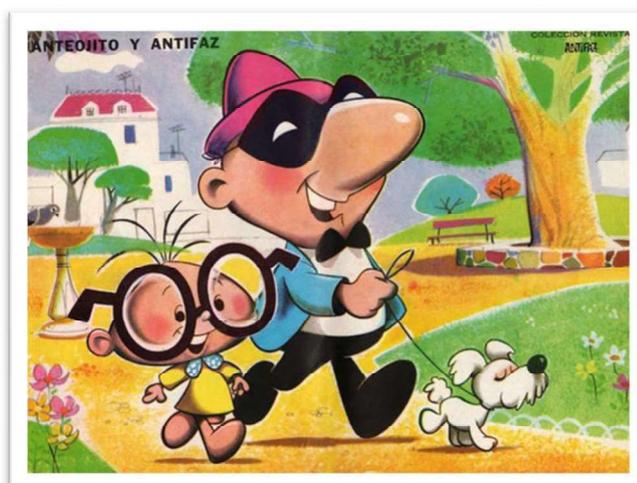
Além dos livros traduzidos e inéditos do autor, alguns volumes de livros de contos e fábulas que traziam a literatura de Lobato também foram publicados na Argentina.

3.6 Coleção “Biblioteca de oro del estudiante” da revista *Anteojito*: fábulas lobatianas voltam ao público na década de 1990

Durante o período áureo da produção livreira na Argentina, bem como o de grande circulação dos livros traduzidos de Lobato na cena literária de lá, já vimos que o volume de sua obra marcou presença de maneira contundente no país da prata. Chama atenção o fato de que o sucesso da obra infantil do escritor teve sustentação durante muitos anos, já que encontramos edições dela desde 1938 até a década de 1960, chegando a ser reeditada em 2010. Entretanto, o que também é um indício da força da marca lobatiana na Argentina é a presença de adaptações de suas fábulas, como a que encontramos no livro suplemento da revista *Anteojito*, uma das prestigiosas publicações semanais para crianças no país, a qual estava no topo dentro desse nicho de mercado, juntamente com a respeitada e tradicional revista *Billiken*, lançada em 2019 e publicada até os dias atuais (2021).

A primeira edição do semanário vendeu por volta de 250.000 exemplares, sendo assim uma publicação de grande impacto desde seu início. O referido periódico figura entre os grandes sucessos em leitura para o público infantil durante os anos de 1963 até 2001, quando publicou seu último número. Foram 1.925 edições. A revista foi fundada pelo imigrante espanhol Miguel García Ferré, o qual foi considerado o Walt Disney da Argentina, e em relação ao Brasil, pode-se compará-lo a Maurício de Souza, pois também criou personagens marcantes e que fazem parte do imaginário cultural do país até os dias atuais (FALABELLA, 2010, p. 205). Seus heróis mais emblemáticos são Anteojito e Antifaz (“Oclinhos e tapa-olho, em tradução livre), os quais trabalham juntos em suas aventuras.

Figura 41 - Antejito, tío Antifaz e Pichichus, personagens de García Ferré.



Fonte: Disponível em: <https://www.infobae.com/sociedad/2019/10/08/a-55-anos-del-nacimiento-de-antejito-la-revista-que-dibujó-la-infancia-de-generaciones-de-argentinos/> . Acesso em: 13 mar. 2021.

O semanário infantil trazia quadrinhos e também suplementos dentro dos quais existiu a “Biblioteca de oro del estudiante”⁴⁶, que se tratava de adaptações de vários livros clássicos e seleção de textos considerados fundamentais. Foi uma iniciativa para fomentar a leitura e incentivar que as crianças colecionassem até completar sua biblioteca. Além do livro, no suplemento da revista, vinha materiais para montar o suporte para os livrinhos semana a semana, até que se completaria toda a coleção.

Figura 42 - Biblioteca de oro del estudiante – coleção azul - 1994.

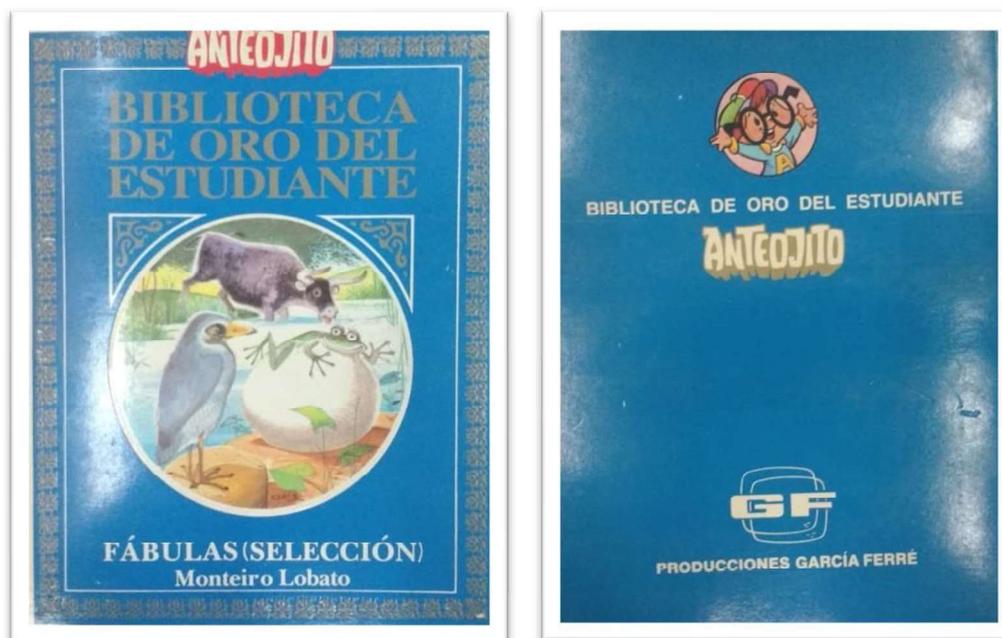


⁴⁶ Para mais informações acessar: <https://youtu.be/-DS3JsoCa2k>.

Fonte: Disponível em https://articulo.mercadolibre.com.ar/MLA-916263258-biblioteca-de-oro-del-estudiante-anteojito-completa-_JM#position=33&search_layout=stack&type=item&tracking_id=8fe053fb-fa80-47f6-827b-ab62a24913af. Acesso em: 07 ago. 2020.

Este projeto começou no ano de 1993 e, com seu sucesso, foram publicadas ao todo 4 bibliotecas divididas em cores vermelha, azul, amarela e cinza. Cada biblioteca era composta por 52 livrinhos, a publicação tinha formato de bolso, e vinha como suplemento da revista Antejito nos anos de 1993, 1994, 1995 e 1996. A edição que traz as Fábulas de Lobato é a de número 1.545, de 18 de outubro de 1994, sendo o livro dedicado a seus textos o de número 34 da biblioteca de cor azul. As obras não podiam ser vendidas separadamente da revista, pois se tratava de um projeto editorial da “Producciones García Ferré” e custava, junto com a revista, 3.30 pesos. A seguir, vemos a imagem da capa da publicação, tanto da revista como do livro de Lobato em suplemento.

Figura 43 – Capa e contracapa de livro adaptado de Monteiro Lobato para a Biblioteca de Oro del Estudiante – Revista Antejito (1.545 - 18/10/1994 – Producciones García Ferré – Fábulas / Selección – Monteiro Lobato).



Fonte: Biblioteca e centro de documentação “La Nube” (Argentina).

Figura 44 - Folheto publicitário de livro adaptado de Lobato para a Biblioteca de Oro del Estudiante – Revista Anteojoito (1.545 - 18/10/1994 – Producciones García Ferré – Fábulas / Selección – Monteiro Lobato).



Fonte:

Revista Anteojoito. Edição de número 1.545 de 18 de outubro de 1994. Canal Coleccionando con ariel (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-DS3JsoCa2k>. Acesso em: 1 out. 2021)

Na coleção azul da biblioteca, todos os exemplares de livrinhos tinham a capa e a diagramação semelhantes. Havia poucas ilustrações além da capa, embora seja possível encontrar, especificamente no livro dedicado às fábulas de Lobato, oito ilustrações, das quais três são coloridas. O exemplar traz 53 fábulas, além de um glossário, uma pequena biografia do escritor, que será abordada no próximo capítulo deste trabalho, curiosidades literárias a respeito da escrita de Lobato e a caracterização de sua obra e uma proposta de atividade. A seleção e a adaptação das fábulas, a pesquisa biográfica e a proposta de atividades são de Juliana Marta Pucci, Martha Steinbrum, Gabriel Romeo y Marcela Codda.

A revista *Anteojoito*, desde sua fundação, tem uma cultura baseada na educação como veículo de ascensão social, como explica Falabella (2010), afirmando que:

La educación, en el contexto fundacional de Antejito, conserva aún el prestigio de las décadas precedentes ya que es percibida como vía de ascenso social por parte de los sectores medios. [...] Es lógico entonces que las revistas destinadas al lector infantil, como se evidencia en sus páginas, continúen con un discurso centrado en la idea de progreso a través de la escolarización. La participación social y el disfrute de los bienes se relacionan con la obtención de un título académico. (FALABELLA, 2010, p. 208).

As revistas infantis na Argentina apresentam essa ligação com a educação e mostram a aprendizagem como algo lúdico. Dentro dessa proposta é que a coleção Biblioteca de oro del estudiante se encaixa como um suplemento possível para uma revista infantil, e a escolha das fábulas de Lobato como “obras mais clássicas e importantes da literatura argentina e universal”, como dizia o encarte de propaganda da coleção, como vemos a seguir:

Figura 45 - Encarte de publicidade da revista Antejito anunciando a coleção “Biblioteca de oro del estudiante” em 1993.



Fonte:

Revista Antejito. Edição de número 1.545 de 18 de outubro de 1994. Canal Coleccionando con ariel (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-DS3JsoCa2k>. Acesso em: 1 out. 2021)

Até hoje é possível encontrar os livros da coleção Biblioteca de oro da revista *Antejito* a venda em sites argentinos de compra e venda de objetos na Internet, como sendo uma coleção rara e querida dos argentinos.

3.7 Conto no livro *Cuentos para chicos de autores grandes*

Em 1974, a editoria Ediciones Orion fez um volume com contos selecionados, chamado *Cuentos para chicos de autores grandes*, tendo como organizador José

María Borguello, escritor de vários⁴⁷ romances de impacto. Na referida obra, Monteiro Lobato aparece entre autores do cânone literário mundial e entra na seleção de contos tendo passado pelo crivo do organizador que esclarece que os textos para crianças devem ter acima de tudo respeito:

No quise la burla en sus ojos inquietos cuando verificaran que se los continúa tratando como seres que necesitan ser contradolados, cuyos impulsos y reacciones deben ser reprimidos, lo que equivale a decir que deben imitar nuestros defectos y nuestras presuntas virtudes. La tarea de unir en este volumen obras de autores que por su vida y sus temas nada tienen de “infantiles”, demuestra que , en lo que a “literatura” se refiere, es más eficaz aquello que no se propuso serlo. [...] Sé que estos cuentos les serán completamente comprensibles y ayudarán a abonar los destinos dque están gestando. Y sé también que ellos necesitan que se los mire como seres íntegros, con toda la potencia creadora y el ímpetu primigenio del ser. (BORGUELLO, 1974, p. 7).

Na introdução do volume, Borguello fala sobre sua visão acerca da literatura infantil como forma de fazer com que o leitor entenda seu critério de seleção. Para o organizador, a literatura infantil não deve subestimar nem trazer modelos a serem seguidos, mas sim respeitar a inteligência do ser em formação, bem como deixá-lo livre para interpretar. Tais critérios combinam bem com a literatura lobatiana, o que resultou na inclusão do conto “El buen diablo”, um dos Contos de tia Nastácia, na coletânea de textos infantis. Abaixo, veremos a capa da obra:

⁴⁷ *Plaza de los Lírios* (1985), *Las razones del lobo* (1974), *La salida y otros encierros* (1992), *Que los niños huyan de mí* (1973).

Figura 46 - Capa e contracapa do livro *Cuentos para chicos de autores grandes*.



Fonte: Biblioteca e centro de documentação "La Nube" (Argentina).

O livro, quem tem 200 páginas, é composto por quinze contos de autores de várias partes do mundo, entre os quais está Lobato. Na próxima seção, vamos enfatizar os processos que permearam a circulação e recepção da obra infantil de Lobato na Argentina.

4 A CIRCULAÇÃO E A RECEPÇÃO DA PRODUÇÃO INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO EM TERRAS ARGENTINAS

Como pudemos verificar até este ponto do nosso estudo, a obra de Lobato em território argentino foi exaustivamente reeditada em inúmeras tiragens, além de ter ganhado asas por meio da potente distribuição das editoras por onde publicou e com as casas livreiras que se responsabilizaram pelo partilhar das obras por toda a América Latina. Esse derramamento de milhares de livros lobatianos não aconteceu apenas durante o período a partir do qual o escritor começou a publicar (1938) na Argentina, pois, como vimos, ele perdurou durante muitos anos após o período de ouro da indústria editorial argentina (1938-1955) e avançou bastantes anos após a saída do autor do país ou até anos bem mais à frente da data de sua morte. Desde que teve publicado seu primeiro livro infantil, *Don Quijote de los niños*, pela *Editorial Claridad* em 1938 e teve sua primeira coleção publicada, em 1944, pela *Editorial Americalee*, sucessivas edições continuaram sendo publicadas, continuaram sendo distribuídas e também reeditadas pela *Losada* em 1963 e em 2010.

Ramón Prieto, tradutor e colega de editora de Lobato, acertou quando se referiu, pelo menos quatro vezes em suas cartas, na época em que trabalhava na *Americalee*, aos livros de Lobato como um projeto editorial permanente para a editora. Esta referência chama a atenção para a importância da obra do autor brasileiro como um clássico na Argentina e colocaria sua marca literária na história da literatura não só brasileira, mas latinoamericana, consagrando Lobato como não apenas participante, mas protagonista do sistema literário latinoamericano. O interesse em colocar no mercado as obras lobatianas através de tantos anos sinaliza para um conjunto literário de profusa aceitação no mercado dos livros da Argentina, sendo, conseqüentemente, rentável para os editores essa resolução. Inclusive, esse perdurar de interesse na obra de Lobato ao longo de épocas distintas na Argentina demonstra a semelhança do que aconteceu com a obra do autor também no Brasil, onde publicou também inúmeras edições de seus livros, mesmo quando seus direitos autorais ainda estavam sob domínio de seus herdeiros⁴⁸. A partir de agora, vamos explorar a recepção que o autor teve na Argentina.

O primeiro ponto a ser abordado será o aporte crítico relacionado ao autor e

⁴⁸ A partir de janeiro de 2020, a obra caiu em domínio público, quando começaram a ser lançadas várias edições de seus livros novamente.

sua obra, os livros que foram publicados sobre ele ou que citaram seu nome, mostrando assim a visão que se tinha do autor a partir dessas publicações originariamente argentinas ou nativas de outros países da América Latina onde o autor circulou. Serão apresentadas biografias e outros livros que colocam Lobato como tema em algum momento, além das marcas de circulação que por ventura possam estar presentes (CHARTIER, 2002, p. 66). Em seguida, apresentaremos e analisaremos a presença do autor em jornais argentinos da época (1938-1948), período que se estende desde a primeira publicação de *Don Quijote de los niños*, em 1938, até a morte do autor em 1948. Além disso, abarca uma parte importante da considerada era de ouro do mercado livreiro argentino (1938-1955).

4.1 Recepção pelo país: Monteiro Lobato pelo olhar argentino

No Brasil, as obras relacionadas à vida de Monteiro Lobato, bem como seu trabalho como escritor, editor, tradutor, literato etc. são várias⁴⁹, tamanha a marca deixada por ele em áreas as mais diversas. Na Argentina e em outros países latino-americanos, a penetração da obra do autor também provocou interesse na edição de publicações a seu respeito ou a respeito do que escreveu. Acreditando ser importante a contextualização tanto da obra quanto do/a autor/autora dela é que, como desde o início deste trabalho de tese, tentamos dar o panorama geral sobre as circunstâncias das publicações que trouxeram Lobato como foco ou como meio, de alguma forma, pois, segundo Chartier (2012, p. 159-177), “[n]ão se pode falar em circulação do livro sem tentar avaliar quem possuía esses livros, quem os lia, qual era a conjuntura do impresso. (Roger Chartier entrevistado por Robert Darnton. *Matrizes* Ano 5 – nº 2 jan./jun. 2012 - São Paulo - Brasil – Roger Chartier, p. 159-177). Sejam biografias ou textos em revistas e livros teóricos, o fato é que Lobato foi alvo de escritos em vários gêneros, como veremos adiante. Essas obras completas ou formando parte de outras são testemunhas da importância e do impacto do escritor no meio argentino, uma vez que demonstram sua influência e conexão com os leitores, autores e ambiente literário daquele lugar. Os processos de produção, circulação e recepção são parte do movimento de apropriação dos objetos culturais por parte da sociedade. Nesse caso nos referimos ao conjunto da obra de Lobato no ambiente argentino. Assim sendo, o

⁴⁹ Para ver uma lista de obras importantes sobre Lobato, ver: Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida, de Marisa Lajolo, Editora Moderna, p. XXX.

aparecimento de biografias, artigos, comentários etc. sobre o autor e sua obra são também parte da expectativa e das necessidades e circunstâncias do contexto cultural daquele país. Desse modo, as referidas produções culturais a respeito de Lobato indicam que o meio argentino era favorável à absorção desse conteúdo e que a situação histórica do lugar permitia esse processo orgânico e sinérgico da recepção e circulação de tais textos entre livreiros, leitores e outros mediadores que participam direta ou indiretamente dessa dinâmica.

A recepção de um determinado texto é uma produção de sentido intencionada ao estabelecer-se uma relação dialógica entre a proposta do texto (produzida pelas abstrações direcionadas pelo autor ao concretizar a escrita) e as categorias interpretativas de quem lê nas diferentes situações de leitura (CHARTIER, 1996). O estudioso elucida ainda que “[...] cada maneira de ler comporta os seus gestos específicos, os seus próprios usos de livros, o seu texto de referência cuja leitura se torna arquétipos de outras” (CHARTIER, 1988, p. 131). Assim também podemos afirmar que a leitura de determinado texto também pode dar luz a novos textos, novas produções, como veremos ainda nesta seção. A partir da perspectiva de Chariter, é possível depreender que a escrita de uma biografia a respeito de um autor, por exemplo, está inscrita em um processo de recepção, uma vez que invoca descrição e narração de fatos sobre a vida e a obra do biografado, neste caso Lobato. Ou seja, a escrita pressupõe a leitura da obra do autor e o interesse em sua vida. Considerando-se que o leitor não é um elemento passivo e que contribui de forma criativa para construir a história de uma obra em seu ato de ler (CERTEAU, 1994), é que esta tese traz agora textos biográficos ou que relacionam a obra lobatiana ou seu autor a experiências significativas não só dentro do sistema literário argentino, mas também para a história pessoal dos leitores.

4.1.1 Textos biográficos

Que a vida de Lobato inspirou curiosidade e interesse no Brasil já não é novidade. Na Argentina, o autor, com a relevância e extensão da publicação de suas obras, também acabou sendo motivo de produção biográfica. Em 1959, a Editorial Futuro S.R.L., de Buenos Aires, publicou o livro “Monteiro Lobato: *Trayectoria de una fidelidad*”, obra publicada dentro de *Colección Eurindia*. A autora dele foi Haydee Jofre Barroso, uma escritora e jornalista argentina, reconhecida também como

tradutora. Essa biografia foi seu primeiro livro. Conforme Rocha, (2017, p. 66-67), ela fez vários trabalhos de tradução de obras relevantes e de autores de destaque da literatura brasileira para o espanhol, além de escrever textos em vários gêneros.

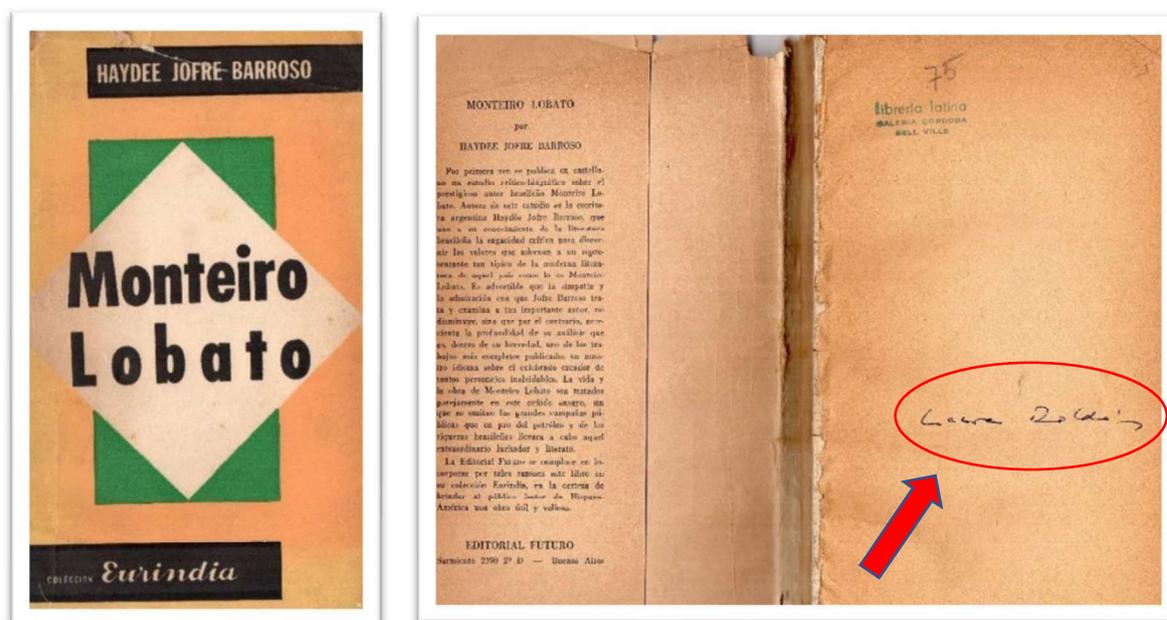
Seu interesse e ligação com a literatura brasileira não é por acaso, pois era filha de uma brasileira com um argentino, além de ter estudado Letras e Jornalismo na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, depois viveu na Argentina, quando trabalhou no jornal *El Mundo* como crítica literária e diretora do suplemento de cultura, escreveu diversas obras⁵⁰ e traduziu outras tantas. Segundo Petra (2012, p.34), a editorial Futuro foi criada e dirigida pelo comunista Raúl Larra em 1944, sua produção de livros contava com diversas coleções dedicadas à pintura, história, literatura, ao ensaio e à biografia, como foi o caso do livro sobre Lobato. A primeira edição saiu em 7 de agosto de 1959. Trata-se de um livro de 76 páginas e conta a história da vida do autor em 5 capítulos, mais o prólogo e a bibliografia. Os capítulos são: I – *La Niñez*, II – *La Juventud*, III – *El Hombre*, IV - *El ciudadano y el patriota*, V – *El escritor y su obra*, VI – *El pensamiento*. O livro fazia parte da *Colección Eurindia*, que trazia nove obras, a saber: 1 – Aníbal Ponce, por Álvaro Yunque, 2- *Ritos y Fábulas de los incas*, por Cristóbal de Molina, 3 – *Mi vida*, por Mao Tse-Tung, 4 – *Cartas íntimas*, de Lisandro de la Torre, 5 – *Cartas Íntimas*, de V. Ilch, Lenin, 6 – *Neurosis Juveniles*, por Jorge Thénon, 7 – *Kafka*, por Pavel Eisner, 8 – *Sthendal*, por Ilia Erhenburg, e finalmente o

⁵⁰ Rocha (2017, p. 66-67) diz que, “ Conforme Espírito Santo (2011, p. 31), después de volver a Argentina, escribí REVISTA ANTHESIS ISSN: 2317-0824 67 Revista Anthesis: V. 5, N. 9, (Jan. - Jun.), 2017 sobre crítica literaria en algunos periódicos de aquel país y publicó ensayos y antologías críticas. Como autora, escribí libros sobre literatura, historia, sociología y antropología: Esquema Histórico de la Literatura Brasileña (1959), Monteiro Lobato: Trayectoria de una Fidelidad 1959); De la Magia y por la Leyenda (1966), Nuevos Cuentos del Brasil (1972) Genio y Figura de Guillermo Henrique Hudson (1972), Así Escriben los Latinoamericanos (1974) Los Hijos del Miedo: Reportaje a las Supersticiones y Creencias del Porteño (1975), Dos Novelas (de Lima Barreto): Recuerdos del Escribiente Isaías Caminha – El Triste Fin de Policarpo Quaresma (1978), Los Altares Vacíos: Confesiones de una Generación (1980) Las Argentinas y el Amor 1986), Los Escritores Latinoamericanos: Biógrafos del Continente (1986), Padres del Miedo (1991), Monteiro Lobato: Un Escritor, un País (2002), Vida y Saga de José Mauro de Vasconcelos (1978) Como prologuista, está presente en Corazón de Vidrio, de José Mauro de Vasconcelos (1977) y Obras Completas: Cuentos, de Marco Denevi (1983). Haydée es la traductora de diversas obras: Antología Poética, de Vinicius de Moraes (1969); Del Otro Lado de La Cerca, de Roberto de Oliveira Campos (1969); El Mundo Mágico de Guimarães Rosa, de José Carlos Garbuglio 1972); Lazos de Familia, de Clarice Lispector (1973); Agua Viva, de Clarice Lispector (1975); El Via Crucis del Cuerpo, Clarice Lispector (1975); El Vampiro de Curitiba, de Dalton Trevisan (1976); La Araña, de Clarice Lispector (1977); Justino, el Retirante, de Odete de Barros Mott 1983); Gabriela, Clavo y Canela: crónica de una ciudad del interior, de Jorge Amado 1992); y las novelas de José Mauro de Vasconcelos Mi Planta de Naranja Lima (1973); Las Confesiones de Fray Calabaza (1975); Corazón de Vidrio (1977); La Cena (1977); Vamos a Calentar el Sol (1988); Rosinha, mi Canoa: Novela en Compás de Remo (1993); El Velero de Cristal (1996); Mi Planta de Naranja Lima (1997), Lluvia de la Noche (sin fecha).” (ROCHA, 2017, p. 66-67: Disponível em <https://revistaseletronicas.puocs.br> . Acesso em: 21 set. 2021).

último livro da coleção, 9 – Monteiro Lobato - *Trayectoria de una fidelidad*, por Haydée Jofre Barroso.

O livro conta ainda com uma ilustração do rosto de Lobato, desenvolvida pelo ilustrador e pintor argentino Leonardo Bardolla⁵¹ (1920-2003). Durante a coleta de dados desta pesquisa, o livro foi encontrado na biblioteca e centro de documentação “La Nube”, além de nos ter sido facilitado pela professora e escritora Laura Devetach, que fez a doação do seu próprio exemplar para compor o material de coleta desta pesquisa. Abaixo veremos a capa do livro, a única ilustração nele presente, além das marcas de circulação da obra marcadas em vermelho.

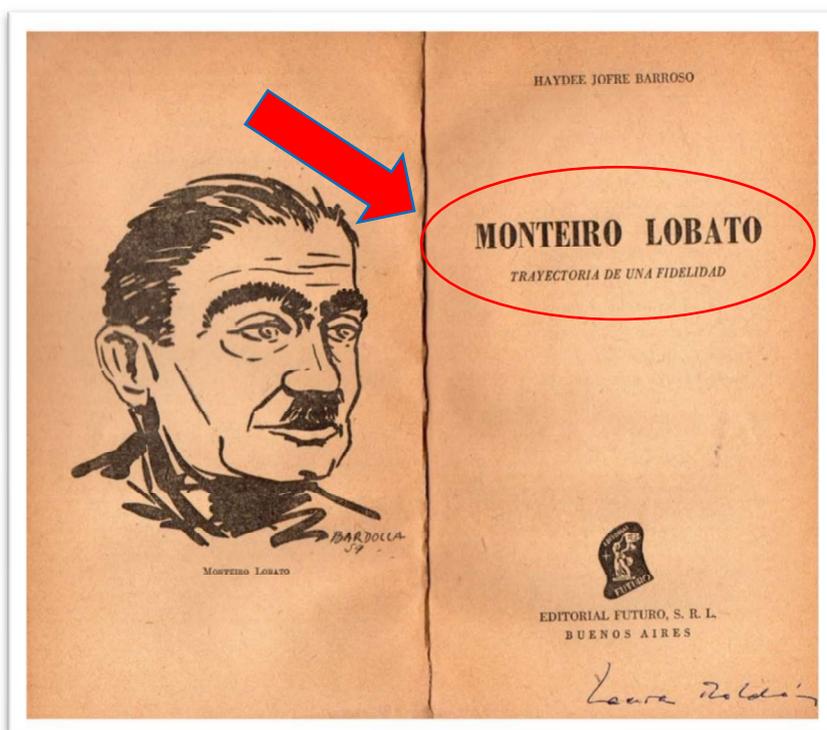
Figura 47 - Capa, paratexto e folha de guarda de *Monteiro Lobato: trayectoria de una fidelidad*



Fonte: Arcevo pessoal da escritora e pesquisadora argentina Laura Devetach.

⁵¹ Pintor Argentino Contemporáneo. Profesor Nacional de Dibujo, Pintura y Grabado (escenógrafo). Egreso de la Academia Nacional de Bellas Artes en 1944. Discipulo de L. Spilimbergo, Berni, Centurión y Pío Collivadino. (Disponível em: <https://www.arteargentino.com/dic/b/bardolla,l2bis.htm>. Acesso em: 21 mai. 2021).

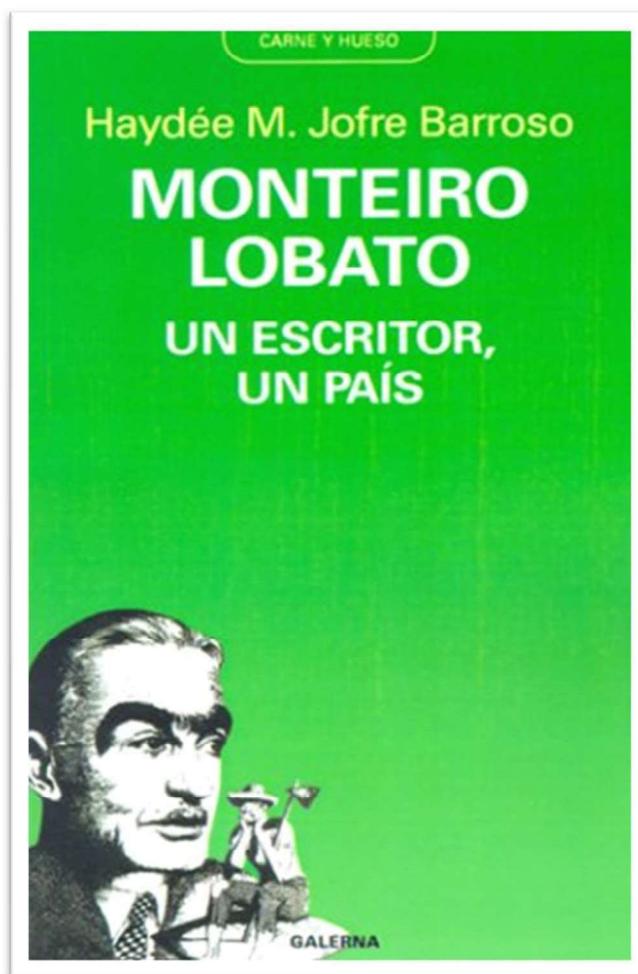
Figura 48 – Folha de rosto de *Monteiro Lobato: trayectoria de una fidelidad*.



Fonte: Arcevo pessoal da escritora e pesquisadora argentina Laura Devetach.

Este mesmo livro foi reeditado em 2000, desta vez pela editora Galerna. A publicação foi reformulada no título, agora *Monteiro Lobato: un escritor, un país*, e teve ampliados seus capítulos e uma parte dedicada à crítica. A obra fez parte da coleção *Carne y Hueso* e tem suas 200 páginas divididas em prólogo, apêndice, a bibliografia do autor e dez capítulos, a saber: *Capítulo I – La infancia*, *Capítulo II – La juventud*, *Capítulo III – El hombre*, *Capítulo IV – El ciudadano y el patriarca*, *Capítulo V – El escritor y su obra*, *Capítulo VI – El escritor y los niños*, *El escritor y los otros*, *Capítulo VII – El último viaje*, *Capítulo VIII – Antología*, *Capítulo IX – Brave antología infantil, correspondencia y otra páginas*, *Capítulo X – Monteiro Lobato por sí mismo (La última entrevista)*. Abaixo, vemos a capa do livro.

Figura 49 - Capa do livro *Monteiro Lobato: un escritor, un país*, de Haydée M. Barroso.



Fonte: Biblioteca e centro de documentação *La Nube* (Argentina).

Antes de iniciar a biografia, a autora destina algumas palavras ao leitor, contando a história do livro e falando não só como autora e crítica literária, mas como leitora de Lobato, o que é bastante importante em termos de circulação e recepção da obra, pois, de acordo com Chartier (1998), as menções de compra, manuseio e leitura dos textos é que são os traços da circulação e recepção de ditas obras. Abaixo, temos acesso ao recado que a autora Haydée Jofre Barroso dá aos leitores da biografia ampliada de Lobato. No texto, a escritora revela com carinho a memória afetiva que acalenta em relação à obra do autor brasileiro.

Al lector

Todo libro tiene un destinatario natural, el público lector, y otro, personal e íntimo, que guarda relación con nuestros sentimientos.

Este libro es un respetuoso homenaje a Monteiro Lobato, figura que desde la infancia y el calor de sus cuentos infantiles, me ha fascinado.

En el plano personal está dedicado a mi padre, que tantos puntos de contacto ha tenido con la personalidad de mi admirado "Júca", y a quien fue maestro inolvidable, aquel afectuoso profesor amigo ("amoroso" de nombre y de espíritu, como decíamos los amigos de la facultad de Rio de Janeiro), Alceu Amoroso Lima, el primer crítico literario del modernismo brasileño y escritor inteligente, cuyas obras publicadas en diarios argentinos bajo su seudónimo "Tristão de Athayde" fueron disfrutadas durante años por nuestros lectores.

Repito que este libro es un homenaje a la vida y obra del autor de aquel mundo maravilloso que habita sus cuentos, creados para encantar nuestra infancia. Es un libro para conocerlo a través de los momentos más importantes de sus existencia de hombre y de patriota, intención que será comprendida en su sinceridad por quienes conocen su literatura. Los que lo conocen poco o no lo recuerdan, quizá encuentren en estas páginas temas que los llevarán a reflexionar. Y los que no lo conocen encontrarán un perfil de su vida y obra que tal vez los estimule a interesarse más por ellas, a disfrutar de lecturas seguramente superiores a las que les ofrezco, pero que no supe mejorar.

En esta obra el lector encontrará la trayectoria de un escritor pero también la existencia de un hombre apasionado por su país, un visionario que supo descubrir empresas comerciales y emprendimientos nacionales, y, si lo prefieren, la semblanza de un caudillo de intentos e intenciones.

Vivimos en el sur del continente, a la hora que él le hubiera gustado vivir: la "hora del Mercosur". Me pareció entonces que era el momento propicio para reeditar éste, mi primer libro, que fue escrito cuando volvía de Brasil envuelta en sus perfumes, mis sueños y proyectos, y que me significó la gran satisfacción del recibir el homenaje del Concejo Deliberante de la ciudad natal de Monteiro Lobato: Taubaté. Hoy esta versión, ampliada en capítulos y en su parte crítica, que al igual que "Júca", a solas con el lector. Quizá para reanudar el idilio de la infancia, cuando con las manos y la boca pringosas de dulces o chocolates dialogábamos con su muñeca "Emilia" o invadíamos los dominios de "Narizinho arrebitado", obras todas que esperan algún día ser reeditadas en nuestra lengua.

Buenos Aires, diciembre de 1998.
(BARROSO, 2000, p.17-18).

No momento em que a autora escreve ao leitor sobre sua própria experiência de leitura, seu texto nos mostra traços de circulação real do livro, pois é um relato de leitor que está vindo a público. Barroso se refere ainda a Lobato como o impulsionador de uma nova literatura infantil não só no Brasil, tampouco na Argentina, mas na América:

Esta pluma rejuveneció además el ambiente literário del Brasil de comienzos de siglo, propició la aparición de talentos hasta entonces inéditos y supo crear un mundo mágico para los niños dando nacimiento a la literatura infantil en América.

Las pintorescas aventuras e inolvidables personajes concebidos por Monteiro Lobato no sólo deleitaron a los pequeños lectores, sino que lo llevaron a ocupar un lugar de privilegio en la historia de la literatura de nuestro continente. (BARROSO, 2000, texto de contracapa).

Sabemos que antes de Lobato outros autores também produziram literatura infantil no Brasil, como Zalina Rolim⁵², Figueiredo Pimentel⁵³, Julia Lopes de Almeida⁵⁴, Olavo Bilac⁵⁵ e Presciliana Duarte de Almeida⁵⁶, mas, mesmo assim, a identificação de Lobato como pessoa que deu à luz a literatura infantil na América no texto da biógrafa mostra o lugar de importância em que ele é colocado através do olhar de uma escritora argentina.

4.1.2 Referência a Monteiro Lobato nas entrevistas: Pablo Medina

Como explicitado na metodologia deste trabalho, realizamos três entrevistas durante a coleta de dados desta investigação: com Pablo Medina, Laura Devetach e Lídia Blanco. Os três entrevistados foram leitores das obras de Lobato, entretanto, obviamente, cada um teve uma experiência própria com o autor. O pesquisador e organizador do centro de documentação “*La Nube*”, Pablo Medina, relatou não só sua experiência de leitura, mas também analisou a questão da circulação de livros em si, pois expôs como teve acesso a eles. Conta ele:

[...] (Lobato) empieza a editar los libros que yo les mostré de la colección, los trabajos de Hércules especialmente, pero ya en este momento estaba lanzado en el editorial del Americalee, que hacía la edición completa de la obra de Monteiro Lobato. Por lo tanto, los libros

⁵² Para mais informações ver: OLIVEIRA, V. *As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em livro das crianças*. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11936> . Acesso em: 21 jul. 2021.

⁵³ Para mais informações ver: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/browse?type=author&value=Duarte%2C+Cristina+Rothier>. Acesso em: 21 jul. 2021.

⁵⁴ Para mais informações ver: SILVA, A. P. S. M.; PINHEIRO ALVES, J. H. O juízo da imprensa em Páginas infantis (1908), de Presciliana Duarte de Almeida. *Letras em revista*, v. 11, n. 2, abr. 2021. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/297>>. Acesso em: 28 out. 2021.

⁵⁵ Para mais informações ver: SILVA, A. P. S. M. *O universo infantil e escolar em poesias infantis, de Olavo Bilac*. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13072> . Acesso em: 21 jul. 2021.

⁵⁶ Para mais informações: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/297> . Acesso em: 21 jul. 2021.

circulaban por los mecanismos de la librería. Yo por los menos los compré en librerías, ¿no?. Después también se vendían por el sistema, más adelante, yo diría que sólo después del 60, 70 se siguió vendiendo cuando ya los tiene Losada se vendían de puerta en puerta, como el sistema de ventas domiciliario. (ENTREVISTA COM PABLO MEDINA, 2019).

Medina conta que teve acesso aos livros de Lobato através das livrarias, mencionando a compra. Ele comenta ainda que no período vivenciado por ele enquanto criança existia uma preocupação do governo com a circulação do livro também, o que funcionava como mais uma força impulsionadora de movimentação do mercado livreiro argentino naquele momento, ademais das editoriais punjantes que já existiam na época.

Yo diría que la política del gobierno peronista con respecto al libro fue muy interesante, yo me acuerdo de niño, yo soy del año 37, entonces que yo tendría en ese período, estamos hablando del 48, 47, 49, yo tendría entre 8, 9, 10, once años, yo termino el primario con él, con el... alrededor del año 50, e. por lo tanto, yo recibía libros que eran editados por el gobierno peronista, le daba mucha importancia a la circulación del libro ¿no?, y se instaló el libro en la escuela. (ENTREVISTA COM PABLO MEDINA, 2019).

O pesquisador conta que Monteiro Lobato esteve presente em todas as livrarias da cidade e que vários fatores contribuíram para isso. A visão que Lobato tinha a respeito do contexto favorável para sua inserção no mercado argentino e as políticas públicas potencializadoras da educação e leitura teriam sido algumas das variáveis que contribuíram para tanto sucesso e para a ampla circulação de seus livros:

Así que todos eso lo ve Monteiro Lobato ¿no?. Y su colección, o sea, la colección que él crea, que ya estaba potenciada, ya estaba cerrada, es decir, son 23 tomos, el total de la colección, este.... Entra a ser participe en el cotidiano de Argentina y se suma como una producción más cultural, y están prácticamente en todas las bibliotecas populares, ¿no? Así que por eso Monteiro Lobato fue muy conocido. Ese es el gran mito que Monteiro Lobato vio en Argentina ¿no?. Por un lado el estímulo del Gobierno, por otro lado había una ley de bibliotecas populares y por otro lado había una ley de educación que estimulaba la lectura. Entonces eso le llamó la atención, entonces esto está en La nueva Argentina. (ENTREVISTA COM PABLO MEDINA, 2019).

Além de abordar a parte sistêmica da distribuição de livros, sistema político favorável entre outras diversas questões, Medina, por outro lado, fala sobre sua experiência inicial com os livros de Lobato e relata quem foi a mediadora que lhe

trouxe tais obras. Perguntado sobre como e onde teve acesso a Lobato, ele respondeu:

En mi casa a través de mi tía que era maestra de escuela y que tenía la colección en la casa. Tenía la colección de Americalee. Estoy hablando del año, yo soy del año 37, debo haber escuchado historias mezcladas con los cuentos de la selva de Quiroga. Quiroga se empezó a editar en el año 18 y Monteiro Lobato más o menos por ahí, y fue muy popular aquí la colección de Americalee después de 40. Los libros eran muy difundidos en el sistema escolar. Porque en las escuelas se leían, y estaban en las bibliotecas populares que difundían toda la obra, en todas las bibliotecas populares en Argentina, que deben ser más de 2000 bibliotecas, está la obra de Monteiro Lobato. Igual ibas a una biblioteca, “quiero leer un libro”, y la bibliotecaria tenía información de este capítulo, lee este capítulo, lee este título de Visconde, lee la obra de los mitos, que no había mucho material, entonces era un universo para posibles lectores muy interesante, con mucha propuesta, con mucha... Entonces yo cuando conocí, conocí a través de un relato de una tía que era maestra de escuela, y ya después yo mismo podía consultar en la biblioteca cuando yo tenía ya diez años, yo mismo lo vi en la biblioteca de mi escuela que se llamaba Manuel Grano. Estaba en la biblioteca escolar. (ENTREVISTA COM PABLO MEDINA, 2019).

É interessante observar que o pesquisador não morava em Buenos Aires quando começou a ler Lobato em sua época de criança, mas sim vivia na cidade de Corrientes, município localizado⁵⁷ há 916 quilômetros ao norte da capital federal. Isso confirma a penetração da obra lobatiana não apenas em Buenos Aires, mas sim em cidades mais distantes e periféricas. Na década de quarenta, a cidade contava com 525.463 habitantes⁵⁸, sendo que destes apenas 56.544 viviam na zona urbana. Ele confirma abaixo a ligação dessa região com o Brasil:

No, yo vivía en Corrientes, también en límite con Brasil. Nosotros limitamos con Brasil y con Paraguay. Somos la provincia que más está integrada a Brasil porque tenemos la misma música, el chamamé, hay un músico muy importante, estoy hablando del límite con Río Grande de Sur, para poder ubicarlas. Estamos muy integrados, comida, en la música. (ENTREVISTA COM PABLO MEDINA, 2019).

⁵⁷ Disponível em: <http://ar.lasdistancias.net/distancia-de-corrientes-a-ciudad-de-buenos-aires> . Acesso em: 28 out. 2021.

⁵⁸ Fonte: Dell’Orto, A. M. H. F.; Bolsi, A. S. La Población de la Ciudad de Corrientes entre 1588 y 1988. Análisis desde la Perspectiva Geográfica. *Revista Geográfica*, n. 118, p. 65–116, 1993. <http://www.jstor.org/stable/40992678>. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/40992678?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents . Acesso em: 29 out. 2021.

Medina também comenta sobre o que lhe chama a atenção na obra de Lobato, fala de suas preferências enquanto leitor desses livros, além de fazer menção ao interesse de outros antigos leitores de Lobato em reler a obra, agora com os netos:

A mí me interesaba mucho, me interesaban los mitos como fue contado por él, como fue trabajo los mitos, las historias propias que tienen que ver con el Brasil, los relatos de la tradición, aunque sean los relatos de tradición histórica, personajes que se crean, que se inventan, que tienen que ver con esta sociedad, ¿no? Entonces, y como son cosas parecidas, muy a fin, hay mucho parecido, entonces no hay ningún misterio, es decir, esto me gusta porque siento que me da placer porque me eres grato, pero eso por un lado, por otro porque me parece que está escrito en una concepción, una forma, este... accesible a los chicos ¿no? Hoy yo puedo hablar desde adulto, ¿no? Porque lo veo como un elemento de investigación, pero de todas maneras yo creo que hay ciertos niños que todavía, acá hay, vienen padres que vienen ver si tiene la colección porque quieren iniciar una colección de Monteiro Lobato. Sería interesante hacer una entrevista a una abuela o una madre que es investigadora y que sigue leyendo a sus nietos Monteiro, ¿Por qué? Una persona menor que yo, que fue mi jefa en el ministerio de la educación y que no hace más de cuatro o cinco meses, me llamó y me dice "Pablo me tienes alguna... quiero leer a mi nieto Monteiro Lobato." Entonces, ves, porque razón hoy puede ser leído [...] (ENTREVISTA COM PABLO MEDINA (2019).

Por sua atividade como diretor de um centro de documentação voltado para a infância, Pablo Medina é uma referência como mediador de leitura. Por isso ele relata essa busca de outras pessoas pela obra de Lobato. Além disso, relatou receber doações da obra do autor vindas de bibliotecas em outras cidades, como Córdoba, corroborando a disseminação da obra do autor pelo país, mais uma vez. Sobre o livro *La nueva Argentina*, Medina comenta que não o leu, mas que, enquanto pesquisador, sabe da sua existência e sua história, inclusive cita que é muito parecido com um livro argentino, mas não cita qual. A respeito do livro, relata que conhece notas a respeito e que pretende lê-lo quando tiver oportunidade. Ele crê que Lobato insere na história suas impressões sobre a Argentina peronista do momento que vivenciou quando esteve no país.

4.1.3 Referência a Monteiro Lobato nas entrevistas: Lidia Blanco

A experiência de leitura da professora Lidia Blanco difere primordialmente da do pesquisador Pablo Medina no que tange à época em que ela começou a ler Monteiro Lobato. Enquanto Medina teve acesso à obra ainda criança, através da

mediação da sua tia em âmbito familiar, ela começou a ler Lobato por intermédio do próprio Medina e se deu conta da importância da obra já como adulta e profissional da literatura infantil, como verificamos a seguir:

Conoci la obra de Monteiro Lobato en la biblioteca "La nube" del señor Pablo Medina. Cuando me interesé por construir seminarios de literatura latinoamericana, me di cuenta que era imprescindible la inclusión de Monteiro Lobato y allí comencé a investigar sobre su obra en las revistas "Relajir", y en libros de Orlando Rodríguez que es un especialista en literatura infantil cubano que vive actualmente en Miami y que dirige la revista "Cuatro Gatos".

A professora e leitora de Lobato fala da sua experiência de leitura das obras do Sítio do Pica-pau Amarelo:

Monteiro Lobato me impactó mucho y me pareció una revolución infantil que superaba de alguna manera la producción nacional, porque tenía un contexto fantástico que todavía no había llegado a nosotros, repito, porque no había aparecido María Helena Wash. Las obras de Monteiro Lobato las he leído casi todas y personalmente me gusta mucho las historias de Naricita, de Emilia, de Abuela Benita y este contexto fantástico en el que una muñeca puede hablar, puede pensar y puede cuestionar las cosas de la realidad. Me interesa Monteiro Lobato además como un hombre de combate que tiene que haber marcado en el Brasil una línea de pensamiento que efectivamente influyó en otros autores, que continuaron de alguna manera la lucha que él había iniciado. (BLANCO, Lúdia em entrevista à Siomara Lucena em 2019).

Lúdia Blanco chama a atenção para a comparação entre a literatura infantil produzida por autores argentinos e a criada por Lobato. Para ela, o trabalho do autor era de alguma maneira superior ao que existia na Argentina naquele momento, já que trazia um mundo imaginativo, fantástico que talvez ainda não tivesse sido tocado pelo que existia em termos de literatura infantil à época naquele país. O comum ainda estava relacionado à literatura ligada à pedagogia. A professora afirmou não conhecer o livro *La nueva Argentina*, tampouco sabia da existência da obra.

4.1.4 Referência a Monteiro Lobato nas entrevistas: Laura Devetach

Aqui, os relatos de leitura e acesso à literatura lobatiana são importantes na medida em que se trata de uma escritora argentina de literatura infantil de grande sucesso no país. Além de autora de LIJ, Devetach tem formação na área de Letras e

foi professora e gestora em educação. Portanto, trata-se de uma pessoa com uma vivência que lhe permite observar o fenômeno literário por vários ângulos. A famosa autora vivia em um *pueblo*, como chamam as pequenas cidades na Argentina, chamado Reconquista, que fica 798 quilômetros ao norte de Buenos Aires. Nos dias atuais, a cidade conta com 73.293 habitantes⁵⁹, o que nos faz deduzir que na década de 40 a cidade realmente era bastante pequena. Ela constrói um relato bastante pessoal do caminho que a fez deparar-se com as obras lobatianas e descreve a verdadeira comunidade de leitores da qual participou pelas vias das redes formadas pelos leitores na cidade interiorana onde vivia:

Como usted conoció la obra de Monteiro Lobato...

Yo creo que fue ya siendo mayor, más para el lado de la adolescencia y por préstamo... teníamos la costumbre en el pueblo de prestar libros en el barrio. y revistas... es decir... en aquel momento salían muchas revistas como el para ti, Maribel, este vosotras... bueno... había muchas que traían la novela semanal, es decir que cada capítulo seguía por semana. O sea, las mujeres de las familias, de la cuadra, del barrio, todas, leían todas las novelas porque se las prestaban. Cada una compraba una revista y yo era la cargada de hacer el cambio y el intercambio no, y los chicos hacíamos lo mismo, pero con libros, no con muchos chicos, pero algunos sí. Sus padres se los traían, no sé... algunos eran muy viejos, me imagino que también los compraban usados, o habría sido de sus propias infancias, no sé. Lo cierto es que había variedad. Así leí yo las mil y una noches, por supuesto no era la versión original, que la leí después de grande, no. Entonces, lo de Monteiro Lobato lo conocí a través de esa vía. No por orden, según que tomo que lo conseguía, iba consiguiendo lo leía y entonces después, claro, reconstruía, lo que... leía algo que era después, pero que me llegaba a mi primero, y bueno, despacito lo fui reconstruyendo. Pero no tenía muy gran conocimiento de eso. (DEVETACH, Laura em entrevista à Siomara Lucena em 2019).

Em sua descrição, Devetach dá informações sobre a rede formada entre os leitores do bairro e coloca esta comunidade em que circulavam os impressos como responsável por fazer chegar a ela muitos títulos, inclusive os de Lobato. Chegavam a sua ordem própria, segundo ela, e assim iam sendo apropriados aos poucos, enquanto formava o imaginário completo das histórias. A partir desse conhecimento, ela critica a obra de Lobato, evidenciando seu comprometimento pedagógico que

⁵⁹ Disponível em: <https://www.municipalidad-argentina.com.ar/municipalidad-reconquista.html> . Acesso em: 27 out. 2021.

também estava presente, além do mundo fantástico das aventuras do Sítio do Pica-pau Amarelo:

Así que, bueno, y esto del 46 (año de 1946), claro, son los años en que yo estaba en mi pueblo y mi conocimiento de Monteiro viene por ahí, de las bibliotecas fundamentalmente. No eran libros populares, quizá en mi pueblo, a lo mejor, yo lo desconozco, en Buenos Aires, sí lo haya sido, porque estaba en Losada, creo que Losada que fue una gran editorial los publicó. E... y yo cuando conocí que me gustó fue los personajes, pero ya después comencé a ver que los mitos eran reescritos para que los niños los entendieran, a pesar de que yo tenía 10 años, o más adelante también, ya no me interesó eso. Sí tenía otras cosas lindas que nos enganchaban con esta parte que estoy diciendo. Pero era lógico en aquel momento todos pensaban en la escuela nueva, y en el hecho de que el arte tenía que entrar en la escuela y ¿qué sé yo?... Convencionaban un arte ¿no?. E... por ejemplo, Quiroga no... Quiroga fue literato puro en el sentido que el escribía según sus sentimientos y su estética y lo que fue... pero ya Monteiro no... otras cosas yo no leí. Algunos libros de él, de la colección de Perucho y Naricita y sus personajes, Anastacia, Visconde. Lo que era lindo era esa mezcla que él hacía con juguetes, este dándole vida a juguetes imaginarios y ¿qué sé yo? Que los hacía hablar y eso era interesante, eso no se conocía mucho, pero a mí me encantaba... Lo que pasó con la Aritmética y la gramática no me gustó... bueno... (DEVETACH, Laura, en entrevista a Siomara Lucena em 2019).

A professora e escritora comenta que a obra de Lobato não era muito popular em sua cidade, porém afirma que através das bibliotecas e dos empréstimos rotativos ela conseguiu ler boa parte de seus textos, o que sinaliza para uma presença estabelecida de Lobato na vida leitora daquela localidade. Apesar de relatar que não gostou de alguns títulos por serem pedagógicas e não literárias, isso mostra que Devetach leu o suficiente para criticar e comparar as obras. A crítica vem quando ela compara a obra de Horácio Quiroga à de Lobato, afirmando que o primeiro escreveu livros puramente literários, mas Lobato, em alguns de seus livros, esteve claramente comprometido com os objetivos da escola nova, afastando-se da sua melhor performance literária. A autora se refere ao encantamento causado pelos livros em que Narzinho e Pedrinho se misturavam aos brinquedos, talvez referindo-se à boneca Emília ou até aos Saci e outras figuras folclóricas. Para Devetach, essa foi a parte da literatura lobatiana que foi mais ricamente literária quando comparada a outras obras mais levadas a fins indubitavelmente pedagógicos. A respeito de *La nueva Argentina*, a autora sabia da existência do livro, mas não chegou a lê-lo. Explicou também que na cidade onde viveu no interior da Argentina, há uma divisão muito forte entre os

peronistas e antiperonistas e que a maioria naquele município não é a favor de Perón e talvez por essa razão é que o livro não tivesse circulado ali, já que a obra retratava o plano quinquenal.

4.1.5 Permanência da recepção de Lobato no país e seus traços de circulação

Agora vamos nos deter à permanência da recepção da obra lobatiana aos seus ditos “traços de circulação”, como nomeia Chartier (1998, p.???), através dos quais podemos verificar que as obras foram lidas de fato. É difícil separar os dois fenômenos já que eles acontecem dentro do mesmo ciclo dos processos que envolvem a leitura e o estabelecimento de um autor dentro de um sistema literário. Durante a relativa rápida (1938-1948) publicação da obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina, ele trabalhou para divulgar seu nome, como vimos até o momento e comprovaremos ainda neste capítulo. Ele visitou escolas, apareceu em jornais e revistas. Após o período estudado mais detalhadamente, durante a chamada era de ouro do livro argentino (1938-1948), Lobato continuou sendo publicado e lido, só que seus primeiros leitores cresceram e na condição de adultos puderam escrever e comentar suas experiências de leitura das aventuras do Sítio do Pica-pau Amarelo. É sobre esse aspecto que vamos nos ater neste tópico. Nesta pesquisa, encontramos relatos sobre a leitura dos livros de Lobato nas entrevistas que realizamos e em livros, um deles contendo uma narrativa em forma de prólogo da própria então presidente da Argentina, Cristina Fernandez Kichner.

4.1.6 *Los libros y la calle* – Edgardo Kozarinski

Em 2019, a editora Ampersand lançou a coleção “*Lector&s*”. Trata-se de uma coletânea de treze livros dedicada a relatos pessoais da relação entre a vida e as experiências literárias de autores, atores, cineastas etc. Entre esses livros está *Los libros y la calle*⁶⁰, de Edgardo Kozarinski. Ele é um escritor e cineasta argentino que tem dezesseis obras publicadas. No livro, ele conta momentos de leitura de sua infância e cita Lobato como sendo o autor de obras importantes durante seu período de formação:

⁶⁰ Para mais detalhes: Disponível em: <https://www.edicionesampersand.com/product-page/los-libros-y-la-calle-edgardo-cozarinsky> . Acesso em: 27 out. 2021.

‘¿Cómo dejás que el chico lea esos libros de un autor reaccionario, publicados nada menos que por la editorial Atlántida?’, oí ue el tío Bernardo, de visita en Buenos Aires, reprochaba a mi padre. Al día siguiente, apareció por casa con una pequeña estatería de madera clara: la colección completa de cuentos para niños de Monteiro Lobato, editorial Americalee. Ni el reproche ni el regalo hicieron mella en la coriácea indiferencia paterna.

A mí, en cambio, esos cuentos me descubrieron un territorio de exotismo fascinante. Naricita, el Vizconde de la Mazorca, la negra Anastasia, sobre todo el Sací regalaron una primera imagen del Brasil, peripecias inesperadas, exaltantes, ajenas a la imaginación estreñida de Vigil.

El Sací muy pronto se convirtió en mi amigo imaginario. Era mulato, tenía una sóla pierna y agujeros en las palmas de las manos, fumaba pipa y su gorra mágica de color rojo le permitía aparecer o desaparecer cuando deseaba, jugándoles bromas pesadas, como las que yo era demasiado tímido para intentar, a adultos insoportables. Poseer una gorra roja como la suya pasó a ser mi inalcanzable deseo.

Años más tarde me enteré de que una devoción católica inspiraba las historias anodinas de Vigil. También de que Lobato había conocido la prisión, considerado subversivo por el Estado Novo, y en sus últimos años se había acercado del Partido Comunista brasileño. Proyecté estas informaciones sobre el amago de conflicto familiar de mi infancia. Lo iluminaron con inédito sentido.

Iba a contarle esta anécdota a mi amiga anabel durante mis años de París. Entendió que le confirmaba algo sobre mi carácter: ‘Ahora te entiendo. Eres el hijo morganático de Monteiro Lobato y Constancio C. Vigil’. (COZARINSKI, 2019, p. 11-12).

Cozarinski (2019, p. 11-12) conta ao seu leitor como a orientação política da família influenciou diretamente nas escolhas de suas leituras domésticas. Também externa suas impressões e comparações da literatura de Lobato em relação a Constancio C. Vigil⁶¹, um autor de literatura infantil muito conhecido na Argentina, inclusive é o fundador da Editora Atlántida e da centenária revista Billiken. Para o cineasta, as histórias contadas por Lobato tiveram grande impacto, pois foram estimulantes para sua imaginação e fundadoras de uma imagem sobre um exótico Brasil. Ele faz uma comparação entre os referidos autores, Lobato e Vigil, colocando-os em dois polos distintos, como se o primeiro representasse a inovação, a aventura e o audacioso, enquanto o segundo parecesse ocupar um lugar de conservador e comum. Isso é demonstrado quando se refere às histórias de Vigil como “anodinas” e às de Lobato como “fascinantes”. Para finalizar, Cozarinski coloca a ambivalência

⁶¹ Para mais informações sobre a obra deste autor: Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0186-03482018000400219 . Acesso em: 28 out. 2021.

entre os dois referidos autores como exemplo para iluminar suas relações familiares e até sua personalidade.

4.1.7 O prólogo de Cristina Fernandez Kirshner a *Las travesuras de Naricita* (2010)

Outro relato importante a respeito da obra de Monteiro Lobato no país da prata está no prólogo da reedição, pela editora Losada, em 2010, do livro *Las travesuras de Naricita*. Nele, a então presidente da república argentina, Cristina Fernandez Kirshner, introduz a história ao mesmo tempo em que narra sua própria experiência com a obra.

Sin embargo, mi memoria registra con absoluta nitidez la llegada a casa de la colección completa de lo que recuerdo como *Las travesuras de Naricita y Perucho*, de Monteiro Lobato. Su formato de tapas duras, coloradas, con las líneas de los rostros de Naricita y Perucho, en dorado, constituyen un registro visual imborrable.

Más que leerlos, literalmente devoré esos textos que iban de las fantasías más alocadas a la eseñanza de historia, geografía, geología y todo tipo de conocimiento. Emilia, la muñeca de trapo, terca y caprichosa, intrigante y rezongona, pero querible como pocas, convivía con el Vizconde – un marlo de maíz con galera y impertinentes – siempre atinado, serio y responsable. Naricita y Perucho, dos niños fantasiosos, aventureros, inquietos y siempre deseosos de saber más, podrían haber sido uno de nosotros. Doña Benita, la abuela, era una “abuelísima” de gafas y pelo blanco que con la ayuda de la negra Anastasia – la “tía” inefable creadora de Emilia, la muñeca – hacían de la quinta del “Benteveo Amarillo”, un lugar en el que todos hubiéramos querido vivir.

[...] Tenía 55 años y era la presidenta de la República Argentina en visita oficial a la hermana República Federativa del Brasil. Compartía la mesa con Luis Ignacio Lula da Silva, su presidente, y Celso Amorin, su canciller, entre otros. De repente, en la conversación volvieron a aparecer Naricita y Perucho – nunca voy a recordar el motivo -, Celso hace referencia a Monteiro Lobato y entonces le conté acerca de mis lecturas infantiles. No lo podía creer. Eran también sus preferidas. Allí surgió la idea de patrocinar por parte del gobierno del Brasil una nueva edición de la aventuras de Naricita y Perucho, esta vez porologada por mí.

A Naricita y Perucho, a Emilia y El Vizconde, a Anastasia y doña Benita y a todos los que contribuyeron a alimentar mis sueños y forjar mis Utopías.

Cristina Fernandez Kirchner,
Olivos, 20 de febrero de 2010.

Kirchner afirma em seu prólogo que as leituras lobatianas fizeram parte de sua infância, pois formavam também a biblioteca da família. Ela relata o despertar da

imaginação quando em contato com o universo criado pelo escritor. Além de sua experiência literária, a então governante dá detalhes de como surgiu a ideia de relançar os livros do escritor na Argentina. A partir do relato de Kirshner e explorando as cartas e os documentos de Lobato, escrevendo sua história enquanto negociava e costurava relações diversas para poder efetivar a publicação de seus livros, é interessante observar como se deu a reedição de seus livros pela Losada em 2010. A partir de uma lembrança ao acaso, de acordo com o relato da então presidente, em meio a uma conversa não oficial, por afinidade literária mútua, criou-se a oportunidade para a publicação dos livros. Firmava-se um acordo entre os dois países para levar a cabo o projeto de colocar novamente a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo acessível ao público argentino, agora renovado em suas ilustrações, como já relatado no capítulo 2.

As menções de compra, empréstimos e leitura dos livros aqui evidenciadas são a materialização do que Chartier (1998, p. 151) esclarece sobre o ato de ler. Ele diz que “a leitura [...] é uma das práticas constitutivas da intimidade individual, remetendo o leitor a si mesmo, a seus pensamentos ou a suas emoções, na solidão e no recolhimento. Mas também está no centro da vida dos ‘grupos de convivialidade’”. (CHARTIER, 1991, p. 151). Dentro desta perspectiva, tais relatos são traços da passagem da obra lobatiana na Argentina vistos de dentro para fora, objetivando a recepção que seus livros tiveram a partir dessas narrativas, compondo assim um quadro de experiências de leitura que não pode ser generalizado, porém deve ser considerado. Chartier adverte ainda:

É preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Longe de uma fenomenologia da leitura que apague todas as modalidades concretas do ato de ler e o caracterize por seus efeitos, postulados como universais, uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura. (CHARTIER, 1991, p. 178).

Assim sendo, o acesso às descrições de experiências de leituras aqui explicitadas são documento histórico do curso da obra de Lobato na Argentina visto através de diferentes ângulos e lugares de fala, o que o torna significativo na localização da referida obra como relevante dentro do cenário da literatura infantil daquele país.

4.2 Lobato nos principais veículos impressos de comunicação no país da prata

Na pesquisa em documentos de fonte primária, constatamos que nos jornais investigados foram identificadas 15 referências ao autor brasileiro, sendo 14 delas no *jornal La Nación* e 1 no *jornal La Prensa*. As aparições a respeito das obras de Lobato estavam predominantemente na sessão de “*Libros y folletos recibidos, Movimiento Nacional y extranjero y notas sobre la producción bibliográfica*”. Eram inserções pontuais apenas citando o nome do livro e o autor, em geral. Entretanto, houve dois anúncios no *jornal La Nación* que faziam a divulgação de um espetáculo de teatro de bonecos da adaptação da obra “*Aventuras de Naricita*”. No *jornal La Prensa* também foi encontrado um artigo falando sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato, no Brasil e na Argentina.

As imagens abaixo mostram menções aos livros de Lobato encontradas na imprensa argentina.

Figura 50 - Anuncio no La Nación (17/11/1946) de Las doce hazañas de Hércules (1946), em formato de lujo pela editora Acteon.

EL GRAN REGALO DE FIN DE CURSO

Las 12 Hazañas de Hércules

por **MONTEIRO LOBATO**
que dedica esta obra
a los niños argentinos.

EN UN SOLO VOLUMEN DE GRAN LUJO

- * 600 páginas en papel "LIBRE" primario.
- * 12 cromos de C.A.N.P.O.
- * Ilustraciones de gran formato.
- * Sub-titulado a todo color.
- * Títulos y cantos dorados.
- * Encuadernadas en finas telas "Obispo" y "Marine".

...y cada libro especialmente autografiado por **MONTEIRO LOBATO**

HOY MISMO REMITA SU BONO POSTAL

SOLO \$ 10.-
al contado
y 5 cuotas
de \$ 5 m/n.

A SU SOLA FIRMA LE REMITIMOS ESTE MARAVILLOSO REGALO PARA SU NIÑO!

Señor Administrador de "ACTEON"
Av. de Mayo 634 - 2do. Piso - Bn. Aires

Si desea recibir un ejemplar de LAS DOCE HAZAÑAS DE HERCULES, o cualquier otro libro de ACTEON, remita el BONO POSTAL por la suma de \$ 10.- al contado, o en 5 cuotas mensuales de \$ 5.- m/n., que enviaré también por BONO POSTAL.

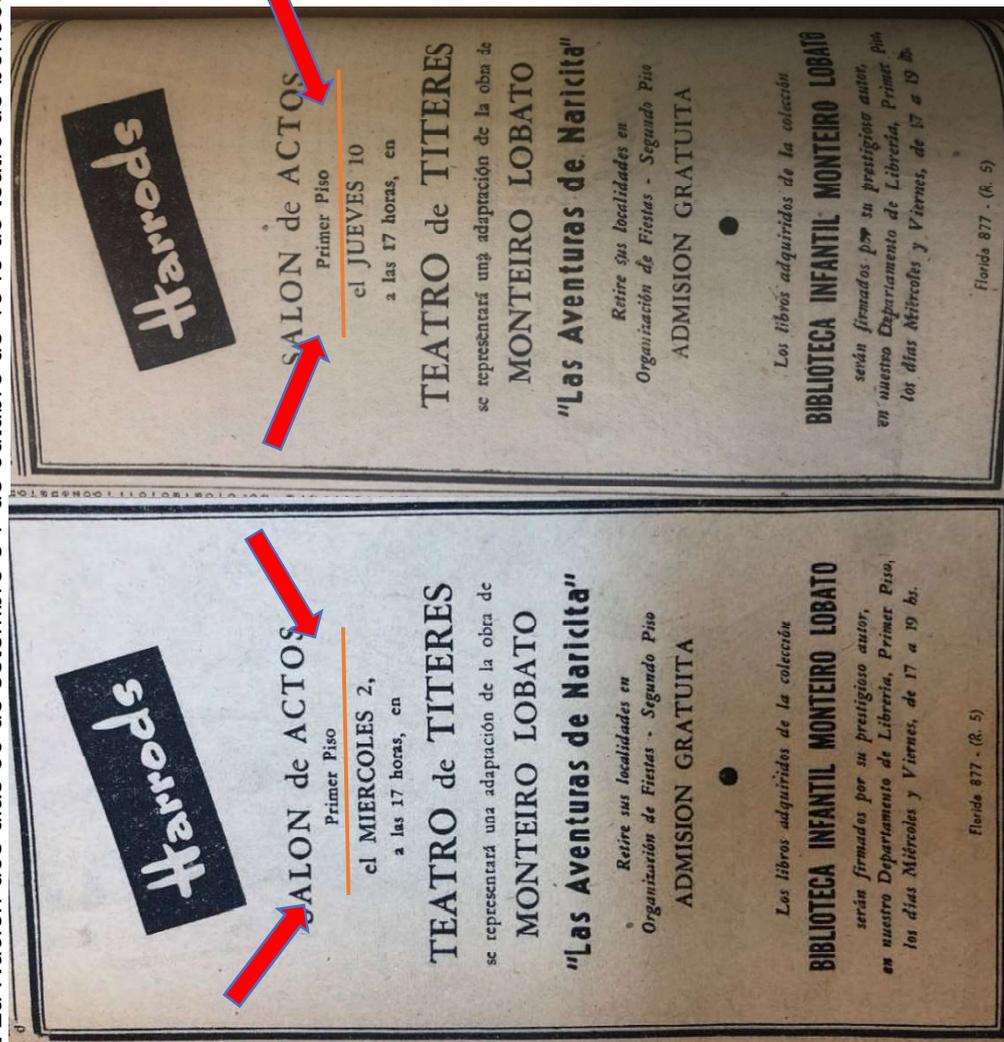
NOMBRE Y APELLIDO.....
DOMICILIO LEGAL.....
LIBRETA DE ENROLAMIENTO O CEDULA N°.....
FIRMA.....

EDITORIAL "ACTEON"
Av. de Mayo 634 - 2do. PISO
071.31 AVENIDA 2305 - BUENOS AIRES

EDITORIAL LOSADA
ALBINO 1331

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina).

Figura 51 - Anúncios no jornal *La Nación* dos dias 30 de setembro e 7 de outubro de 1946 do teatro de bonecos de *Travesuras de Naricita*.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina).

O anúncio do livro de luxo *Las doce hazañas de Hércules*, editado pela editora de Lobato, faz jus ao livro bem trabalhado e cuidado pelo próprio Lobato enquanto esteve na Argentina, como já mostramos no capítulo dois deste trabalho. O anúncio ocupa quase a metade da página e está localizado em página par, que era mais valorizada para anúncios e propagandas, por ser mais facilmente visualizada pelo leitor. Os detalhes da ilustração mostrando os personagens do sítio nos ombros de Hércules dão uma prévia do que esperava o leitor que comprasse o livro.

Já os anúncios do teatro de bonecos da adaptação da obra lobatiana *Las travesuras de Naricita*, promovido na Harrods, provavelmente fazem parte do evento já relatado em outros trabalhos acadêmicos⁶² e livros⁶³ de Lobato. Em carta à sua sobrinha Guinara, ele relata:

Vamos ter no dia 25 a “Semana Monteiro Lobato” no Harrods, que é um Mappin em ponto grande que há aqui, com exposição de todos os meus livros, cartazes, bonecos e representação de comédias extraídas dos livros. Essa semana vai repetir-se antes do Natal”. (LOBATO: 1969, 192).

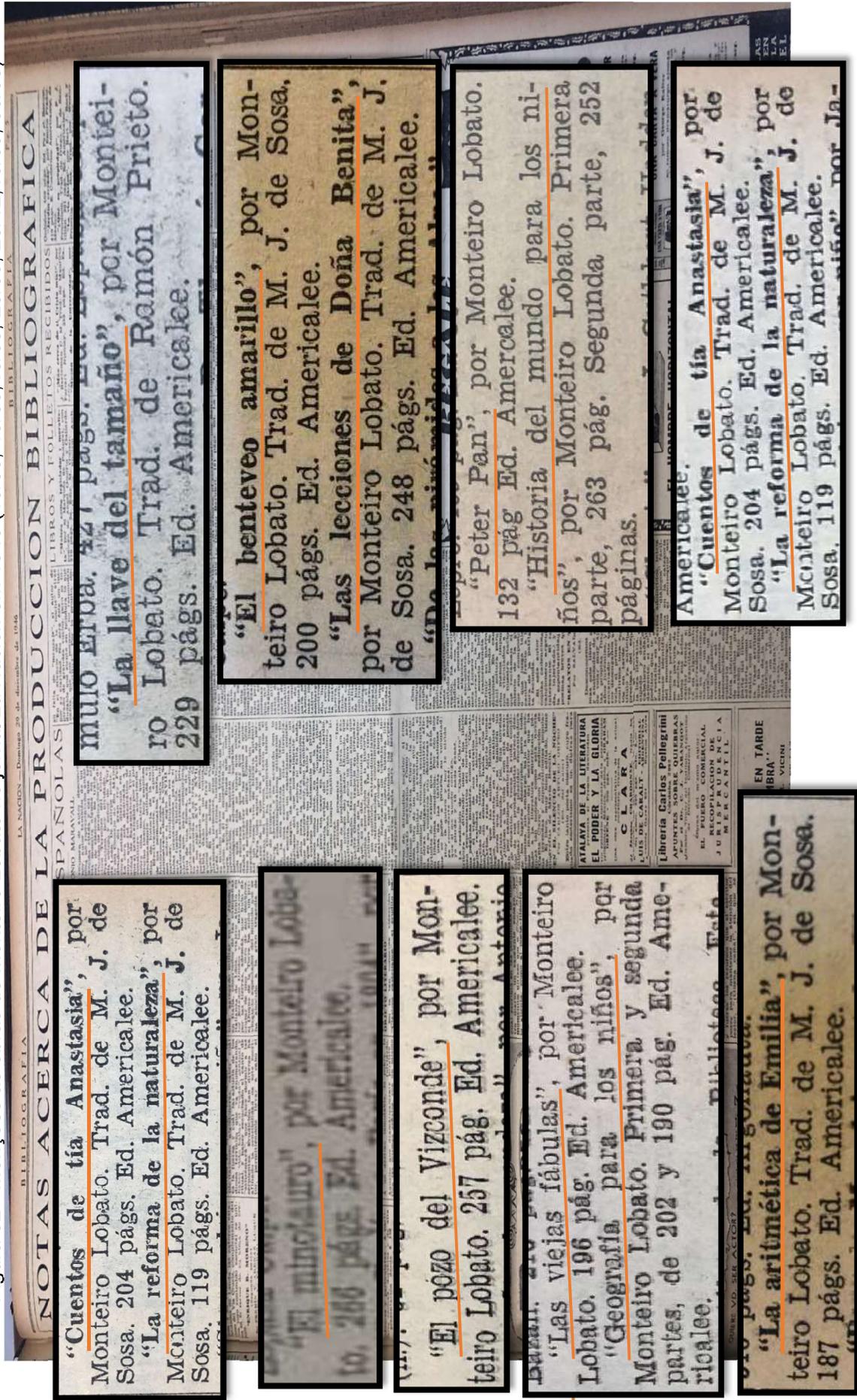
A pesquisadora Albieri (2009, p. 93-94), também expõe em seu trabalho de Doutorado que o dono da editora Americalee relatou o interesse da Harrods em montar um espetáculo adaptado da obra *El genio del bosque*, ainda no mês de maio de 1946, entretando sobre esse evento não encontramos menção nos jornais do período. De acordo com os anúncios encontrados, a “semana Monteiro Lobato” durou mais de uma semana, já que houve espetáculos nos dias dois e dez de outubro de 1946.

A partir de agora, veremos as menções sobre os livros de Lobato nas seções “*Libros y folletos recibidos, Movimiento Nacional y extranjero y notas sobre la producción bibliográfica*”.

⁶² Albieri (2009); Franca (2008).

⁶³ Lobato (1969).

Figura 52 - Menções às obras de Monteiro Lobato no jornal La Nación em 1946 (16/06; 19/05;18/08; 29/09; 29/12;15/09; 03/03)



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina).

Os quadros abaixo nos permitem visualizar a documentação referente à aparição de Lobato que reunimos na coleta desses dados da imprensa em vários períodos.

Quadro 7 - Referências a Monteiro Lobato no jornal *La Nación*.

Achados no jornal <i>La Nación</i>		
Data	Tipo de aparição	Seção
1	Anúncio de espetáculo de teatro de títeres de uma adaptação de “ <i>Aventuras de Naricita</i> ”	Solto na página
2	Anúncio de espetáculo de teatro de títeres de uma adaptação de “ <i>Aventuras de Naricita</i> ”	Solto na página
3	Divulgação do livro “ <i>El pozodel Visconde</i> ”	<i>Comentarios de la actualidad / Libros y folletos recibidos</i> ”
4	Divulgação do livro “ <i>Memorias de Emilia</i> ”	<i>Obras autores y comentarios de la actualidad / Libros y folletos recibidos</i> ”
5	Divulgação do livro “ <i>El Minotauro</i> ”	<i>Escritores y comentarios / Libros y folletos recibidos</i> ”
6	Divulgação do livro “ <i>Las viejas fábulas</i> ”	<i>Bibliografía</i> y / <i>Libros y billetes recibidos</i>

7	19/05/1946	Divulgação do livro “Geografía para los niños”	Bibliografía / Libros folletos recibidos	y
8	29/12/1946	Divulgação do livro “Cuentos de tía Anastasia”	Bibliografía / Producción bibliográfica / Libros y folletos recibidos	
9	29/12/1946	Divulgação do livro “Reforma de la Naturaleza”	Bibliografía / Producción bibliográfica / Libros y folletos recibidos	
10	29/09/1946	Divulgação do livro “La Aritmética de Emilia”	Escritores y comentarios/Libros y folletos recibidos”	
11	15/09/1946	Divulgação do livro “Lecciones de Doña Benita”	Bibliografía / Notas acerca de la producción bibliográfica	
12	15/09/1946	Divulgação do livro “El Benteveo Amarillo”	Bibliografía / Notas acerca de la producción bibliográfica	
13	03/03/1946	Divulgação do livro “Peter Pan”	Bibliografía / Movimiento bibliográfico nacional y extranjero	
14	03/03/1946	Divulgação do livro “Historia del Mundo para los Niños”	Bibliografía / Movimiento bibliográfico nacional y extranjero	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 8 - Referências ao autor brasileiro no jornal *La Prensa*.

Achados no jornal <i>La Prensa</i>	
Data	Tipo de aparição / Título
1 06/11/1938	<i>Je prends del soleil</i>
2 11/12/1938	<i>Un hombre de consciencia</i>
	Sección ilustrada – Sección segunda – especial para <i>La Prensa</i>
	Sección ilustrada – Sección segunda – especial para <i>La Prensa</i>

3	01/01/1939	<i>Conejito de lana</i>	Sección <i>ilustrada</i> – Sección <i>segunda</i> – <i>especial para La Prensa</i>
4	12/11/1939	<i>Herederero de si mismo</i>	Sección <i>ilustrada</i> – Sección <i>segunda</i> – <i>especial para La Prensa</i>
5	02/04/1939	<i>La remolacha Maricota</i>	Sección <i>ilustrada</i> – Sección <i>segunda</i> – <i>especial para La Prensa</i>
6	21/05/1939	<i>Sueño de una mañana tropical</i>	Sección <i>ilustrada</i> – Sección <i>segunda</i> – <i>especial para La Prensa</i>
7	18/06/1939	<i>Machado de Assis</i>	Sección <i>ilustrada</i> – Sección <i>segunda</i> – <i>especial para La Prensa</i>
8	08/10/1939	<i>El ñadú y las saúvas</i>	Sección <i>ilustrada</i> – Sección <i>segunda</i> – <i>especial para La Prensa</i>
9	31/12/1939	<i>El Brasil visto verticalmente</i>	<i>Naciones americanas</i>
10	25/02/1940	<i>La primera novela americana</i>	Sección <i>ilustrada</i> – Sección <i>segunda</i> – <i>especial para La Prensa</i>
11	08/06/1946	<i>Llegada de escritor brasileño</i>	<i>Noticias varias</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 1 – Achados em impressos diversos (vários temas) – Pesquisa complementar
Achados em impressos diversos (Vários temas) – pesquisa complementar

	TÍTULO	IMPRESSO	DATA
1	<i>Un gran escritor brasileño en la escuela rep. del Brasil</i>	Revista Vosotras	1946
2	<i>Monteiro Lobato, Gran Escritor Brasileño, Vino al país a “Comer Bifes” Pequeño y Magro, Ningún Sillón de la Academia Pudo Soportar su Grandeza64.</i>	<i>El Clarín</i>	08/06/1946
3	<i>Monteiro Lobato: visto y oído</i>	<i>Atlântida</i>	10/1946

⁶⁴ Notícia do jornal argentino *El Clarín*. 08.06.1946. Cf. Álbums de Dona Purezinha. *apud* Albieri (2008).

4	<i>Mundo para los niños</i> ⁶⁵	<i>El Mundo</i>	22/11/1945
5	<i>Se radica em Buenos Aires el escritor Monteiro Lobato</i>	<i>El Mundo</i>	07/06/1946
6	<i>Un nuevo Stilingrado: Quirós</i>	<i>El Mundo</i>	01/11/1946

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 2 – Lista de menções a Monteiro Lobato (literatura infantil) em impressos argentinos após 1948

LISTA DE MENÇÕES A MONTEIRO LOBATO (literatura infantil) EM IMPRESSOS ARGENTINOS APÓS 1948			
	TÍTULO	IMPRESSO	DATA
1	<i>Especial sobre Monteiro Lobato</i>	<i>La Prensa</i>	1958
2	Monteiro Lobato: <i>entre identidade y quimeras</i>	Revista Brasil/ Cultura	1979

Fonte: Elaborado pela autora.

⁶⁵ RIBEIRO (2008, p. 196).

Como foi possível observar, Monteiro Lobato esteve presente na imprensa Argentina de diversas formas durante o período de 1938 a 1948. Antes desse intervalo de tempo, o autor já fazia diversas publicações na imprensa argentina, fruto do seu intenso trabalho de tecitura de contatos com pessoas do meio literário e cultural como um todo. Porém, dentro do nosso foco de atenção, a partir da primeira publicação infantil de Lobato em livro, 1938, ele apareceu principalmente no jornal “La Nación” na seções de “*Libros y folletos recibidos, Movimiento Nacional y extranjero y notas sobre la producción bibliográfica*”. Nestas seções havia uma infinidade de títulos que eram recebidos pelos jornais para divulgação. Apesar de o espaço parecer simples e com pouco destaque, os livros que eram mencionados ali não necessariamente eram menos importantes, já que nesta mesma seção do jornal encontramos obras como “Demian”, que deu a honraria do Nobel de literatura ao seu autor, Herman Hesse, no ano de 1946. Depreende-se deste fato que o espaço era sim importante e, como Lobato o frequentou aparecendo catorze vezes ali, só no ano de 1946, significa que ele realmente estava fazendo circular seus livros de literatura infantil de maneira fluida e constante.

Como maneira de complementar nossa coleta de dados, já que não foi possível retornar à Argentina em virtude da pandemia, buscamos dados sobre a presença de Lobato em outras fontes⁶⁶, que não as primárias, a respeito da presença do autor na imprensa argentina em dito período. Observamos também que no jornal *La Prensa* Lobato aparece em local de destaque como “*especial para la prensa*”, e publica vários textos em diversos temas, entretanto não fala de literatura infantil. Embora a obra adulta do autor não seja nosso ponto de análise, é importante ver que Lobato marcou presença onze vezes em um jornal importante do país, entre 1939 e 1946, ainda que escrevendo a respeito de outros temas distantes da literatura infantil, pois assim estava firmando seu nome como autor literário, como voz importante a ser ouvida, afinal, ele tinha esse lugar de fala em uma seção especial.

Os achados sobre Lobato em outros veículos de imprensa também mostram a penetração do escritor no país. Ele apareceu seis vezes em quatro impressos diferentes entre 1945 e 1946, sendo que, dessas seis aparições, duas falavam a respeito de sua literatura infantil. A primeira para a revista *Vosotras*, publicação para o público feminino. Nela, o jornalista Angel Raigada Duque fala sobre a visita do autor

⁶⁶ Ver Ribeiro (2008, p. 158).

a uma escola brasileira em Buenos Aires. Na matéria, não são poupados elogios a Lobato e suas falas são valorizadas e replicadas, pois parecia haver uma grande admiração pelo seu trabalho. Durante a visita, o autor prometeu dedicar o livro “*Las doce hazañas de Hércules*” às crianças argentinas. Já no jornal *El Mundo*, o mundo infantil criado por Lobato foi o foco do texto, como podemos ver abaixo:

Figura 53 - Matéria sobre visita de Lobato a uma escola de Buenos Aires.

Un gran escritor brasileño en la escuela república del Brasil. Buenos Aires, Argentina, s.c.p., 1946



El gran escritor americano visita y nos para los niños. Hay ternura de abuelo en sus gestos y expresiones. La evidencia en la prosa delicada y sencilla de sus libros.

Pocos símbolos como los de la cultura y la enseñanza logran más acertadamente la verdadera fraternidad americana. Los símbolos patrios se hermanan estrechamente, dibujados por la mano de un pequeño artista argentino.

POR LAS ESCUELAS ARGENTINAS

UN GRAN ESCRITOR BRASILEÑO EN LA ESCUELA REP. DEL BRASIL

ANGEL RAIGADA DUQUE

Monteiro Lobato dedicará “LAS DOCE HAZAÑAS DE HERCULES” a la niñez argentina.

Los grandes espíritus gustan de hablar con los niños. Es como si la madurez maravillosa de la vida se refrescara e iluminara con la divina sonrisa infantil.

En el patio ancho y bañado de sol de la Escuela República del Brasil, un gran escritor americano, Monteiro Lobato, está rodeado de niños; les habla... les sonríe... y les hace una promesa encantadora:

—Mi próximo libro en castellano, “Las doce hazañas de Hércules”, lo dedicaré emocionado a todos ustedes... a la infancia argentina... a los niños de este país maravilloso, que tantas atenciones y cariños me brinda...

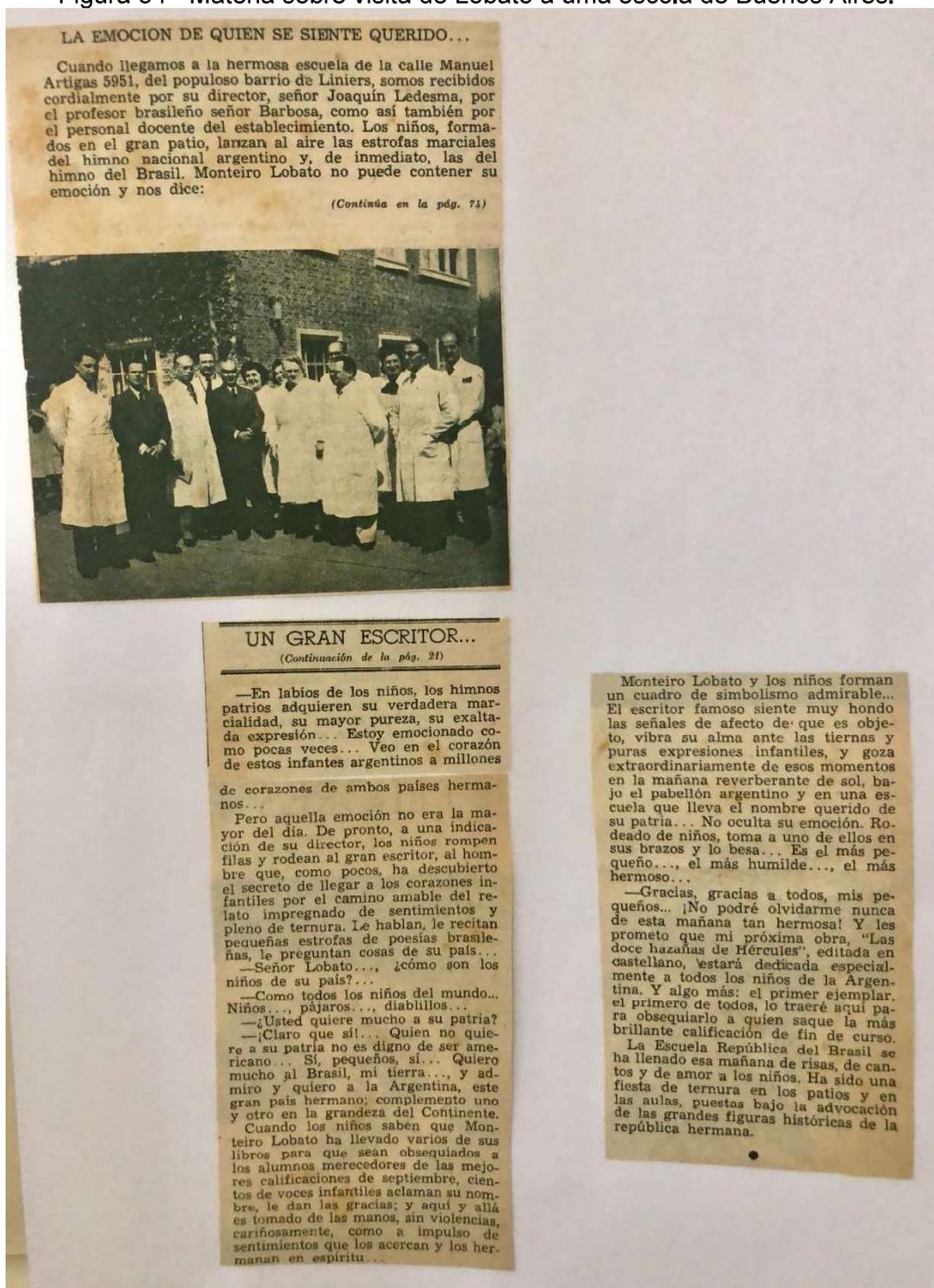
MONTEIRO LOBATO NOS HACE UN PEDIDO

Esto ocurrió dos días antes de la escena mencionada. El cronista de VOSOTRAS recibió una esquila muy amable. En ella, Monteiro Lobato, el destacado escritor brasileño, que ha dedicado a los niños la mayor parte de su obra literaria, nos decía: “He leído sus interesantes notas sobre las escuelas argentinas, y quisiera pedirle que me aceptara como acompañante, si alguna vez pensara incluir en las páginas de esa gran revista los comentarios sobre la Escuela República del Brasil...”

Era un gran honor aquel pedido, y el mismo nos permitió ofrecer las notas gráficas y las referencias de esta crónica. ¡El gran cuentista americano

Fonte: Fundo Caio Prado – Instituto de Estudos Brasileiros – USP

Figura 54 - Matéria sobre visita de Lobato a uma escola de Buenos Aires.



Fonte: Fundo Caio Prado – Instituto de Estudos Brasileiros – USP

As demais menções a Lobato mostradas no quadro versam sobre temas diversos. A permanência da memória de Lobato como escritor de sucesso entre as crianças é reconhecida no momento em que outras publicações, após anos de sua morte, ainda relembram sua genialidade. Em 1958, dez anos após o falecimento dele, o jornal *La Prensa* faz uma homenagem ao autor, quando o professor, autor e crítico

literário Alceu Amoroso Lima⁶⁷, especial para *La Prensa*, escreveu um artigo de meia página sobre Lobato. Já em 1978, a revista *Brasil/Cultura*, patrocinada pela embaixada brasileira, também escreveu a respeito do autor brasileiro. A permanência do autor como tema de publicações, notadamente a respeito de seus livros para crianças, adentrou os anos 1950 e 1960⁶⁸ e também 1970. Apesar de esses períodos não serem o objetivo deste trabalho, em termos de circulação, recepção e importância da obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina, se faz importante observar e considerar tais achados, uma vez que eles acabam por atestar a força e o destaque da literatura lobatiana para crianças naquele país. A penetração e o estabelecimento do autor também são atestados em textos teóricos sobre literatura infantil, antologias de literatura etc. Abaixo faremos um apanhado numérico de todas as produções literárias ou não em que o autor esteve envolvido na Argentina como autor ou figura representativa, seja no meio acadêmico, jornalístico ou livros literários propriamente ditos, de sua autoria ou não.

Quadro 9 - Textos literários e não literários de e sobre Lobato circulando na Argentina.

⁶⁷ Autor por trás do pseudônimo de Tristão de Athayde.

⁶⁸ Ver Ribeiro (2009, p. 158).

TEXTOS LITERÁRIOS E NÃO LITERÁRIOS DE E SOBRE LOBATO CIRCULANDO NA ARGENTINA E OUTROS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA		
TIPO DE TEXTO	ANO	TOTAL
LITERÁRIOS TRADUZIDOS DA OBRA DO PRÓPRIO AUTOR OU PRODUÇÕES INÉDITAS ⁶⁹	1938- 2011	47
LITERÁRIOS DE OUTROS AUTORES. / ORGANIZADORES (BIOGR., ADAPT., MEMÓRIAS). ⁷⁰	1958- 2019	7
JORNALÍSTICOS (MATÉRIAS, NOTAS, PUBLICIDADE) ⁷¹	1938-2018	36
TEÓRICO- CIENTÍFICOS ⁷²	1948-2021	13
TOTAL DE TEXTOS		103

Fonte: Elaborado pela autora.

⁶⁹ CASTRILLÓN, S. **Monteiro Lobato**. Ministério das relações exteriores da Colômbia, Bogotá, 2018. Para ver detalhes sobre títulos, editoras e anos de publicação, retornar às páginas 109 a 116.

⁷⁰ Para ver detalhes das obras nessa categoria, retornar às páginas 117 a 123 e 134 a 146.

⁷¹ Para ver detalhes de títulos, gêneros e autores, retornar às páginas 159 a 162. Os demais autores e seus textos são: Héctor Landolfi. Monteiro Lobato. Literatura, petróleo y política . Acesso em 07 /06/2013. Disponível em: https://www.rionegro.com.ar/monteiro-lobato-literatura-petroleo-y-polit-RRRN_1180241/. Hugo Zapata. Naricita y la polémica de Monteiro Lobato. Disponível em: <https://www.hugozapata.com.ar/2014/01/naricita-y-la-polemica-de-monteiro-lobato/>. Acesso em: 29/01/2014. Jorge Pinedo. Niños en el tiempo. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/libros/10-3886-2010-06-22.html>. Acesso em 18/04/2018.

⁷² Os autores e nomes dessas produções são: Carmen Bravo – Villasante. José Bento Monteiro Lobato. Vida. Las <Reinações de Narizinho>. El descubrimiento del mundo infantil. Obras, versiones y traducciones. In. Historia y Antología de la Literatura Infantil Universal. E. Miñon, Valladolid. 1988. P. 153. Silvia Urich. Escuchen Lectorcitos: La biblioteca Infantil General Perón. P. 34. Ed. Tren en movimiento, 2010. Escritores del Brasil - 3. Monteiro Lobato. Centro de estudios brasileños. Ed. Macagno, Lando e Cia. 1982. Gran diccionario de autores latinoamericanos. Tópico 2.3. Jaime García Padrino. Fundación SM, 2010. Marc Soriano. La literatura Para niños y jóvenes: guía para la exploración de sus grandes temas. Monteiro Lobato. P. 517. Ediciones Colihue, 1996. Alejandra Josiowicz. Intelectuales, infancia y modernidad literaria en América Latina. P. 38. Editorial de la Universidad Nacional de Quilmes, 2018. Miguel Alfredo D'ella. La literatura del Brasil. Las remotas raíces. P. 17. Universidad de Buenos Aires. Facultad de filosofía y letras. 1948. André Muniz de Moura. Elizabeth D'angelo Serra, Maraneí Freire Costa e Ninfa Parreiras. Monteiro Lobato, sembrador de Horizontes. Relalij n ° 8 , julho – dezembro de 1998, p. 39-54. Romina Julieta Giacosa. Monteiro Lobato y su relación con Horacio Quiroga: proyectos paralelos en la literatura infantil latinoamericana. IV Jornadas de poéticas de la literatura Argentina para niños. 27 e 28 de dezembro de 2012. Disponível em www.memoria.fahce.unip.edu.ar . Acesso em 12/04/2018. Jorge Pinedo. Niños en el tiempo. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/libros/10-3886-2010-06-22.html>. Acesso em 18/04/2018. Manuel Peña Muñoz. Historia de la literatura infantil en América Latina. 440-442. Editora SM: 2009. Marcela Croce. Historia comparada de la literatura brasileña. Ed. Villa María: 2017. Ávila, Natalia (2019). *El anarquismo argentino y sus ediciones en las décadas e 1930 y 1940: Derivas y nuevas estrategias*. 1º Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro. *Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín*. Disponível em: <https://www.aacademica.org/1.congreso.internacional.de.ciencias.humanas/1361>. Acesso em: 21 jul. 2021. GOELNER, L.; SAAVEDRA, P.; MENARES, V. Reinações de Narizinho en Español, una Propuesta: Proyecto Chileno De Traducción Y Análisis Comparativo De Traducción Latinoamericanas. *Cad. Trad., Florianópolis*, v. 41, n. 2, p. 221-246, mai./ago. 2021.

Por meio do quadro da página anterior, é possível ter uma visão panorâmica da presença lobatina na Argentina seja como escritor, figura importante no cenário literário, seja através da publicidade de seus livros ou como objeto de estudo de artigos científicos, desde o ano em que começou a publicar sua literatura infantil até o ano de 2018, sendo o ano mais próximo aos dias atuais em que encontramos uma publicação referente à obra do autor no meio científico. Essa longa história do escritor com o contexto argentino corrobora sua importância naquele país.

CONCLUSÃO

Fruto da tecitura de muitos fios trançados por Monteiro Lobato e outros intelectuais e profissionais, a circulação e a recepção da obra infantil do escritor brasileiro na Argentina, para que se pudesse compreendê-las e descrevê-las, demandaram o desemaranhamento e o revisitar de inúmeras histórias, relações e ações que serviram de base para o desenvolvimento dos fenômenos nesta tese investigados. Como para todo sucesso alcançado em grandes projetos pressupõe-se uma grande história e a junção de muitas variáveis, também na história de Lobato com o mercado livreiro e o leitor da Argentina não seria diferente.

A ideia de publicar seus livros fora do Brasil há muito fazia parte do desbravador espírito de Lobato, é tanto que ele o fez em muitos países até bem distantes do Brasil⁷³, como a Rússia, por exemplo, mas a Argentina tornou-se o lugar perfeito para o autor colocar em prática grande parte⁷⁴ dos seus sonhos em termos de edição e publicação de livros. Isso se deu não só pela distância geográfica entre o Brasil e a Argentina, mas também porque o escritor mantinha relações sólidas com pessoas envolvidas com o mundo do livro naquele país e porque todo o contexto editorial estava fértil para receber alguém como Lobato na cena daquele momento. Então, a oportunidade chegou.

Desde a “sorte” de encontrar uma conjuntura favorável, por uma enormidade de razões, até por questões pessoais, podemos olhar para trás hoje, em 2022, e até para o presente e dizer que o escritor brasileiro trilhou um belo e próspero caminho na historiografia também para os leitores argentinos de literatura infantil. Apesar de, no Brasil, Monteiro Lobato ser o escritor nativo, filho do nosso país, conhecedor de nossas dores, nossas necessidades e viver como brasileiro todas as vicissitudes do país da primeira metade do século XX, bem como por tudo isso penetrar em nossas mentes como uma célula perfeita na maior parte de seus escritos, na Argentina, ele também conseguiu comunicar-se com um público que o abraçou e o fez mais uma vez um vitorioso nas vendas e na literatura.

Uma busca pelo seu nome hoje nos sites de venda de livros antigos ou até na Argentina já demonstra que há uma oferta e uma demanda em relação à produção do

⁷³ Franca (2009, p. 46).

⁷⁴ Lajolo (2004, p. 104). Lobato ainda tinha o sonho de viajar para o Peru e escrever mais um livro da turma do sítio envolvendo esse país, mas isso não se concretizou.

autor. Entretanto, quando se escrutinarmos a história do período entre 1938 e 1948, que é o foco oficial deste estudo, quando ouvimos as vozes dos participantes daquele cenário como leitores, professores ou pesquisadores, quando revisitamos os documentos da época, entre cartas pessoais e profissionais, quando conversamos com a imprensa da época, é inevitável inferir sobre a participação ativa de Monteiro Lobato na conjuntura das letras argentinas no referido período.

Sobre as razões pelas quais se deu esse sucesso da forma como se desenhou, podemos elencar o que chamamos de *factores circunstanciais*, pelo fato de se tratarem de condições alheias ao escritor, que ocorriam independentemente de sua vontade ou ação. Os outros aspectos seriam o que convencionamos chamar de *factores pessoais*, que têm relação com as decisões e escolhas do próprio Lobato, as quais contribuíram para o desenrolar de uma trajetória de sucesso da sua literatura na Argentina. Vamos então, a seguir, rememorar os citados fatores que fizeram se concretizar a história contada pelo presente trabalho, a fim de trazer os argumentos que embasam nossa afirmação de que a obra infantil de Monteiro Lobato foi tão importante no Brasil quanto na Argentina em termos de recepção e circulação, sempre enfatizando que há diferenças contextuais que resguardam essa comparação.

Em primeiro lugar, podemos citar a queda da república espanhola, em 1939, e o início da ditadura franquista, o que se coloca como elemento impulsionador de desenvolvimento da indústria livreira argentina, uma vez que a **Espanha**, principal fornecedor de livros não só para a Argentina, como para toda a América hispanoparlante, não conseguiu mais suprir a demanda desse mercado, devido à turbulência econômica trazida pela ditadura ao referido país europeu. Em segundo lugar, podemos citar o próprio desenrolar, as consequências dos acontecimentos após o início da ditadura franquista na **Espanha**, ou seja, toda uma articulação de editores e pessoas ligadas ao mundo do livro, a vinda de imigrantes espanhóis também pertencentes a editoras naquele país que agora chegavam a Buenos Aires fugidos do regime de Franco, além do fortalecimento das filiais de editoras espanholas que funcionavam na Argentina e passaram a ser sedes⁷⁵.

Começou então a acontecer um incremento fortíssimo em toda a estrutura do mercado de livros da Argentina, com vistas a abarcar toda a demanda de livros solicitada não só pelo mercado interno, mas também pelos outros países da América

⁷⁵ Giuliani (2018, p. 42).

que têm o espanhol como língua corrente. O que significa dizer que a Argentina teria que suprir o lugar da Espanha como editora e distribuidora de livros, o que demandou uma mudança radical em vários aspectos da área livreira argentina, seja de mão de obra, seja de maquinário ou logística de distribuição. Pablo Medina, autor e fundador da biblioteca e centro de documentação “La Nube”, também explica que Lobato chega a Argentina em um momento histórico muito especial⁷⁶ (Ver APÊNDICE C).

Um terceiro fator circunstancial é o surgimento de várias entidades classistas relacionadas ao livro no país da prata, a exemplo da Câmara Argentina do livro (CAL) e da Sociedade Argentina de Editores (SAE). Tais agremiações, por sua vez, articularam grandes movimentos em prol do desenvolvimento do mercado do livro, desde reivindicações perante o governo argentino, até eventos grandiosos que marcaram a história da divulgação da literatura na Argentina, como a Feira do Livro de Buenos Aires de 1943, que deu início ao famoso evento que acontece até os dias atuais, a Semana do Livro Infantil, concursos literários etc.

As citadas organizações tinham o interesse explícito de conformar um mercado latino-americano do livro. O grupo de editores era liderado por grandes figuras do cenário livreiro argentino, como António Zamora e Gonzalo Losada, ambos espanhóis e donos das editoras Claridad e Losada, respectivamente - nas quais Lobato publicou livros durante muitos anos e, principalmente pela última, organizou-se no sentido de formar uma grande rede de distribuição de livros, partindo da Argentina, para todo o sistema literário americano em língua espanhola. Para isso, várias ações foram executadas, dentre as quais se destaca a fundação da revista *Biblos* (1941), que tinha o objetivo de fazer a publicidade editorial dos livros produzidos na Argentina e orientados ao mercado externo. Era um dispositivo gráfico coletivo que reunia o trabalho de várias editoras participantes⁷⁷.

O quarto fator circunstancial que podemos apontar são as ações de incentivo à leitura que já ocorriam há anos na Argentina, como já citado na introdução deste trabalho. A cultura de estímulo à leitura na infância já fazia parte das políticas públicas

⁷⁶ Pablo Medina: “Monteiro Lobato llegó en un momento preciso que todo el ambiente, no sólo político, sino también el ambiente editorial, editoriales muy punjantes como editorial Abril, editorial Peuser, Editorial estrada, Editorial Atlantida, ya tenían libros infantiles, sino que él ve esto y inclusive hay un momento que el mismo Monteiro Lobato va a hacer publicidad de sus libros en un lugar que se llamaba, en la calle Florida, había un centro que era el centro nevrálgico del comercio de Buenos Aires que se llamaba Harrods que era modelo de una tienda londinense, y ahí hace una presentación con títeres, conversación estando él presente, sí” (Ver APÊNDICE C).

⁷⁷ Giuliani (2018, p. 75).

na Argentina desde o final do século XIX e continuou no século XX com a lei de bibliotecas populares que transformou a Argentina num fenômeno no que tange ao número deste tipo de estabelecimento, principalmente se comparada ao Brasil, um país muito maior em termos geográficos⁷⁸.

Dentro dessas ações advindas de iniciativas do poder público, também podemos citar os acordos bilaterais que eram realizados com o intuito de publicar obras de autores brasileiros na Argentina. Lobato conseguiu visualizar todo esse movimento e ferramentas que existiam naquele instante, bem como não pôde deixar de perceber as diferenças entre os mercados brasileiro e argentino, como relatou mais de uma vez em algumas de suas cartas⁷⁹. Enquanto o Brasil enfrentava problemas com a produção interna de papel e com os altos preços do papel importado, encarecendo o preço final dos livros, a Argentina tinha zerado o imposto de importação de papel para fabricação de livros e ainda tinha o grande mercado externo para escoar sua produção.

Como quinto ponto importante no mover das ações que ajudaram a construir a história de êxito de Lobato na Argentina, podemos mencionar até a própria localização geográfica daquele país, pois estando situado entre vários outros países de língua espanhola, tornou-se mais fácil escoar a enorme produção de livros durante o período áureo (1938-1955) do livro na Argentina, quando o país fez as vezes de sede da produção livreira para toda a América de língua espanhola, substituindo o lugar da própria Espanha, que historicamente fazia esse papel, mas estava naquele momento impedida pela confusão política instalada pela ditadura.

Como sexto fator circunstancial, podemos evocar o fato de que a Argentina, naquele momento, não possuía um expoente marcante na literatura infantil. Logicamente, existiram autores de bastante importância desde a literatura de tradição oral, vinda do rico folclore argentino, o próprio Domingo Faustino, como grande incentivador da leitura na fase da infância, José Hernandez, com seu famosíssimo poema “El gaucho Martín Fierro”, publicado no fim do século XIX, José Sebastián Tallón, com seu *La garganta de sapo*, Germán Berdiales, Fryda Montovani, Javier

⁷⁸ Soares (2002, p. 28-30; 252). No ano de 1941, havia na Argentina 2.293 bibliotecas, 476.063 obras e 441.679 leitores frequentaram tais bibliotecas durante o referido ano. Em 1954, na cidade de Buenos Aires, havia 133 bibliotecas, 976.410 livros e 543.230 leitores anuais. Já em São Paulo, no ano de 1943, a capital paulista teve 76.860 frequentadores registrados em suas bibliotecas. No mesmo ano, o estado de São Paulo contabilizava o número de 516 bibliotecas e contava com 48.252 livros em todo o seu território.

⁷⁹ Lajolo (2004, p. 103); Kosiyama (2006, p. 161-164).

Villafañe e o próprio Constancio C. Vigil, editor da prestigiada e pioneira revista *Billiken*, com foco no público infantil. Todos escreveram para crianças e tiveram seus êxitos, mas o grande impacto na forma de escrever para o público infantil na Argentina parece mesmo ter vindo com Maria Elena Walsh, compositora, cantora, autora de contos, poemas, peças teatrais, roteiros para televisão e cinema, o que a fez ser um nome que dividiu entre antes e depois a linha do tempo da literatura infantil no país da prata.

Nascida em 1930, a dama da literatura infantil argentina, quando Lobato começou a publicar naquele país em 1938, ainda não fazia parte da cena literária. Assim sendo, a literatura de Lobato, longe de subjugar a inteligência infantil, de trabalhar com a moral como forma de ensino e trazendo todo o encanto da imaginação das crianças, os questionamentos sobre temas do momento, a audácia de personagens que falavam em linguagem coloquial em uma obra já estabelecida com vários volumes escritos, conectados e ricamente ilustrados, talvez por todas essas variáveis tenha feito sucesso além das fronteiras brasileiras, pois entendia o que o ser em formação necessitava enquanto literatura, fosse no Brasil ou onde quer que se publicasse.

O relato do cineasta argentino Edgardo Kozarinsk (2019, p. 11-12) corrobora esta constatação quando fala da sua experiência de leitura dos livros de Lobato com outras leituras⁸⁰. Laura Devetach também comenta o fato de que “Algunos libros de él, de la colección de Perucho y Naricita y sus personajes, Anastacia, Visconde. Lo que era lindo era esa mezcla que él hacía con juguetes, este dándole vida a juguetes imaginarios y ¿qué sé yo? Que los hacía hablar y eso era interesante, eso no ser

⁸⁰ “¿Cómo dejás que el chico lea esos libros de un autor reaccionario, publicados nada menos que por la editorial Atlántida?”, oí ue el tío Bernardo, de visita en Buenos Aires, reprochaba a mi padre. Al día siguiente, apareció por casa con una pequeña estatería de madera clara: la colección completa de cuentos para niños de Monteiro Lobato, editorial Americalee. Ni el reproche ni el regalo hicieron mella en la coriácea indiferencia paterna. A mí, en cambio, esos cuentos me descubrieron un territorio de exotismo fascinante. Naricita, el Vizconde de la Mazorca, la negra Anastasia, sobre todo el Sací regalaron una primera imagen del Brasil, peripecias inesperadas, imaginario. Era mulato, tenía una sóla pierna y agujeros en las palmas de las manos, fumaba pipa y su gorra mágica de color rojo le permitía aparecer o desaparecer cuando deseaba, jugándoles bromas pesadas, como las que yo era demasiado tímido para intentar, a adultos insoportables. Poseer una gorra roja como la suya pasó a ser mi inalcanzable deseo. Años más tarde me enteré de que una devoción católica inspiraba las historias anodinas de Vigil. También de que Lobato había conocido la prisión, considerado subversivo por el Estado Novo, y en sus últimos años se había acercado del Partido Comunista brasileño. Proyecté estas informaciones sobre el amago de conflicto familiar de mi infancia. Lo iluminaron con inédito sentido. Iba a contarle esta anécdota a mi amiga anabel durante mis años de París. Entendió que le confirmaba algo sobre mi carácter: ‘Ahora te entiendo. Eres el hijo morganático de Monteiro Lobato y Constancio C. Vigil’ (KOZARINSKI, 2019, p. 11-12).

conocía mucho, pero a mí me encantaba” (Ver APÊNDICE B). A referida escritora entrevistada para esta pesquisa, quando teve contato com a obra de Monteiro Lobato, vivia em Reconquista, cidade que fica a mais de 700 quilômetros da capital Buenos Aires, mas, mesmo assim, por meio da biblioteca popular, foi possível conhecer a obra do autor brasileiro, apesar de, segundo ela, não serem livros tão populares naquela localidade. A lembrança da obra e do acesso que ela teve aos livros quando era criança mostra a capacidade de distribuição dos impressos naquele momento histórico e também faz com que desse testemunho infira-se que o alcance da obra de Lobato ia para além de Buenos Aires e adentrava o interior do país.

Lidia Blanco, professora de literatura infantil aposentada da Universidade de Buenos Aires, também relatou a inovação da literatura de Lobato quando afirmou que “Monteiro Lobato me impactó mucho y me pareció una revolución infantil que superaba de alguna manera la producción nacional, porque tenía un contexto fantástico que todavía no había llegado a nosotros, repito, porque no había aparecido María Helena Wash” (Ver Ver APÊNDICE A). Através da afirmação da professora, é possível entender a inovação que trazia Lobato em suas narrativas que, além do comum, exploravam o fantástico, o pó de pirlimpimpim, o faz-de-conta, o questionamento constante da realidade em que estavam inseridos os personagens.

Já como primeiro fator pessoal envolvido na trajetória e no triunfo literário de Lobato em terras argentinas, temos que citar a capacidade do escritor em formar redes de sociabilidade estratégicas e de longo prazo. Ele construiu contatos no meio intelectual argentino, fez amizades com pessoas importantes para suas parcerias comerciais e literárias que duraram o tempo de sua própria vida, como com Benjamin de Garay e Ramón Prieto, que até tornou-se seu sócio na editora Acteón. Lobato sabia como poucos manter o diálogo, mesmo com a distância, com as pessoas certas. Era mestre em visualizar as características e interesses que tinha em comum com seus parceiros de negócios. Ousado, não hesitava em enviar cartas propondo negócios e sugerir novos desafios. Seu talento em costurar esse tipo de relação parecia ser um prazer para o autor que tanto o fez desde os anos 1920, cuidadosamente, podendo ter sido responsável pela primeira concretização da união literária entre países latino-americanos⁸¹.

Lobato não só travava essas relações para fazer florescer projetos pessoais,

⁸¹ Lajolo (2004, p. 3) explica todo esse alinhavar de relações e situa o autor em lugar de intermédio cultural latino-americano.

mas também para divulgar e intercambiar livros que carregam temas que, a seu ver, eram interessantes para serem difundidos, como o fez com Câmara Cascudo⁸², por exemplo. Alimentando essas conexões, o autor brasileiro ocupou um espaço de intercâmbio cultural, integrando uma verdadeira rede de intelectuais principalmente se relacionando com argentinos, construindo assim as ligações que foram a base para o seu futuro estabelecimento como escritor de livros infantis de sucesso naquele país. Essa participação no sistema literário latino-americano talvez nunca tenha sido equiparada por nenhum outro autor brasileiro até os dias atuais, pois a sua circulação de obras não só foi extremamente volumosa, como pudemos ver no decorrer deste trabalho, mas também foi duradoura, permanente e até certo ponto inovadora, como reiteramos a partir do que foi encontrado nas falas dos entrevistados nesta investigação e de outros intelectuais argentinos aqui citados.

O segundo e último agente pessoal que impulsionou o êxito de Lobato em sua empreitada na Argentina foi o seu ímpeto pessoal, fruto de uma personalidade ávida por novidades e projetos para empolgar-lhe a alma inquieta. Ao longo de sua vida, sempre esteve em busca de causas por que lutar, de planos para colocar em prática da melhor maneira possível, e nessa força de seu caráter acabou perseguindo o sucesso em várias áreas com as quais trabalhou. Obteve sucesso em algumas, mas em outras não, contudo, o estabelecimento de sua obra infantil na Argentina foi uma das causas pelas quais valeu a pena trabalhar, pois alcançou o que de melhor previu⁸³.

Em busca dos objetivos propostos nesta pesquisa, procuramos desde a introdução do trabalho fornecer um suporte histórico tanto do Brasil quanto da Argentina, de antes, durante e até após o período proposto para este estudo (1938-1948). Com o intuito de apresentar, discutir e analisar a circulação e a recepção da obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina a partir da crítica literária daquele país, de jornais e documentos da época e também de repercussões que, em outros países, costuramos o maior número de nuances possível acerca do fenômeno estudado, desde a conjuntura, os documentos, a perspectiva dos atores implicados no processo como leitores e profissionais, a literatura científica e a imprensa da época. Em todos

⁸² Lajolo (2004, p. 4).

⁸³ Koshiyama (2006). Durante o ano de 1944, ano em que o autor publicou os primeiros dez livros traduzidos da coleção do Sítio do Picapau Amarelo na Argentina, foram impressos 240 mil exemplares de livros de Lobato no referido país.

esses âmbitos, Monteiro Lobato esteve presente através de sua literatura infantil e também de sua mão de editor nessa área.

Por conseguinte, a junção de muitos fatores de diversas naturezas culminaram em uma penetração intensa de sua marca como escritor para o público infantil. Sua marcante e ampla produção na Argentina o fez participar das várias instâncias que fazem um autor de literatura infantil ser revolucionário, lembrado e eterno – fenômeno este já conhecido pelos seus leitores brasileiros, mas que talvez não seja imaginado também nessas proporções em outro lugar, como ocorreu no país vizinho. Claramente não há como a participação do escritor ser idêntica nos dois países, já que se trata de lugares diferentes, com circunstâncias diferentes, línguas diferentes, culturas diferentes, mas, ainda assim, podemos traçar um paralelo não para igualar, mas para ter o Brasil como referência de sucesso e marca da obra lobatiana, sendo ele aqui o escritor local.

Quando nos referimos à importância da obra de Lobato na Argentina, fazemos alusão à amplitude da circulação de obras, ao registro da recepção desta produção, à capacidade de permanência no cenário literário ao longo dos anos, o que já sinaliza para uma importante recepção e circulação em termos de volume e aceitação, e sobretudo da concepção de uma literatura diferente da que era corrente naquele lugar. Podemos afimar esse fato através das vozes de Laura Devetach, Lidia Blanco e Edgardo Kozarinsk, por exemplo, aqui já mencionadas.

Mesmo com toda a inventividade e o tino comercial para os livros, o interesse em fazer parte de um sistema literário latino-americano, talvez Lobato não imaginasse o quão longe no tempo e na América chegaria a sua produção. Com os documentos aqui demonstrados e os depoimentos aqui relatados, a obra do autor toma uma dimensão atemporal e guarda seu lugar como literatura de impacto no Brasil ou na Argentina.

Projetos futuros

Com este trabalho, tivemos também o interesse de lançar mais luzes a respeito da passagem de Monteiro Lobato na Argentina, já que sua enorme produção ali, apesar de excelentes estudos já terem sido realizados⁸⁴, além de outras pesquisas já

⁸⁴ Ribeiro (2008); Albieri (2009); Franca (2009).

publicadas em livros⁸⁵, ainda carecia de mapeamento e aprofundamento a respeito da parte dedicada às crianças. Longe de ter conseguido mapear tudo relacionado a este tema, a presente tese terminou por trazer mais informações sobre a literatura infantil traduzida e inédita do autor na Argentina, além de aprofundar questões contextuais do referido país que contribuíram para potencializar ainda mais a obra do autor ali, fazendo com que o fenômeno estudado seja melhor compreendido. Além disso, a grande coleta de material é um convite a outras futuras pesquisas, o que transforma este trabalho em uma investigação em progresso, como diria o professor João Luis Ceccantini⁸⁶.

Com o objetivo de utilizar os dados coletados e dar continuidade à pesquisa, traçamos projetos para serem realizados dentro dos próximos dez anos. A principal inquietude é fazer a divulgação da pesquisa de uma forma mais didática e acessível ao público geral, além do detalhamento de obras lobatianas inéditas abordadas nesta pesquisa. A programação para a concretização desses projetos é a seguinte:

1 – Em até dois anos:

- Produção, criação e divulgação de um documentário de até 30 minutos sobre a passagem de Lobato pela Argentina, enfatizando sua produção de literatura infantil naquele lugar;

2 – Em até cinco anos:

- Aprofundar a análise dos livros da *Colección Figuritas* e publicá-la.
- Fazer um estudo comparativo entre *Emília no país da gramática* e *El país de la gramática*;
- Publicar a tradução, já realizada em conjunto com outros pesquisadores, do livro *La nueva Argentina* no Brasil.

3 – Em até dez anos:

- Reunir a documentação coletada e autorizada em um acervo dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

⁸⁵ Cavalheiro (1962); Sachetta, Camargos e Azevedo (2000); Lajolo e Ceccantini (2008); Lajolo (2000).

⁸⁶ Ceccantini (1997).

REFERÊNCIAS

100 anos de Monteiro Lobato (1982). Canal Almanaque Urupês. Direção: Mauro Miguez, 1982. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ozrWJz-btI0>. Acesso em: 12 mai. 2020.

ÁVILA, N. **El anarquismo argentino y sus ediciones en las décadas de 1930 y 1940: Derivas y nuevas estrategias**. Anais do 1º Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro. Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín, 2019.

ALBIERI, T. M. **São Paulo - Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2009.

ARIZA. **Visión desarrollista**. 2020. Disponível em: <https://www.visiondesarrollista.org/ramon-prieto-bernier-una-vida-legendaria-consciente-y-militante/>. Acesso em: 28 out. 2021.

BARREIRAS, I. **Em 1941, Monteiro Lobato foi preso por criticar o estado novo**. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/em-1941-monteiro-lobato-foi-preso-por-criticar-o-estado-novo.phtml>. Acesso em: 28 out. 2021.

BECKER, Nilza de Campos. **A contemporaneidade de Monteiro Lobato**. Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 6, abril de 2011.

BEY, E. **A luta pelo petróleo**. Tradução e prefácio de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

BIANCHINI, L.; CYTRYN, L.; UBERTALLI, F. **Claridad: seis décadas de historia editorial**. Documento elaborado pela Biblioteca Nacional Mariano Moreno. Disponível em: [Boh8nqYmPg7f2ouvSUIsajjMCBsP3Dk5LKZh98Zs.pdf \(bn.gov.ar\)](https://www.bn.gov.ar/Boh8nqYmPg7f2ouvSUIsajjMCBsP3Dk5LKZh98Zs.pdf) . Acesso em 20/06/2020.

BORRINI, A. **HISTORIA presente Diario La Nación (Parte 3)**. 1 vídeo (12,19 min) Publicado pelo canal: Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rW9NU0ZbXrk>. Acesso em: 12 mai. 2020.

BUENO, S. B. Utilização de recurso informacionais na educação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 66-76, abr. 2009.

CARBALLO, A. L.; VILLEGAS, N. G. (orgs.). **Un viaje de ida y vuelta: la edición española e iberoamericana (1936- 1975)**, Madrid: Siruela, 2006.

CARNEIRO, M. L. T. **Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

CASTRILLÓN, S. **Monteiro Lobato**. Ministério das relações exteriores da Colombia, Bogotá

CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962. v.1.

CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962. v.2.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. **Historia de la lectura en el mundo occidental**. Madrid: Taurus, 2011.

CECCANTINI, J. L. Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil. In: CECCANTINI, J. L. (org.). **Leitura e literatura infanto-juvenil: memórias de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

CHARTIER, R. **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1985.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n.11. jan./abr. 1991.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1994.

CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. Memória e Sociedade. DIFEL – Difusão Editorial. Algés – Portugal, 2002

CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHIARADIA, K. **O poço do Visconde: o faz de conta quase de verdade**. In: CECCANTINI, J. L.; LAJOJO, M. Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil. Editora Unesp, São Paulo, 2009.

CORREIO DE SÃO PAULO, 23 DE SETEMBRO DE 1933. CORREIO DE SÃO PAULO, 31 DE DEZEMBRO DE 1935. CORREIO DE SÃO PAULO, agosto de 1935.

CROCE, M. **Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña**. De la vanguardia a la caída de los gobiernos populistas. Tomo IV. Vila Maria, Argentina. Eduvim, 2017

DIEGO, J. L. (org.). **Editores y políticas editoriales en Argentina 1880-2010**. 2ª Edição. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2014.

DOMINGUEZ RUBIO, L. **El anarquismo argentino: bibliografía, hemerografía y fondos de archivo**. CeDinCI – Utopia Libertaria: Buenos Aires, 2019.

FALABELLA, M. Antejitos y Billikines, contrato de lectura (1964-1983). In: **La trama de la comunicación**. v. 14. Rosário, Argentina: UNR Editora, 2010.

FRAGA, R. **Los acuerdos Vargas y Justo, 1933-1935**. Em: A visão do outro. Seminário Brasil-Argentina. Brasília, funag (401-402). 2000.

FRANCA, Vanessa Gomes. **Nosso Jeca e nossa Emília vão ao exterior: as traduções das obras de Monteiro Lobato**. Miscelânea. Revista da Pós-Graduação de Letras, v.6, p. 40-57, 2009. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/754>. Acesso em: 23 ago 2020.

FAUSTO, B.; DEVOTO, F. **Brasil e Argentina**. Um ensaio de história comparada (1850-2002). São Paulo: Editora 34, 2004.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 1994.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FERRER, C. **El corazón empurpurado**. Buenos Aires: Urania, 2017.

FON, J. **HISTORIA presente Diario La Prensa (Parte 3)**. 1 vídeo (20,26min) Publicado pelo canal: Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I1VWm1p63RQ>. Acesso em: 12 mai. 2020.

GARCÍA FUENTES, Raquel. **Semblanza de Editorial Códex (1945-1978)**. En Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes - Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI) - EDI-RED: Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/editorial-codex-1945-1978-semblanza-931456/>. Acesso em 01/08/2020.

GARBOSA, L. W. F. **Contribuições teórico-metodológicas da história da leitura para o campo da educação musical: a perspectiva de Roger Chartier**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 22, 19-28, set. 2009.

GARCIA, M. P. **La nueva Argentina**. Buenos Aires: Editorial Acteón, 1947.

GARCÍA, M. A. Vanguardia en doble página. Intervenciones del invencionismo argentino en la revista Joaquim. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 61, p. 159-182, ago. 2015.

GENÉ, M. **Un mundo feliz**. Imágenes de los trabajadores en el primer peronismo 1946-1955. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2005.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GIRBAL-BLACHA e VALENCIA, M. **Agro, Tierra y Política. Debates sobre la**

História Rural de Argentina y Brasil. pp. 65-79. Buenos Aires, REUN, 1998.

GIULIANI, A. **Editores y política:** Entre el mercado latinoamericano de libros y el primer peronismo (1938-1955). 1ª Ed. Tren en movimiento: Sentidos del libro, 2018.

GOELNER, L.; SAAVEDRA, P.; MENARES, V. Reações de Narizinho em Espanhol, una Propuesta: Proyecto Chileno De Traducción Y Análisis Comparativo De Traducción Latinoamericanas. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 41, n. 2, p. 221-246, mai./ago. 2021.

GRACIANO, O. **La escritura de la realidad. Un análisis de la tarea editorial y del trabajo intelectual del anarquismo argentino, entre los años 30 y el Peronismo,** Izquierdas, vol. 12, Santiago de Chile, 2012.

HISTORIA presente Diario La Nación (Parte 1). Publicado pelo canal: Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olZG5cd9aP0>. Acesso em: 12 mai. 2020.

HISTORIA presente Diario La Nación (Parte 2). In: Canal Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FhTbORRV0YE>. Acesso em: 12 mai. 2020.

HISTORIA presente Diario La Nación (Parte 3). In: Canal Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rW9NU0ZbXrk>. Acesso em: 12 mai. 2020.

HISTORIA presente Diario La Nación (Parte 4). In: Canal Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Xks5Vhz938>. Acesso em: 12 mai. 2020.

HISTORIA presente Diario La Prensa (Parte 1). In: Canal Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Zf3E-dR9Mc>. Acesso em: 12 mai. 2020.

HISTORIA presente Diario La Prensa (Parte 2). In: Canal Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ykHkKnhSt74>. Acesso em: 12 mai. 2020.

HISTORIA presente Diario La Prensa (Parte 3). In: Canal Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I1VWm1p63RQ>. Acesso em: 12 mai. 2020.

HOROWICS, A. **HISTORIA presente Diario La Nación (Parte 2).** 1 vídeo (14,49 min)

Publicado pelo canal: *Historiasyteoriasdelacomunicacion*. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olZG5cd9aP0>. Acesso em: 12 mai. 2020.

GÓMEZ V., N. y LAGO CARBALLO. A. (eds.). **Un viaje de ida y vuelta. La edición española e iberoamericana (1936-1975)**. Madrid: Siruela. Colección El Ojo del Tiempo, 2006.

LIMA, Y. S. **A ilustração na produção literária**. São Paulo – década de vinte. São Paulo: IEB-USP, 1985.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, M. (Org.). **Monteiro Lobato, livro a livro – Obra adulta**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro (obra infantil)**. São Paulo: Imprensa Oficial, Editora Unesp, 2008.

LAJOLO, M. SCHWARCZ, L. M. **Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia**. São Paulo: Cia das letrinhas, 2019.

LANDGRAF, F. J. G. **Ferremos o Brasil**. In: LAJOLO, M. Monteiro Lobato livro a livro: obra adulta. P. 235-247. Editora Unesp, 2014.

LOBATO, M. A Argentina e eu. In: **Novíssima**, São Paulo - Rio de Janeiro, Ano I, n. 8, p. 13-15, nov./dez.1924.

LOBATO, M. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1969.

LOBATO, M. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Globo Livros, 2010.

LOBATO, M. **Ferro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

LOBATO, M. **O escândalo do petróleo**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

LOBATO, M. **O poço do Visconde**. 1ª Ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1965.

LOBATO, M. **Ideias de Jeca Tatu**. São Paulo: Brasiliense, 1969.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GÓMEZ, C. Dífceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (orgs.). **O clássico e o novo**. Tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis –

RJ: Vozes, 2001.

MOYANO, J. **HISTORIA presente Diario La Nación (Parte 1)**. 1 vídeo (12,24 min) Publicado pelo canal: Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olZG5cd9aP0>. Acesso em: 12 mai. 2020.

PAZ DOS SANTOS, R. **Relações Brasil-Argentina: a cooperação cultural como instrumento de integração regional**, em Revista Est. Hist. Vol. 22 n° 44. Rio de Janeiro, julho-dezembro (355-375), 2009.

PLANAS, J..**Libros, lectores y sociabilidades de lectura. Una historia de los orígenes de las bibliotecas populares en la Argentina**. Buenos Aires: Ampersand, 2017.

POLI JÚNIOR, O. **A pena e o cadafalso**: observações sobre a literatura carcerária relativa ao período do Estado Novo. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RIBEIRO, M, P. G. **Monteiro Lobato e a Argentina**: mediações culturais. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ROIS, L. **Los traductores del exilio republicano español en Argentina**. Tese de doutorado. Barcelona: Universidade Pompeu Frabra, 2012.

ROMERO, J. L; GUTIERREZ, L. **Sectores populares, cultura y política**. Buenos Aires en la entreguerra; Buenos Aires: Siglo XXI, 1995.

SABATO, H. **HISTORIA presente Diario La Nación (Parte 1)**. 1 vídeo (12,24 min) Publicado pelo canal: Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olZG5cd9aP0>. Acesso em: 12 mai. 2020.

SAGASTIZÁBAL, L. **La Edición de libros en Argentina**. Una empresa de cultura. Buenos Aires: Eudeuba, 1995.

SACHETTA, V.; CAMARGOS, M.; AZEVEDO, C. L. **Monteiro Lobato**: furacão na Botocúndia. São Paulo: Senac, 2000.

SANDRONI, L. **Retrospectiva da literatura infantil brasileira**. Cadernos da PUC - RJ. Literatura Infantil. Rio de Janeiro: n. 8, p. 9-18, 1980.

SANDRONI, Laura Constância. **De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 2011.

SIDICARO, R. **La política mirada desde arriba: las ideas del diario La Nación (1909-1989)**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1993.

SIDICARO, R. **HISTORIA presente Diario La Nación (Parte 1)**. 1 vídeo (12,24 min) Publicado pelo canal: Historiasyteoriasdelacomunicacion. 2014. Direção e produção: Enrique Vázquez e Nicolás Lavedra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olZG5cd9aP0>. Acesso em: 12 mai. 2020.

SILVA, R. A.; **Monteiro Lobato e a escola nas décadas de 1930 e 40**. Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

SOARES, Gabriela Pellegrino. **Semear Horizontes. Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

URE, M. SCHWARZ, C. **Las identidades del periodismo argentino: estudio cuantitativo de la percepción de los propios periodistas**. Buenos Aires: Konrad Adenauer Stiftung, 2014.

URISH, S. **Escuchen lectorcitos: La Biblioteca Infantil General Perón**. Temperley: Tren en movimiento, 2010.

ZILBERMAN, R. Monteiro Lobato e a aventura do imaginário. **Letras de Hoje**, Caxias do Sul - RS, n. 49, set. 1982.

Obras de Monteiro Lobato citadas e editadas na Argentina:

LOBATO, M. **Las travesuras de Naricita**. Trad Ramón Prieto. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Las travesuras de Naricita**. Trad Ramón Prieto. Buenos Aires: Editorial Losada, 2010.

LOBATO, M. **Nuevas Travesuras de Naricita**. Trad Ramón Prieto. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Nuevas Travesuras de Naricita**. Trad Ramón Prieto. Buenos Aires: Editorial Losada, 2010.

LOBATO, M. **Viaje al cielo**. Trad Ramón Prieto. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Viaje al cielo**. Trad Ramón Prieto. Buenos Aires: Editorial Losada, 2010.

LOBATO, M. **El genio del bosque**. Trad Ramón Prieto. Buenos Aires> Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Las cacerías de perucho**. Trad. M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Aventuras de Hans Staden**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Historia del mundo para los niños - I**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Historia del mundo para los niños - II**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Peter Pan: el niño que no quiso crecer**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **El país de la gramática**. Trad María B. De Petriz. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **La aritmética de Emilia**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Geografía para los niños**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Historia de las invenciones**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **E quijote de los niños**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Memorias de Emilia**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **El Pozo del Visconde**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Las lecciones de Doña Benita**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Cuentos de tia Anastasia**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **El Benteveo Amarillo**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **El minotauro**. Trad M.J de Sosa. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **La llave del tamaño**. Trad Ramón Prieto. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1944.

LOBATO, M. **La reforma de la naturaleza**. Trad Ramón Prieto. Buenos Aires: Editorial

Americalee, 1944.

LOBATO, M. **La corza de los pies de bronce**. Buenos Aires: Editora Acteón, 1945.

LOBATO, M. **El león de Nemea**. Buenos Aires: Editora Acteón, 1945.

LOBATO, M. **La Hidra de Lerna**. Buenos Aires: Editora Acteón, 1945.

LOBATO, M. **Las aves del lago Estínfalo**. Buenos Aires: Editora Acteón, 1945.

LOBATO, M. **Las doce hazañas de Hércules**. Buenos Aires: Editora Acteón, 1946.

LOBATO, M. **El nuevo visconde**. Buenos Aires: Editorial Códex, 1948.

LOBATO, M. **La ocurrencia de Emilia**. Buenos Aires: Editorial Códex, 1948.

LOBATO, M. **En el tiempo de Nerón**. Buenos Aires: Editorial Códex, 1948.

LOBATO, M. **El periscopio de lo invisible**. Buenos Aires: Editorial Códex, 1948.

LOBATO, M. **Una hada moderna**. Buenos Aires: Editorial Códex, 1948.

LOBATO, M. **El centaurito**. Buenos Aires: Editorial Códex, 1948.

Cartas consultadas:

CABANAS, João. **[Correspondência]**. Destinatário: Monteiro Lobato, São Paulo
Transcrição do documento CPJ-CP-CAB001 - Fonte: Fundo Caio Prado do arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – USP.

LOBATO, Monteiro. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas. São Paulo, 13 DE JANEIRO DE 1935. Fonte: Processo da prisão de Monteiro Lobato nos arquivos do serviço secreto da polícia de São Paulo. Fonte: Arquivo da Secretaria de Segurança Pública do estado de São Paulo

LOBATO, Monteiro. **[Correspondência]**. Destinatário: Purezinha. Sem local, 2 de março de 1943. Fonte: Documento MLB 3100183 CX3. Fundo Monteiro Lobato. Centro de Documentação Alexandre Eulálio - Unicamp.

LOBATO, Monteiro. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas, São Paulo, 20 DE JANEIRO DE 1935, Projeto Memória, UNICAMP. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/cartaget.html>. Acesso em: 20 mai. 2020.

LOBATO, Monteiro. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas, São Paulo, 08 DE MAIO DE 1940. Processo da prisão de Monteiro Lobato nos arquivos do serviço secreto da polícia de São Paulo. Fonte: Arquivo da Secretaria de Segurança Pública do estado de São Paulo.

LOBATO, Monteiro. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas, São Paulo, 08 de maio de 1940. Causas da prisão de Monteiro Lobato. Disponível em: <http://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/grandes-causas/a-prisao-de-monteiro-lobato>. Acesso em: 12 mai. 2020.

LOBATO, Monteiro. **[Correspondência]**. Destinatário: Caio Prado. Sem local e data. Fonte: Transcrição do documento CPJ-CP-LOB002 - Fonte: Fundo Caio Prado do arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – USP.

LOBATO, Monteiro. **[Correspondência]**. Destinatário: Caio Prado. Buenos Aires, 24 de fevereiro de 1947. Fonte: transcrição do documento CPJ-CP-LOB001 - Fonte: Fundo Caio Prado do arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – USP.

PIDGEON, Marie. **[Correspondência]**. Destinatário: Monteiro Lobato. Nova York, 12 de agosto de 1948. (Tradução nossa do documento MLB900011 – CX 34).). Fonte: Centro de Documentação Alexandre Eulálio - Unicamp.

SÓCIO-GERENTE DA EDITORA CÓDEX. **[Correspondência]**. Destinatário: Monteiro Lobato, Buenos Aires, 24 de junho de 1947. Fonte: Documento MLB3200460 CX10: Fundo Monteiro Lobato, Centro de Documentação Alexandre Eulálio - Unicamp.

APÉNDICES

APÉNDICE A – ENTREVISTA REALIZADA COM LIDIA BLANCO

Nombre del archivo de la Entrevista: Gargantúa Teatro y Escuela de Teatro;

Fecha: 25 de abril de 2019

Duración: 6' 38''

Entrevistada: Lidia Blanco (Profesora de lengua y literatura en enseñanza media, normal y especial. Egresada de la U.N.B.A. en 1977. Especialista en literatura infantil y juvenil. Profesora del Seminario de Literatura Infantil en la Facultad de Filosofía y Letras (U.N.B.A.) desde 1988 hasta 1996. Profesora de literatura infantil en profesorado en educación preescolar y primario. Coautora y compiladora de Los nuevos caminos de la expresión, Buenos Aires, Colihue, 1990. Literatura infantil. Ensayos críticos, Buenos Aires, Colihue, 1992. Cuentos Primer nivel, Buenos Aires, Colihue, 1978. El puente sobre el río, Buenos Aires, Colihue, 1980. Profesora de Teoría de la Comunicación en la Escuela de Arte Leopoldo Marechal, La Matanza, desde 1994. Profesora capacitadora en los niveles inicial, primario y medio. Colaboradora en el periódico Espacios de Lectura del Fondo de Cultura Económica, México. Colaboradora en las revistas de literatura infantil La Mancha e Imaginaria. Participa como expositora en numerosos congresos y seminarios. Recibió el Premio Pregonero en julio de 1998, otorgado por la Fundación El Libro por su trayectoria como especialista de Literatura Infantil y Juvenil.

1. SIOMARA LUCENA: ¿En la época en que Monteiro Lobato llegó en la Argentina y comenzó a publicar – 1946 – cuál fue el contexto de literatura infantil/ juvenil que el encontró?

LIDIA BLANCO: La literatura infantil de la época en que Monteiro Lobato llegó a la Argentina era una literatura todavía cargada de moralismo y de construcciones ligadas a la educación infantil, es decir una literatura infantil ligada a la pedagogía. Lo que había cambiado era la edición de libros escolares, porque durante el gobierno peronista se incluyó en los libros para todas las escuelas secuencias de la transformación política que el general Juan Domingo Perón intentaba en la Argentina. Esto provocó de parte de algunos lectores la celebración y el acuerdo y en otros un enojo brutal, porque sentían que se les imponía la política del nuevo gobierno sin ser consultados. Entre otras cosas se publicó “La razón de mi vida” de Eva Perón, y estos libros se impuso en todas las escuelas como un material de lectura obligatoria para los niños de cuarto grado en adelante. En tanto circulaba una literatura bastante ligada a las costumbres del interior de país, y no había autores destacados en ese momento, porque tardo un poco en aparecer la primera figura significativa de la literatura infantil Argentina, que fue María Elena Wash, pero esto va a ocurrir después de los años 50.

2. SIOMARA LUCENA: ¿Que leía usted cuando era niña?

LIDIA BLANCO: Cuando era niña me gustaba los cuentos de hadas, los tenía todos, pero os habían comprado mis padres. Y además, recibía revistas de historietas, que no serían tan recomendables, como por ejemplo el "Pato Donalds", pero yo las recibía

todo los martes y esperaba estas revistas con amor, porque me gustaban mucho las aventuras de los personajes de Disney. Cuando fui un poquitito más grande, me interesé mucho por la literatura juvenil y mis padres me acompañaron mucho en eso, de manera de que la biblioteca era en mi casa un lugar destacado, en el que yo tenía la posibilidad de acceder a libros como "Juvenília", por ejemplo, que me gustó mucho, y libros vinculados con el... El Príncipe.... "Los Caballeros del Rey Arturo", que leí la colección entera. Recuerdo también la obra "Mujercitas", que me gustó mucho, y que era una de mis novelas más amadas, o sea que mi lectura continuó de la niñez a la adolescencia hasta que empecé a leer literatura para adultos, cuando ya tenía 14 años.

3. SIOMARA LUCENA: ¿Cómo usted conoció la obra de Monteiro Lobato?

LIDIA BLANCO: Conocí la obra de Monteiro Lobato en la biblioteca "La nube" del señor Pablo Medina. Cuando me interesé por construir seminarios de literatura latinoamericana, me di cuenta que era imprescindible la inclusión de Monteiro Lobato y allí comencé a investigar sobre su obra en las revistas "RelaJir" (4:30), y en libros de Orlando Rodríguez que es un especialista en literatura infantil cubano que vive actualmente en Miami y que dirige la revista "Cuatro Gatos".

4. SIOMARA LUCENA: ¿Cuáles obras de Monteiro Lobato usted leyó y cuáles son tus impresiones/críticas como lectora esas obras?

LIDIA BLANCO: Monteiro Lobato me impactó mucho y me pareció una revolución infantil que superaba de alguna manera la producción nacional, porque tenía un contexto fantástico que todavía no había llegado a nosotros, repito, porque no había aparecido María Helena Wash. Las obras de Monteiro Lobato las he leído casi todas y personalmente me gusta mucho las historias de Naricita, de Emilia, de Abuela Benita y este contexto fantástico en el que una muñeca puede hablar, puede pensar y puede cuestionar las cosas de la realidad. Me interesa Monteiro Lobato además como un hombre de combate que tiene que haber marcado en el Brasil una línea de pensamiento que efectivamente influyó en otros autores, que continuaron de alguna manera la lucha que él había iniciado.

5. SIOMARA LUCENA: ¿Usted leyó el libro *La nueva Argentina*? Si no lo leyó, ¿sabe de la existencia de esa obra?

LIDIA BLANCO: No leí el libro *La nueva Argentina*, y no sé de la existencia de esta obra.

APÉNDICE B – ENTREVISTA REALIZADA COM LAURA DEVETACH

Nombre del archivo de la Entrevista: Calle Teniente General Perón 2302-2400 y Calle Teniente General Juan Domingo Perón 2302-2400 2

Fecha: 29 de abril de 2019

Duración: 26' 39"

Entrevistada: Laura Devetach (Escritora y profesora universitaria argentina, Laura Devetach es conocida principalmente por su obra dedicada a la literatura infantil y juvenil, además de por sus guiones para televisión y obras de teatro. Su obra fue prohibida durante la dictadura. A lo largo de su carrera Devetach recibió numerosos premios, como el Octogonal, el Premio Casa de las Américas o el Premio del Fondo Nacional de las Artes además de reconocimientos como el de integrar la lista de honor de la IBBY).

1. SIOMARA LUCENA: ¿En la época en que Monteiro Lobato llegó en la Argentina y comenzó a publicar – 1946 – cuál fue el contexto de literatura infantil/ juvenil que el encontró?

LAURA DEVETACH: La literatura... A mi pueblo sí llegaba, pero por personas específicas que apoyaban la biblioteca popular, que es muy buena y hasta hoy es buena. Entonces... yo soy del litoral, en Reconquista, al norte de Santa fé, más cerca de Brasil. Después este por estudiar me fui a Córdoba, donde estuve 20 años, ya la ciudad me adoptó, además de yo he adoptado a ella y nos casamos, nos conocimos ahí, mi marido y mis hijos son cordobeses, hasta que en el 76 tuvimos que venir más acá porque resultaba mejor para nuestras vidas, porque estábamos en el proceso militar, en la dictadura, y teníamos este problema porque estábamos en la universidad, y a mi me habían prohibido un libro, La torre de cubos, bueno... era complejo el problema y pensamos que, bueno, viniendo a Buenos Aires, como es más grande, uno se puede, pero fue relativo, porque con la producción del libro, yo me quedé más vista ¿no? Yo por lo menos. Así que, bueno, y esto del 46, claro, son los años en que yo estaba en mi pueblo y mi conocimiento de Monteiro viene por ahí, de las bibliotecas fundamentalmente. No eran libros populares, quizá en mi pueblo, a lo mejor, yo lo desconozco, en Buenos Aires, sí lo haya sido, porque estaba en Losada, creo que Losado que fue una gran editorial los publicó. E... y yo cuando conocí que me gustó fue los personajes, pero ya después comencé a ver que los mitos eran reescritos para que los niños los entendieran, a pesar de que yo tenía 10 años, o más adelante también, ya no me interesó eso. Sí tenía otras cosas lindas que nos enganchaban con esta parte que estoy diciendo. Pero era lógico en aquel momento todos pensaban en la escuela nueva, y en el hecho de que el arte tenía que entrar en la escuela y ¿qué sé yo?... Convencionaban un arte ¿no?. E... por ejemplo, Quiroga no... Quiroga fue literato puro en el sentido que el escribía según su sentimientos y su estética y lo que fue... pero ya Monteiro no... otras cosas yo no leí. Algunos libros de él, de la colección de Perucho y Naricita y sus personajes, Anastacia, Visconde. Lo que era lindo era esa mezcla que él hacía con juguetes, este dándole vida a juguetes imaginarios y ¿qué sé yo? Que los hacía hablar y eso era interesante, eso no ser conocía mucho, pero a mí me encantaba... Lo que pasó con la Aritmética y la gramática no me gustó... bueno...

2. SIOMARA LUCENA: ¿Que leía usted cuando era niña?

LAURA DEVETACH: Bueno, yo soy de ascendencia italiana, mejor dicho, eslovena italiana, digamos italiana porque la familia de mis padres se vinieron de Eslovenia, fueron de Eslovenia al norte de Italia, en Cormós, mi papá era chiquito, de manera que creo que se olvidó su lengua natal y, habla italiano, entonces cuando él viene a Argentina que fue para la gran crisis del 30, et... como todo italiano se vino con algunos libros debajo del brazo ¿no? Entre ellos fue la divina comedia y sobretodo Pinocho, entonces mi libro de cabecera siempre fue pinocho. Entonces me acuerdo que yo era muy chiquita, mi papá me lo contaba, me lo leía, había una colección española, del molino, la colección de la abeja, eran unos libritos chicos, pero estaba completo el texto, nosotros lo comparamos después, y ese libro va a estar ahí a centavos, era baratísimo en aquel momento, y yo tenía no era parientes, nosotros les decíamos tíos, eran dueños de una librería, este... yo siempre me iba sobretodo en vacaciones, y metía atrás del mostrador y leía todo lo que hubiera ahí... y ahí vendían estos libros de la colección La abeja y otros de la colección Marujita, que no sé era, ahora si recuerdo no me quedó ninguno y también costaba 10 centavos. Y yo para obtener los diez centavos, porque mi familia no era muy solvente, pero tampoco era... era pobre, pero bueno... ellos a mi me tenían cortita con el dinero. Entonces había la costumbre de pasear por la plaza, la plaza de la rotonda, donde la gente daba vueltas y compraba bombones. Y había bancos todos con tablitas separadas, donde se sentaban y tiraban los papeles de colores y las monedas. Entonces, yo el lunes temprano, en verano, porque era en noviembre que pasaba eso, me levantaba y me iba a mirar debajo de cada banco. Juntaba... todos los chicos juntábamos papelitos de colores, así que yo, los de bombones, yo llevaba una caja, guardaba los papelitos que encontraba y siempre encontraba 10 centavos. Siempre... Entonces de ahí, me iba corriendo, que quedaba a dos cuadras, a la librería y compraba, y ya había dejado visto desde la vez anterior. Y no tenía mucho problema que me lo comprara otro porque nadie compraba esos libros, así que yo me fui toda la colección, la estuve en mi casa. Pinocho completo porque cada tomito era un capítulo. Entonces mi papá a partir de esa... me hacía leer, yo fui a la escuela ya sabiendo leer, y aprendí con Pinocho. Era muy gracioso.

3. SIOMARA LUCENA: ¿En estos libros había ilustración o no?

LAURA DEVETACH: Sí. Había ilustraciones e... no sé quien sería el ilustrador, pero bueno... ese era el primer imaginario... Y lo de la colección Marujita yo creo que nadie la conoce, hay una autora muy importante que se llama Enid Blyton que yo creo que era ella a veces con su nombre y a veces con seudónimo la que escribía estos cuentos en la colección Marujita. Donde había duendes, hadas, chicos, pero siempre era chicos que vivían en el campo, que hacían, que trabajaban, que hacían algo, en fin, no era muy la literatura tradicional, ¿no? Y después leí corazón, este... todo de la tradición italiana, dentro del corazón estaba "desde los alpes niños a los andes" que era una cosa que a mí me daba mucha angustia, era muy lindo, un chico que recurrió a un montón de lugares buscando a una familia que estaba en argentina, este... y así... después... yo no leía cosas muy, muy convencionales, lo que leían los otros, sobretodo porque vivía en un pueblo, donde para conseguir un libro el que quería leer tenía que trabajar y buscar. Yo por suerte tenía gente que me prestaba todos los cuentos de hadas de la colección del Molino e... dividido por países. Es decir, Yo he leído todos los cuentos de hada franceses, alemanes, este, italiano, americano incluso había uno... muy lindos todo eso, a mí me quedó... no nos volví a ver... hagamos un paréntesis te pido, es una confidencia... muchas veces fui a lo de Pablo porque él

tiene todo eso... pero Pablo tiene una especie de cosa...

Todos los clásicos... como seres de... bueno... Robinson Crusoe, los folletines, eran libros largos, me encantaban los libros largos... no se terminaban, siduma, todos... en mi casa había una biblioteca en la cual estaba toda la colección sentimental para las mujeres como sucedía pasar, y, vamos, y este, libros de toda clase, había científicos, había este... los que tenían que ver con geografía, aventura, cosas que había elegido mi papá, porque con el tiempo cuando yo ya tenía 15 años, o antes, un poco antes, mi papá hacía un viaje más o menos por mes o dos meses, a buenos aires, desde reconquista que es lejísimo, este con una valija vacía, pero .. a veces me traía a mi a Buenos Aires, y nos llevamos a la librería de viejo, y yo conocí eso, la librería de viejo que quiere decir libro usado, no, y bueno que era y había de todo y eran baratos, y llenamos la valija y nos veníamos a Reconquista y era maravilloso y era una biblioteca en la que yo no tuve nunca ningún tipo de prohibición, había de todo. Yo me enteré por los libros todo el tema de los partos, de la cuestión de la sexualidad, me di en reconquista había escrito un libro y estaba ahí y yo leí todo siendo muy chica... así que ... bueno... era bastante especial mi casa...
Bueno...

4. SIOMARA LUCENA: ¿Cómo usted conoció la obra de Montero Lobato?

LAURA DEVETACH: Como usted conoció la obra de Monteiro Lobato...

Yo creo que fue ya siendo mayor, más para el lado de la adolescencia y por préstamo... teníamos la costumbre en el pueblo de prestar libros en el barrio. y revistas... es decir... en aquel momento salían muchas revistas como el para ti, Maribel, este vosotras... bueno... había muchas que traían la novela semanal, es decir que cada capítulo seguía por semana. O sea, las mujeres de las familias, de la cuadra, del barrio, todas, leían todas las novelas porque se las prestaban. Cada una compraba una revista y yo era la cargada de hacer el cambio y el intercambio no, y los chicos hacíamos lo mismo, pero con libros, no con muchos chicos, pero algunos sí. Sus padres se los traían, no sé... algunos eran muy viejos, me imagino que también los compraban usados, o habría sido de sus propias infancias, no sé. Lo cierto es que había variedad. Así leí yo las mil y una noches, por supuesto no era la versión original, que la leí después de grande, no. Entonces, lo de Monteiro Lobato lo conocí a través de esa vía. No por orden, según que tomo que lo conseguía, iba consiguiendo lo leía y entonces después, claro, reconstruía, lo que... leía algo que era después, pero que me llegaba a mi primero, y bueno, despacito lo fui reconstruyendo. Pero no tenía muy gran conocimiento de eso.

5. SIOMARA LUCENA: ¿Cuáles obras de Montero Lobato usted leyó y cuáles son tus impresiones/críticas como lectora esas obras?

LAURA DEVETACH: Cuáles las obras de Monteiro Lobato usted leyó y cuál son tus impresiones y críticas como lectora de esta obra...

Bueno.. yo.. opinión actualizada la verdad que no tengo porque tendría que haberle leído por lo menos... Era como una obra que estaba fuera del campo de lo que nosotros... nosotros digo porque éramos mucha gente, que incluso hay una asociación acá de literatura infantil y juvenil que es ALIJA e.. pero bueno... en un primer momento era como para tratar de hacer cursos, hacer intercambio y después fue se convirtiendo como en otra cosa, ¿no? Se... afilió a LIV y a partir de ahí hubo que pagar en dólares lo que significa la membrecía de IV (6:04) y entonces ... es muy

difícil conseguir dólares para pagar anualmente, entonces ya no eran libres las posibilidades de hacer cosas. E... de manera que ... y no está presente en todos estos lugares, ni en los congresos, ni ninguna de estas cosas de formación posterior que uno hace ...hum... porque yo no estudié literatura infantil como nadie tenía en aquel momento... no había carrera para eso, simplemente yo me dediqué, yo organicé mi currículum y empecé también a dar clases porque , claro, yo conocía mucho material, pero Monteiro, como algunos otros, quedaron más recostados... yo creo que tenía mucho que ver con ese tema de que ...con ese enganche con la escuela que a mí me parece que fue buenísimo en su momento, pero que después nosotros, con la renovación y con nuestro estudio nos pusimos en contra totalmente de todo escolarizado. Y e... no como que no les dábamos mucho valor y.. eso fue... sin embargo, me gustaría volver a verlo en este momento... yo tengo tantas cosas que revisar... risos...que no sé adónde voy a llegar primero...pero... bueno... Esto es lo que te puedo contestar de esa pregunta.

6. SIOMARA LUCENA: ¿Usted leyó el libro *La nueva Argentina*? Si no lo leyó, ¿sabe de la existencia de esa obra?

LAURA DEVETACH: Sabía... pero no sé de qué se trata... no llegué a eso. ¿Tendría que ver con la Argentina política... La Argentina...

7. SIOMARA LUCENA: Es que Monteiro Lobato ha escrito esa obra con un seudónimo de Miguel P. García y el libro es un libro de literatura infantojuvenil pero no... este libro es sobre Argentina... No hay en Brasil este libro y hablaba del Plan de Perón...

LAURA DEVETACH: Claro... Sí... Me imaginé...

8. SIOMARA LUCENA: Y es un padre hablando con su hijo de como sería Argentina si este Plan Fuera puesto en práctica. Y uno de los capítulos de mi tesis será a respecto de este libro. Por esto quiero saber si la persona conoce, si lo leyó, si fue algo que fue popular y todo, pero ya veo que no...

LAURA DEVETACH: yo, conmigo no, porque en el momento que salió tiene que haber sido por el 46, 47, claro, en los 40, yo no... en mi pueblo está dividido el tema peronista y no peronista, este... bueno... a veces por motivos que no se puede entender bien, pero bueno, hay mucha resistencia al gobierno de Perón. Y sobre todo a toda esta propaganda que hacían de los planes quinquenales, de ... no sé... yo creo que se hicieron cosas muy buenas de parte de Perón, pero la llamada oligarquía, o sea, lo que estamos viviendo hoy, la llamada franja, los más ricos, los ganaderos, yo me acuerdo la parte regional, allí había muchos ganaderos este... dueños de tierras, que llevaron la Forestal, que era toda una compañía inglesa que desmontó el monte, que sacó el monte, sacó todos los árboles, cortaban los quebrachos, todo eso.. y bueno... todo... con ...era parte de los mismo... y eso hizo mucho mal a la tierra en aquel momento y lo seguimos viviendo...porque todo ese desmonte siguió y fue el comienzo de un verdadero desastre que se hizo acá... no... allá... el que conoce el Chaco, el impenetrable y todas esas inundaciones ... hoy no lo sabemos porque no lo dicen, pero está una ciudad debajo el agua, Resistencia, la capital del Chaco, está debajo el agua. Mi pueblo, Reconquista, me mandaron el otro día una foto de la gente sacando el agua de sus casas... todo eso como consecuencia del desmonte que fue

apoyada por un tipo de política. E... Bueno... Perón, este... eso no sé cómo estaría... desconozco, no sé cómo estaría tratado en "Nueva Argentina", de cualquier forma, yo creo que muchos de los lineamientos que tenía Perón en su política eran muy interesantes y que tenían que ver con la inclusión, este... la necesidad y las ganas de que el pueblo tuviera conocimiento, estuviera amparado en sus necesidades básicas... este... y yo creo que eso se logró en esa época ... quizás eso es lo que esté... no sé si busque leer este libro...esté... e... contemplado en el libro...

9. SIOMARA LUCENA: Yo no he leído todo porque logramos una fotocopia en la biblioteca hace pocos días... e... incluso fue como si fuera un milagro, porque realmente no se tenía noticias de esta obra, incluso algunos investigadores hablaban que se había quemado las copias y no había más, no existías más... pero lo encontramos pero lo que yo he visto es que está tratado de una forma muy positiva el plan de Perón...

LAURA DEVETACH: Claro, Claro... Qué bueno... entonces él debe haber sido peronista... y por eso no se consigue las copias por que acá hicieron como en la inquisición, quema de libros, cada vez que acá hay una idea diferente, quema lo anterior... entonces... nunca se puede crecer de esas manera...

10. SIOMARA LUCENA: Yo he encontrado en la Biblioteca Nacional el libro y hay una copia también en la biblioteca del congreso en una parte que se llama "Biblioteca Peronista". El libro está ahí. Entonces fue una emoción conseguir el libro para leerlo y realmente analizarlo y todo porque, en Brasil incluso, pocos saben que Lobato tiene una obra que sólo fue escrita en español.

LAURA DEVETACH: Claro, Claro... no... y es importante... acá no lo sabemos, yo no lo sabía y creo no que muchos de mis colegas lo sepan, ni lo valore... Bueno... yo creo de que cualquier manera yo creo que él fue siempre un autor comprometido con su realidad y que de una manera o de otra... lo hacía ver ...lo hacía sentir. Y hasta ahí llego... yo más no sé. Te lo confieso abiertamente.

APÉNDICE C – ENTREVISTA REALIZADA COM PABLO MEDINA

Nombre del archivo de la Entrevista: Calle Jorge Newbery 3501-3599

Fecha: 22 de abril de 2019

Duración: 1: 25' 39''

Entrevistado: Pablo Medina (maestro, librero, Presidente de la Biblioteca y Centro de Documentación La Nube Infancia y Cultura)

1. SIOMARA LUCENA: ¿En la época en que Monteiro Lobato llegó a Argentina y comenzó a publicar – 1946 – cuál fue el contexto de literatura infantil/ juvenil que el encontró?

PABLO MEDINA: Bueno... la pregunta tiene varias respuestas. Primer término, nosotros tendríamos que remontar un poco al proceso de la cadena de la república española que es lo que sucede ahí una gran migración que se va a polarizar en dos países México y Argentina, sí... escritores, ilustradores, directores de colecciones, autores, y especialmente va a venir mucho más gente vinculada al mundo del libro, especialmente al mundo editorial a la Argentina, en tanto en México se dio por profesores, cineastas, el caso de ... , el caso de M. Concha Mendes y otros grandes autores también.. Bartoluce.. a México, pero acá llegó una grande afluencia entre el 37 y el 39 hasta la caída de la república definitiva en España, ¿no?. Entonces... estamos hablando del año 40. Si no trabajamos el año 46 cuando llega acá Monteiro Lobato todo ese proceso del mundo editorial en Argentina era muy importante... había cambiado rápidamente la XXXX de la editorial Abril de los hermanos Chivita, que después se trasladaron a Brasil, después del 55 se trasladaron a Brasil, e...eso es muy importante, la editorial MC, la editorial Sudamericana, la editorial Estrada, son editoriales muy punjantes, que entonces, que van a tener una gran, este... acercamiento a la producción de libros infantiles, y especialmente la editorial Atlántida que fue creada en el año aproximadamente el año 17, mil nueve 17, estoy hablando del 17, 18, ¿no?. La aparición de la primera revista y la revista que sigue publicándose que es la revista Billinke por la editorial de Constancio C. Vigil. Es una revista que va a cumplir ahora en noviembre 100 años, en primer de noviembre 100 años, se empezó a editar en el año 1918. Entonces cuando llega Monteiro Lobato había un mundo punjante de editores en Buenos Aires. Y en ese momento también si ustedes miran el sello con que él va a editar eso, es la editorial Codex, era la editorial Nacional del Peronismo. Era la editora Nacional, Códex, es decir que él va a trabajar acá con personajes muy importantes que yo creo él debe haber conocido, uno era lo que estaba ligado a esta editorial que era Orestes Gel. Orestes gel era un importante historietista creador de una serie de publicaciones, para el mundo de la historieta especialmente, y después durante la dictadura en el 76 y 84 a él lo matan y desaparecen sus trece hijas, en la dictadura militar, pero fue el más importante realizador en el mundo de la historieta, así que él debe haber cruzado a Monteiro Lobato, porque en este momento estaba trabajando en la Editorial Códex Orestes Gel. Todas estas colecciones que ustedes ven acá prácticamente, hay libros de Orestes Gel, que son muy importantes, además hasta la colección de Monteiro Lobato con nombre y apellido es incorporada a la editora Nacional, es decir, había un vínculo muy estrecho con el gobierno en el momento.

2. SIOMARA LUCENA: ¿Ramón Prieto fue alguien también que hizo esta unión entre Monteiro Lobato y el gobierno?

PABLO MEDINA: Ramón Prieto es un gallego que actuó en revolución, durante el proceso de la revolución, ante la formación de la república, en la caída de la república de España, viene a España estaban enfrentando a Franco, ha enfrentado Franco en España, entonces viene, primero se xxxxx a Brasil, él hablaba portugués, era buen gallego, pero también portugués, hablaba los dos idiomas, y fue el primer traductor Ramón Prieto. Ramón Prieto, cuando Monteiro Lobato viajó a Argentina, él ya estaba acá ligado al peronismo y va a ser su traductor también acá, entre Benjamin de Garay que es el primero y luego Ramón Prieto es el que traduce toda la obra, inclusive yo tengo algunas cosas interesantes escritas por Ramón Prieto, lo vamos a ver, ¿no?. E... Eso permite que Monteiro Lobato se vincule especialmente, y había, una intención del gobierno en el momento, gobierno de Perón entre el 46 y el 55, que tenían un principio que decía "los pueblos que olvidan a sus niños, renuncian a su porvenir", y Eva Perón decía, los únicos en Argentina de Perón y Eva Perón, los únicos perjudicados son los niños. Entonces, había una política para la infancia. Cuando llega Monteiro Lobato, a Monteiro Lobato le llama la atención esto ¿no?. Había una política a favor de la infancia, libros, juguetes, deporte, la atención al niño, yo creo que fue la única vez que la Argentina tuvo una política a favor de la infancia, entonces eso descubre Monteiro Lobato y le llama la atención, por eso va a escribir *La nueva Argentina*. La nueva Argentina es una especie de mirada desde la óptica de un militante político como era Monteiro Lobato de un Brasil que tenía serios problemas con su sociedad, especialmente con la infancia y la juventud, ¿verdad?. Entonces le llama la atención esto, por eso, en la Nueva Argentina va a haber una enorme cantidad de apreciaciones que él los detalla y describe PUNTILLOSAMENTE sobre eso deteniéndose en alguna particularidad de este proyecto de la nueva Argentina, ¿no?. Entonces el momento en el cual llega Monteiro Lobato a Argentina está lanzada a una nueva propuesta política que es el Peronismo. Este... la participación obrera, la participación sindical, y por otra parte el nacimiento de editoriales que tienen que ver, a fin de lo popular, ¿no?. Y el rescate de temas que tienen que ver con la vida social olvidada de personajes históricos, Mismo Antigua que nace en Uruguay y que termina muriendo en Asunción del Paraguay, que era parte del compromiso político que, de la reconstrucción de Argentina, antes del 40, antes del 1840, ¿no?. Este... la recuperación de personaje de la historia popular Argentina a partir de esta instancia. Esto todo lo ve Monteiro Lobato y él lo va a poner en este libro ¿no?. Pero por otra parte, también el sistema educativo mejora, la Argentina ya tenía instalado del 1880 más o menos, la ley de bibliotecas populares, es decir, entonces, todo el territorio en Argentina se implementaban bibliotecas accesibles a la comunidad. Esta ley de bibliotecas que se llama Ley Sarmiento, porque se dice allá por el año 1880, e parecía la ley de educación que llama ley 1420, que es la primera ley de educación que rige el año 80 también. Es decir, Argentina tenía SIDO un fenómeno. ¿qué pasó durante el peronismo? ¿Estas leyes mejoran? Sí, estas leyes mejoran. Entonces eso es lo que ve Monteiro Lobato. Ve una sociedad que está tratando de encontrar su camino con una postura política totalmente diferente a lo que fue, digamos, a lo que fue el conservadorismo, la línea más dependiente colonizadora como era la línea de los políticos del momento ¿no?. Y aún enfrentando al radicalismo que era un movimiento que atendía o miraba la clase media. El peronismo mira la clase popular, mira el pueblo, mira la gente que está marginal, la gente que está sufriendo, que tiene hambre, que no tiene vivienda, que no tiene educación, entonces eso le llama la atención, eso es lo que él ve en este momento, ¿no?. En cuanto al mundo editorial yo creo que empieza también a solidificarse una tendencia a producir libros más

accesibles a los niños. Esa biblioteca que yo te voy a mostrar después, que pueden verla, los tengo acá, que va a ser influenciada por Monteiro Lobato, este, se genera a partir de La nueva Argentina, porque La nueva Argentina es un libro popular, es un libro accesible para el pueblo. Monteiro Lobato era un escritor que sabía escribir en la temática de lo popular, es decir, tenía facilidad para poder sentir el olfato de como se mueve una sociedad. Y eso es lo que descubre y por eso crea ese libro, ¿no?

3. SIOMARA LUCENA: Pero, ¿cómo llega el niño a Monteiro Lobato en aquel momento? En un contexto de la escuela, o no? En las bibliotecas o en otros contextos?

PABLO MEDINA: ¿Los libros? Estaban en las bibliotecas, pero además se vendían también en las librerías. Si usted recuerda, en la calle Corrientes, Buenos Aires tiene una tradición de librerías estar abiertas hasta las dos, tres de la mañana, las librerías de la calle corrientes, ¿no?. Pueden ir con confianza, no hay ahí cartelita ni nada, eso es, está ahí, siempre ha sido seguro en la calle corrientes, le paso a comer una buena pizza con una buena cerveza, bueno... yo ... pero bueno... este... miro los fines de semana, especialmente los sábados suelo ir a caminar en la calle corrientes para conseguir libros, usados, viejos, nuevos, lo que fuera, hay como 30 librerías para ver, eso es. Bueno, quiero decir Monteiro Lobato está instalado, cuando se instala, después de los primeros meses, yo pienso que él descubre cómo funciona la sociedad y entonces genera una editorial que es Acteón, donde están Prieto y otra gente que él conoce de su vinculación con el libro argentino y empieza a editar los libros que yo les mostré de la colección, los trabajos de Hércules especialmente, pero ya en este momento estaba lanzado en el editorial del Americalee, que hacía la edición completa de la obra de Monteiro Lobato. Por lo tanto, los libros circulaban por los mecanismos de la librería. Yo por los menos los compré en librerías, ¿no?. Después también se vendían por el sistema, más adelante, yo diría que sólo después del 60, 70 se siguió vendiendo cuando ya los tiene Losada se vendían de puerta en puerta, como es sistema de ventas domiciliario. Pero Monteiro Lobato se instala de entrada, es decir, el fenómeno que Monteiro Lobato ve con respecto a los libros se mantiene en Buenos Aires, y el nacimiento de editoriales que son muy punjantes no solamente que editan libros para las escuelas, para el sistema escolar, sino que editan libros de ficción, libros de entretenimiento, libros de divulgación, que son los libros de Monteiro Lobato ¿no?. Este... por eso van a ver que la editorial Losada que lo toma partido del año 54 es la editorial que más ediciones tiene de Monteiro Lobato. Inclusive ahora mismo está haciendo estas nuevas ediciones que acaban de ver, los hace Losada. Que también era una editorial que se forma por la inmigración española ¿no?. Que es un desprendimiento de Espasa calpe que ahí estaba Gonzalo Losada que era el gerente del Espasa calpe, deja el Espasa calpe, porque tenía problemas y crean Losada. Y esto estamos hablando del año 40, es el que en del año 54 en adelante es la editorial que edita voluminosas ediciones, en cuanto a número de ediciones, tiradas enormes de los libros de Monteiro Lobato, que siguen circulando durante muchos años, ahora mismo se está editando en la misma editorial en la que está editado otra vez Monteiro Lobato. No por supuesto con la, digamos, gran cantidad de ediciones que tiene en Brasil, porque es el personaje nacional para Brasil ¿no?. Pero acá se instaló, y van a ver que está instalado, que hay escritores que pueden hablar, si escuchan a Lidia Blanco el jueves van a ver que es una literatura que es conocida en Argentina ¿no?. Es que Monteiro Lobato llegó en un momento preciso que todo el ambiente, no sólo político, sino también el ambiente editorial, editoriales muy punjantes como editorial Abril, editorial Peuser, Editorial estrada, Editorial Atlantida, ya tenían libros infantiles,

sino que él ve esto y inclusive hay un momento que el mismo Monteiro Lobato va a hacer publicidad de sus libros en un lugar que se llamaba, en la calle Florida, había un centro que era el centro nevrálgico del comercio de Buenos Aires que se llamaba Harrods que era modelo de una tienda londinense, y ahí hace una presentación con títeres, conversación estando él presente, sí.

4. SIOMARA LUCENA: ¿Existe todavía?

PABLO MEDINA: Está. El edificio está. No sé qué hay ahí ahora, creo que es una especie de centro comercial. Pueden ver, está lo que era, el pasaje es muy antiguo en la calle Florida, se puede caminar, tiene... calle peatonal.

5. SIOMARA LUCENA: ¿Dónde estaba ubicada Acteón?

PABLO MEDINA: Mira... Ahí tiene una dirección, ahí está un ejemplar, a ver si me permite, hay en un fascículo, el fascículo que está suelto en el Trabajo de Hércules, ¿no quedó ahí un fascículo? No... Hay un fascículo en el Trabajo de Hércules, no no.. uno de los fascículos sueltos del Trabajo de Hércules, Ahí está la edición, a ver... Acá, está acá la edición, ahí, ahí...

Esto estaba en la calle PEDRO ALTACIENTRO, esto es el centro, es la zona central de Buenos Aires, cerca de Avenida de Mayo, este era el convite de relación de Acteón. Yo diría que la política del gobierno peronista con respecto al libro fue muy interesante, yo me acuerdo de niño, yo soy del año 37, entonces que yo tendría en ese período, estamos hablando del 48, 47, 49, yo tendría entre 8, 9, 10, once años, yo termino el primario con el, con el... alrededor del año 50, e... por lo tanto, yo recibía libros que eran editados por el gobierno peronista, le daba mucha importancia a la circulación del libro ¿no?, y se instaló el libro en la escuela, y... yo supongo que la colección que Monteiro Lobato hizo tiene mucho que ver con Argentina, el conversa con el gobierno, con miembro del gobierno peronista, y los entusiasma mucho este libro que él había hecho que es La nueva Argentina. Hay una síntesis del libro en uno de estos textos que yo separé tiene un adelanto de cómo es el libro, qué dice el libro y a lo que apunta el libro. Entonces, yo creo que había una intención de que el libro llegara a la mayor cantidad de la gente. Yo me acuerdo en el año nuevo y navidad, nos llegaba de regalo por la fundación Eva Perón, nos llegaba un pan dulce de navidad, una sidra, un juguete y un libro. Eso fue durante el período que va entre el 45 y el 55. Entonces estaba instalada la necesidad de difusión del libro. Y había editoriales muy poderosas, como la editorial Peuser, que era una editorial de Argentina del año 1867, por ejemplo, la editorial Peuser, lanza la primera colección de folclore para niños, llamada colección pentaquita, que son 20 tomos, todos de folclore para niños en el año 46, 46-48. Entonces había una especie de circuito de producción del libro que apuntaba al niño, evidentemente, podría ser mejor, pero era lo que se hacía por el momento, por otra parte la Editorial Estrada y Constancio C. Vigil, con dos personajes muy importantes como Frederico Rivas, que era un gran ilustrador y que va a transformar todo el mundo gráfico, porque era un gran ilustrador gallego en la editorial Atlántida, sobretudo en los cuentos de Constancio C. Vigil, y un gran creador de las colecciones de la biblioteca Bellinky que se crea alrededor del 40 y que se difunde a partir de todo ese período que es Rafael Dieste que era también un gallego que tenía militancia durante el gobierno de la república en España, cuando cae la república se encierra en Argentina y entra a trabajar como editor y crea la biblioteca Bellinky, que, para nosotros es una de las mejores biblioteca que hubo en lengua española para niños, de información, de

circulación, de ciencia, de arte, de historia, para los niños, ¿no?. Así que todos eso lo ve Monteiro Lobato ¿no?. Y su colección, o sea, la colección que él crea, que ya estaba potenciada, ya estaba cerrada, es decir, son 23 tomos, el total de la colección, este.... Entra a ser partícipe en el cotidiano de Argentina y se suma como una producción más cultural, y están prácticamente en todas las bibliotecas populares, ¿no? Así que por eso Monteiro Lobato fue muy conocido. Ese es el gran mito que Monteiro Lobato vio en Argentina ¿no?. Por un lado el estímulo del Gobierno, por otro lado había una ley de bibliotecas populares y por otro lado había una ley de educación que estimulaba la lectura. Entonces eso le llamó la atención, entonces esto está en La nueva Argentina.

6. SIOMARA LUCENA: En una de sus cartas, cuando hablaba con su esposa, yo he visto en Unicamp. La profesora Marisa Lajolo ha organizado todos los documentos que él tenía, y él habla que estaba con un éxito tan grande en Argentina que incluso sería en aquél momento mejor que en Brasil. Y ha dicho incluso que ella no necesitaría preocuparse si él se muriera en aquél momento porque estaría segura financieramente.

PABLO MEDINA: Yo no sé muy bien. Hay unas fotos que sería interesante, si tenemos tiempo, abrir el archivo gráfico nacional del estado, es el archivo más grande de Argentina, de ahí, en el libro este, hay una foto en una calle de Buenos Aires, acompañado con niños saliendo de una escuela.... La escuela es difícil saber, lo que se puede hacer es ir a la biblioteca nacional y precisar la fecha que llega y hasta cuanto tiempo se queda, porque los libros cuando se presentaban o cuando se divulgaba, se divulgaba a través de los diarios y las revistas y acá hubo un momento en que la prensa hacía mucha difusión ese es un tema. Yo mañana a la primera hora voy a hablar con la gente de la biblioteca Nacional para decirles que vas. Te doy el teléfono y vas a hablar con una persona y van a ir cuando les parezca mejor. Después yo mismo voy a ver si podemos hacer copias del libro, sería interesante tener el documento, ¿no?. Yo creo que este libro hay que editarlo así como él está con un comentario, después puede seguir con la investigación que quiera, pero vale como documento, porque alguien estaba muy loco para escribir un libro en aquel tema, una locura, a mí me parece que sí lleva a Brasil y me llama la atención que sea el carnaval, se me ocurre con el libro, está bien, me enloquece el carnaval, o no me enloquece, me gusta, o el fútbol, quiero decir que tiene que haber una pasión, me parece que Monteiro Lobato era eso. ¿no? Pues había que ver como se apasionó acá y me parece que una vez uno lea este libro se van a comentar... este... y había que buscar notas de la época. Esto está en la biblioteca, no sé si esto está registrado hoy en el archivo para consultar directamente en la computadora, pero es posible, vamos por partes, yo respondo todas las preguntas y después me gustaría saber cómo es la columna vertebral, cómo es el temario que tú estás... Yo te mandé un temario posible, que a mí se me ocurrió, digo, si yo tengo que estudiar a este tipo en la Argentina, como haría yo, mi persona.

7. SIOMARA LUCENA: Mi profesora ha visto lo que usted hizo y a ella le gustó, era lo que ella estaba pensando más o menos, y más porque como usted conoce el contexto, sabe más.

PABLO MEDINA: No es cuestión de saber o no saber, tú tienes que pensar en cuantas será tu tesis, ¿100 páginas? cuantas páginas tiene una tesis?

8. SIOMARA LUCENA: Más, porque ya tengo mucho material.

PABLO MEDINA. Bueno, 150, 200, no importa, pero después esto tiene que ser compartido en un libro, porque las tesis en el ámbito de la universidad, el libro hay que hacer conocer lo que pasó en esta historia. Y ayuda a mejorar las relaciones entre nuestros países y ayuda a conocer momentos de la historia que han sido muy significativos y que no han sido tan malos como se suponen y que sirve para los contemporáneos y que sirve para lo moderno, para la posmodernidad, digamos, ¿no? Entonces hay que convertirlo en libro. Gabriela, una autora, mira Gabriela, vino muy jovencita, no estaba casada, yo tengo el original que me lo mandó, tipeado a máquina, en este entonces no había tanta computadora, y me acuerdo que me llegó una carta, y mira, esto es un libro, fue muy importante lo que hizo acá. La mitad en Brasil, la mitad en Argentina, es un estudio comparativo.

9. SIOMARA LUCENA: ¿Que leía usted cuando era niño?

PABLO MEDINA: Bueno... en general mucho, en mi casa, mi tía era maestra de escuela, mi tía Augustina, entonces me puso por primera vez a los cuatro años, cuatro, cinco años, un alfabeto, un abecedario, y me lo dijo: este libro le va a ayudar a ver como se construye la palabra, el escrito, las ideas, acá está la base de todo, si aprendes a manejar esto, se le va abrir todo un mundo, y a los cinco años me empezó a contar los cuentos de la selva de Horacio Quiroga. Yo tenía siete años ella falleció, eso para nosotros fue terrible, entre los cinco y los siete años yo escuché todos los cuentos de Horacio Quiroga de parte de mi tía que era maestra de escuela. Lamentablemente ella falleció cuando yo tenía siete años, y yo tenía, mis dos hermanos, nos éramos tres hermanos, dos varones y una mujer y nosotros estábamos siempre enloquecidos esperando que terminara su clase en la escuela, ella daba clase en una escuela en un barrio, cuando venía, tomábamos la merienda y después nos contaba un cuento de Horacio Quiroga, o nos leía o nos contaba, decía “ahora les voy a contar” , “ahora les voy a leer porque así ustedes van a entender muchas palabras que son propias de esta zona”. Porque Horacio Quiroga se instaló en la zona que, por eso mucho del lenguaje que se habla en Paraguay, en Brasil y Argentina, es un relato que tiene que ver con la frontera, el guaraní que él usa, o ciertos modismos y ciertas variedades lingüísticas de la zona, en el extremo norte de Brasil con Argentina, ahí donde están las cataratas se habla el portuñol que es una mezcla, la variedad de pensamiento, como se construye también son diferentes. Entonces, hay cosas de integración que son muy poderosas, y no podemos dejar al azar. Así que por eso estudiar Monteiro Lobato, o estudiar Quiroga nos permite, nos remite a muchas cosas que tienen que ser explicadas para poder entender el presente, para poder presentar hacia delante, porque el caso de todos los actores, particularmente el caso de Quiroga y Monteiro Lobato son como únicos en América Latina. Fíjese que en América Latina usted no encuentra una literatura representativa de una región, no lo hay, yo he estado en México muchas veces, estuve en Colombia el año pasado, participé como curador en un concurso en Colombia, y el año anterior estuve también en Bogotá dando charla en la biblioteca Ang sobre literatura infantil, yo decía, mira, recupera los autores que tienen, y ellos tienen ahí un autor muy interesante que es Rafael Pombo, yo creo que es primero que escribió un cuento para niños en América Latina en 1857, era el traductor de la agencia, una editorial norteamericana, Appleton, traducía del inglés al español para la comunidad hispanoparlante de estados unidos en los años 50 a 60,

estamos hablando de 1860, y ahí hay un vínculo con Argentina porque ahí conoce a embajador Domingo Fontino Sarmiento y hay una gran mujer que va a ser la primera escritora argentina que crea un libro para niños que llama Eduarda Mancilla, que es esposa del embajador que va a suprir aquí XX aumento del año este... 68 y en 1968 Vaz habriendo el nombre del presidente de la república, entonces vuela al Argentina y de acá se va un embajador nuevo que se va a llamar García, cuya esposa era escritora, Eduarda Mancilla. Y es la escritora que crea el primer libro para niños en el año 1880. Y que va a tener relación con Rafael Pombo. Fíjese como el mundo se conecta ¿no?. Se intera. Entonces, volviendo a Monteiro Lobato e a Quiroga, yo creo que son los únicos grandes escritores representativos de lo que es América Latina ¿no?. E.. creo que la mirada de Monteiro Lobato, es una mirada futura, no había en la literatura tradicional de Brasil, inclusive lo que eran las marías eran lo folclórico, lo popular, lo oral no estaba muy divulgado, no había publicaciones, entonces él es la síntesis de todo, hay un antes y un después de Monteiro Lobato en Brasil y es muy importante esto y también en América Latina, si uno compara, porque si uno mira la hora de Martí, la Hora de Martí que es lo anterior, que lo escribe él estando en Estados Unidos como representante cubano ante el gobierno de Estados Unidos. La edad de oro, que son cuatro revistas publicados en formato de un libro, pero es diferente, cada uno de estos escritores tienen una mirada diferente porque tienen que ver también con su propia nacionalidad, con su propia raíz, con la propia identidad, con su suelo, con las necesidades, con sus niños, con la apetencia de su nido, con las necesidades de esos niños, de esa sociedad, entonces me parece que eso es lo que hay que mirar, ¿qué es lo que traduce a Monteiro Lobato? La originalidad de Monteiro Lobato están en eso, en haber concebido una literatura para un estado como es el estado brasileño complejo, difícil, con muchos brasiles, un Brasil del norte, un Brasil del centro y un Brasil del sur, complejo, incluso las mezcla social también, de grandes grupos migratorios a parte del originario, los nativos, vienen los negros, vienen los italianos, vienen los portugueses, vienen los rusos blancos, etc, etc. Me parece que Monteiro Lobato dice: un momento, yo quiero hacer algo que sea propio nuestro y eso es lo interesante de Monteiro Lobato, y con Quiroga también, Quiroga que nasce en el Salto uruguayo, de padre argentino, pero escritor en Argentina, entonces es una literatura argentina. No se puedo concebir, yo no puedo decir que la literatura de Monteiro Lobato acá está adaptada, no está adaptada, está traducida. Entonces es una literatura brasileña traducida, pero el espíritu es brasileño.

10. SIOMARA LUCENA: Me parece que la población argentina era más urbana que la población de Brasil en aquel momento en que Lobato llegó a Argentina.

PABLO MEDINA: Bueno, fijate la población que tiene Brasil y Argentina, somos 45 millones, eso no es nada. ¿Cuántos son ustedes?

11. SIOMARA LUCENA: 220 millones.

PABLO MEDINA: Digamos, es cierto que el territorio es más grande, pero comparativamente, el territorio es tres veces, no crece tanto la población. Acá el ideal de la pareja cuando se casa, tener un hijo es lo ideal, dos es mucho y tres es una multidumbre. En Brasil no. Yo tengo familia brasileña, tengo mi sobrino, profesor de sociología en la universidad de Londrina, que se llamó Germano y es casado con una hermana de mi ex mujer, y cuatro hijos.

12. SIOMARA LUCENA: En sus libros Lobato hablaba de una vida rural. Es interesante que aunque aquí estuviera un poco más urbano, las historias tuvieron éxito también.

PABLO MEDINA: No, porque aquí hay una fuerte literatura folclórica. En Argentina en 1920 se hace la primera encuesta nacional de folclore, en 1920. Y mucho de este material, los recolectores, los que hacen las encuestas de todo el país, se llama encuesta nacional de folclore. Los hacen los maestros de escuela en el año 1920 hasta 1940. Y en esto recogen leyenda, mito, coplas, algunas adivinanzas, trabalenguas, códigos de palabras, toda la tradición folclórica, es diferente del norte argentino, y del alto litoral, porque ahí está mesclado el guaraní y el portugués. A cambiar, por ejemplo, tiene un ejemplo, la palabra peruriman, que es peruriman, es Pedro Remales, ¿Quién es Pedro Remales? Pedro Remales es un personaje creado por Miguel de Cervantes Saavedra, es uno de los pocos textos escritos como historia de Miguel de Cervantes Saavedra. Pedro el engañador, Pedro el pícaro, entonces en la zona de Brasil, en el límite entre Brasil, Paraguay y Argentina es Peruriman, y en portugués, en realidad no es portugués, es Brasileño, Argentino, Paraguayo, por que se mezcla, se hace una, ahí tiene una definición, yo la voy a encontrar en español, cuando tres palabras se funden y conforman una sola. Pero Peruriman es el ejemplo de una cultura integrada en el norte entre Brasil, Paraguay y Argentina. Y esto es un personaje de tracción popular que llega con los españoles, llega con Miguel de Cervantes Saavedra, en la obra completa de Miguel de Cervantes está como Pedro Remales, en Ecuador, Colombia y Venezuela especialmente, se llama Pedro Enrurridor, el engañador, el pícaro, Pedro Malasartes es lo mismo, bueno, Pedro el pícaro, sería, bueno, les cuento un cuento que se conoce mucho, Pedro Malasartes sale un día por los caminos y tenía mucha hambre, dice, tengo que trabajar para ganarme un dinero y vio un cartel que dice “se necesita una persona que cuide cerdos, lechones, chanco”. Dice, bueno esto lo voy a hacer yo. “Señor, Señor, quiero este trabajo. ¿Cuanto me pagas?” “Le voy a pagar tres reales.” “a bien, qué bien, pero eso sí”. “Le voy a dar una varita y con esta varita tiene que golpear a los cerdos para que no se vayan a meter en la ciénaga que había ahí”. Una ciénaga movediza. Porque si entran ahí, se empantanar, se los tragan en la ciénaga y se mueren. Entonces, Pedro iba por ahí, “vamos, vamos”, porque era difícil, si hay un animal difícil, un cerdo, y de golpe aparece un hombre acá y dice “señor, ¿no vende usted todos estos cerdos?” Pícaro como era dice: ¿Y cuánto me ofrece por esto? Le ofrezco 20 reales. Bueno, pero con la condición de que usted me corte la colita del cerdo. Vio que los cerdos tienen una colita. Entonces le corta, le sacó la colita, y ¿qué hizo Pedro? Tiró la colita en la ciénaga, entonces las colitas quedaron paradas, entonces se sucio un poco con barro. Fingió y salió corriendo, cobró los 20 reales y se llegó hasta el hombre de los cerdos, gritando porque se quedaron sin cola, llorando, “patrón, patrón, venga que se me fueron los cerdos en la ciénaga, no puede pararlos, lo mire, pasaron unos caballos y metieron ahí. “ooo, caramba”, dice el dueño. Y entonces Pedro Malasartes, mire, mire, se han hundido tanto que la cola se salen la cola. Entonces ve, va al cuidador, pero págame. ¿Pero, qué voy a pagar? Ya había ganado 20. Ese es el Pedro Remales de Cervantes. Hay 150 mil historias, pero estas historias se inventaron en América Latina, 80 mil. Pedro Malasartes, Pedro el urdidor, Peruriman, son todos apodos o nombres que toman los mismos personajes. El origen es Miguel de Cervantes Saavedra. ¿Ustedes lo conocen historias de Pedro Malasartes? Sí? Tiene enfrentamiento con el diablo, que regala siempre la pelea, en el teatro de títeres es muy común verlo. No sé porque nos fuimos por aquí. Por algún motivo.

13. SIOMARA LUCENA: ¿Cómo usted conoció la obra de Monteiro Lobato?

PABLO MEDINA: En mi casa a través de mi tía que era maestra de escuela y que tenía la colección en la casa. Tenía la colección de Americalee. Estoy hablando del año, yo soy del año 37, debo haber escuchado historias mezcladas con los cuentos de la selva de Quiroga. Quiroga se empezó a editar en el año 18 y Monteiro Lobato más o menos por ahí, y fue muy popular aquí la colección de Americalee después de 40. Los libros eran muy difundidos en el sistema escolar. Porque en las escuelas se leían, y estaban en las bibliotecas populares que difundían toda la obra, en todas las bibliotecas populares en Argentina, que deben ser más de 2000 bibliotecas, está la obra de Monteiro Lobato. Igual ibas a una biblioteca, “quiero leer un libro”, y la bibliotecaria tenía información de este capítulo, lee este capítulo, lee este título de Visconde, lee la obra de los mitos, que no había mucho material, entonces era un universo para posibles lectores muy interesante, con mucha propuesta, con mucha... Entonces yo cuando conocí, conocí a través de un relato de una tía que era maestra de escuela, y ya después yo mismo podía consultar en la biblioteca cuando yo tenía ya diez años, yo mismo lo vi en la biblioteca de mi escuela que se llamaba Manuel Grano. Estaba en la biblioteca escolar.

14. SIOMARA LUCENA: ¿Usted vivía aquí en Buenos Aires?

PABLO MEDINA: No, yo vivía en Corrientes, también en límite con Brasil. Nosotros limitamos con Brasil y con Paraguay. Somos la provincia que más está integrada a Brasil porque tenemos la misma música, el chamamé, hay un músico muy importante, estoy hablando del límite con Río Grande de Sur, para poder ubicarlas. Estamos muy integrados, comida, en la música.

15. SIOMARA LUCENA - ¿Cuáles las obras de Monteiro Lobato usted lee y cuáles son tus impresiones y crítica como lector de esas obras?

PABLO MEDINA: Yo, haber, es decir, en el tiempo y en la distancia yo los leí cuando era niño, hoy lo manejo como adulto, porque me he dedicado a la especialidad, es decir, no hay un, en mi espíritu no puedo haber un pesamiento crítico temporal, porque es una obra pensada, escrita, y desde la mirada de una necesidad de urgencia de este momento historiográfico de la historia de la literatura de Brasil para un niño brasileño, y para una necesidad que era de ese niño brasileño. Independientemente de este planteo que yo hago, yo creo que es una literatura que sirvió, que puede perfectamente ser leída por cualquier niño en América Latina, por eso es que esa literatura se editó tantas veces en Argentina. No solamente por Americalee, sino que, después Losada en tiradas de ediciones interminables, y todavía se sigue consiguiendo. Yo tengo acá, ahora me llamaron de Córdoba para regalar una colección completa que es en una biblioteca que tiene 4 colecciones, por ejemplo. Yo tengo, igual haberlo conseguido porque es una donación. Es decir, que, de golpe, cuál era la obra. A mí me interesaba mucho, me interesaban los mitos como fue contado por él, como fue trabajo los mitos, las historias propias que tienen que ver con el Brasil, los relatos de la tradición, aunque sean los relatos de tradición histórica, personajes que se crean, que se inventan, que tienen que ver con esta sociedad, ¿no? Entonces, y como son cosas parecidas, muy a fin, hay mucho parecido, entonces no hay ningún misterio, es decir, esto me gusta porque siento que me da placer porque me eres

grato, pero eso por un lado, por otro porque me parece que está escrito en una concepción, una forma, este... accesible a los chicos ¿no? Hoy yo puedo hablar desde adulto, ¿no? Porque lo veo como un elemento de investigación, pero de todas maneras yo creo que hay ciertos niños que todavía, acá hay, vienen padres que vienen ver si tiene la colección porque quieren iniciar una colección de Monteiro Lobato. Sería interesante hacer una entrevista a una abuela o una madre que es investigadora y que sigue leyendo a sus nietos Monteiro, ¿Por qué? Una persona menor que yo, que fue mi jefa en el ministerio de la educación y que no hace más de cuatro o cinco meses, me llamó y me dice "Pablo me tienes alguna... quiero leer a mi nieto Monteiro Lobato." Entonces, ves, porque razón hoy puede ser leído, porque por otra parte, yo tengo ahí edición moderna, no es lo mismo este libro, compacto, con poca ilustración, poco atractivo, que un libro, o tomas un cuento y tomas una sección, o lo fragmenta, o lo sacas del contexto de todo el libro, y lo pones buen formato, buen diseño, es otra cosa, ahora, yo no sé si toda la obra de Monteiro Lobato. Primero porque hay que ver el contexto de la producción literaria de Brasil que es voluminoso, Brasil hoy, cual es la interacción de la industria moderna del libro, Brasil es un emporio de la producción de libro. Eso hay que contextualizarlo, el proceso uno puede mirar, del punto de vista gráfico, del punto de vista del diseño. ¿Cómo entran los libros para los niños? Lo primero que se tiene aburrido. Pero, Mira, no, no, me aburre. Ven, vamos a leer y él está con el aparatito. Pero, de golpe, yo encuentro cosas yo tengo un nieto adolescente, 13 años, me dice, ¿Por qué lees tanto? Risas.. Porque es lo que sé hacer, que me gusta, lo que lo hago de niño, sí leía, pero sí me gustaba ir al río, me gustaba, a mi nunca me gustó ni cazar ni pescar, pero mi padre era pescador y yo lo acompañaba, eso sí aprendí a conservar, me gusta la cocina. Entonces estos días me dice, vamos a hacer mariscos, ahora quiere ver como los cocino, como limpio los mariscos, entonces ahí cambia el aprendizaje. Yo no tenía al Netflix, entonces viene a invitarme a Netflix y yo no sé manejarlo, entonces viene a ayudarme, entonces hay cosas técnicas que yo.... Digo yo no tengo celular porque estoy todavía acá y ahí está el teléfono. Si salgo no necesito por si salgo, vengo y estoy acá permanentemente, estoy en mi casa, tengo teléfono, y me cabeza no funciona con estas cosas, ¿no? Entonces me parece que Monteiro Lobato hoy para este niño que yo estoy describiendo, para este adolescente que yo estoy describiendo, está bien que se modernice la obra, que se dé un color, no solo en la edición sino en la ilustración, ¿no? Por eso, acá hay algunos textos que me parecen que es lo que hay que hacer, porque si no es imposible que el niño le pueda interesar. Es decir, es posible que esto le pueda llamar la atención, esto le va a llamar más la atención, acá hay otra cosa. Digamos, ¿Qué es lo que hay acá? Acá hay la posibilidad del juego de ilustraciones, de las tonalidades, de los colores. Yo no sé si esta tonalidad me convence para la lectura, se hace mucha fuerza. Yo prefiero que sea todo blanco. Esto cronomatiza, ahí hay un cuestión técnico, un problema técnico de la vista. Yo, las ilustraciones me gustan, me parece que esta posibilidad da un volumen diferente al texto. Yo creo que hoy la obra así como está siendo planteado en el caso de Brasil, había que leerlo esto, había que hacer unas traducciones para ver cómo funciona acá. Esto sería un tema interesante para estudiarlo. ¿no? Porque de esa manera uno podía pensar y podía ver cómo funciona hoy al lector contemporáneo. ¿no? Un lector que está muy golpeado. ¿no? Como ese mas... El golpe se lo ha efecto. Está golpeado por la imagen, donde van la calle tiene imagen, propaganda, la televisión tiene 80% de propaganda, y a veces la historia para ser contada hay que estar dos horas para mirar una película, salvo algunas cosas estas como Netflix, YouTube, algunas de estas cosas, uno mira la película y lo ve, pero independientemente de esto el niño me parece

que tiene una cantidad de estímulos que son muy competitivos con respecto a todo eso. Por eso me parece a mí que cuando hay libros que de alguna manera apuntan y toman algo de ... el diseño por ejemplo, el formato, la tipografía, este, esto cambia, esto cambia, esto le da un nuevo volumen, esto le acerca el niño, esta posibilidad de jugar con la vista, jugar con la imaginación, acercarse al mundo contemporáneo, porque yo no puedo estar afuera de él, es decir, es posible que después esta chico acá, hay niños que vuelve a buscar libros, leen porque son lectores, pero eso un caso excepcional, estamos hablando del niño general, cotidiano, que tienen que interesarles la lectura.

16. SIOMARA LUCENA: Los libros de Lobato están en la parte infantil, pero casi todos están disponibles como e-book, son los libros para ver en celular, en tabletas y también hay muchos para vender en Apple Store y Google play también hay, para escuchar, hay todo, pero solo para escuchar. Son posibilidades.

PABLO MEDINA: De todas maneras, si uno ve en el tiempo lo que hoy produce Brasil, está basado en una tradición, es decir, de alguna manera Monteiro Lobato tuvo que ver esto, porque el que hace el basamento, la base que sostén, es decir, si no hubiese habido esta literatura de Monteiro Lobato posiblemente el volumen de la producción en Brasil no hubiese sido la que hoy tiene. Me parece que se sustente históricamente sobre una tradición y que la genera es Monteiro Lobato, porque era un tipo con una visión, una mirada en el tiempo, quiero decir, futuro. No solo le pasó con el petróleo y con la modernización de Brasil, sino le pasó con la literatura, de que los niños necesitan esto, necesitan escuchar su propia historia, cerrar los ojos e imaginarse, eso alimenta el espíritu, alimenta las ideas, eso alimenta el pensamiento, y eso es político, Monteiro Lobato era un escritor político, total y absolutamente, no hay posibilidad... porque cuando uno mira a un niño, mira un niño en perspectiva de futuro, entonces esto tiene que ver con la educación, con la inversión, con el seguimiento, y esto es un potencial político, no en el sentido del politiquero, de grupo político, del A, B o C, la política es la concepción global de la historia y la tradición de un país. Por eso, me parece que Monteiro Lobato hay que hacer una mirada hoy, este, de este tiempo, del punto de vista de como él concibió, en su momento en la historia de la infancia, para un país que no tenía infancia, ¿cuál fue la política de infancia que hubo en Brasil? Puede ser que haya habido algún con Lula y con Dilma, o Getúlio Vargas, hubo un momento, porque parece que intentó algo, que tenía algo parecido con el peronismo, porque fue el mismo periodo, ¿había cercanía?, sí o no, esto es un tema. Por otro lado, Brasil sigue siendo un país tan complejo por la magnitud de lo que es el país, la magnitud del tamaño y la magnitud de la población que tiene. Ustedes hoy analizan cuál el perfil de violencia que hay en Brasil, cotidianamente, digamos, ¿no? En ciudades como Río, San Pablo. No hablemos tanto del sur, porque, está como más diferente del resto de Brasil, pero lo que es Río de Janeiro y San Pablo son ciudades... Ustedes viven en ciudades más pequeñas...

17. SIOMARA LUCENA: ¿Usted leyó el libro *La nueva Argentina*? Si no lo leyó, ¿sabe de la existencia de esa obra?

PABLO MEDINA: No lo leí, no lo leí. Tengo comentarios del libro, pero es parecido a un libro que se hizo acá de divulgación del gobierno también. Me parece que, la, tengo reproducciones, capítulos, ¿no? Este.. no lo leí..estoy muy intrigado quiero leerlo. Lean ustedes después me lo cuentan. Yo mañana voy a llamar a la biblioteca a ver si

no podemos hacer una copia, si es posible. Sería interesante, yo creo que este libro hay que editar así como está. Yo tengo ganas de que se edite acá, ¿no?. Es que nadie conoce a nada, a ver, si no vino, cuando vino Gabriela Soares fue una linda oportunidad porque se empezó a buscar las relaciones de las coincidencias, las políticas de integraciones parecidas, el problema es que siempre se está hablando del tema del fútbol, el tema de la competencia, lo que a mí no me interesa. Hay que buscar el tema de la lengua, la integración, hay que ver lo que pasa en la cultura, la ciencia, por ejemplo, todo lo que produjo gobierno militar acá, cuantos científicos que trabajan en universidades brasileñas argentinos, por ejemplo, o cuantos están acá, yo acá he tenido estudiantes de distintas universidades. Las universidades son estatales acá. Eso sabías ¿no? Todas las universidades son estatales, hay pocas privadas, todas son estatales, gratuitas. Y estas últimas que ha hecho el gobierno XXX, son diez universidades de periferia. Vamos a tener que conocer alguna, para ver como es el movimiento, ¿no? La última, la San Martín, que se estableció en una zona fabril de trabajo industrial, para que los hijos de los trabajadores tuvieran acceso. Y como no tenemos una población tan grande, es más fácil puede acceder a la formación universitaria, bueno, es otro tema ¿no?.

18. SIOMARA LUCENA: Y esta construcción de infancia y de libros para niños y todo, de acuerdo con el libro de Gabriela, yo he visto que Argentina ha empezado un poco antes de Brasil, y ha establecido esto de manera más clara antes de Brasil.

PABLO MEDINA: Es porque teníamos el mundo editorial, yo creo que fue alimentado, como dije, en el 36, 37, con la caída de la república española, que fue terrible, hizo que acá afluyera muchos editores, bueno, Prieto mismo, este Prieto que traduce a Monteiro Lobato se va a exilado a San Pablo, ahí lo conoce a Monteiro Lobato. Después se viene para acá. Era un tipo militante Prieto, después descubre que Monteiro Lobato también era militante político, es decir, que toda la escritura de Monteiro Lobato tiene que ver con eso, ¿no? A mí me parece que...? tu pregunta era? Bueno, yo tengo claridad de como es este libro porque lo leí en fragmento, ¿no? Pero viendo otra publicación de la época, que me parece que debe haber visto Monteiro Lobato, tiene algún similar, algún parecido, lo que el trata de mostrar es como era ese gobierno, y dice, esto es lo que nosotros también tenemos que pensar en Brasil. A él lo cuestionaron mucho después, o sea, hubo mucha crítica porque había escrito este libro, porque se enteraron que era Monteiro Lobato el autor del libro, dijeron "no, este XXX con todo' Y no sé cuál, no no... no sé cuál fue... había que ver la prensa de la época, a ver lo que ha escrito.

19. SIOMARA LUCENA: Yo he visto dos artículos pequeños hablando mal de esto. Y él murió negando, hablando que él no tenía vínculo ningún con Perón y lo hizo realmente porque quería hacerlo.

PABLO MEDINA: Eso lo dijo acá también. Por eso digo... vamos a ver si tenemos tiempo, después con tiempo de buscar la prensa acá. Porque me parece que sí la biblioteca nacional tiene digitalizado las revistas del momento podemos encontrar información. Yo por ahora yo pienso lo que tú tendrías que hacer focalizar en la cosa central. La estructura de tu investigación, después vamos viendo los matices, lo que no puedes completar te puedo ir mandando por ahí con tiempo, porque a nosotros... Me parece que ahora tienes que llevar la mayor cantidad de información posible para que tu cabeza pueda trabajar independientemente después ¿no? Yo no conocí la

obra, pero viví intensamente el movimiento, por lo tanto, lo que él escribió, lo que hay en el libro, según lo que hay en esas síntesis que tengo, él describe lo que él ve, cuenta lo que él ve. Entonces me parece que eso es una escritura coloquial. Yo les quiero contar a este público lo que estoy viendo es eso. y claro, después eso llega al público brasileño que no es lo mismo, no hay como, porque ahí Perón se indica como fuera de derecha, y no era de derecha. Se le dice que era un fachista, no era un fachista. Se sobrevivió el movimiento y hoy es casi imposible que gane la elección nuevamente Cristina si se presenta. Estamos ahí, la están fustigando, la persiguen, están llegando las respuestas. Llega a más de 12 puntos de diferencia a segundo que es el mismo Macri, que lo queremos sacar a patadas, ¿no? No sé... mandarle a una isla... no sé... en el pacífico, en el índico. Juntarlo a Bolsonaro, hay otro chileno, al chileno que es otro personaje, son personajes malos, al de Ecuador que está siendo aquél... está bien. Estoy... Esto señala mi posición política...

20. SIOMARA LUCENA: Y ¿Maduro? ¿Va también con ellos o no?

PABLO MEDINA: Maduro... es complicado... no es lo mismo... A Maduro le hicieron la cama, él se equivocó, él se equivocó, cuál el tema de Maduro? Cuál el tema de Maduro? El Petróleo. Qué es lo que quieren los Yankies? Es Petróleo. Eso es lo que quieren ... Y acá ahora vienen por el agua. Se han instalado en la tríplice frontera. Están al lado de lado de Brasil y Paraguay y todavía no les dejaron instalar en Argentina, porque la vertiente que tienen en el Amazonas, Orinoco, va a terminar en el gran Paraná, tienen la gran centralización de agua, ahí en lo que sería la frontera, pasando las cataratas de Iguazú, que es llama Liberá, ahí está la gran reserva de agua, punto uno, punto dos, la otra gran reserva es antártica, de agua dulce, y la otra reserva está en el medio de la cordillera entre Chile y Argentina, dónde ya están instalados varias industrias norteamericanas, además de Benetton, porque ahí se produce el agua caliente, del aceite, que se solidifica el frío, las concentraciones de bloque de tiempo... Entonces vienen por el agua. Si uno mira la cantidad de agua que hay en el mundo, es muy limitada la cantidad. Entonces están ahí. Yo tuve el año pasado en Bogotá, invitado por los editores colombianos y entonces fui invitado a la biblioteca Nacional. Hablar con bibliotecarios, con gente de la universidad, una conversación, yo no doy conferencia. Yo soy un conversador, me gusta el diálogo, la cosa más fluida, la cosa más espontánea, y puedo empezar acá e ir para allá, para allá, ¿no? Y me divierte mucho eso. Y decíamos ¿no? Tenemos que escucharlo más, pero no es fácil, no es fácil porque hay una tendencia total y absolutamente, como nos pasa ahora con los gobiernos que tenemos ¿no? A no ocuparse de estos temas que son fundamentales, que son fundacionales, Monteiro Lobato es fundacional, hay dos... dos. Si ustedes miran la producción latinoamericana de libros infantiles, yo lo tengo que conozco mucho, el primer viaje que lo hago a México lo hago en el 78, yo estaba muy mal cantidad, tenía la librería la Nube. Me quedé sin trabajo, tenía dos niños, entonces al primero encuentro mundial que se hizo en lengua española en la ciudad del DF México. Un cuñado mío ya estaba viviendo allá con tres hijas, y yo casi me quedo, me quedo en Colombia o en México. México me pareció muy violento, no me gustó mucho y yo ya hacía esto, ya tenía La Nube yo, entonces volví y dije "me voy a meter con todo esto y sobreviví". Va a cumplir 45 años, yo empecé en el 75, 76, con el cambio del gobierno, así que, bueno... ahí estamos, seguiremos peleando, ¿no? Empezamos como librería para niños en el año 75. Yo me quedé sin trabajo, y había ganado la elección, la elección él lo ganó en el 43, 44, una estructura del peronismo de izquierda que era Cámpora, entonces a mí me convocan a trabajar ahí,

se envió lo que llamaban de diario de los chicos. Yo entré en una comisión en el 74, 75, 73, 74, luego vuelve Perón, gana la elección y se queda en el Gobierno Perón, Perón, Perón y su mujer. El muere al año, y queda la mujer, Isabel Martínez Perón que es un desastre. Y ahí viene el golpe Militar en 75, 76. Nos quedamos todos sin trabajo. Yo me quedé sin trabajo, yo daba clases. Entonces aprovecho, yo tenía que vivir de algo, yo sabía de libro, una compañera que tenía dinero, Marta Bujones, que la van a conocer, es la que van a entrevistar después, tenía el local la otra socia Marcela Silvia. Yo soy una rosita que pone el dinero, el negro pone el conocimiento de los libros, yo soy el negro, y Martita se pone el local. Y así se abrió la primera la nube en el año 75. Una librería para niños, que no había. Y empezamos con eso, pero éramos malos comerciantes, porque yo compraba tres libros, vendía dos, me guardaba uno, así es esta biblioteca es mi biblioteca privada, tiene la planta baja, después pueden conocer, y la planta alta tiene 6.000 volúmenes. Todo tiene que ver con la infancia, no es sólo literatura infantil, mi tema es el niño, mi tema es la infancia. Un tema sería libros para niños y jóvenes, y las revistas, y me interesan los títeres, me interesa el cine, me interesan los juguetes. La comida me gusta comer y cocinar. Me interesa la cultura, la relación cultural y la infancia, esta biblioteca es así, por eso se llama La Nube. Infancia y cultura, la relación de la infancia con la cultura, la producción cultural.

Sobre los dos seminarios anuales sobre literatura infantil junto con la universidad de Buenos Aires: Uno de los temas va a ser Monteiro Lobato, va a hablar una profesora que ya está muy grande, muy mayor, que es Lidia Blanco, Creo que a ella no lo conoce el libro, porque el libro este salió de circulación hace muchos años, y yo como lo editó mismo Monteiro Lobato, tampoco conoce la editorial de Monteiro Lobato, que Monteiro cuando estuvo acá montó una editorial, y acá empezó y después de un año y medio se va, y eso desaparece la editorial. Entonces, todo el material que yo voy comprando, lo compro al precio que me ofrecen, inclusive, de él hay cosas que todavía no sabemos. Yo encontré algunas otras cosas que no están editadas, se editaron después que él se va, porque la editorial sobrevivió a los primeros meses del año 47, ya bastante enfermo estaba, ese es otro tema, tendríamos que ver si te da tiempo para investigar como fue el mundo editorial y que podemos encontrar sobre eso, pero hay información, hay información ... Acá tenemos casi todo de lo que el produjo en Acteón, si hay revista de aquella época, hay que ver en la prensa, eso tengo la certeza de que algo más vamos encontrar, de todas maneras tenemos ahí bastante, yo te diría lo siguiente, para ganar tiempo, hay documentos que te puedes llevar o los fotocopias, o lo lees y me lo devuelve, porque no te da tiempo ver tanta cosa, de paso ganas tiempo, a ver si te sirve o no te sirve, puedes mirar un poco o mañana vienes, puedes mirar un rato más y clasifica los documentos, esto me sirven, estos no, y después lo que yo te diría, ver en el contexto de la literatura infantil de América Latina, hay una investigadora española que se llamó Carmen Bravo Villasante, ha escrito la historia de la literatura infantil latino americana y no hay Monteiro Lobato. Vamos a mirar si hay. Y después hay un chileno que se llama Manuel Peña que crió la historia de la literatura infantil latino americana que también tendríamos que consultar. Esto te lo puedo facilitar, te digo para ir haciendo un punteo bibliográfico y tener cita bibliográfica para ... Debe haber habido entrevista sobre la publicación del libro la nueva Argentina. En la biblioteca del congreso tiene una hemeroteca muy importante, la sesión de revistas, si te dan una mano, el periodo en que estuvo Monteiro Lobato en Argentina, qué notas puede haber, fue muy importante, así que tiene que ver ahí, y hacer copias de eso, no. Silvia Urich.